

***1º da Série***  
***Sedução Primitiva***

**CAINE**  
*Blayne Edwards*



Ela era fértil. E Caine necessita a uma loba no cio. Como um homem lobo e, além disso, alfa, Caine sabe que é sua responsabilidade produzir a seguinte geração de cachorrinhos para o futuro da espécie. O animal que reside nele pode cheirar a uma fêmea quando está no cio e não tem que sentir remorsos para montá-la com ou sem seu consentimento. O homem que há nele, entretanto, é relutante a fazê-lo.

A Dra. Chloe Evans foi convencida para introduzir uma nova espécie de lobo cinza nas montanhas americanas onde cresceu. Também espera estudar algumas das lendas de uma espécie de lobo híbrido que supostamente uma vez viveram com os Apalaches. Estes animais possuíram emoções muito fortes, tenras, humanas e inteligentes, e, além disso, eram brutais, com seus instintos e necessidades físicas muito desenvolvidas.

Estes animais gostavam que ela os estudasse.

Os Animais gostavam de Damon Caine.





Este arquivo contém material de caráter sexual só pensado para aqueles leitores entrados em anos ou que tenham superado os sintomas da puberdade. Não deixar ao alcance dos filhos, para que não saibam o que lêem suas mamis...

Este documento pode criar vício, sudorese, taquicardias, ligeiros desmaios e sobre tudo, vontade de ganhar excessivas caricias do parceiro. Porém desfrute que só serão dois dias.

**Revisão e Formatação: Lu Machado**  
**Revisão Final: Ana Paula**  
**Revisoras Elloras**

## Capítulo 1

Três deles...

Chloe Evans escutou como apareciam as palavras em sua mente, enquanto colocava o lençol para tentar ocultar todo o possível sua pele nua à meia dúzia de olhos masculinos que se aproximavam dela.

Irmãos?

Certamente.

Decidiu estudar às magníficas criaturas masculinas que rodeavam sua cama. Cada um deles de cabelo negro azeviche. Com sólidos e musculosos corpos. Com penetrantes olhos azuis que pareceram começar a degustar sua carne sem necessidade de empregar seus dentes, línguas ou lábios. Ao ver isto, um arrepio de prazer se deslizou por suas costas. Chloe sempre tinha querido viver um momento assim. Admitiu que não estivesse segura de ser bastante mulher para enfrentar a tantos machos adultos ao mesmo tempo. E nunca tinha tido o inesperado prazer de encontrar tantos deles em metade da noite, enquanto estava nua e inoportunamente desarmada. Mas não era questão de fazê-la exigente ante um encontro tão estranho e desejado.

Moveu-se de novo, esta vez muito devagar, e tentou afastar um pouco esse entusiasmo que tinha conseguido anular sua sensatez, para situar-se de novo e poder examinar, mas de perto ao maior deles.

O alfa.

Não necessariamente o mais velho do trio, mas provavelmente o fosse. E definitivamente o macho dominante. Sabia pelo modo em que os outros dois montavam guarda, ligeiramente ao fundo por onde tinham vindo. Simplesmente servindo de sentinelas para seu líder. Seus próprios apetites teriam que esperar até que o alfa do grupo tivesse obtido o que ansiava aquela noite.

E o mais provável que fosse... ela.

Logo que começou a formar aquele pensamento aterrador por sua mente, quando sentiu o movimento no colchão de molas e como este se afundava ante o grande peso que, efetivamente, possuía o alfa. O medo ante o fato de sequer soltar o fôlego, manteve-a silenciosa, apesar de que sua garganta pedisse com vontade liberar um grito.

Engoliu o nó que lhe formou na garganta, de aproximadamente um punho, e tentou não piscar ou fazer nenhum movimento repentino que pudesse servir para zangá-lo ou provocá-lo. Com seu absoluto poder para matar e com seu exército de irmãos igualmente perigosos, era suficiente para capturar qualquer número de mulheres ou homens, não importava a experiência que tivessem com sua espécie ou bem intencionado que pudessem ser. Chloe, sozinha e com sua arma ao outro lado da habitação, não tinha nenhuma possibilidade contra eles.

Manteve seu olhar fixo nos olhos dele ao mover-se sobre ela. Sentou-lhe em cima com uma graça e uma agilidade que pareceram quase felinas. Se Chloe não tivesse estado assim, tivesse encontrado engraçada a ironia deste pensamento, “perder o controle de sua bexiga” assustada pela proximidade da boca dele no seu pescoço.

Mas nada sobre esta situação era engraçado. Nem sequer um pouquinho. De fato, as duas únicas emoções que podia sentir nesse momento eram uma mescla de temor e medo respeitoso, que sempre sentia por estas criaturas, e um caso terrível de cólera. Contra si mesma.

O pequeno trio monopolizou sua atenção quando observou o caminho que tinham seguido para entrar, resmungando silenciosamente por deixar as portas de cristais abertas, pois esse era o caminho que tinham seguido para entrar na habitação.

Enquanto olhava a ele e aos irmãos de menor autoridade trocavam seus olhares de maneira estranha, como um diálogo aparente de perguntas e respostas, recordou o que seu tio sempre lhe havia dito sobre que os animais vagavam de noite e o que podia acontecer se deixasse as portas abertas.

Morcegos.

Chloe tinha imaginado morcegos voando por sua habitação durante a noite e essa possibilidade não a tinha assustado o suficiente para fazê-la fechar as portas. Até tinha considerado possível que um guaxinim ou um gambá se aventurassem a entrar se algum sentia curiosidade ou estava o suficientemente faminto.

Mas esta tinha sido uma noite de fevereiro tão extraordinariamente tranqüila, que deixou as portas abertas para permitir ao quente vento montanhês soprar sobre seu corpo nu, enquanto dormia; simplesmente tinha sido muito romântico como para que pudesse resistir.

Blah, blah, blah.

Chloe elevou seus olhos ao céu, ante o mero pensamento de meter-se em uma mesma frase ela mesma e a palavra romance. Para ela, romance significava conseguir atrair uma dessas criaturas, tudo o que fosse possível, até si. Possivelmente não na cama à uma da manhã, mas isso agora ficava fora de sua vontade. Se referindo a gestos românticos, as únicas flores que tinha ganhado e gostado, eram as que lhe haviam devolvido seus estudantes depois de seus trabalhos sobre o campo. As mesmas flores que tinha estudado como fonte de comida para os animais indígenas das Montanhas Apalaches, onde tinha nascido e crescido. E filmes românticos? Seu filme favorito, sempre, era um documentário que ela mesma tinha escrito e produzido sobre as vidas e hábitos de acasalamento de bestas como a que tinha começado a examiná-la com a parte mais sensível de seu corpo.

Ele usava o nariz como sua própria ferramenta de investigação e, além disso, era sua maneira de lhe dar a mão. Simultaneamente a identificava e a saudava.

E, provavelmente, determinava se era uma fêmea receptiva de ser montada.

Estava tão segura disso, como de que as portas estavam abertas. Estava em plena estação de acasalamento e como qualquer zoólogo que se apreciasse, sabia que este momento, para qualquer espécie, cria um estrago nas mentes e corpos de todos os machos implicados. A gente, ao menos, tem um conjunto de normas que regem a maneira de encontrar companheiros e comida.

Mas a criatura que continuava com seu íntimo exame dela, não conhecia nenhuma objeção, já fora legal ou moral, que pudesse ter sobre as coisas que lhe estava fazendo. Não tinha nenhum modo de saber que pelo que lhe estava fazendo, teria sido visto como um criminoso, se ela tivesse sido capaz de demonstrar que era responsável por suas ações.

Este magnífico moço só sabia que tinha fome e/ou que procurava uma fêmea para que continuasse sua linha hereditária. E, infelizmente, a combinação dessas duas necessidades primárias nele era tão natural e normal, como a vida mesma e muito mais forte que algo que ela mesma pudesse fazer nestes momentos para defender-se.

Embora soubesse que podia descobrir seu aroma através de mais roupa que a que tinha em cima, Chloe segurou o lençol contra seu peito e tentou manter-se coberta. Podia sentir o calor de seu fôlego através do fino material; como, seu nariz, roçava por todo o comprimento de suas costelas e ao redor de seus seios e inclusive baixou até suas coxas. Ele se movia rapidamente, cheirando uma zona dela para logo

continuar até outra, voltando algumas vezes a um ponto anterior para reconsiderar seu aroma, uma vez mais.

Havia uma urgência em sua busca, uma paixão, que Chloe podia ter pensado que em realidade era um amante que se aproximava de seu corpo com sua boca e suas mãos. Quando lhe viu identificar e memorizar seu aroma, compreendeu que a urgência não era produto de sua necessidade de comer. Em nenhum momento tinha despidido seus dentes. O sedoso cabelo da parte de trás de seu pescoço se estendia relaxado. E nenhum dos outros dois se mostrava irritados ou nervosos, como aconteceria com a maior parte dos subordinados até que tivessem tido seu turno para alimentar-se.

Sentiu como o orgulho alojado em seu peito crescia, ante o bom estado que, ao menos, estes três sujeitos de prova pareciam desfrutar.

Aquele orgulho resultou efêmero ao aprofundar em seu próprio estudo sobre o macho que tinha em cima dela. Não encontrou nenhuma marca das que estava acostumada a utilizar com seus sujeitos a prova, tampouco encontrou outra marca que pudesse pertencer a qualquer dos outros investigadores que estavam interessados em conseguir o número de grupos restabelecidos. E os olhos azuis que a olhavam fixamente, não podiam pertencer a nenhum dos animais que sua equipe de investigação tinha introduzido recentemente nas montanhas.

Possivelmente tinham tirado muito precipitadamente suas conclusões?

Quando jogou uma olhada ao outro lado do alfa, e viu o resto do grupo, sem marca e de olhos azulados, lhe ocorreu que estes moços, que se tinham unido em busca de uma pequena diversão noturna e um ligeiro lanche a meia-noite. Eram em realidade os restos de um último grupo, que segundo um de seus últimos informe recebidos, tinha vivido nas montanhas.

Um que em realidade nunca tinha existido.

Ou sim?

Quase riu a gargalhadas só pensando nessa possibilidade.

As histórias de bruxarias de Salem e de vodu em Nova Orleans eram pelo geral contada e transmitida de geração em geração. Mas as histórias e lendas das montanhas onde Chloe tinha crescido, não eram tão conhecidas e estavam sem documentar. A pobreza, o isolamento e o preconceito das pessoas, faziam que fossem olhadas com desaprovação durante muito tempo; tendo mantido ocultos para o mundo fascinantes contos e acontecimentos ainda mais fascinantes e inexplicáveis.

Isto sempre tinha entristecido a Chloe; que pessoas tão inteligentes, com tanto engenho e tão em sintonia com a natureza, não apreciasse e respeitasse as histórias que conheciam ou tinham ouvido contar através dos anos.

E estas histórias, já fossem certas ou de ficção, tinham-na persuadido para que ela mesma estudasse aos animais tão magníficos como o que se encontrava fazendo-a companhia na noite.

Canis Rufus.

O lobo vermelho.

Tinham caçado ao animal até quase à extinção no século dezenove, e tinham conseguido regenerar sua população graças a que para reproduzir-se, cruzou-se com coiotes fêmeas quando as lobas se fizeram muito escassas para que os machos pudessem encontrar companheiras. Certamente, esta era a explicação científica e documentada por que o animal apenas tinha sobrevivido.

As fábulas das Montanhas Nevadas, entretanto, eram o que mais a atraía.

Com sua mente tão absorvida pelas lendas e a beleza do espécime que tinha diante, Chloe esqueceu todos seus medos, exceto o feito de que ele seguia cheirando e roçando por todo seu corpo para informar-se de quem e o que era ela. Aproveitando a

oportunidade de tê-lo tão perto, fez seu próprio exame visual sobre, o que suspeitou, era o espécime maior masculino que ela tivesse tido oportunidade de conhecer. Possivelmente o maior que alguma vez se registrou, se ela tivesse a possibilidade de pesá-lo e medi-lo. Mas por agora, sem o metro ou sem poder tirar-lhe de cima e pô-lo em uma cesta para pesá-lo, o único que podia fazer era uma apreciação visual. Apesar de tudo era impressionante de ver.

O cabelo negro que cobria seu corpo brilhava ante a carícia da luz da lua que entrava pelas portas abertas. Umas franjas vermelhas, apenas visíveis, rodeavam suas orelhas e seu focinho, e uma pequena zona branca, que pedia para ser acariciada, mostrava-se em seu ventre. As patas, facilmente do tamanho das mãos de um homem grande, dominavam o lençol que rodeava o corpo de Chloe; enquanto ele se mantinha montado em cima dela, de uma maneira que parecia insinuar que ele sabia o que fazia com essa postura. Um claro fulgor de inteligência e uns elementares instintos animais mostravam-se em seus olhos e no modo de mover seu corpo. Inclusive sobre o equilíbrio instável da cama se mostrava confiante e elegante; parecia completamente a gosto com seu entorno. Por não mencionar o completamente a gosto que se sentia, enquanto acariciava e farejava cada centímetro de seu corpo.

Sua consciência, a parte ainda inteligente de seu cérebro, lhe fez mover-se muito devagar de suas patas até aquelas magníficas mandíbulas, e silenciosamente viu como seu nariz se movia ao redor dela. Tinha o focinho largo, limpo, sem rastro de cicatrizes ou outras marcas que falassem de brigas sobre territórios, direitos de acoplamento ou alimento. Nem sequer um indício de que tivesse tido que fazer justiça manchava sua cara ou seu corpo.

Chloe sorriu ante o fato de que seu aspecto, imaculado, dizia-lhe.

Ninguém sacaneava a este lobo.

Se ela tivesse sido uma fêmea no cio, teria se apaixonado por ele. E muito provavelmente lhe tivesse mostrado suas nádegas para que a montasse.

Mas ela não era uma fêmea no cio. E ele não era seu tipo. Ou esta espécie, em realidade.

Embora ainda tivesse que encontrar um macho humano que lhe acelerasse o pulso ou a excitasse da mesma maneira que o fazia os animais; que estudava desde que se graduou na escola. Supunha que se devia ao fato de ter trinta e dois anos, estar solteira e levar muito tempo sem companhia masculina.

Ao menos, sem companhia masculina humana, para maior esclarecimento.

Infelizmente, nesses momentos, parecia haver um excesso canino de testosterona na cama com ela. Ficou rígida e fez uma inspiração rápida quando o macho dominante pareceu intensificar seu flerte e seu exame sobre ela, ao ver-se presa sob os lençóis, por suas grandes patas. Tentou tranquilizar seus nervos ao pensar no que suas mandíbulas poderiam lhe fazer a sua sensível pele.

Seu nariz pressionou sobre seu ventre. Inspirou. Viu como uma larga língua rosada saía e a provava através do lençol. E logo se movia para a parte baixa de seu corpo. Chloe ficou até mais rígida, quando ele arrastou seu nariz através do fino tecido que cobria seu pêlo pubiano. Deteve o movimento de seu nariz ali, durante um momento, e o sentiu cheirar com impaciência antes de lambe sobre seu coberto sexo, esta vez; sua língua se arrastava sobre o lençol que tinha em cima lhe causando uma grande excitação entre as pernas. De repente, o alfa, enterrou o nariz entre suas pernas muito mais forte e se impôs muito mais do que ela desejava ante qualquer varão que não fosse seu amante.

Este era um homem ou uma besta?

– Não!



A cabeça do alfa se levantou ante sua áspera ordem. Seus olhos azuis se encontraram com os marrons escuros dela e Chloe sentiu como seu pulso se parava ante a momentânea conexão que estabeleceu com o animal. Quando a realidade a golpeou e se deu conta de que acabava de repreender a um lobo, seu pulso começou a pulsar tão forte que pensou que poderia fraturar as costelas; e o respeito para o poder que ele tinha, voltou. Os olhos do alfa se levantaram alertas, estudando-a com seu fixo olhar e inchando as narinas em um intento de calibrar quanto medo fervia em seu corpo.

Chloe manteve seus olhos e sua respiração estável e lhe devolveu o olhar. Sabia que se, simplesmente, se urinasse sobre ele, não tivesse tido que pensar que parte dela devoraria em primeiro lugar. Tentar lhe fazer compreender que não tinha medo dele, de seus dentes, mandíbulas ou de seus irmãos, era a única defesa que tinha, no momento.

Mas sabia que ele podia cheirar a verdade. Ao menos algo dela. Seu medo lhe deixava um sabor acre e muito real. Mas, ao mesmo tempo, nunca tinha estado tão entusiasmada em sua vida.

Do ponto de vista de um investigador, certamente.

Chloe não tinha nem idéia do por que sua vagina se pôs tão molhada de repente. Entretanto, sabia que não tinha nada que ver com a calorosa e íntima lambida que lhe tinha dado.

Isso teria sido inconcebível. Inclusive tão em falta de encontros românticos e aventuras amorosas, como Chloe se encontrou durante os últimos meses, não era algo que ela consideraria que lhe poderia passar tão rápida e fortemente. Nem sequer com a maneira em que ele estava olhando-a. Sedutoramente, como nunca antes tinha visto. Paquerando-a com o olhar.

Fazendo-a ficar ainda mais molhada.

Chloe inspirou com força devido às terríficas sensações que percorriam seu corpo, e tentou mover suas pernas para mantê-lo afastado de suas coxas. O alfa não se moveu nenhum só centímetro, apesar de seus insistentes puxões ao lençol. Recostou-se para trás e reconsiderou o que devia fazer a respeito da situação.

Parecia muito seguro sobre seus próprios planos.

Seus olhos se mantinham sobre ela. O olhar dele nunca se desviou do olhar dela. E o azul de seus olhos parecia cintilar quase festivamente quando a olhou fixamente. Inclusive quando baixou seu focinho de novo e enterrou seu nariz, ainda mais profundamente dentro dela do que tinha sido segundos antes.

E suavemente beliscou seus clitoris.

A respiração dela se deteve. Seu pulso seguiu o mesmo caminho. Nada no corpo de Chloe estava trabalhando como devia. Com a exceção da diminuta parte de carne entre suas pernas que seus dentes notavelmente tranquilos tinha conseguido excitar e pô-lo tão duro e dolorosamente sensível.

Chloe tinha um PHD em estudos zoológicos. E uma dupla graduação de estudante em biologia e ciência do meio ambiente. E milhares de horas de trabalho de campo com os lobos e cachorrinhos de lobo desde o Alasca até a Rússia. Era totalmente consciente de quão inteligentes eram estes animais.

Chloe tinha observado os animais em frenesi de acasalamento e unindo-se com alguns companheiros muito estranhos e inclusive com objetos inanimados quando o calor do acasalamento era muito intenso para poder manejá-lo. De todos os modos, nunca tinha tido a oportunidade de ver, nem sequer, ao mais inteligente ou ao mais excitado deles fazendo o que este animal acabava de fazer.

E nunca ninguém a tinha olhado tão fixamente como ele o fazia.



Era um olhar fixo que enervava. Hipnótico, quase. Um olhar fixo profundo e pensativo, sobre tudo vindo de um animal. Parecia intencional e inclusive um pouco brincalhonamente ameaçador. E por um segundo breve parecia assombrosamente...

... humano.

Chloe tentou afastar seus olhos desse olhar e começou a sentir-se zangada devido a sua audácia. O que lhe tinha feito a encolerizou pela forma em que ele a estava fazendo sentir. Ela era uma mulher inteligente, por Deus! Uma professora muito bem educada e científica, por não mencionar que era uma mulher moral e honrada também. A Dra. Chloe Evans não era um adolescente disposta a perder suas calcinhas devido a uma simples excitação sexual. Sobre tudo quando o varão responsável por sua excitação era um que caminhava sobre quatro patas.

Mas pelo fato de estar tão informada do funcionamento do corpo destes animais, sabia que suas próprias reações físicas ao que estava passando, eram pelo menos comparáveis às que o alfa sentia em meio de uma sessão de acasalamento. Ela estava à beira de sua sexualidade primária. E estando solteira e realmente, ao não ter tido um amante desde fazia algum tempo, sabia que era natural que seu corpo se preparasse tão rapidamente parar uma invasão tão bizarra e imaginativa.

Durante um culpado minuto, Chloe considerou simplesmente desfrutar do que estava lhe passando em lugar de lutar contra a reação de seu corpo. Mas então olhou dentro dos olhos do animal recostado sobre ela e sentiu sua própria respiração começar a aumentar na medida em que ele inspecionava a excitação em seu rosto e a forma em que seu corpo tinha começado a retorcer-se, inconscientemente devido à frustração, debaixo dele.

Chloe se encolerizou ainda mais porque ele parecia estar desfrutando do que lhe tinha feito. O olhar na cara do alfa era o mesmo que ela tinha visto nas caras dos amantes que a tinham levado ao orgasmo antes que eles obtivessem seu próprio prazer. Estava cheio de si mesmo, quase. O olhar cheio de orgulho devido a um trabalho bem feito.

A jactância vistosa, arrogante, do ego masculino.

Uma coisa sem sentido. Sua irritação e presunções eram suicidas, decidiu. Era a irritação ridícula por uma ação que não era uma ofensa real. O alfa não a havia tocado com a língua ou a tinha despertado a propósito. Em nenhum momento. Sabia isso. E não estava sendo arrogante ou cheio de si mesmo com ela. Estava inspecionando seu ambiente e determinando se ela era ou não uma ameaça para ele ou seu território.

Chloe também sabia que sua interpretação do olhar dele era simplesmente o medo que lhe causava esperar poder ter algum controle sobre a situação. Como se ela pudesse racionalizar a forma em que seria comida por uma manada de lobos. E o resultado de uma espera sexual longa e árida. Uma que, sabia agora, tinha que satisfazer assim que o próximo macho humano, conveniente, aparecesse.

Silenciosamente fez uma inspiração profunda, vivificante. Tranquilizando seus nervos. Acalmando seu estômago. E logo outra mais rápida, mais profunda, tomando uma inundação de oxigênio, de tal modo que os compridos incisivos, de dois centímetros, que sobressaíam da boca dele, não se sentissem tão afiados enquanto os afundasse em seu pescoço.

A segunda inspiração provocou que o lobo inclinasse sua cabeça para um lado e a olhasse fixamente, de um modo diferente. Estudou o olhar enquanto o lobo se agachava e olhava mais profundamente em seus olhos.

O que estava tratando de lhe comunicar com esses formosos olhos azuis?

Compaixão para ela por sua incômoda situação?

De maneira nenhuma.

Soltou um suspiro, frustrada, e tentou concentrar-se no que tinha estudado sobre os animais. O que era científico e provado. Tentou pensar em como encontrar uma saída para sua situação, usando o que ela sabia de seus hábitos, defesas e sistemas territoriais. Não o que à hora tardia, a luz da lua e os contos de fadas de sua infância, estavam lhe fazendo acreditar. Tentou concentrar-se em sua educação. Sua experiência.

E tentou não olhar esses olhos e pensar nos homens com os quais tinha sonhado desde que tinha sido o bastante maior para reconhecer o sabor de uma fantasia, enquanto esta dava voltas através de sua mente adolescente.

Suas fantasias tinham sido a respeito de homens-lobo hipnóticos, que caçavam sua comida e a seus companheiros da noite. Homens que seduziam mulheres com umas habilidades e tal paixão, que nenhum homem humano poderia igualar. Tomado a essas mulheres como suas esposas e tendo os seus cachorrinhos com essas mulheres. Ficando com essas mulheres da forma em que os lobos o fazem com suas companheiras. E homens que tinham tentado, durante anos, viver entre as pessoas das montanhas, pessoas muito assustadas destes homens que se transformavam pelas noites, para aceitá-los durante a luz e a normalidade do dia.

Tentava não acreditar nos homens que tinham sido vistos, conforme informe recebidos; por alguns dos membros mais aceitáveis da comunidade, durante a primeira parte do século vinte, no mesmo povoado onde ela tinha vivido toda sua vida. Homens que eram descendentes de uma manada de lobos que tinham conseguido salvar a sua espécie da extinção, de acordo com os informes recebidos, mesclando-se com a raça humana. Os homens pertencentes a uma manada de espécies de sangue cruzada, nunca tinham sido cientificamente confirmados como existentes.

Homens como o que sua bisavó tinha jurado que tinha sido o único homem que tinha amado realmente em sua vida.

Maw levava morta quase vinte anos e ainda podia recordar o conto que lhe tinha contado quando não tinha mais que oito ou nove anos. Chloe podia recordar a história palavra por palavra. O romance e a paixão nos olhos de Maw, enquanto lhe narrava essa história, eram as coisas, sabia com certeza, que tinham quebrado sua própria vida amorosa. Supunha que sempre tinha estado buscando um companheiro único como aquele sobre o que lhe tinham falado quando era menina. E o que mais se parecia a esse homem especial, que tinha encontrado alguma vez, eram os lobos que estudava, cuidava e tratava de proteger.

Sua bisavó lhe tinha contado de um amante que era mais besta que homem. E um homem, que segundo o que lhe tinham contado. Tinha contido a mesma intensidade animal que imaginava poder ver no alfa, que agora tinha começado a mover-se pouco a pouco e a arrastar-se lentamente através de seu tremulo corpo.

Chloe fechou seus olhos enquanto o alfa se movia aumentando até mais a pressão contra seus clitoris. Tentou levar a sua mente para as lembranças e histórias de sua bisavó e longe do pulsar que tinha começado a aumentar na parte baixa de seu corpo.

Maw e seu amado nunca puderam estar juntos. Segundo sua bisavó, antes que eles pudessem casar-se, a família dele e o resto dos de seu tipo, tinham-no obrigado a encerrar-se nas montanhas por temor a intolerante gente do povoado, e Maw se casou muito relutantemente com o bisavô de Chloe. Depois disso, ninguém no povoado das montanhas havia dito que tivesse visto novamente a qualquer dos homens ou à manada. Não na vida de Chloe, ao menos. De fato, nem sequer nas vidas de sua mãe ou sua avó.

Sua existência se foi apagando da história de um pequeno povoado dos Apalaches. E agora, só os mais velhos entre velhos, recordavam sequer o ter escutado tais coisas. E ninguém que vivesse tinha lembranças desses homens de primeira mão. Só

sob a forma de contos e lembranças fabricadas. E eram inclusive esquecidos mais rápido do que Chloe podia buscá-los.

Mas Chloe recordava os contos. E não passava um dia que não recordasse o que Maw lhe tinha contado sobre o homem jovem de olhos azuis, cabelo da cor das asas de um corvo. Que entrava na cabana de seu pai todas as noites durante meses, esperando que Maw escapasse com ele uma dessas noites. Maw havia dito a Chloe que algumas vezes tinha vindo a ela como um homem e em outras ocasiões entrou em sua habitação como um lobo. Um formoso lobo negro, com manchas vermelhas e intensos olhos azuis, similares aos que estavam olhando a Chloe nesse mesmo momento.

Estes eram os contos de fadas que ela tinha amado. As histórias das que ela queria ouvir mais e fazê-las conhecidas, se somente pudesse gravar algo do muito intrigante folclore História Do Sul, que ainda tinham a habilidade de fazê-la tremer de excitação quando estava sozinha e tinha um momento para imaginar que tal homem poderia ser. Que tipo de besta poderia ser na cama. Que tipo de paixão animal, um homem como esse, poderia mostrar quando fizesse amor a uma mulher. E o que a combinação de homem e besta poderia lhe motivar a fazer para proteger e guardar à mulher e as crianças que ele amasse. Estas eram as únicas histórias que tinham conseguido alguma vez tocar uma fibra romântica em Chloe.

Certamente, a verdade saltava à vista.

E a verdade era que não havia outra coisa que homens que eram animais por natureza e o oposto por opção. E nunca tinha havido homens que se convertessem em lobos de noite ou homens que se arrastavam por volta dos quartos de mulheres em meio de suas noites de celibato e lhes faziam amor com um ardor desenfreado antes das atraí-las a suas casas familiares e fazê-las suas esposas. A verdade era que estas criaturas eram completamente fictícias. Lendas. Fantasias de uma mulher acorrentada a um marido insensível que tinha matado seu espírito, com sua falta de paixão pela vida ou por ela.

E a real verdade era que Maw tinha padecido de Alzheimer? Durante anos, antes que qualquer um notasse de que algo andava mal.

Chloe também estava bastante segura do fato que não haveria compaixão na insistência que, o macho alfa desta manada de lobos, usaria para sufocá-la antes que ele a comesse até fartar-se de sua carne. Não haveria nenhum olhar pensativo que pudesse lhe indicar a um macho subordinado que tentasse conseguir acabar com os pedaços de carne e fragmentos de ossos depois de que ele se alimentasse dela.

E o único detalhe romântico a respeito de toda a situação, seria a luz da lua que brilhasse sobre o chão de dura madeira ensangüentada da casa de seu tio.

Qualquer fantasia restante ou excitação sexual que Chloe tinha dentro tomaram uma licença indefinida de ausência, quando o lobo dobrou suas pernas dianteiras e baixou sua boca mais perto de sua cara. Chloe apertou as pálpebras e choramingou sem fôlego enquanto tentava impedir que as lágrimas saíssem de seus olhos. Se o animal não tivesse pesado o que pesava e se ele não estivesse usando esse peso para esmagá-la, estava certa de que o tremor de seu corpo teria sido visível para a manada inteira.

Ofegando, a respiração quente, o suor escorregando por cima de sua pele. Perigosamente perto de suas pálpebras. Suas bochechas.

E no lado de sua garganta.

Um soluço pequeno escapou de sua boca quando sentiu o roce dos pêlos do bigode do lobo e o úmido nariz em seu pescoço. Suas mãos agarraram o lençol que a cobria e se deu chutes mentais pelos ruídos animais ameaçadores que seu arranque de soluços estava gerando. Os soluços certamente serviriam para tentá-lo e para lhe fazer

pensar que ela era uma presa indefesa e fácil de matar. E tentar a este moço não era algo que Chloe queria fazer.

A menos que os contos de fadas fossem certos, claro.

Com seus olhos fechados, notou que ele estava imóvel. E calado. O alfa se moveu para pôr seu corpo entre as pernas dela e tinha apertado seu ventre firmemente contra os inchados lábios de seu sexo. Chloe não podia recordar haver-se movido e ajustado suas pernas para que ele pudesse conseguir estar tão perto dela, mas o notou quando sentiu sua respiração calorosa no pescoço e o movimento firme de seu corpo quando ele inalou e exalou enquanto jazia em cima dela.

Os movimentos e ritmos do corpo do alfa se sentiam quase como os de um amante. Talvez depois do ato. Como um de seus amantes imaginários. E como os que Maw tinha fabricado para fazer passível sua horrível vida.

Fantasia, Chloe a tinha saboreado. Imaginou-se freqüentemente tendo ao homem dos contos enfermos de sua bisavó; que viesse a ela e a fizesse estar tão desesperada por ele como Maw tinha parecido estar por seu amor perdido.

Mas esta fantasia era brutalmente real e devido ao matiz de medo que agora invadiu sua mente, este se voltou um animal de um sabor completamente diferente.

E era delicioso.

Sentiu seu lábio inferior que começar a tremer, lhe dizendo que o controle de suas emoções estava a ponto de esgotar-se. Chloe queria odiar o sentimento indefeso que estava experimentando, mas se encontrou muito a gosto com a pressão que ele estava lhe dando. O medo sempre tinha sido um pouco afrodisíaco para ela. E sabia que as reações físicas ao medo e aos sinais de excitação sexual, às vezes, eram muito similares. Combinar a ambos e sentir os benefícios de tal acoplamento, eram algo dela, a respeito do qual se perguntou freqüentemente, mas nunca tinha sabido exatamente o que podia fazer para que tal fantasia se fizesse realidade.

Certamente, devido às histórias que tinha ouvido, esta sensação estava muito perto do que tinha imaginado. Mas enquanto jazia ali, debaixo da criatura que estava conseguindo assustá-la tão intensamente, não podia menos que perguntar-se como essa excitação sexual tão forte em seu corpo, estava vinda de uma situação que possivelmente não era real.

Sua parte racional lhe indicava que este que estava em cima dela, era um animal e não um homem ou alguma outra espécie humana. Sabia que era um lobo. Um inteligente animal de presa, um perito assassino com o qual não se podia raciocinar. Um animal que parecia ser muito capaz de assustá-la. Sua parte lógica lhe dizia que era sua vívida imaginação a que estava tentando despertá-la nesse momento maravilhoso.

Mas a mulher nela não estava tão satisfeita com essa lógica.

Chloe se amaldiçoou silenciosamente quando se moveu permitindo ao lobo aproximar-se mais urgentemente ao seu sexo. Estava quente. Mais quente do que qualquer homem, alguma vez, tinha estado enquanto se apertava contra ela. E esse calor era muito mais íntimo e consolador do que, obviamente, devia sê-lo. Sentia os rítmicos batimentos do coração do lobo através do fino tecido que os separava. Seu pulso era forte e estável e se refletia nos palpitantes golpes de sua molhada carne entre as coxas. Mas seu pulso era muito rápido, muito mais do que devia ser para um de sua espécie em meio de uma matança. Seria maravilhoso se ele também estivesse sendo afetado por sua cercania se os batimentos do coração eram o resultado de sua própria excitação, em lugar de uma promessa de alimentar-se. Como se ele, de algum modo tivesse descoberto suas fantasias com respeito ao seu primo fictício e estivesse usando esse conhecimento de sua fantasia para excitá-los a ambos.

Mas isso era ridículo e Chloe sabia. É óbvio que o animal estava sexualmente excitado. Esta era época de acoplamentos. E cada lobo na montanha estava excitado. Mas eles se excitavam por uma fêmea de lobo e Chloe soube que não tinha nada que fazer com ela. E também sabia que não tinha porque estar apertado contra ela. A cientista que tinha dentro, sabia que a curiosidade dele era puro instinto animal. Que lhe obrigava a identificar a qualquer um que entrasse em seu território. Tranquilizando-se ante este último conhecimento, tomou seus braços com suas mãos em um esforço por tentar segurar os tremores de seu corpo e sentiu seus dedos roçar contra o suave pêlo de seus flancos.

O alfa ficou imóvel ante seu toque e deteve sua respiração completamente. Quando se moveu e se apertou contra ela ainda mais duro, temeu o pior. Estava por começar uma festa com sua carne. Chloe fechou seus olhos, procurando controlar-se ante esse terror que apertou sua garganta.

Seu corpo não foi tão fácil de convencer, entretanto, e o batimento do coração entre suas pernas começou a crescer ainda mais forte que os batimentos do coração do animal contra seus seios. Chloe podia sentir como seu corpo subia para o orgasmo, apesar das emoções contrapostas que padecia sobre seu perseguidor. Sentia que o alfa esfregava sua barriga contra seus clitoris e choramingou ante a sensação. Sentiu-o mover-se de novo, em direção oposta, como para que ela identificasse que a fricção era a de um amante. Mas um amante humano.

Chloe ofegou sem pensar que esse maravilhoso pulsar entre suas pernas era a causa do alfa. Os batimentos do coração de seu corpo se intensificaram como também o fez o medo em sua mente, quando apertou seu corpo mais firmemente contra seu sexo. A confusão sobre o que lhe estava fazendo, o porquê seu corpo se estava permitindo um orgasmo e o reconhecer que sua boca estava agora até mais perto de seu pescoço, levou-a a ouvir seu próprio choramingo ainda mais ruidosas.

Uma lambida quente percorreu todo um lado da cara de Chloe.

Ela abriu seus olhos. Não restava outra opção que abri-los. A pesar do fato de que seu corpo começou convulsionar com uma excitação que não entendia totalmente ou não queria entender, obrigou-se a manter seus olhos abertos. Desejava ver que expressão havia na cara desta criatura enquanto atormentava a sua presa intencionalmente. Queria observar como olhava antes de matá-la. Era um olhar que sabia não viveria para documentar, mas que lhe serviria para aprender muito mais sobre a espécie animal e iria a sua tumba com este último prazer. Por não mencionar a causa de seu último, e mais espetacular, orgasmo.

Ela piscou e tentou conter sua respiração enquanto o olhava. Seu corpo começou a convulsionar e o alfa moveu sua barriga de novo, e obrigou a Chloe a reparar no que ele acabava de fazer. Relaxando-se, com o conhecimento de que se ele ia matá-la, podia fazê-lo bom também para ele, choramingou ruidosamente de novo e se permitiu seu clímax. A pesar do medo lhe esmagando e a culpa que sentia por isso, tomou o sedoso pêlo escuro do Alfa entre seus dedos, e então levantou seus quadris e esfregou seu molhado e inchado sexo contra o animal.

O alfa pareceu responder ao seu corpo. Sentiu-o mover-se e logo vacilar em seus movimentos. Como se ele entendesse o que estava passando, Chloe lhe sentia apertar-se contra ela e retirar-se, para logo novamente apertar-se contra ela. Refletindo os movimentos de seu próprio corpo.

Ela suspirou agradecida através dos lábios fechados e os olhos firmemente apertados, esfregando e aliviando a ainda pulsante abertura de sua vagina contra a barriga do alfa. No som, sentiu a respiração do alfa em seu pescoço e sua língua roçou meigamente contra a carne de sua garganta.

Tinha sido muito manso. E muito suavemente entregue. Não era a lambida de inspeção que sabia podia ter recebido, este era um lobo normal que de algum modo a tinha deixado satisfeita. De fato nem sequer era uma lambida absolutamente, se suas tripas lhe diziam o correto.

Tinha sido um beijo.

Devagar, ela abriu seus olhos de novo e procurou os seus.

Ela soube pelo menos sua mente consciente soube que a escuridão e suas lágrimas foram à causa de que pensasse o que podia ver em sua cara. Em seus olhos. Tomou uma profunda inspiração antes de permitir um último espasmo e com isso clarear sua mente assim como sua visão, com uma respiração longa, limpadora. Mas a ilusão continuou olhando-a fixamente através de seu olhar.

Ele estava sorrindo abertamente.

Ela teve que obrigá-lo a fechar a boca e lutar contra suas emoções, mais até depois de ver o olhar na cara do lobo. Mas agora, desejava gritar pelo terror ou afastá-lo dela. Reteve sua língua ao sentir o esmagante impulso de repreendê-lo. Desafiá-lo pelo que lhe estava fazendo com seu calor e sua língua, incitando sua sexualidade humana.

Não pensava em nada mais que em ensinar a esse filho da puta algumas maneiras. Mas a escola de obediência estava fora de questão no momento. E não tinha de reposição algum collie ou poodle peludo preso em alguma parte. Tinha que considerar o fato de ter bem em cima, perto de 45 quilos de um lobo que parecia lhe sorrir e muito mais quando voltou a mover-se novamente sobre ela, apertando-se firmemente contra ela e obrigando-a a receber todo seu peso que o sustentava ainda tremendo.

Chloe olhou fixamente ao animal da mesma maneira em que ele a olhava. Parecia querer desafiá-la. Levando-a manter sua atitude e a coragem de olhá-lo diretamente à cara. E chateando-a por haver gozado tão prontamente ante sua insistência.

Coragem pura foi o único que lhe permitiu sustentar o divertido olhar desses enormes e formosos olhos azuis, que nunca deixaram os seus. Exceto por um momento. O suficiente como para que baixasse a cabeça para sua fenda escassamente visível entre seus seios, onde ele pôs a ponta de sua língua quente, aveludada.

Quando posou o focinho e a lambeu, ele abriu seus olhos de novo.

E sorriu mais abertamente.

Suas próprias pálpebras já não lhe respondiam. Chloe não podia pestanejar, nem respirar, nem acreditar no que lhe estava passando. Seus movimentos não pareciam no mínimo, os de um inocente, os de um animal ignorante. Em seu trabalho, tinha estado em contato com muitas criaturas de várias espécies. Tinha sido lambida por uma afetuosa saudação ou como uma súplica, quando curava algum animal ferido e devia lhe dar tratamento médico. Conhecia a diferença e o afeto ou curiosidade quando a recebia de alguma besta.

Mas a lambida deste moço não tinha sido nem de afeto inocente, nem de curiosidade. Esta lambida era muito diferente, e tinha durado muito tempo sobre a pele de Chloe. Lenta. Estranha. Incomodamente dolorosa. E seu corpo reagiu uma vez mais com o mesmo entusiasmo com que respondeu a última vez em que um homem tinha usado sua boca para incitá-la e excitá-la.

Seu suspiro de frustração era o resultado de compreender que a reação sexual mais forte que houvesse sentido alguma vez, tinha vindo como cortesia de um lobo.

Um lobo magnífico. Um lobo sexy, inclusive, que a possuía com suas quatro patas sobre ela.



Mas um lobo, não obstante.

Chloe jamais em toda sua vida tinha desejado ser uma loba.

Quase fez uma careta de dor ante o fato que o lobo tinha sido muito, muito melhor e muito mais sensual lhe fazendo amor que qualquer homem com o qual alguma vez se deitou. Por não mencionar o fato de que lhe tinha dado o melhor e mais rápido orgasmo que tivesse tido.

O olhar do alfa se suavizou enquanto estendia sua cabeça entre seus seios. Chloe se estremeceu sob seu olhar com o medo ainda presente, imóvel e confusa ante esta situação. Sentindo também o vento de fevereiro, que embora tivesse sido quente quando se deitou para dormir, soprava agora muito mais fresco através das portas abertas.

Não pôde menos que notar a calma e serenidade do animal, olhando-a unido ao calor de seu corpo, ali, com ela. Poderia ser consolador se tivesse sido um cão doméstico, que estivesse ali ao seu lado e não sobre ela. Ou melhor, ainda se fosse um homem. Chloe se sentiu mais perto deste companheiro canino que com muitos companheiros humanos que tinha tido, de fato. E alguns desses companheiros queridos tinham dormido onde eles queriam, inclusive tinham protegido seus pés esquentando-os e aconchegando-se afetuosa e inocentemente ao seu lado nas noites frias. Qualquer pessoa dona de um cão sabe o que eles querem...

Mas nunca...

... na vida...

... nenhum como este, a tinha coberto, esquentando-a depois de olhar seus mamilos endurecidos devido ao insistente e frio vento invernal.

– Saia de cima.

Ele pareceu que se assustou com suas palavras e o tom que usou. Podia ver este fato claramente em sua cara. Mas a ordem tinha saído antes que Chloe pudesse censurá-la e evidentemente, com bastante autoridade para produzir um efeito desagradável e se não assustar à besta, ao menos obter um pouco de submissão.

O alfa levantou sua cabeça, mas deixou seu corpo que se apertava, sobre ela.

– Saia de cima-, repetiu-lhe, mais firmemente desta vez.

Olhou-a fixamente e imóvel por um momento antes de voltar sua cabeça e olhar para outro lado. Um lobo de similar tamanho, que levava uma horrível e feia cicatriz em seu focinho. Olhou ao alfa da mesma maneira em que Chloe tinha estado tentando convencer-se de que não era verdade o que estava vendo.

Ambos olharam também ao menor da manada, para conseguir outra opinião mais.

Chloe olhou o silencioso intercâmbio, com um temor que jamais antes havia sentido. E só lhe ocorreu que eles estavam pensando em algum castigo extremo ou a morte.

Ela olhou ao alfa sobre seu...

... Ombro?

– Ouviu-me?

Se ele pudesse rir. Se pudesse bufar. Se o animal sobre ela pudesse rir afogadamente, teria jogado sua cabeça para trás e se teria permitido mover sua larga e vistosa cabeleira, sua cara de lobo... Mas ele não podia fazer nenhuma dessas coisas. Assim Chloe supôs que fez o melhor que pôde.

Jogou sua grossa, musculosa e bela garganta e sua cabeça para trás.

E uivou.

Um longo, longo e triste uivo, com um tom e uma emoção etérea que levou os olhos de Chloe para trás imediatamente. Era uma risada e um bufo, uma risada



afogada e uma celebração de algo que este animal simplesmente tinha encontrado mais entretido que ver um elefante sobre uma corda. E era, absolutamente, a coisa mais formosa que Chloe alguma vez tivesse ouvido.

Sobre tudo quando seus irmãos se uniram.

Ela não se inteirou de que não estava respirando, até que os uivos começaram a apagar-se. E nunca em tudo o que alguma vez tivesse estudado, tinha-lhe falado da força desse som sustentado até que o sentiu vibrar na criatura que estava sobre ela, realmente vibrando em seus esforços por produzi-lo.

Demônios, Chloe não estava segura de que não se adicionou em algum momento ao uivo. De fato, sentia-se bastante bem depois de tal orgia de vocalização grupal, de todos os seres viventes presente.

E, além disso, que demônios poderiam sabê-lo, mesmo que ela soubesse?

O alfa quase tremia quando terminou com sua chamada nos braços de Chloe. O uivo e a excitação da situação lhe tinham desintegrado o sentido de equilíbrio que parecia ter. Chloe usou esse momento de debilidade para mover-se e afastar seu corpo para um lado da cama. O lençol escorregou e desceu por seus seios e ela viu que os olhos do lobo se fixavam nos mamilos que tinha tentado esquentar.

Olhou-os fixamente, nervosamente. Lambeu sua boca à vista de sua íntima carne nua e choramingou em um som adorável quando se retorceu sobre ela. Inclusive grunhiu um pouco. Mas não era de ameaça e ele não tentou detê-la quando os lençóis escorregaram e deixaram ao seu corpo escapular-se ante seu peso. Quando ela começou a levantar-se nua da cama, podia sentir como seus olhos vagavam por toda sua longitude, detendo-se a inspecionar e avaliar. Seu ventre. Suas coxas. O ninho de cabelos entre suas pernas.

Todos seus olhares eram tão intrusos como seu nariz o tinha sido. Ela colocou com cuidado seus pés no chão, e ficou de pé. Alternando seus olhos entre os três. O lobo que tinha cicatriz salivou e se agachou, quando ela caminhou mais perto, para a porta da habitação. Chloe viu o cabelo negro liso na parte de atrás de seu lombo e ante este movimento se gelou. Sentiu o roce do suave cabelo do alfa ao lado de sua perna quando ele se aproximou.

O alfa se aproximou do irmão que tinha cicatrizes que se mostrava com sua cauda em alto e arrogante passo. O das cicatrizes resistiu no lugar e Chloe pensou, inclusive, que lhe viu endireitar um pouco mais seu lombo, apesar de ter sido obviamente repreendido por seu superior.

O alfa soltou um grunhido comprido, baixo e o da “Cicatriz” estabeleceu sua âncora no piso. Os lobos se olhavam fixamente, quase com ódio.

Chloe lançou um olhar sobre o pequeno e sorriu quando o animal meneou sua grossa calda ante ela e ofegou mostrando uma língua rosada e larga como de saudação.

– Eiihhh moço–, murmurou Chloe quando manteve seus olhos no lobo menor e adorável, e caminhou para a porta. O meneio do pequeno ficou mais insistente e furioso quando lhe falou. Pelos flancos podia ver ainda ao alfa e a seu irmão preparados para uma batalha silenciosa, natural de dominação, que poderia converter-se em violência se o lobo subordinado escolhesse insistir no assunto. Chloe suspeitou que a cicatriz fosse o resultado de alguma prova de colocação dentro da manada.

A preocupação por sua hierarquia lhe deu tempo para alcançar a porta e tomar o trinco liso. E lhe deu tempo além para preparar sua arma.

A ignorância do pequeno, de suas intenções e seu entusiasmo por obter seu afeto humano, permitiu-lhe pô-lo ante seu ponto de mira.

E lhe permitiu enfocar exatamente onde precisava fazê-lo.

## Capítulo 2

O punho de Caine conectando com a mandíbula do Luke soou como um pinheiro estalando no vento. Luke tão somente se cambaleou ligeiramente, antes de lançar seu próprio punho para lhe dar um golpe igualmente forte a seu gêmeo. A terra úmida da borda do riacho recebeu ambos os corpos ainda nus, mas agora muito menos peludos, enquanto rodavam em um estalo de paixão animal e raiva humana, amor fraternal e ódio.

– Ela tem a Lee!

Caine podia sentir, nas palavras de seu irmão e em cada murro que seu corpo recebia a intensidade de seu sentimento de injustiça. Seus próprios punhos lhe esmurravam mais em defesa própria e como reação à dor, que devido à cólera. Luke tinha que aprender a esperar seu turno, independentemente da situação ou de suas necessidades. Devia aprender que só se emparelharia quando e com quem Caine dissesse. E ensiná-lo era trabalho de Caine.

– Ficou ali de pé e deixou que ela lhe disparasse!

Caine ouviu as palavras que provinham da boca do Luke enquanto seu punho o dava outro furioso golpe. O golpe se desviou por pouco e Caine conseguiu rodear o pescoço do Luke com seu braço. Em recompensa recebeu uma rápida patada entre as pernas.

Esta vez foi à feia cólera humana, o que realmente fez que Caine golpeasse ao seu irmão. E suas palavras foram resultado desses mesmos sentimentos de raiva.

– Isto é por sua culpa, Luke!

Luke lutou tratou de liberar seu pescoço do afeto de Caine, mas logo se viu reduzido a uma retorcida massa de músculos, cheio de ódio e vergonha. Nunca tinha sido capaz de vencer a seu irmão.

Ao menos, não em uma luta.

Caine afrouxou seu apertão o bastante para permitir que seu irmão respirasse. Infelizmente, também lhe permitiu ao homem falar.

– Se houvesse possuído a essa fêmea tal como se supunha nada disto teria passado.

Caine lutou contra o impulso de romper o pescoço de seu gêmeo ante esta declaração.

De que fêmea falava?

– Ainda não estava ovulando, - estalou Caine e valorou suas seguintes palavras antes de falar.

– E, além disso, ela não se parecia com as demais, – grunhiu no ouvido de seu irmão.

Luke lançou um grunhido de repugnância.

– Em sua opinião alguma vez se parecem, ou não Caine?

Caine apertou de novo sua garganta, mas logo o liberou completamente. Empurrou ao Luke longe de seu corpo e se limpou o rastro de sangue de seu nariz com o dorso da mão.

– Não sempre temos que ser uns completos animais, – declarou ele, lhe falando ao cangote do Luke.

– Não vejo por que tem que ser desagradável para ela, sobre tudo se não tivesse concebido esta noite. E penso que se a esta lhe desse algum tempo...

Parou-se porque não podia acreditar que semelhantes palavras saíssem de sua própria boca. Acabava de jurar que não devia deixar que a história se repetisse e já estava pensando de novo em romper outra regra. E uma que ele mesmo tinha imposto. O impulso que sentia em seu interior de deixar que a mulher da cabana, tivesse eleição no que lhe passasse, era mais forte e mais insistente que nenhum dos que tivesse sentido devido a sua linhagem animal.

– Desta vez não podemos nos permitir que seja débil Caine. Não pode sentir compaixão por esta- recordou-lhe Luke.

– Você mesmo o há dito umas cem vezes. A compaixão não encherá o ventre de um depredador.

Ele tinha usado aquelas mesmas palavras. E Caine também sabia que a compaixão não ia permitir que ele ou seus irmãos se reproduzissem tão rapidamente e tão freqüentemente como necessitariam para assegurar a sobrevivência de sua manada.

– Entendo nossa situação e nossas necessidades, – disse Luke bruscamente, fazendo que Caine grunhisse ante o tom insolente de seu irmão.

– E seria de esperar que o líder de nossa manada o entendesse também.

Caine deu um passo para diante, fazendo que a postura do Luke vacilasse nada mais que um centímetro, mais ou menos. Os irmãos se olharam o um ao outro.

– Entendo mais do que você gostaria de acreditar que o faço, Luke. Entendo a maior parte dos costumes de nosso pai. E entendo que não me importam. – declarou ele.

– Os costumes de nossa raça estão obsoletos e acredito que chegou o momento de realizar algumas mudanças no modo em que se dirige a manada.

– Somos animais, Caine...

– Mas também somos em parte humanos, – interrompeu Caine, ganhando uma queixa de seu gêmeo. Baixou a voz antes de expor sua seguinte pergunta.

– Alguma vez ansiaste coisas como a compaixão e o amor?–, perguntou.

– Seu lado humano alguma vez necessita nada?

Luke se mofou e se cruzou de braços.

– As únicas emoções humanas que anseio são aquelas de crueldade e bondade que vêm com o sabor do sangue recém derramado. – grunhiu ele.

– Não podemos nos permitir outras emoções, Caine. Os humanos de sangue completo têm tribunais e leis que protegem a propriedade. – ele anotou.

– Nós só temos nossa manada.

Caine sabia. E também sabia que sua manada corria o perigo de perder seu território. Dar-se conta de que seu irmão tinha parte de razão em seu modo de pensar, fez que os olhos de Caine oscilassem até encontrar-se com os de seu gêmeo. A cara do Luke mostrou ao Caine que sua raiva, a emoção humana que freqüentemente tinha sido o rasgo mais fraco deste lobo, ainda o controlava.

Luke assentiu.

– Crê que ela nos entendeu, não é verdade?- perguntou sarcasticamente.

– Pensa que de algum modo sabia o que fomos. – Sorriu antes de elevar uma sobrancelha para seu irmão.

– Direi o que ela entendeu Caine. Ela entendeu que Lee era o mais vulnerável. E entendeu que estávamos muito preocupados tratando de nos urinar um no outro para ver o que fazia com aquela arma.

Caine sacudiu a cabeça, mas dirigiu os olhos para seu irmão.

– Não lhe fará mal.

Luke grunhiu de risada.

– Isso não o pode saber.

Caine sacudiu a cabeça mais forte esta vez.

– Não o fará. – Caine manteve o olhar de seu irmão.

Luke gesticulou com as mãos e sacudiu a cabeça.

– Pegou-lhe um tiro!

– Era um tranquilizador, – declarou Caine. Quase convincentemente.

Luke pareceu detectar uma dúvida. Grunhiu e estreitou seus olhos.

– Você o viu?

Caine sacudiu a cabeça negativamente.

– Soou como um rifle de ar comprimido. – Caine sacudiu a cabeça de novo.

– Não era uma arma de verdade.

– Caine, ele caiu como um...

– Ele está bem, Luke!

Os homens se olharam fixamente um ao outro com tal ódio que só seu mútuo amor pôde impedir que se matassem ou se apartassem um do outro. Caine finalmente rompeu o silêncio. Esta vez com tranquilidade. Tentando acalmar um pouco a raiva de seu gêmeo. E sua dor.

– Está bem.

Ele assentiu e olhou como a cabeça do Luke, devagar, começava a imitar seu próprio movimento.

– E te digo, que de algum modo ela o entendeu.

Caine viu como a cara de seu irmão se relaxava um pouco. Era uma vista lhe atemorizem, instantes depois de uma de suas batalhas. Para o Luke, a calma sempre vinha depois da tormenta. E quando ocorria assim de rápido, sempre conduzia a mais marejada.

– Igual à Meagan entendia, – disse Luke com calma.

– Tal como Meagan nos entendia, não?

Caine manteve cautelosamente os olhos sobre seu irmão, ante a menção do nome de sua última esposa. O sorriso que curvou os lábios do Luke fez que a cicatriz de sua bochecha se franzisse e se deformasse. A cicatriz ou mais exatamente o que ela representava e três minutos, eram as únicas coisas que, alguma vez, haviam-se interposto entre estes dois homens em seus quase trinta anos de vida.

Luke apontou a sua cicatriz.

– Vê isto, Caine? Isto é o que diferencia ao macho beta do alfa nesta manada. – Os olhos de Caine evitaram a cicatriz.

– E não passa um dia sem que eu agradeça a Deus que tivesse a força necessária para me fazer isto.

Os olhos de Caine lutaram por olhar a seu gêmeo. Luke tinha ganhado sua ferida devido a sua impaciência por reproduzir-se com a primeira fêmea de Caine. E não passava um dia sem que Caine odiasse o fato de ter tido que desfigurá-lo, para evitar que alguma vez pudesse fazer-se passar de novo pelo macho alfa.

– Isto é o que significa ser o líder, o alfa, – Luke arrastou seu dedo pela cicatriz.

– Fazer o que for necessário para proteger à manada, – acrescentou.

– Independentemente de qualquer emoção humana que possa sentir o líder.

As palavras do Luke chocaram a Caine por seu engano. Só de vez em quando admitia ante se mesmo, que sua cólera se deveu mais à possibilidade de que Luke fizesse o amor com o Meagan, que a que tivesse atuado contra as regras da manada.

– Assim me diga Caine, – Luke apertou seus braços sobre o peito, – pensa que esta fêmea vai te entender quando lhe diga que seu trabalho é procriar conosco? – Luke soprou de risada.

– Pensa que te entenderá quando admitir ante ela, que ambos íamos possuí-la esta noite independentemente de se ela nos compreendia ou não? – O riso que veio da garganta do Luke era demoníaco.

– Acredito que eu me economizaria essa pequena revelação para a lua de mel, irmãozinho.

Caine encontrou um lugar ao que olhar sob o atento olhar de seu irmão. Três minutos e uma mulher. As únicas coisas que se haviam interposto entre eles. Até agora, parecia. Por que a respiração do Luke lhe disse, que ainda não tinha terminado de purgar sua dor, nem de acrescentar queixa a sua lista.

– Pensa que vai te entender quando lhe atire isso e a possua como se fosse um Pastor Alemão? Ou quando a remoa o bastante forte para fazê-la sangrar quando te correr? E quando te excite de novo lambendo a mesma ferida que lhe terá infligido?

Caine tomou fôlego profunda e repetidamente, para manter sua cólera sob controle. Sabia que ter o poder, ao menos ter o verdadeiro poder, às vezes, significava deixar que durante uns momentos alguém mais parecesse o ter. Caine sabia por que ele era o líder alfa. E era o alfa, porque sabia.

O ego humano e a ira, Caine podia controlá-los. E este pensamento lhe proporcionou esperança em sua batalha contra suas outras debilidades humanas.

Como as que corriam por seu coração e sua mente humanas, ao pensar na fêmea que acabava de agradar.

– Caine, pensa sinceramente que a mulher não vai ficar louca quando lhe disser o que somos? – Seu olhar questionou ao Caine tão severamente como suas palavras o tinham feito. Mas Caine permaneceu silencioso ante a cólera de seu irmão.

– Essa não era sua esposa debaixo de ti. Encontrar a uma fêmea que desfrute sendo possuída, como Meagan o fazia, não vai ocorrer outra vez, – grunhiu ele. O silêncio contínuo de Caine pareceu obrigar ao Luke a continuar.

– Temos que nos reproduzir, Caine. E temos que nos reproduzir logo, – cabeceou Luke.

– As novas manadas anunciam cada dia, que foram concebidos cachorrinhos. – Caine viu de rabo de olho que Luke sustentava sua mão em alto, com os cinco dedos estendidos.

– Cinco meses, Caine. – Assentiu.

– O vento arrastou esse aroma a cada quatro semanas durante cinco meses já, e ainda não a montaste. Sei que você gosta dos aspectos emocionais do acasalamento, que a mim põem doente, Caine. Mas não podemos nos permitir o luxo de esperar até que encontre outra fêmea que desfrute do modo em que você gosta de transar, irmãozinho.

Caine finalmente dirigiu seus olhos para encontrar-se com os de seu gêmeo.

– Pois pareceu desfrutar do modo em que a possui esta noite, – declarou com um grunhido.

– Quantas outras mulheres conhece que poderiam gozar com um lobo esfregando-se ruidosamente contra seus clitóris?

Luke levantou as mãos e sacudiu sua cabeça, e logo sorriu a seu superior, com um sorriso zombador, tranqüila e desafiante.

– Sabe Caine, acredito que tem razão. Penso que é possível que ela realmente soubesse.

O tom sarcástico da voz do Luke fez que se arrepiasse o pêlo humano dos braços de Caine. E lhe obrigou a olhar de novo aos olhos de seu irmão, bem a tempo para que terminasse seu assalto verbal. Luke inclinou a cabeça e a cicatriz se enrugou ainda mais, ao aumentar seu sorriso.

– Igual me ocorre pensar que sua esposa sabia exatamente quem a possuía aquela noite.

\* \* \* \* \*

Consegui-o finalmente?

Abriu-lhe seus olhos só o bastante para ver a saia de uma bata. A pele que sentia debaixo dela estava molhada e lhe doía o traseiro como se algo realmente horrível acabasse de lhe passar.

Ela estava de pé diretamente ao seu lado. Podia cheirá-la, embora não podia enfocar seus olhos o suficiente para olhar por debaixo de sua bata. Assim Lê fechou os olhos e tentou recordar o que lhe tinha passado a seu pobre traseiro. Sua voz zumbiu de fundo, mas não pensou que se estivesse dirigindo a ele. Tampouco é que tivesse servido de nada, decidiu.

Ainda estava muito atordoado para responder inclusive se estivesse falando com ele.

– Sim, comprovei-o a fundo. A temperatura é normal. Não. Nada de lombrigas, nem pulgas. Nada.

Pulgas? Lombrigas?

Não o consegui.

Lee soltou um grande ofego canino e resistiu à onda de adolescente energia sexual e de frustração que parecia andar lhe colocando em problemas muito freqüentemente. Se não tivesse estado tão apaixonado por sua risada e sua voz quando lhe tinha falado, agora mesmo estaria em casa, em sua cama. Olhando suas revistas pornô com seus dois perfeitos, claros e humanos olhos de adolescente. Poderia haver-se transformado em moço, em... em homem outra vez e masturbar-se sob os lençóis enquanto pensava nela.

E seu traseiro, muito provavelmente, sentir-se-ia muito menos violado.

Queixou-se e tentou levantar a cabeça.

– Sim, está despertando agora. Sei. Também eu estou farta. Odeio quando as pessoas tentam convertê-los em mascotes. Mas ao menos não acabaram com ele.

As orelhas de Lee se elevaram e se arrumou para levantar a cabeça e olhá-la. Voltou a lhe sorrir e sentiu como sua ereção e calda começavam a mexer-se.

Não havia nenhuma esperança para ele nem para seus furiosos hormônios.

– Não sei de onde vieram. O colar deste só diz Barklee.

Lee começou a sorrir ante o som de seu nome em sua voz, mas então recordou que ela pensava que era um lobo.

E os lobos não sorriem.

E os lobos não assobiam às mulheres bonitas, nem paqueram com damas quase o bastante maiores para ser sua mãe, sem importar o condenadamente bem que cheirem esta a fantasiar. E especialmente os lobos preparados, não tentavam uma vez mais olhar por debaixo da bata da mulher, da que seu irmão de vinte e nove anos se apaixonou justos segundos depois de que Lee mesmo o tivesse feito.

Mas certamente, Lee nunca tinha sido conhecido por sua inteligência. Nem tampouco por controlar seus impulsos.

Seu irmão alfa, Damon Alexander Caine, Caine para sua família e amigos, escrevia histórias de terror. Era um brilhante autor de novelas, que tinha estado muitíssimas vezes nas listas dos mais vendidos, sem que ninguém soubesse nunca sua verdadeira identidade. Suas histórias de homens-lobo que trocavam de forma tinham sido aclamadas entre as melhores obras modernas de ficção jamais escritas, com sua mescla de conteúdos eróticos e sutis explicações naturais de situações que poderiam ter sido horripilantes. Um fato do que toda sua família sempre ria, dado que Caine simplesmente estava escrevendo a história de sua família e vendendo-a ao público.

Caine era o líder porque era assim de preparado. E ardiloso. E o homem mais equilibrado e conciliador que jamais tivesse existido, além de seu pai. Bem, isso e também porque era o filho da puta mais duro que jamais tivesse havido. O único que alguma vez tinha estado perto de lhe açoitar, tinha sido o irmão maior de Lee.

Lucius Bartholomew Caine.

Luke.

Psicopata por natureza.

Policial de profissão.

O maldito melhor detetive que a força de polícia jamais tivesse conhecido. Podia seguir a um pederasta farejando um rastro de fazia uma semana, e logo jurar ante o próprio Deus que o pescoço do tipo já estava assim quando o encontrou.

Por alguma razão, ninguém discutia nunca sua afirmação de que os pederastas eram por natureza auto-mutiladores.

Pior que uma bolsa cheia de serpentes de cascavel com síndrome pré-menstrual. E inclusive menos amistoso com outros que qualquer outra pessoa que Lee pudesse recordar. Um puro sangue acreditasse-se ou não. E o único humano, de sangue puro ou mesclado, que ele tivesse amado jamais.

A esposa de seu irmão. Lee suspirou outra vez ao pensar no Meagan. Luke a tinha amado tanto como Caine. Demônios, todos eles a tinham amado.

Suspeitava que igualmente, todos eles acabariam amando também a esta.

– Não, simplesmente o mantere aqui comigo por agora. Não vou voltar para a cidade durante outro mês, mais ou menos.

Lee sorriu apesar de lhe ordenar a sua boca que não o fizesse. A fêmea viu sua expressão e lhe sorriu em resposta, de maneira inquiridora.

Seu rabo golpeou em bêbada apreciação contra o duro piso de madeira.

– Não, tampouco vou dar classes este verão. Tenho que estar aqui quando nascerem os cachorrinhos de lobo de modo que possa marcá-los e me assegurar de que estão sãs.

Cachorrinhos?

Lee a viu mover-se até apoiar-se contra a mesa que estava detrás dela. Ele se deu a volta sobre o traseiro e conseguiu colocar a cabeça por debaixo da saia de sua bata.

Bingo!

Mas então veio seu pé. OH Deus seu pé! Subiu e esfregou sua barriga,... perfeito... OH Deus!

Justo aí!

Lee não podia manter seus olhos abertos para olhá-la. Estava muito ocupado sentindo o feliz ponto sobre seu ventre que lhe acariciava com os dedos do pé, enquanto permanecia em pé falando por telefone.

Os lobos não sorriem e os lobos não assobiam às mulheres bonitas.

Mas que moço humano de dezenove anos consegue evitá-lo?



Lee deixou que seus olhos rodassem para trás em sua cabeça e pensou em todas as broncas que ia se ganhar quando Caine averiguasse que tinha permitido que isto continuasse. Era pior que masturbar-se sob os lençóis. Era mais vil que farejar a cadeira da Anita Jameson depois da terceira hora de classe de inglês.

Era a heroína do mundo canino. A catnip (afrodisíaco) dos cães?

E Lee atuava como um autêntico porco de primeira. Com a futura fêmea de seu irmão, nada menos.

Podia imaginar a cicatriz que ficaria em sua magnífica cara de menino. Caine ia estar furioso com ele. E muito provavelmente lhe daria uma surra, em seu pobre e já violado traseiro, como nunca antes a tinha recebido. Inclusive Luke participaria da surra. Muito provavelmente seria ainda pior que quando tinha anunciado a seus inalcançáveis e brilhantes irmãos, seus planos profissionais.

William Barklee Caine era um baterista. Em um conjunto rock, certamente. The Doggy Styles. Ao próprio Lee lhe tinha ocorrido o nome.

E finalmente até tinha conseguido deixar de mastigar seus palitos. Embora Caine ainda lhe lançasse algum de vez em quando para lhe pilhar fora de guarda. Lee odiava que o impulso de ir lhe buscá-lo saísse sem querer. Era mais embaraçoso que ter uma ereção matutina no acampamento da banda.

Mas os dedos do pé dela lhe fizeram esquecer a vergonha ou a dor que tinha sofrido no passado às mãos e dentes de seus irmãos. Assim como a dor que sofreria ao final deste prazer. Lee lhe deixou que esfregasse seu ventre enquanto escutava sua conversação. E enquanto lutava contra o impulso de inclinar-se e lambe-se a si mesmo.

– Não, não podemos usá-lo. Nem sequer como reprodutor.

Sim que pode! Sou um reprodutor!

– Não, não podemos. Não me importa quão difícil fique o tema. Não vou transmitir este defeito.

He! O que...

– Sim, surgirá de novo. É genético.

Lee girou sobre seu estômago, surpreendendo-se inclusive a se mesmo com o controle que estava aprendendo a exercer sobre sua necessidade de prazer. Mas sua virilidade, humano ou cão ou algo relacionado com seu valor sexual, estava sendo questionada. E Caine o golpearia ainda com mais severidade por deixar acontecer isto sem um desafio.

– Simplesmente posso levá-lo para casa comigo.

OH por favor, Deus! OH sim!

– Embora tenha que roubá-lo.

Não há problema, neném.

– E terei que lhe pôr vacinas.

Só mantém longe de meu traseiro e tudo irá bem. OK?

– E definitivamente terei que fazer que o castrem.

Não...

Seu sorriso se converteu em risada.

– Talvez consiga metade de preço, pois só há um que cortar.

Lee tragou com força bastante para passar uma bola de cabelo.

– Sei. É estranho encontrar um único testículo em um lobo. Que estranho, verdade?

Não, não é estranho! É enorme! Não precisei ter dois! Papai me disse que assim era como se supunha que eu tinha que ser e não havia nada de que envergonhar-se.

Sua mão baixou e lhe arranhou detrás das orelhas. Lee sabia que seu ferido orgulho de lobo deveria fazer que lhe mordesse os dedos, mas maldição, esta mulher era realmente boa. E sabia tantos sítios deliciosos onde lhe acariciar!

Mas agora também sabia coisas que Lee nunca tinha querido que ninguém soubesse, além de sua família e sua futura esposa.

Já podia imaginá-la capa do Rolling Stone.

Barklee Caine: Dois Grammys, Um ovo.

Tornou-se e choramingou ante a idéia. E logo se pôs a tremer com aborrecido entusiasmo quando seus dedos percorreram suas costelas e acariciaram seu lombo.

### Capítulo 3

Chloe olhou fixamente ao homem diante dela com uma mescla de temor e intriga.

—... então se afastou de mim e lhe estivemos procurando...

— Qual disse que era seu nome?

O homem fez rodar seus olhos e colocou a mão no bolso de atrás. Chloe olhou a insígnia e a identificação.

L. B. Caine.

Homicídios.

— Então seu nome é L. B.?- Chloe sorriu ao homem e sentiu o nariz molhado de seu lobo na parte de atrás da perna nua. Agachou-se para arranhar detrás das orelhas do Barklee antes de colocar-se distraidamente a bata.

O homem sacudiu sua cabeça e assentiu nervosamente. Chloe riu de seu aspecto.

— Meu nome é Luke- disse desinteressado.

— O “L” significa Lucius

— Bonito nome

Ficou atônito ante suas palavras. Chloe lhe viu olhar ao redor do alpendre dianteiro da cabana e logo ao Barklee.

— Ele esta bem?

Chloe assentiu e acaricio a cabeça do lobo.

— Em realidade, está perfeitamente são. Senhor...

— Luke.

Sorriu-lhe e acariciou ao lobo de novo.

— Esta bem, Sr. Luke.

Luke quase sorriu. Chloe desejou que o tivesse feito.

— É sozinho, Luke.

— Bem.

O silêncio que se fez entre eles foi o suficientemente forte como para que a Chloe doessem os ouvidos. Sentiu um golpe em sua perna quando deixou de acariciar ao Barklee.

– É um mimado– disse Chloe rindo-se entre dentes.

– Não tem idéia.

A declaração a fez rir e o homem ante ela a deixou ver seu sorriso.

Maldito, era magnífico.

Especialmente com essa cicatriz.

Chloe observou o homem inclinar-se e lhe fazer um movimento ao lobo para que se aproximasse. Barklee choramingou e se aproximou mais à perna de Chloe.

– Não acredito que queira ir- riu

– Pergunto-me por que.

Chloe quase sorriu pelo comentário, mas o tom que utilizou a deteve. Chloe hesitou ao fazer a seguinte pergunta depois de lhe ouvir falar. Havia algo nele que a fazia sentir-se incomodada. E não no bom sentido. Evidentemente o pequeno se sentiu igual.

– Então é um cão policial?

O homem sacudiu a cabeça e ficou olhando ao covarde animal. Chloe sentiu sua cólera crescer ao sentir que o lobo a golpeava e gemia.

– Então é uma mascote?

– Pode-se dizer– o homem cabeceio e logo se agachou para tratar de enrolar ao lobo.

– É bem mais um membro da família- sacudida de cabeça outra vez e Chloe escutou como tentativa pôr compaixão em sua voz.

– Você sabe como é isso. Estou seguro.

Chloe assentiu com a cabeça, deu um passo atrás e tratou de alcançar o colar do lobo. O ligeiro roce da mão do homem contra seu cabelo fez que sua atenção retornasse até ele.

Suas caras estavam separadas por só umas polegadas e embora ele já tivesse afastado sua mão, ainda podia cheirar onde a havia meio doido. Sua essência era forte e com aroma de madeira. Masculina. Como uma sensação quente. Com ele tão perto dela, podia ver a escura cicatriz rosada mais claramente. Sem saber o que fazia, estendeu a mão e percorreu a pele franzida com as gemas do dedo.

– Podem ser animais perigosos– Chloe não pôde deixar de notar como sua própria voz se tornou baixa e sedutora ao lhe falar, enquanto percorria a cicatriz. Nem pôde evitar que seus dedos ficassem em sua cara, ao terminar de percorrer a cicatriz.

– Fez-te isto?

O homem sacudiu sua cabeça lentamente. Como se não lhe incomodasse seu tato na pele. As pupilas de Chloe se dilataram ao encontrar seus olhares, as dele recordou as chamas. Intensas. Consumindo. O azul do fogo quando queima mais. Ele tomou fôlego antes de falar.

– O fez seu irmão.

Chloe sentiu seus dedos deslizar-se para baixo, pelo resto de sua cara e fora de sua pele.

– Quantos têm? Luke

Sacudiu sua cabeça ante sua pergunta. Chloe quase riu pela expressão de sua cara.

Um olhar que lhe dizia que desejaria que não se sentissem tão mal juntos.

– De quantos lobos cuida?

– Oh– pareceu um pouco surpreso de sua própria voz. Chloe o viu levantar-se frente a ela e lutou por manter o sorriso em sua cara ao dar-se conta do pronunciado vulto em suas calças.

– Realmente não cuido de nenhum– disse lentamente.

– Mas este tem um colar...

– Este é especial

Chloe moveu a cabeça afirmativamente, compreendendo. Logo procuro ao redor para encontrar ao lobo de novo.

– Andando, Lee

– É como o chama?

O homem assentiu sem lhe tirar a vista ao lobo que se encontrava detrás dela. Chloe sentiu ao animal agachar-se ante o olhar impaciente do homem, que soprou com irritação e pôs sua mão grande em seus quadris

– Lee!

Chloe observou a maneira em que os dedos se apertavam ao quadril enquanto falava com lobo. Ao ver sua falta de paciência com tão belo animal, sentiu crescer a cólera, como cada vez que via um amigo de quatro patas serem maltratado.

– Senhor. Possivelmente deveríamos deixá-lo aqui por alguns de dias-sugeriu com calma enquanto se situava diante do lobo.

– Acredito que está um pouco traumatizado pelo que lhe passou.

Chloe viu como rangia os dentes e dobrava a mão enquanto olhava ao pobre animal detrás dela. O nariz do Barklee se havia posto morna contra sua panturrilha.

– Vai pensar que está traumatizado quando chegar em casa– declarou o homem com um grunhido baixo e rouco, que fez ao Chloe ter que envolver-se com seus braços para ocultar seus mamilos endurecidos.

– Senhor Caine, se pensar...

– Meu nome é Luke!

Chloe estalou a língua contra seus dentes e apertou seus braços.

– Bem, então, Luke– cuspiu

– Se for assim como lhe fala com este pobre animal, não me assombra que não queira ir para casa contigo.

Observou a raiva crescer nos olhos do homem, que a assustaram mais do que antes desfrutou. Imediatamente compadeceu ou respeitou mais à esposa desse homem. Mas não estava segura de por qual se inclinava mais.

– Pode ficar por um tempo – declarou e deu um golpe ao Barklee com a parte de atrás de seu pé.

– Não pode ficar aqui.

Chloe observou ao homem passar a mão pela cara com irritação. A cicatriz lhe avermelhou e se suavizou de novo quando voltou a relaxá-la.

– Não se pode ficar aqui Senhorita...

– Doutora.

– O que?

Chloe conteve um sorriso por sua confusão. Estava acostumada, embora Doutora Evans não tenha sido nunca um título que lhe encaixasse. E certamente não parecia uma zoóloga.

Possivelmente uma modelo de talha grande. Impressionante, ruiva, busto grande, definitivamente esculpe 14. Mas não um saltimbanco da selva, exploradora de campo, com título em zoologia.

Chloe sempre encontrava que seu cérebro espantava a maioria dos homens. Especialmente quando estavam sentados frente a uns peitos do tamanho de uma cabeça de homem e suficiente cabelo vermelho para preencher uma poltrona.

– Meu nome é Doutora Chloe Evans – declarou orgulhosamente enquanto o homem trocava de novo sua postura.

Chloe sorriu abertamente ante o desconforto que ele sentia em suas calças e ante o pensamento de que possivelmente no L. B. Caine tinha encontrado a um desses estranhos homens que pensavam que a inteligência era melhor incentivo que os implante de silicone no peito.

– Doutora de que? – Pergunto com um tom ligeiramente coquete. Um tom que para desejar Chloe que a química entre eles não fora tão forte. Ele poderia ter sido uma grande diversão atado à cama de colunas de seu tio, aventurou.

– Estudos Zoológicos– disse distraidamente, olhando a maneira em que suas calças se estiravam mais entre suas pernas.

Sorriu e Chloe viu sua cicatriz franzir-se com o movimento.

– Então os animais são sua paixão.

Chloe sentiu como se umedecia seu entre suas pernas, pela maneira em que lhe disse essas palavras.

E pela definida mensagem que lhe enviou silenciosamente com seus olhos, que a percorreram de acima a abaixo. Devolveu-lhe o sorriso e apertou sua bata antes de dar um passo atrás e lhe permitir ao homem entrar na cabana, um momento.

Ele sacudiu a cabeça negativamente. A contra gosto.

Chloe pensou casado, dois filhos. Uma hipoteca do tamanho da dívida nacional.

Mas um imponente paquerador.

– Seguro que não quer entrar.

Luke sorriu e sacudiu a cabeça afirmativamente.

– Só preciso de meu lobo.

Luke fez sua declaração sem absoluta convicção. Chloe o observou olhar sobre seu ombro às portas de cristal da parte de atrás da casa. Enquanto se enfocava detrás dela, Chloe quis manter o olhar nessa boca deliciosa que tinha em frente, mas quando se girou para procurar o Barklee não o encontrou, viu-se obrigada a voltar completamente à cabeça para procurar o lobo. Seu próprio olhar vislumbrou ao lobo correndo através de seu pátio para os bosques.

– Como chegou aí tão rápido?

Chloe se girou bem a tempo para ver o Luke aproximar-se. Outra vez, Chloe cheirou o morno e gasto aroma, que sabia, era criado pela natureza só para fazer que normais, sãs e respeitáveis mulheres atuem como frescas desavergonhadas somente cheirando-o. Sacudiu a cabeça para dispersar o aroma, enquanto Luke fechava um pouco mais o espaço que havia entre eles.

– Barklee? – Chloe o chamou sobre seu ombro, sem lhe tirar os olhos de cima ao homem que tinha frente a ela. Sábia que o lobo estava muito longe e não a escutaria, mas o chamou de novo; só para tratar de ignorar a tensão que havia no quarto, parecia que era o correto.

Luke deu um passo mais, fechando a distância entre eles e se deteve para fechar a porta principal com a ponta de sua bota. Chloe o observou fixar o olhar nela já sem nenhum interesse em seu lobo.

– Crê que encontrará o caminho para casa?

Luke afirmou bruscamente sem falar. Sem preocupar-se realmente de se seu mascote podia encontrar sua casa, pensava, sem tirar a vista desses hipnóticos olhos azuis.

L. B. Caine era fisicamente o mais próximo que tinha encontrado à encarnação de sua fantasia. Mas nunca seria um casal. Ele não era o homem do que se supunha se apaixonaria ou com o qual passaria o resto de sua vida. Inclusive ao estar

parada frente a ele, sentia seu corpo molhar-se só de vê-lo, mas também sentia uma pontada ao saber que o que estava passando entre eles estava muito mal.

Chloe deixou vagar seus olhos por seu corpo, detendo-se para avaliar sua excitação. Seu pênis estava inchado dentro de suas calças e era de uma longitude impressionante, além disso, era fácil fazer uma avaliação, posto que Luke não fazia nada para ocultá-lo com sua postura. Chloe pensou que o fato de ser a mulher que tinha provocado tal reação nesse homem maravilhoso que havia frente a ela, era o mais excitante da situação.

Chloe sabia que a ia tocar. Não passou muito tempo antes que sentisse as gemas de seus dedos sobre o dorso de seu pescoço e entendeu exatamente o que Luke Caine ia fazer.

Quisesse-o ou não.

A sensação dos dedos do Luke agarrando seu pescoço para aproximá-la a ele, era menos natural que a reação que tinha sentido ante o alfa. Luke era forte. Muito forte. E embora pressentisse que o fato de ter as mãos detrás de sua cabeça e essa boca pressionando a sua era algo que nunca devia passar também se sentia muito bem. Embora só fora por sua solitária e quente carne. Tinha passado quase um ano desde que tinha tido um amante e até então, o homem com o que tinha saído deixou muito que desejar na areia sexual.

Luke rompeu o beijo violentamente enquanto a empurrava à poltrona e separava suas pernas; ante isto, qualquer homem que tivesse podido estar em sua vida perdia sua posição. E quando o homem apartou a bata procurando debaixo dela, sustentando seu traseiro com ambas as mãos antes de baixar sua língua avidamente para seu molhado e faminto sexo, Chloe esqueceu-se que alguma vez outro homem a havia tocado.

Luke começou a devorar sua vagina com sua boca. Chloe tinha permitido que suas defesas caíssem, enquanto Luke tinha utilizado seus lábios e sua língua para introduzir-se em sua boca, ao não imaginar-se que isto o pudesse fazer um total desconhecido. Mas agora, pensar, que essa mesma língua, lábios e até os borde afiados de seus dentes, pertenciam a um homem que não conhecia, fez liberar entre suas pernas de toda a evidência de excitação, o sentido comum de Chloe começou a se reagrupar e reconstruir suas forças.

– Luke

Luke ignorou sua voz e seus dedos enterrados em seu cabelo. Sem dúvida, porque o que tinha querido que soasse como uma petição para lhe dar um minuto e que pudesse pensar no que estava passando, soou mais como uma chamada sem fôlego do nome de um amante. E o movimento de suas mãos lhe disse que seu corpo estava desfrutando do que lhe faziam. Mas sua mente até sentia a mesma inquietação por seu toque. Chloe tirou os dedos de seu cabelo, agarrou a borda da poltrona com ambas as mãos e trato de que sua voz soasse, mas forte e menos como a de uma mulher que esta sendo agradada.

– Luke, Por favor

Luke lhe jogou uma olhada breve antes de deixar seu traseiro com uma das mãos e levar a outra aos lábios de seu sexo. Chloe sentiu o roce áspero dos dedos calosos sobre o cabelo loiro avermelhado que ocultava a fenda de sua fatia excitada e vazia. As gemas dos dedos procuraram, separaram seus cachos e exploraram, omitindo cada vez, deliberadamente, o duro e inflamado casulo de seus clitoris.

Chloe sentiu como suas costas se arqueavam sem sua permissão. Sua mente não tinha nada que ver com que sua pélvis se inclinasse e se levantasse para oferecer sua ajuda a este sujeito e que encontrasse a pérola escondida entre suas pernas. A mão do

Luke continuou vagando pela paisagem molhada de seu monte e através dos cachos acariciou sua carne torcida, sem benzer com seu toque, a pequena cabeça de seu membro feminino.

Conscientemente, ela não queria que os dedos do Luke incitassem e atormentassem o casulo de carne cuja satisfação solidificaria sua categoria como o mais recente e por muito, o mais inquietante amante que Chloe tivesse tido. Inclusive mais inquietante do que o alfa tinha sido para ela. Chloe podia racionalizar isto a sua maneira. A inocência do animal fez que sentisse menos culpa. Sua mente podia controlar sua crença e suas conclusões, quando pensava porque se excitou e molhado sob o corpo do alfa.

Mas este era um homem que sabia exatamente o fazia. E Chloe sabia que os dois tinham a habilidade de deter-se antes de atuar como animais. Ao menos sua educada e pensante mente, sabia.

Sua carne, por outro lado, não era tão fácil de convencer. Tamborilava de desejo por ser descoberta. Isso picava e a fazia discutir consigo mesma. Rogou inclusive, enquanto começava a consolar-se com o impulso e o ritmo de seu corpo. Suas unhas cravadas no tecido debaixo delas, enquanto Chloe lutava para tornar-se atrás com urgência, sentindo a destruição de cada noção do controle que tinha. Ao aumentar a luta, Chloe sentiu que sua mente começava a balançar-se, inclinando-se para os desejos de seu corpo. E ao final, a determinação do homem de instigar a união resultou ser o menor dos detalhes, pois o que fez cair sua resolução, foi seu menor pedaço de carne sexual.

Femininos e pequenos dedos enroscaram-se ao redor dos grandes dedos masculinos pertencentes ao Luke e guio sua mão através dos cachos. Inundou seus dedos entre as dobras mornas de sua matriz externa. E finalmente, deixou-os sobre o minúsculo casulo que reina o prazer de uma mulher.

Chloe suspeitou que isto fosse exatamente o que Luke tinha querido que fizesse. Suspeito que Luke a tinha tentado, para o simples feito de forçá-la a tomar o que queria. Chloe acreditava desde fazia muito tempo, que o verdadeiro prazer do homem não residia no orgasmo, se não em seu poder de deixar a uma mulher tão necessitada como fora possível, ante seus próprios desejos.

A reação deste homem ao tomar a iniciativa e guiá-lo a seu prazer, foi imediata e poderosa. A gema de seu polegar pressionou contra seus clitóris em um movimento circular. Com gentileza ao princípio. Mais forte quando lhe soltou a mão e o deixou livre. A pressão e a fricção eram perfeitas. Esquisitamente, estimulando e causando que seu sexo se flexionasse dentro de si, desejando a necessidade de ser cheia por uma parte desse homem. Chloe ofego procurando sua cara e seu pescoço para tentar rebaixar a intensidade do que lhe estava fazendo sentir.

Luke sacudiu sua cara para afastar-se dela e então retirou sua outra mão de seu traseiro. O indulto deu à mente de Chloe o tempo suficiente para tomar o mando de seus sentidos outra vez, inclinando-se para frente para tentar empurrar seu corpo para trás sobre a poltrona, longe da dor que lhe causava ao agradá-la. Mas encontrou seus esforços desnecessários.

Luke se deteve. Chloe se apressou a acomodar-se de novo sobre a poltrona e começou a colocar a bata, mas foi detida quando Luke alcançou suas mãos com as suas, enlaçou seus braços detrás de suas costas e colocou suas mãos em seu traseiro. Sem esforço, o corpo de Chloe foi empurrado de novo à borda da poltrona com um forte e simples puxão dos braços do Luke. Sustentando ambos os pulsos, debaixo de seu traseiro com uma só mão. A rápida e brilhante engenharia física do Luke tinha levantado os lábios inchados e famintos entre suas pernas diretamente para sua boca.



Chloe sentiu os dentes. Língua. Um beijo de seus lábios. Uma dentada, uma lambida e ambos ao mesmo tempo. A carne externa de seu sexo foi agarrada e tirada por seus dentes. Chupada antes e depois de soltá-la. Os dedos de sua mão livre se impulsionaram dentro dela e arrastaram para fora seus sucos. O mel de sua profundidade saiu à turba em sua língua. Para sua ávida boca. O que não agarrou, gotejo para seu sexo e até o rosado e apertado casulo de seu traseiro onde a língua e lábios do Luke também viajaram enquanto ele bebia seus líquidos.

Isto era com muito o melhor sexo oral que tinha tido, e fez com que seus femininos músculos íntimos rogassem ser profanados pelo aguilhão deste homem, apesar do que sua mente e coração queriam. Seu corpo o desejava dentro dela. Empurrando nela. Usando cada onça de força que tivesse, para empurrar nela, até que rogassem que enchesse e saturasse sua vagina com sua liberação.

Mas seu coração seguia discrepando com seu sexo e o desejo de seu corpo. Suas fantasias sempre se pareceram ao que este homem lhe estava fazendo. Tomando o que queria. Mas até com o prazer físico que Luke lhe estava proporcionando em seus clitoris, com as mãos e a boca, lambendo, tocando e mordendo, Chloe não encontrava a pressa que se imaginou em seus sonhos. Sabia que o orgasmo que com tal estimulação poderia sentir a faria retorcer-se e gritar de prazer, se o homem correto utilizasse as mãos e a boca do Luke. Mas não sentia nem um indício do entristecedor clímax emocional que se imaginou que sentiria com um homem digno de ser seu casal.

Pela primeira vez em sua vida, Chloe suspeitou que em realidade tivesse rasgos românticos.

Evidentemente Luke Caine não os tinha. Mas o que o homem se possuía era talento. Talento sexual cru e natural. Como se realizasse uma tarefa para a qual tinha sido treinado.

Extremamente bem treinado. De fato.

Mas era expresso por mãos que eram frias em espírito, segundo a opinião de seu coração. E visto através de uns olhos que não tinham dentro amor por ela, quando a olhavam.

Chloe tomou ar profundamente e procurou o homem entre suas pernas. Seu clitoris atirava de impaciência por relaxar-se e permitir a liberação. Mas isso não ia passar.

Inclusive se queria permiti-lo, Chloe sabia que nada que este homem pudesse lhe fazer fisicamente, ia compensar o que faltava entre eles.

– Luke?

Chloe ofegou porque Luke não lhe fez caso ao dizer seu nome e em troca procuro em seu interior, arrastando dois compridos e grossos dedos dentro da parede de seu sexo. Chloe tremeu ante a sensação que sentiu e que sabia deveria ter suprimido durante essas atividades, até agora tão deliciosas, que a tinham impedido de ver a situação de outra maneira. Os mesmos dois dedos se fundiram uma vez mais e Chloe gritou esta vez quando os retirou e esfregou sob a área torcida e dolorida entre suas pernas, enquanto lhe pressionava o talão de sua palma contra seu pêlo púbico.

– Relaxe

Chloe abriu seus olhos e o encontrou olhando-a enquanto trabalhava seus dedos dentro dela outra vez. Seu ronrono ao falar era baixo e mais sedutor que qualquer ação que tinha realizado até o momento. Os olhos dele se abrandaram ao ver sua expressão, sua reação, o olhar de confusão necessitava que Chloe sabia, tinha em seu olhar enquanto o observava. Como a tensão não tinha desaparecido de seu rosto aos poucos segundos de sua ordem, Luke levantou as sobrancelhas e bruscamente extraiu seus grandes dedos de seu interior e esfregou outra vez sobre a área intensa e dolorida

que tinha encontrado. A voz troco outra vez em algo que Chloe não tinha escutado de sua garganta.

– Disse-te que te relaxasse, mulher.

Seu grunhido era uma ordem que a assustou e a agarrou fora de guarda. E deu a sua mente, justo o milésimo de segundo que necessitava para esquecer a tensão de seus músculos e nervos.

O corpo de Chloe se contraiu e apertou, tendo que esquivar sua mente e reflexos por um segundo antes de sucumbir. Então se libero completamente em uma nova e quase aterradora onda de prazer. Um prazer físico que tinha começado a construir muitas vezes antes, mas nunca tinha experiente o que poderia ser. Chloe tremeu e sentiu um fogo congelante percorrer seus membros, até a ponta de cada um de seus dedos, fazendo uma pausa de só um segundo antes de retornar ao mesmo lugar que Luke fazia acender dentro dela.

Uma vez em movimento o corpo de Chloe deixou de resistir ao que estava passando. Músculos e nervos, nunca deliberadamente usados, contraíram-se, relaxaram e se dobraram, despertando pela primeira vez como se supunha deviam fazê-lo. Fazendo-a consciente deles. E em seu despertar, apagando o que secretamente tinha acumulado dentro dela ao longo de sua vida.

Um dilúvio feminino, morno, verteu-se na palma aberta da mão dele.

Os espasmos trementes continuaram por vários segundos ordenhando de seu sexo até a última gota de líquido que ténia. Secaram-na. Chloe Miro ao homem que lhe extraiu sua própria classe de sêmen feminino até sua boca e sentiu que um tipo de esgotamento profundo assumia seu corpo. Mais agora do que havia sentido alguma vez. Mas estas sensações não a faziam sentir-se oca. Mas bem era um alívio.

Enquanto Luke bebia a lambeduras da umidade de sua mão e logo levantava seus lábios até quase tocar os seus, Chloe sentiu um puxão completo de esgotamento físico e satisfação, começando na base de seu crânio e seguindo o caminho da reação estranha que lhe tinha provocado.

– Algum homem te tem feito sentir antes um clímax assim?

Chloe podia cheirar a evidência ácida da ejaculação enquanto seus lábios tocavam os seus. Mas não tinha vindo dele. Ou de qualquer outro homem. Chloe sacudiu a cabeça em resposta a sua pergunta e percebeu outro jorrar de sua própria ejaculação. A evidência de outra fábula evasiva que tinha lido e tinha escutado, mas nunca tinha tido um amante o bastante talentoso para drená-la antes de agora.

– Você gosta?

Chloe apartou seus olhos por sua pergunta. Tinha gostado. Embora lhe tivesse assustado ao princípio por sua intensidade, estranhas pressões e métodos de expressão. E porque isto parecia muito mais físico na natureza e não tinha necessitado os mesmos componentes emocionais que considerava necessários para o orgasmo.

Chloe maneou a cabeça afirmando e sustentou seu olhar. Quis acreditar que julgando sua satisfação.

Mais até, suspeitou que julgava sua honestidade em sua avaliação de suas sensações. Luke subiu seus dedos e agarro sua cara entre eles. Estavam molhados. Pegajosos dela. E eles e seu fôlego cheiravam a seu sexo.

– Provaste-te alguma vez?

Tinha-o feito. Mas Chloe Miro fixamente seus olhos e permaneceu quieta. Tinha provado seu corpo várias vezes, no isolamento de seu próprio prazer e do pênis molhado de um amante que tinha estado dentro dela. Mas Luke queria que ela dissesse que não.

Então o fez.

Chloe o viu molhar seus lábios e inclinar-se para ela para molhar os seu com o mesmo movimento. Sua vagina pulsava zangada por seu rechaço ao não lhe permitir que tomasse o que ela queria deste homem. Seu clitóris palpitava em um ritmo similar. Palpitando. Insistindo que lhe permitisse agradar o que estava sendo devotado.

O doce e salgado sabor de seu próprio corpo cheio sua boca quando a língua do Luke se embutiu dentro dela, cobriu suas papilas gustativas com o sabor do que ele acabava de provar entre suas pernas. A língua de Chloe encontrou a sua, averiguando seu próprio sabor. Decidindo que agradável ou ofensivo eram a mescla de sua boca e seus sucos para seu paladar.

Os sabores e aromas de sua intriga sexual sussurrando nas profundidades da psique de Chloe. Atraindo-a fazia uma atitude igual, imaginava, a que seus lobos desfrutavam. A mesma atitude que Luke pareceu decidido a manter.

A maneira primitiva em que suas mãos se agarraram e começaram a atirar dolorosamente da carne tensa de seu traseiro, trazia para sua mente as ações dos machos alfa refreando às fracas e menos inclinadas fêmeas quando as montavam e emparelhavam. Os dedos humanos que amassaram e se dobraram nela, insinuavam uma presa masculina em carne feminina quando o impulso de reproduzir-se tomou seu lugar como à atual divindade do bosque.

O confinamento automóvel imposto em tal bosque, e o tempo gasto nas loucuras de sua imaginação, começaram a orquestrar o fracasso de sua civilidade. Seus dedos se teceram com o cabelo, que se sentia como seda morna e crua entre suas mãos. Aferrou-se de forma egoísta a ele e se levantou da poltrona, utilizando a negra juba espessa para estabilizar-se e parar-se durante a ação.

Chloe sentiu que apartavam as bochechas de seu traseiro enquanto Luke ajustava seu ainda vestido pênis e o pressionava firmemente contra seus cachos empapados e sua vagina nua. Sua língua invadiu sua boca uma e outra vez; o aroma e o sabor de seu orgasmo agora simplesmente circulando em um quarto cheio de aromas fortes, velhos, sabores de excitação animal e parcial satisfação.

Sexo com o Luke Caine tinha sido a última coisa que Chloe queria quando ele pôs suas mãos nela pela primeira vez. Mas agora, nem seu coração nem sua mente encontravam uma razão suficiente para lhe negar a seu corpo o que ansiava. Queria-o dentro dela. Queria a longitude de aço que sentia pressionar-se contra seus clitóris para que a conduzisse de todas as maneiras. Profundamente dentro de seu sexo. Debaixo de sua garganta. Entre as bochechas virgens de seu traseiro.

Chloe sentiu a frente da poltrona detrás de suas costas no momento que Luke a levantou e pressionou mais duro contra ela. Seus dedos encontraram a fivela de seu cinturão e o sustentou. Suas mãos tremiam ansiosas fazendo seu agarre instável e desalentando sua tarefa. Chloe grunhiu de um modo não elegante de excitação e frustração e o empurro o bastante para tentar outra vez liberar seu pênis de sua prisão.

– Não

Outro grunhido tinha criado a palavra. Chloe sentiu suas mãos vacilar sozinha por um segundo antes de continuar. Inclusive antes que sua mente lhe desse permissão. O apertão esmagador que lhe deu Luke a seus dedos, parou suas ações completamente.

– Disse que não.

Via-se zangado com ela por isso. Zangado por suas necessidades. Zangado com ela por trair o que seu coração e sua mente sabiam. Chloe o via em seus olhos. Enrugando sua frente e deformando sua cicatriz para mostrar a raiva que podia causar tal deformidade feita pela mão humana.

Chloe respirou profundamente. Procurando fazia acima para flexionar fortemente seus dedos através da seda negra, crua em sua própria demonstração de cólera por sua decisão. E logo olhou fixamente esses olhos, esperando o indulto de sua cólera e o alívio aos impulsos que ele tinha sabido despertar dentro de sua matriz.

Luke sacudiu sua cabeça e a mudança a uma menos íntima conexão com seu pênis.

– Não pensei... – Deteve-se. Não tinha querido zangá-lo, mas isso não era o que queria dizer. Não tinha querido desejá-lo. Chloe não tinha intenções de desejar a um homem que se sentia tão incorreto em seu coração. Mas realmente o quis. Ao menos fisicamente.

E isso era muito mais do que tinha querido a qualquer homem que tivesse conhecido desde fazia muito tempo.

Infelizmente, Luke Caine tinha segundos pensamentos sobre o que queria. Embora Chloe não tinha idéia de por que. Sentia que seu corpo era liberado do abraço do homem e logo seu traseiro golpeio a poltrona. Todos os rastros de seu tato foram retirados de sua pele. A confusão pela reação do Luke e o desejo que sentia por ele, corriam desenfreados por sua mente e essa emoção era secundária à necessidade que este homem tinha conseguido faiscar nela. Uma necessidade que nunca antes havia sentido.

Enquanto passava o dorso de sua mão por sua boca, olhou o homem mais desconcertante e prejudicado do que pensou ao princípio, enquanto se endireitava sua camiseta e se passava a mão por seu cabelo.

Não a olhou enquanto falou.

– Se Lee voltar nos seguintes minutos, me pegaria fora por mim?

Chloe assentiu antes de compreender que não captaria uma resposta não verbal.

– Sim – e assentiu de novo apesar dela.

Luke assentiu também. E inclinou um pouco a cabeça. Mas Chloe duvidou que fora em seu benefício.

E se foi.

## Capítulo 4

Os olhos de Caine se retiraram bruscamente da tela do ordenador e farejou o ar por meio de uma inspiração profunda. O aroma era débil, mas aumentando segundo a segundo.

Seus olhos se moveram para explorar o pátio da casa e seus ouvidos humanos se aguçarão, preparados para poder captar um som que pudesse lhe ajudar a identificar esse aroma.

A cauda de Lee apareceu rapidamente através do mesmo fundo da linha de visão de Caine. Rapidamente seu próprio aroma o saudou e se despediu da glândula olfativa de Caine. Não tinha sido ele.

Separou-se do escritório e se levantou. O aroma era intenso. Familiar, embora de uma maneira que confundiu a tranquilidade e o reconhecimento de Caine.

Um membro da manada. Seu gêmeo. Caine afirmou ausente, quando detectou o aroma pessoal do Luke como parte do aroma estranho que invadia seu território.

Seu sentido auditivo captou o som do jipe de seu irmão, antes que pudesse vê-lo vir pelo passeio de duas milhas? – que finalizava em sua guarida.

E o reconhecimento do outro aroma, veio-lhe uns momentos depois.

\* \* \* \* \*

As largas e negras orelhas de Lee ergueram-se a causa do golpe que fez vibrar a parede na zona onde tinha colocado seu pôster da Marilyn Manson. A gritaria aumentou, para chegar retalhos da discussão até seus ouvidos, quando de repente, com sua visão em branco e negro, captou como uma tachinha da esquina direita do pôster saía disparada para ele devido a outro golpe e graças a seu reflexo animal colocou seu corpo em uma posição pela que a maioria dos homens dariam um testículo por ser capazes de imitar.

Lee se inclinou e lambeu amorosamente seu solitário testículo.

– Posso cheirá-la sobre ti!

Ante as acusações do alfa, que soavam na habitação continua, Lee ouviu por um momento a entrevista de seu primeiro baile de graduação. Ainda em um mundo em branco e negro, Lee olhou pela janela, além do arvoredo. Para a cabana.

Então era esse o aroma.

Ele somente o tinha feito a uma meia milha, mas ou menos, através do bosque pelo que tinha passado a noite anterior, onde seu irmão maior esteve a ponto de morrer pela mordida de um lobo alfa, ao descobrir este, por acaso, aquele aroma na pequena fêmea mais sedutora da manada vizinha.

Sabia que Caine perderia o controle se cheirasse aquela pequena brincadeira. Mas lhe tinha permitido cheirá-la e ele até tinha arriscado uma lambida saborosa quando ela não tinha estado olhando, havendo-se esquecido das dolorosas surras fraternais ante tanta testosterona correndo por suas veias. A fêmea tinha paquerado e jogado com energia para ganhá-lo, com seu delicioso e perfeito traseiro ao ar, para provocá-lo, mas ninguém tinha vindo à área de amparo de sua própria manada.

De fato, nem nada nem ninguém tinha aparecido durante o acontecimento.

Lee choramingou e seguiu com seu próprio estilo de cachorrinho feliz, enquanto escutava a seus irmãos lutar na habitação continua.

– Disse que nos assegurássemos esta vez...

– Disse que eu ia assegurar-me esta vez!

– Ela não esta ovulando ainda!

– Não era seu dever comprovar isso!

– Caine, se a manada te esperar para determinar a fecundidade desta fêmea...

Fecundidade?

Lee jogou uma olhada ao dicionário que seu pai lhe tinha dado o Natal anterior. Foi um inferno conseguir convertê-lo em um batente para a porta.

–... estamos vendo a extinção de uma espécie em nossa geração.

Não esta lista para ser impregnada ainda.

Lee cabeceou e riu de sua própria inteligência e logo se moveu bruscamente para morder-se algo que não sentia e inclusive não podia ver o avanço lento por sua pele. Melhor não perguntar. Nunca tinha entendido o impulso de fazer isso.

O golpe que agitou as duas tachinhas restantes do Sr. Manson, distraiu a atenção de Lee, longe de seus imaginários insetos horripilantes. Mas o tom da voz de seu irmão alfa causou que lhe parecesse levar uma manada nova deles, começando a correr por sua nuca.

– Não tenho por que deixar a ti ou Lee procriar, Luke, – grunhiu Caine.

– Faço-o porquê são meus irmãos e vos amo.

O seguinte golpe veio com um grunhido que Lee reconheceu como de seu irmão maior.

– O lobo em mim tem que te escutar, Caine, – a voz do Luke retumbou e Lee saltou ante o novo golpe. Luke estava obviamente fora do controle. Sabia que estava longe de ganhar no Caine... Apesar de suas diferenças, Caine era o alfa, Luke sabia e respeitava isso. Ao menos o lobo no Luke o parava. E o lobo nele sabia, que pôr suas mãos sobre o Caine em um ato de outra coisa que não fora a defesa pessoal, era razão suficiente para a expulsão da manada.

Ou a morte.

Meagan tinha sido a última coisa que tinha provocado este lado irracional, o lado humano do Luke.

– Mas possivelmente não sou totalmente tão animal como você gostaria de pensar, – seguiu Luke. Lee se esforçou por ouvir no silêncio que sobreveio na outra habitação.

O muito distinto e muito forte aroma do medo chegou através do ar.

Mas de quem?

– Ou possivelmente sou até mais animal do que qualquer de nós, alguma vez, possa-se ter imaginado.

\* \* \* \* \*

O roce na porta de cristal era suave, quase corte.

Chloe se surpreendeu rindo quando o lobo a olhou atentamente através do cristal e logo chutou o agarrador outra vez. Fechou o livro no que tinha estado trabalhando e caminhou nua e descalça para as portas.

– Aposto que desejaria ter dedos, verdade?

O lobo choramingou uma súplica de cachorrinho e se sentou para olhar-lhe fixamente com seus grandes olhos azuis. Chloe sentiu como lhe derretia o coração ante seu olhar.

E seu ventre se derretia com as lembranças.

Ela assinalou ao lobo pelo cristal.

– Se te deixo entrar tem que ser bom – sorriu abertamente e pôs a ponta do dedo contra o cristal.

Ele o lambeu ao outro lado.

Ela riu em silêncio, sacudiu a cabeça e abriu a porta para deixá-lo entrar.

Chloe viu como o lobo entrava como se tivesse um convite permanente. O animal foi diretamente a sua cama. Seu peso fez que os moles da cama rangessem e o colchão soasse com um forte plaf quando se tombou no meio.

– Oh não, – Chloe sacudiu a cabeça.

– Não vamos fazer isso outra vez esta noite. – Chloe aplaudiu o traseiro do lobo para tentar afugentá-lo de sua cama. Ele se moveu ligeiramente e a olhou antes de girar a cabeça e posá-la sobre suas patas dianteiras.

– Moço, disse que não sobre a cama, – repetiu-lhe e aplaudiu seu traseiro um pouco mais forte. O lobo deixou escapar um som irritado e se levantou em meio da cama antes de saltar ao chão. Chloe levantou a perna para subir, mas se encontrou com o pulso agarrado entre a navalha afiada de dentes, postas em uma forte mandíbula, que a impulsionavam a ir exatamente onde ele queria que ela fosse.

O lobo atirou-a para baixo, até tombá-la totalmente sobre a manta trançada que havia no chão, logo passou sobre ela tombou-se ao lado e colocou a cabeça em seu ombro antes de suspirar longamente, com alegria e fechar seus olhos.

– É um cabeça-dura muito esperto.

Sabia que não conseguiria dele um sorriso zombador.

Chloe se levantou um pouco e agarrou um travesseiro que se colocou detrás da cabeça. O lobo jogou uma olhada em cima da cama, logo a olhou e conseguiu que Chloe sorrisse e lhe acariciasse a cabeça, quando agarrou entre seus dentes a esquina do edredom e o arrastou sobre eles. Moveu-se se colocando mais perto, orientando-se para ela. Olhar fixamente dentro desses olhos, a fez querer esquecer que era somente um lobo.

– É magnífico, sabia?

O lobo piscou devagar e Chloe soprou ao notar que estava de acordo na opinião que tinha sobre ele mesmo.

– Uma pouco de modéstia não te faria mal.

O alfa bocejou e estirou suas patas.

Uma delas, grande e quente caiu sobre seu ventre. Chloe a agarrou e a tirou de cima.

– Não faremos isso outra vez esta noite, – declarou quando bloqueou sua tentativa de pôr a pata sobre seu peito, outra vez. Chloe riu de seu método de atuar, pois fazendo como que ia pôr as patas em seu estomago e o pescoço, levou-as a pressionar um mamilo e entre suas pernas.

– Para! – riu, quando o jogo da alfa ficou mais intenso. As duas mãos de Chloe tinham problemas para manter-se à corrente de suas quatro patas, quando ele utilizava cada uma delas em uma parte diferente de seu corpo. Finalmente, Chloe conseguiu sujeitar suas patas dianteiras com suas mãos e as patas traseiras entre suas pernas. Apanhando os quatro membros de uma vez.

– A já! – riu e provocou que o lobo estudasse sua indefesa posição.

– Agora o que vai fazer menino esperto?

Chloe compreendeu rapidamente que não deveria ter tentado sua sorte com essa besta.

Seus dentes lhe morderam em uma zona de cócegas, justo entre suas costelas. Chloe gritou renda-se quando o alfa beliscou e lambeu nesse ponto, torturando-a até o ponto de urinar-se e logo se moveu para baixo um pouco até encontrar outro ponto e atormentá-la. Ela tentou torcer-se para afastar-se dele, mas a não ser que deixasse ao menos duas de suas patas, estava apanhada.

O captor havia-se feito de escravo.

– Para! – gritou de repente e riu a gargalhadas. Aquele maldito sorriso zombador refletido em sua boca e seu olhar ficaram fixos em sua cara enquanto elevava a vista de vez em quando para assegurar-se de que ela seguia desfrutando do que lhe estava fazendo.



– Para! – riu e liberou suas patas dianteiras para evitar que sua boca seguisse lhe fazendo cócegas e ela fizesse xixi. As risadas tolas voltaram em feitas ondas durante vários segundos quando ela ficou ao lado dele e o viu desfrutando-se de seu lucro. Finalmente, sentiu como o lobo se trocava de posição e se instalava outra vez a seu lado, mas a certa distância e lhe dando as costas. Chloe estendeu a mão e acariciou o liso cabelo negro de seu pescoço e seu flanco.

– Hoje conheci um homem, garoto.

Chloe viu que os olhos do alfa permaneciam abertos e olhavam fixamente através do quarto quando lhe falou. Quase como se a escutasse. Chloe se levantou para apagar o abajur e rodou ficando de costas e com o olhar fixo no teto.

– Era quase perfeito, – murmurou.

A respiração do alfa era estável. Calmante. Chloe fechou seus olhos e deixou a sua própria respiração igualar-se a do animal que tinha ao lado.

– Ele era também magnífico, – murmurou.

– E me fez desejar fazer coisas que nunca me tinha imaginado fazendo antes. Coisas que nunca tinha imaginado que me fizessem, – sussurrou silenciosamente ao ouvido do alfa.

– Nunca diga a ninguém que te disse isto – ela riu de sua própria insensatez e acariciou o flanco do alfa, – mas com um pouco de trabalho, penso que possivelmente poderia ser o que procuro –, declarou. E logo riu bobamente.

– Ao menos no dormitório.

– É terrível para mim, admitir isto?

O alfa estava imóvel. E tranqüilo. Chloe quis imaginar que estava pensando o que ela acabava de dizer. Quis sentir ao lobo ao lado dela e permitir a suas fantasias jogar em sua mente. Durante só um momento, Chloe quis fingir que ele era um homem. Um homem como o que tinha sonhado encontrar. Um homem muito, muito similar ao Luke Caine.

Mas não exatamente.

## Capítulo 5

Se havia um traço no ser humano que Chloe não podia suportar era a falta de honradez. Um estudante fazendo armadilhas em um exame ou um colega ocultando para seu próprio proveito uma investigação que poderia beneficiar a outros, fazia ferver o sangue de Chloe. Pensar que um amante a tinha enganado enfurecia-a até o ponto da violência.

Se conseguir sobreviver à brutalidade com a que Luke Caine a estava possuindo, ia matar o bastardo. Se antes não caía profundamente apaixonada por ele, poderia cometer um homicídio.

Chloe jogou uma olhada para a parede, construída de troncos, de seu dormitório. Apenas o dorso das mãos de Caine era visível na escuridão. As suas não

eram visíveis absolutamente. Suas palmas estavam pressionadas contra a madeira e suas mãos ocultavam as suas enquanto as sustentava ali, sobre sua cabeça.

Sentir seu duro, quente pênis e seu pêlo púbico contra seu traseiro, a fez esticar-se...

– Relaxe.

Outra vez essa palavra. E esta vez, seu tom de voz lhe tinha delatado. Insinuava ao Chloe que ele não tinha sido totalmente honesto com ela quando se conheceram. Seu tom era diferente. Esta noite, suas mãos, sua boca e suas carícias lhe falavam de seu engano. Eram ainda fortes e brutais, mas havia um toque de humanidade sob tudo isso, que esteve quase segura de perceber. Mais à frente do coração frio e insensível de um homem que a esfregava da maneira tão incorreta, Chloe imaginou que se conseguisse rachar essa rocha e abri-la, o ventre de sua alma estaria coberto de suave pele.

Algo dentro de seu coração tinha captado também uma rajada de seu segredo.

Ela não havia sentido sair o alfa. E tampouco nem tinha idéia de quanto tempo tinha passado desde que o lobo saiu, abrindo com um sonoro golpe a porta de cristal, até que Luke entrou em seu dormitório, indubitavelmente utilizando o mesmo caminho.

O que realmente sabia, era que ao homem não havia encontrado nenhum esforço para levantar seu saudável corpo feminino do chão e subir para a cama. E sabia que tinha tomado menos esforço ainda, colocá-la em uma posição quase idêntica a que tinha observado aos lobos utilizar quando se acasalavam. Mas sobre tudo, Chloe teve a forte suspeita de que tinha julgado mal o homem sobre sua maneira de lhe fazer amor.

– Quer isto, Chloe?

Seu pênis estava dolorosamente duro quando se apertou contra ela. Seu fôlego era quente, úmido e sedutor junto a seu pescoço e em seu ouvido. Suas mãos já tinham resultado brutas quando ele a tinha agarrado, e inclusive enquanto se flexionavam contra seus pulsos, pareciam ambiciosas devido à fome que as controlava; e agora, elas lhe diziam muito claramente, apesar de seus atos quando a sujeitaram com uma firme pressão sob suas mãos, que não devia mover-se daquela posição embora ele deixasse de sujeitá-la, mas que não a castigaria muito severamente, embora o fizesse.

– Me diga que quer isto, – sussurrou.

Chloe gostava de obedecer esta classe de ordens.

Chloe gostava de obedecer às ordens dos homens como Luke Caine e gostava de sentir a urgência atravessando sua mente, seu coração e sua alma enquanto ele a explorava e a provava, inclusive danificando às vezes sua carne em seu intento de encontrar tudo o que podia fazer a ela e somente a ela.

Chloe maneou afirmando e logo sentiu suas mãos deslizar-se por seus braços.

– Falei que me diga, – ordenou-a com firmeza. Mas ela tinha ouvido a tácita ternura de sua voz.

O homem detrás dela não só era capaz de sentir amor, mas também era tão incrivelmente capaz de senti-lo que algumas vezes o consumia. Controlava-o. O fazia parecer vulgar e cruel quando tentava expressá-lo.

– Quero isto, – sussurrou ela enquanto escutava as outras coisas que suas carícias silenciosamente lhe diziam.

– Quero você.

Naquele momento, Chloe acreditou ouvir sua alma lhe dizer, que o homem cuja paixão lhe fez morder com força na suave e sensível carne de seu ombro, não o fez

para lhe infligir dor. Tampouco o fez para desenhar o sangue que Chloe lhe sentiu limpar de sua pele com sua língua. O fez porque precisava expressar algo tão angustiosamente precioso dentro dele, que às vezes tomava a forma de dor e destruição para permitir ser visto e apreciado pelo que realmente era.

Ela esteve segura de perceber isto. E o entendeu. Sempre o entendia. Chloe via isto cada dia na natureza e em seus lobos. Sabia que a morte era simplesmente uma parte triste, mas formosa da vida e que havia dor tanto na criação da vida como em trazer essa vida ao mundo. Sabia condenadamente bem, que o sexo tinha muito mais que ver com o que realmente significava a vida, que a religião ou a moralidade.

– O que pensa quando um homem está dentro de você, Chloe?

Sua pergunta a assustou. A intimidade que significava. Pensar que um homem pudesse estar dentro de sua mente, sempre lhe parecia mais íntimo que um homem dentro de seu corpo.

– Ou você somente pensa em como se sente ele dentro de você? – Apertou-a quando não lhe respondeu.

Ela sacudiu sua cabeça. Chloe sabia que jamais tinha sido o mero sexo o que queria de um homem. O que queria realmente era essa estranha conexão com outro ser humano, onde o prazer e a dor, a vida e a morte, o homem e a mulher, eram tudo a mesma coisa na natureza, e o único modo no que tal unidade possivelmente poderia ser expressa era por meio das ações, que para um observador, pareceriam ser uma guerra entre duas pessoas. Mas isto não era uma guerra ou uma luta do um contra o outro. Não era uma batalha entre o homem e a mulher enredados dentro da carne um do outro. Mas bem era uma batalha em que lutavam juntos. Enquanto trabalhavam para conseguir o mesmo objetivo.

Converter-se em um sozinho.

Mas não podia lhe dizer isto ainda.

Ela sempre tinha imaginado que os homens que tinha sonhado dos que sua avó Maw tinha falado, muito provavelmente teriam entendido isto melhor que ninguém. Um homem que era a encarnação de dois seres que nunca deveria haver-se unido. Um homem que não tinha eleição, a não ser aceitar que era um animal só porque a metade de seu ser não poderia ser classificada de nenhum outro modo. E um homem que era o resultado da tenacidade da natureza. Sua vontade de viver e sua capacidade de desenvolver-se para sustentar a vida.

– Você gosta da gentileza quando um homem te faz amor? – Sussurrou-lhe ele. Chloe sentiu sua boca sobre seu pescoço e seus dedos dirigir-se para suas costelas e depois para um mamilo.

– Ou prefere um pouco de rudeza?

Ela podia sentir sua frente pressionada contra a parte de atrás de sua cabeça, suas mãos acariciando a carne de seu traseiro. Este homem queria entrar nela. Totalmente. E ele queria que ela o quisesse ali, suas mãos e seu corpo pareciam estar bastante determinados, inclusive se lhe dizia que não queria que a amasse. Seu fôlego ofegante moveu seu cabelo, contendo-se tanto como podia, para não parecer muito obsceno em seus desejos ou suas ações para ela. Ela entendeu o que ele queria lhe fazer. E Chloe sabia que ele queria desfrutar livremente enquanto o fazia. E quis exatamente o mesmo para ambos.

Separou as mãos da parede e lhe buscou. Seus dedos encontraram seu pescoço, a obstinada linha de sua mandíbula. E logo seus lábios. Chloe empurrou contra eles, fazendo-os separar-se ligeiramente. Seus dedos pressionaram em sua boca, encontrando sua língua, e logo se movendo eles mesmos nele. Sondando dentro dele

como ela queria que ele sondasse dentro dela. Sentiu que lhe apertava a carne de suas coxas como uma dolorosa resposta a seu convite.

– Quero estar dentro de você, – grunhiu.

Ele pressionou seu pênis entre suas pernas e Chloe o sentiu flexionar suas coxas contra ela em antecipação.

Mas não tomou ainda. Chloe suspeitou pela força com que lhe tremiam os músculos das pernas apoiados contra suas coxas, que poderia lhe causar dor se quisesse. Sua necessidade continha o poder de destruir, inclusive em sua capacidade de criar.

Chloe tinha observado aos animais machos nas profundidades mais extremas de sua necessidade, enquanto se matavam entre si em sua busca para assegurar a sobrevivência de sua espécie. Tinha visto o desmoronamento, de animais fêmeas depois de ter sido montadas até o esgotamento e depois golpeadas e esmurradas até a morte por seus companheiros quando seus corpos já não podiam suportar mais intentos de procriação. Isto era sangrento e cruel. Vil. Repugnante.

E completamente natural.

Encontrar a um homem que sabia isto, que o sentia; um que ao menos se permitia ceder ante suas tendências mais naturais quando fazia o amor com sua mulher, era o que Chloe sempre tinha querido.

Ela não queria morrer. Não tinha nenhum desejo de ser possuída até a morte. Mas queria saber que o homem que a possuía sabia e abertamente aceitou que ele tinha a capacidade de fazê-lo, igualmente. E queria saber quem trazia a parte masculina de seu ser a sua cama e quem trazia a parte feminina.

Sentiu-o a seu redor a tomar um peito dentro de sua palma. Espremeu-o. Quase com força suficiente para fazê-la gritar, mas não tão forte como ele a podia ter agarrado. Ele então enroscou seu outro braço ao redor de sua cintura e a atirou para trás para apertá-la contra ele em um ato de desculpa por jogar simplesmente sua parte.

– Abre as pernas e te incline para mim, – ordenou.

Chloe sentiu seu duro peito coberto de pêlo contra suas costas, quando a colocou contra ele. Ele baixou seus corpos para trás sobre a cama, seu traseiro descansando sobre as coxas do homem. Luke a rodeou e separou suas pernas ainda mais para lhe permitir acolher seu pênis mais firmemente contra ela.

– Baixa e abre seu sexo para mim, – sussurrou.

– Utiliza meu pênis para jogar contigo mesma.

Seu sexo gotejou em cima de seu pênis, quando Chloe baixou para trazê-lo para si. Mais perto da boca de seu sexo. Ela pressionou em cima da cabeça de seu órgão. Em seus clitoris. E logo começou a mover-se. Estimulando-se com a ponta acetinada de seu órgão.

Luke gemeu e Chloe o sentiu começar a mover seu pênis para frente e para trás contra ela.

– O **quer** dentro de ti, Chloe? – Sussurrou-lhe ele.

– Quer-me em sua vagina.

Ela assentiu e pressionou sua ponta dirigindo-a para ela ainda mais. Gostou da forma de sua ereção. Sua cabeça era grande e se sentia maravilhosa quando ele a penetrou totalmente afundando-se em seu interior. Não podia haver nenhum cuidadoso deslizamento dentro de sua vagina com um pênis como este. Chloe podia sentir cada uma de suas investidas. Cada polegada dele teria o caminho espaçoso por seu líder e obrigariam o sexo de Chloe a esticar-se para acomodar o contorno da cabeça e logo imediatamente fechar-se ao redor de seu eixo. Rodeando seu sexo. Envolvendo-lhe.

– Toma-o. – murmurou ele.

– Empurra-o dentro de ti. – ordenou silenciosamente.

Ela trocou e pressionou seu pênis para cima. Aspirou uma baforada quando a cabeça arreventou dentro dela e logo ofegou quando o sentiu tirá-la rapidamente. As mãos do Luke percorreram a longitude de seus braços e desceram para suas mãos, dobrando seus cotovelos e lhes levantando ambos para logo inclinar-se sobre ela. Pressionando-a sob seu peso.

– Quer descansar agora? – Perguntou ele.

Chloe assentiu e agarrou um travesseiro enquanto sentia os dedos de uma de suas mãos enredar-se em seu cabelo. Estabilizando-a. Sua outra mão foi ao seu clitóris. E logo para a abertura de seu sexo. Abrindo seus lábios e umedecendo-os ainda mais quando seus dedos empurraram dentro dela e arrastaram sua umidade.

A intensidade da situação assustou ao Chloe. E não simplesmente a intensidade que percebia no Luke. Seus próprios sentimentos. Suas próprias emoções fizeram que se reformulasse, por um momento, o que ia fazer. Não tinha nenhuma dúvida sobre o desejo de transar com este homem. E não havia nenhuma vacilação em seu corpo ou mente para tomá-lo dentro dela. Mas sentiu um crescente medo quando o ato começou a converter-se em algo que nenhum deles seria capaz de desfazer.

Considerou pela primeira vez que, embora jamais houvesse sentido exatamente o que desejava de um homem, agora que os sentimentos que tinha ansiado começavam a fluir, assustavam-na. Eles a fizeram, perguntar-se surpreendida, uma vez que este homem tivesse estado em seu corpo e depois de que se correu dentro dela, como se sentiria se ele fosse o que tinha estado procurando? E se ela realmente se apaixonava por este homem, o que desejaria então? No que consistiriam seus sonhos se conseguisse exatamente o que queria? E como poderia outra vez ser feliz se algo lhe passasse?

Isto era uma loucura. Ridículo. Depois de tudo, eles se tinham conhecido fazia só doze horas mais ou menos. Chloe não tinha nenhum direito de sentir tanta ansiedade por este homem. Apenas o conhecia. E, a verdade seja sorte, tinha melhores coisas nas quais pensar além de como se comportava o homem em sua cama.

Mas ela realmente sabia que um animal poderia identificar a um companheiro fértil em uns segundos. Podiam cheirar um ao outro. O sentido do olfato é tão confiável para que um animal reconheça a seu companheiro, como a cor vermelha é para o olho humano.

Ou amor para o coração humano.

Mas isto não podia ser amor. Chloe sabia que o amor era algo que levava tempo e esforço encontrar. Não era algo que simplesmente resultava quando as duas pessoas corretas, de algum modo se encontravam, tocavam-se e se provavam, escutavam-se e se falavam de uma maneira silenciosa e intuitiva.

Ou sim o era?

E, além disso, se fosse amor, não o haveria sentido quando se conheceram pela primeira vez e não neste momento? Ela duvidava de que alguma vez soubesse a resposta a essa pergunta. E dentro de uns segundos, não importaria. De qualquer maneira, Luke Caine estava a ponto de possuí-la além de qualquer classe de pensamento inteligente

Ao menos, Chloe esperava que o fizesse.

\* \* \* \* \*

Ela estava ovulando. Tinha começado enquanto dormia. E ele era dolorosamente consciente do desejo de Chloe de reproduzir-se.

Infelizmente, ela queria que seu gêmeo fosse o que a ama-se.

O pensamento de Chloe fazendo o amor com o Luke fazia ferver o sangue de Caine. Ela havia dito que Luke a fazia sentir-se mais livre do que nunca se havia sentido, mas Caine sabia a verdade.

Seu gêmeo não era o homem com o que acreditava estar Chloe Evans. Chloe pertencia ao Caine. Ela devia ser sua fêmea alfa, dar a luz a seu primeiro filho. Isto era tão óbvio para Caine como o era a excitação da mulher, agora que ele tinha começado a ser seu companheiro. E se a fez mal com sua impetuosidade, foi fazê-la ver que pertencia a ele e não a seu irmão; era algo que estava preparado para fazer.

Luke era cruel quando se emparelhava. Duro e insensível. Brutal de vez em quando.

Caine poderia ser do mesmo modo. Especialmente quando tinha que assegurar-se de que a fêmea em questão não se emparelhasse e ficasse prenhe com o homem incorreto. Seu desejo de proteger seu estado alfa e seu direito de reproduzir-se, tinham-lhe obrigado a tomar estas medidas. O desejo de Chloe de ter a Luke montando-a tinha impulsionado suas ações.

Ele sabia que tinha que possuir a Chloe igual a Luke a haveria tomado. Com a força com a que ambos tinham nascido em seu interior. E depois teria que ser frio com ela para fazer mal a seu coração. Caine sabia que uma vez que ela visse como era realmente Luke, não queria ao homem de novo.

Não era algo que o homem que havia no Caine queria fazer, mas era necessário. E era necessário que Caine lhe permitisse acreditar que era Luke e não ele, que lhe fazia amor.

E o fato de que o homem no Caine já se apaixonou por ela não tinha nada que ver com a situação ou sua reação absolutamente. Nem sequer quando olhou para as portas de cristal para ver os olhos de seu gêmeo observando-o fazer o amor com sua nova companheira pela primeira vez.

## Capítulo 6

– Chloe?

Chloe respirava como se tivesse tido que pôr-se a correr para evitar uma disputa sobre o território. Também se precaveu da dificuldade com que respirava Caine e soube que realmente não estava fazendo-se de rogar, mas sim esperava qualquer indício antes de começar a lhe fazer o amor.

– Chloe, carinho, vamos à outra habitação.

Era uma pedido estranho. Muito. E também tinha chegado em um momento muito estranho. Sobre tudo considerando que o homem que havia atrás dela estava a ponto de explorar se não se introduzia logo nela.

Sentiu o calor de seu abraço à altura de seu peito e atirou dela para pô-la a sua altura. Deu-lhe um beijo na bochecha, deixando o rastro do roce em sua mandíbula, e lhe sussurrou ao ouvido:

– Por favor.

Nesse momento poderia lhe haver pedido que lhe barbeasse as sobrancelhas e Chloe teria utilizado uma navalha sarnenta para lhe agradar. Assentiu com a cabeça e se deu conta de que se estavam movendo fora da cama. Na escuridão, seus dedos tomaram os de Chloe, e esta riu nervosamente quando Caine soltou uma sonora maldição ao golpear o dedo do pé contra a pata da cama.

– Seja mais cuidadoso!

Reprimiu um sorriso ocultando o rosto contra seu peito enquanto mediam o caminho para o sofá. Pôs-se a andar quando a porta do dormitório se fechou atrás deles.

– Acaso você não gosta de minha cama?

Não houve resposta. Mas Caine começou a beijá-la e, meio segundo depois, lançou-a sobre o sofá lhe introduzindo seu sexo com tal força que até lhe saltaram as lágrimas. Chloe nunca havia sentido tanto a um homem, nem tantas emoções lutando por ocupar o mesmo espaço de uma vez.

Havia algo no interior de Caine que lhe exigia tomar a de uma forma selvagem, lhe fazendo coisas lascivas, libidinosas, penetrava-a enquanto mentalmente obrigava a sua boca e mãos a lhe fazer o amor como um ser humano. Era uma disputa distinta pelo território. E a batalha tinha lugar no interior de Caine.

Chloe desconhecia por que o fazia o amor com uma paixão tão dilaceradora. Mas, independentemente do conflito que existia no interior desse homem, estava realmente segura de uma coisa. Jamais a haviam penetrado assim.

Qualquer outra mulher, em seu lugar, o teria qualificado como cruel e doloroso, o menos prazenteiro do mundo. Cada vez que se afundava nela a esmurrava entre suas coxas com todo o peso de seu corpo, obrigando à mulher a amarrar-se ao braço do sofá para receber suas fortes investidas. Em cada um dos movimentos seu membro penetrava nela tanto como podia, para chegar ainda mais longe na seguinte sacudida. Provava os limites de seu ventre com golpes secos, como se de uma barra de aço se tratasse, introduzindo seu pênis em toda sua extensão. De vez em quando, golpeava-a no topo de seu sexo com essa ponta gloriosa que se precipitava nela uma e outra vez como se fora um punho.

Tomou seus peitos. Seu cabelo. Sua nuca. Tentou-o tudo para manter o maior controle possível em cada uma de suas pontadas. Aferrou-se a ela e a estreitou, agarrou seu cabelo e sua carne, como se esse tipo de distração diminuía qualquer desconforto que lhe estivesse causando. Mas foi inútil, era-lhe muito difícil controlar-se porque estava muito excitado, precisava tomá-la.

Nada tivesse podido agradar mais ao Chloe.

Sentiu como suas mãos subiam por seu traseiro para elevá-la e colocá-la sobre ele em uma posição quase sentada. Seu sexo viril se sentia muito bem dentro da vagina de Chloe e agora, com a nova postura, os movimentos da penetração eram mais difíceis para o Caine. A moça o agarrou por cabelo com ambas as mãos para tentar aproximar seus rostos, mas Caine choramingava negando-se aos desejos de Chloe de lhe saborear.

Quando finalmente cedeu a suas intenções, equilibrou-se sobre a boca de Chloe sugando o lábio inferior. Chupou com suficiente intensidade para rasgar a delicada pele e fazer que fluíra o sangue. Chloe provou o gosto salgado de seu sangue antes que limpasse a ferida com a língua.

– Faça-te mal?

As palavras saíram de entre seus dentes apertados, sujeitos dolorosamente para impedir que seguissem provocando mais sangue ao afundar-se no Chloe.



Não podia lhe responder. Até conseguindo o fôlego suficiente, tivesse necessitado encontrar as palavras adequadas e Chloe ainda não sabia quais palavras deveria usar.

Sim, para o dano. Mas lhe parecia que era uma paixão da que jamais antes tinha sido testemunha e não queria que parasse.

– Chloe?

Tinha começado a controlar-se. Podia senti-lo na tensão apertada de seus quadris, em como lutava por ser mais cuidadoso. Era menos intenso quando a penetrava, e seguiria assim até que dissesse que gostava ou até que desse sinais de que desfrutava de tudo o que o fazia, tanto como ele.

Chloe alcançou seu traseiro e, lhe cravando as unhas, empurrou-o para ela de tal forma que podia sentir como seu pênis golpeava a barreira íntima de seu sexo. Separando ainda mais as pernas, dobrava e estirava as coxas para conseguir apanhá-lo debaixo dela.

Caine expressava seu esforço com grunhidos, desfazia-se nela. Seu pênis alternava investidas, com movimentos circulares, lentamente, provocando seu sexo, cedendo a suas exigências, afundando-se cada vez mais e mais, mordendo, chupando, deixando rastros de paixão e desejo em seu corpo. Ambos procuravam a pele.

Chloe tratou de agarrar suas costas, seu traseiro, seu pescoço, atirava-se dele para lhe aproximar mais e mais. Não queria que a boca do homem deixasse sua pele, embora suas dentadas lhe causassem vontades de gritar. Queria-o mais perto, o roce do cabelo de seu peito fazia que seus seios nus ardessem e o desejava mais próximo. Queria-o tudo dele. Cada milímetro. Cada grama. E o queria tudo em seu interior.

O vazio que havia sentido toda sua vida, o mesmo que tinha feito necessárias as fantasias, estava sendo repleto por este homem. Afundava-se nela com toda sua alma, enquanto que seus lábios e dentes lhe desgastavam a pele. Intuíu que a insatisfação de muitas mulheres era o resultado de não ter conhecido nada daquilo. Também sabia que a ausência de emoções que todo mundo experimentava se estava desmoronando, e tirou dele tudo o que podia. Acolheu em seu corpo os capitalistas impulsos que lhe abrasavam a carne. E lhe cedeu tanto a alma como o coração. Embora este último já tivesse pirado junto ao desse homem detrás sentir em sua orelha a carícia suave de seus lábios e a ternura que havia implícita nas gemas de seus dedos.

Seu sexo e seu coração caminhavam juntos. Para a mesma meta. Ambos queriam lhe devorar. Consumir-lhe. Fazer que ele formasse parte dela. E que ela fora uma parte dele.

Nunca antes o sexo tinha sido assim. E Chloe supôs que, depois disto, nenhum outro homem seria capaz de lhe dar o que necessitava para sentir-se completa.

Chloe sentia como se afundava nela para depois retirar-se. Trocou a direção de suas pernas para sentá-la escarranchado em cima dele. Tremiam-lhe mãos e pernas, lhe indicando que isso não era precisamente o que desejava seu corpo. Seu sexo e seu testículo tinham vontades de chegar fazia ela. Tudo, no corpo de Caine, pedia-lhe meter-se nela. Mas também queria que ela gozasse.

Ao princípio ele era quem a dirigia. Suas mãos, com os dedos profundamente cravados em suas coxas, balançavam-na sobre seu pênis de acima a abaixo. Chloe podia sentir em cada movimento a forma em que a glândula de sua ereção roçava as paredes de sua vagina. Olhou para baixo e penetrou seus dedos pela ranhura que havia entre a união de seus corpos, desejando que a luz fora melhor para poder ver o contraste do cabelo de seu púbis, loiro avermelhado, contra o indubitável espesso arbusto de cabelo negro de Caine.

– Quero verte chegar, Chloe.

Ante aquela petição, deslizou seus dedos entre o cabelo de ambos os sexos. Chloe encontrou seus clitóris e o tocou. Levantou-se um pouco sobre seus joelhos para permitir que ele também o encontrasse. Dirigiu-lhe com seus dedos. Guiou-lhe, embora Caine parecesse já saber quanta força, quanta pressão, tinha que exercer para que ela sentisse seu roce.

– Carinho, vêm a mim.

Chloe sentiu um formigamento em sua voz e em suas palavras. Cada célula de seu corpo começava a lhe responder. Recostou-se sobre ele e pressionou mais o pênis de Caine com seu sexo ao mesmo tempo, que sua mão lhe oprimia o clitóris. Chloe se desintegrava sobre ele. Egoísta. À medida que ela era mais exigente tomando seu próprio prazer, notava como aumentava cada vez mais a ereção de Caine. O fôlego trememente e a força com que sujeitava suas coxas, até roçar a dor, eram indicativos de que a este homem gostava mais que a outra pessoa fora a que lhe fizesse amor. Intuiu que seria alguma fresta masoquista secreta que poucas vezes mostrava.

Chloe fazia muito tempo que suspeitava que todos os homens tinham aquela pequena veia masoquista. Mas unicamente se atrevia a mostrá-la aquele que tinha mais confiança durante a prática do sexo.

– Sente-se bem, não é verdade?

Chloe assentiu com força enquanto balançava seus quadris. Notava como a poderosa glândula friccionava o interior de seu sexo. Movia-se com rapidez, suave e de uma vez vigorosa, Caine a penetrava de uma forma impassível enquanto se deleitava com as sensações que lhe ofereciam seus dedos, deliciosamente oprimidos pela carne de Caine e seu dolorido clitóris.

– Por favor, vêm a mim. – Gemeu Caine enquanto cravava os dedos em seus quadris.

Chloe estava a ponto de chegar. Deveria ter aceitado a petição. Mas não quis. Algo lhe dizia que esperasse. Que resistisse. Que alargasse o momento tanto quanto possível.

Por desgraça, a Caine resultava mais difícil conter sua excitação. Chloe podia sentir sua urgência na forma em que lhe agarrava os quadris, machucando a carne com sua exigência, e a retinha para logo mover-se em seu interior. Insistia em que ela chegasse ao final para poder liberar-se. Cuidava dela. Esperava-a para poder chegar ao êxtase final.

Sabia que poderia usar a seu favor a frustração que sentia Caine ao esperar.

Reduziu a marcha. Apenas se movia. E embora isso supunha uma ligeira diminuição de sua excitação, queria ganhar um pouco de tempo para poder seguir com seus jogos lascivos. Queria conseguir o que desejava.

– Quero esperar. – Sussurrou Chloe

– Só desejo te sentir dentro de mim.

A forma de elevar seus quadris lhe indicou o extremamente frustrante que lhe resultava sua decisão.

Caine a içou com suas mãos e a manteve suspensa. Penetrava-a com movimentos ascendentes. Afundando-se ruidosamente nela, apesar de que, para ele, não era a posição mais cômoda

– Assim está melhor.

Lançou-a sobre o sofá, e quando Chloe pôde reagir já estava sentindo o estofado contra seus mamilos. Tinha-a movido como se não pesasse nada, a adrenalina que liberava seu corpo em resposta a sua imperiosa necessidade, tinha-lhe permitido trocar de posição para poder montá-la por trás com assombrosa facilidade.

Logo que teve tempo de equilibrar-se, quanto gostava dessa posição e quanto se afundaria nela ao penetrá-la, quando começou a sentir o grosso pêlo púbico lhe pressionando o traseiro, molhado em seu próprio sexo. Seu pênis a investia com uma força que jamais tinha experiente em outro homem. Bombeava energicamente para frente e para trás, uma e outra vez. Repetindo o movimento, sempre com o mesmo vigor e sem deixar de sujeitá-la pelos ombros para imobilizá-la. Só fez uma pequena pausa para empurrar um de seus joelhos, o que lhe permitiu uma penetração mais profunda nas seguintes sacudidas.

Notou como uma das mãos lhe espremia o ombro enquanto a outra se dirigia para seu cabelo. Envolvia-se entre seus cachos atirando para trás a cabeça enquanto ele seguia com seus movimentos. Quando Chloe se precaveu de que o membro de Caine começava a estremecer-se em seu interior, ele atirou de seu cabelo para atraí-la, fazendo que as costas de Chloe e seu peito chocassem violentamente, e sentiu em seu pescoço a mordida de um homem que já não tinha nenhum controle sobre si mesmo.

O animal que havia dentro deste homem a havia penetrado como sempre tinha desejado. E Chloe estava segura de ter encontrado uma nova espécie de paixão.

Sentiu chegar a seu interior o espesso e quente sêmen. O corpo de Caine se estremecia violentamente em resposta ao que acabava de passar. O êxtase do orgasmo lhe fez agarrar o pescoço de Chloe com uma de suas mãos e a parte dianteira de sua vagina com a outra. E ficou assim, sustentando-a firmemente diante dele, enquanto seu membro, com movimentos espasmódicos, seguia orvalhando nela sua semente.

Podia sentir a glândula. Pulsando em seu interior, dilatando-se e contraindo-se. Bombeando as últimas gotas de sêmen em seu ventre. Enchendo-a como só um homem pode encher a uma mulher. Suas mãos a massageavam. Aliviando. Dizendo-lhe em silêncio quem era ele e quanto gostava de estar em seu interior. Algo lhe dizia que sempre se havia sentido sozinho.

\* \* \* \* \*

Caine sentiu que suas mãos tremiam tanto como ele e olhou para o corpo de Chloe, procurando o lugar por onde a tinha sujeitado. Tinha-lhe feito mal. Estava seguro. De vez em quando tinha notado em seus gritos um indicio de dor.

Inclinou-se para seu pescoço e lambeu a ferida que lhe tinha feito quando seus dentes se afundaram na pele da mulher. Esse ato era uma parte do emparelhamento canino que Caine sempre tentava controlar, mas esta vez não tinha sido capaz de parar. E infelizmente, sem o amparo da espessa pelagem de uma loba, seus dentes tinham encontrado a pele nua de Chloe, que tinha começado a sangrar como consequência daquela amostra de paixão.

Tocou a mordida com seus dedos e lhe falou para averiguar se estava bem, mas o puxão de seu pênis, ainda duro como um osso recordou que esta mulher não era seu casal, e que, portanto não ia entender que o acasalamento não tinha finalizado de tudo. Isto preocupou ao Caine.

Sua intenção era fecundá-la. E se havia ficado com ela como Luke para deixar um sabor amargo na boca de seu gêmeo. Mas se havia algo que não tinha vontades de fazer era lhe causar algum traumatismo à mulher com sua extravagante constituição canina.

Só ficava tempo para lhe dar um rápido abraço antes de tirar seu pênis de um puxão. Chloe soltou um pequeno grito, agudo, mas tranqüilo, sem dúvida porque o pênis tinha começado a inchar-se e ao tirar o dessa forma lhe tinha feito mal. Os dedos de Chloe se agarraram a seu joelho e observou como seu corpo se encolhia em resposta

à sensação que lhe causou a arruda saída de seu corpo, ou talvez fosse pela dor intensa do puxão que até ele havia sentido.

Caine, ainda detrás de Chloe, levantou-se e roçou os lábios de seu sexo, tinha mau aspecto. Ao tocá-la mulher se estremeceu, confirmando suas suspeitas de que, provavelmente, ao sair dessa forma, tinha ferido tanto seu corpo como seus sentimentos. Era parte do plano de Caine. Uma parte que começava a lamentar.

– Sinto-o – murmurou.

Enquanto se desculpava, Caine se ajoelhou no chão detrás dela. Seu pênis estava cada vez mais inflamado, sobressaindo-se por diante de seu esgotado corpo. Como híbrido não tinha nenhuma dúvida de qual seria sua seguinte ação. De fato, a parte de ser uma das partes mais agradáveis do ritual de acasalamento dos híbridos, também tinha um objetivo nos hábitos de cria. Mas sabia que alguns humanos consideravam que essa parte era a menos atrativa.

O primeiro que Caine sentiu ao passar a língua pela entrada gotejante de seu sexo, foi o gosto salgado e espesso de seu sêmen. Saboreou o delicioso sabor da carne de Chloe, ainda sensível ao redor de sua vagina, sua excitação e os indícios de sangue, causada pela brutalidade com que lhe tinha feito amor. Caine degustou cada um dos sabores e aromas que vinham de seu sexo. E se deleitou no prazer que lhe dava acalmar um pouco o dano que lhe tinha feito durante o acasalamento. Mas, em realidade, não era esse seu objetivo.

Embora seu sentido do gosto era cem vezes o de um ser humano, nem este nem seu sentido do olfato podiam descobrir o que já deveria ter encontrado na matriz da mulher. Seu esperma a tinha alcançado, tinha-a inseminado, e graças a seus genes híbridos já deveria ser capaz de cheirar e provar o crescimento do embrião em seu interior. Mas não o encontrou.

Caine suspeitou que ao sair de Chloe e permitir que parte de seu sêmen se derramasse fora, reduziu a probabilidade da concepção. Seus esforços por não lhe causar mais dor lhe haviam custado um filho. Ou, no caso menos provável, uma filha loba, um dos mais escassos e estranhos de sua classe. Independentemente do sexo, seu filho tivesse sido o próximo alfa.

Esta vez Chloe não tinha estado receptiva a seu esperma. E o lobo que havia nele sabia que a próxima vez tampouco o estaria, a menos que Caine permitisse que seu pênis permanecesse encaixado em seu interior. Desta forma manteria dentro sua semente até que Chloe levasse a seu filho.

Mas, isso significava que ou tinha que lhe causar um grave transtorno quando a penetrasse de novo, ou tinha que lhe ser honesto com respeito ao que era correndo o risco de que lhe rechaçasse, como a maioria das mulheres. Para depois ter que obrigá-la a reproduzir-se com ele.

A única opção que ficava era a que Caine e Luke se prometeram não considerar. Era uma perda de tempo, sobre tudo tendo em conta o que Caine era. Provavelmente acabaria sendo mais doloroso que tomá-la outra vez esta noite para acabar com o ritual de acasalamento.

Porque Caine sabia que não tinha nem a mais remota possibilidade de fazer que Chloe Evans se apaixonasse pelo homem que realmente era.

\* \* \* \* \*

A uma da madrugada.  
Pelo menos.

Olhou de esguelha o relógio que havia sobre a mesinha de noite e voltou a escutar o ruído que a tinha despertado.

Golpearam de novo a porta.

Envolvendo-se com sua bata, lenta e dolorosamente deu pequenos passos para a porta principal da cabana. Estava a vinte milhas de nenhuma parte e tinha tido mais visita nas últimas 24 horas que em seu apartamento do Knoxville. Depois de partir seu último visitante, que virtualmente a havia possuído pela segunda vez ao deixá-la doída, confusa e sem tão sequer lhe dizer.

– Posso te chamar? –, Chloe se tinha sumido em um sonho fugaz, alvoroçado como o mesmo inferno, que tinha durado até esse momento.

Estava muito zangada. Luke tinha ferido seus sentimentos ao não ficar nem cinco minutos depois de ter feito amor. Quão último recordava, antes de sua marcha, era a forma em que seus dedos percorriam o centro de sua coluna para lhe dar depois um beijo na parte baixa de seu sexo.

Nem tão sequer tinha claro que se vestiu antes de fechar a porta atrás dele.

Estava tão segura de que tinham conectado. Mas pela forma em que se partiu, Chloe tinha compreendido que não sentiam exatamente o mesmo. Possivelmente o que ela havia sentido era um vínculo muito forte e ele não havia sentido nada.

Ante aquele pensamento lhe fez um nó no estomago e quase fez uma careta. Tinha claro que o que ela queria era bom sexo e que transaria até mesmo no inferno, e esse homem tinha posto todos ao seu dispor e cada um dos 20 centímetros de seu duro, abrasador e masculino membro.

Mas dentro desse mesmo corpo, que ele tinha forçado prazenteiramente, Chloe tinha um coração. E também tinha sentimentos. Luke tinha conseguido feri-los os três de um só golpe. E, ao mesmo tempo e sem medir palavra, havia-lhe dito coisas que nenhum outro ser tinha tentado lhe expressar antes.

Chloe conhecia o homem que lhe tinha feito amor. Conhecia-lhe do momento em que chegou à vida. Por desgraça, não pareceu que ele se reconhecesse. Era um tipo estranho, de acordo. E também era tão impressionante como ela tinha pensado. Mas também era capaz de rasgar seu coração e fazê-lo em migalhas se aproximasse muito a ele. Sem mencionar o que poderia chegar a lhe fazer a seu corpo.

Sorriu apesar de seus pensamentos e amaldiçoou a quem a tinha despertado de seu profundo sonho. Abriu a porta e acendeu a luz do alpendre ao mesmo tempo.

Cortou-lhe a respiração.

A cicatriz tinha desaparecido. Quando conseguiu reagir, o sorriso satisfeito que parecia estar gravada em sua cara tinha sido substituído por uma aparência suave e um olhar compassivo.

Os olhos eram ainda daquele azul no que tinha querido afogar-se. O cabelo era sedoso e de um negro azeviche. Tangível. Atraente...

Nesse momento lhe pareceu que era perfeito para aproximar-se dele e aferrá-lo como não o faria com nada mais.

Encontrava-se aproximadamente a um ou dois metros dela, como a primeira vez que lhe tinha visto. E com a mesma firmeza. Completamente igual.

Abriu a boca para falar, mas não pronunciou nenhuma palavra, sua mente, seu corpo e seu coração tinham ao homem diante. Sem mencionar que o olhar fixo dele dizia o mesmo a respeito de seus sentimentos.

Conseguiu um pouco de fôlego, mas lhe pareceu débil e sem voz. O homem que se achava ante ela pôde recuperar a fala antes e Chloe sentiu um formigamento quando ouviu sua voz:

– Necessito que venha a casa comigo.

Chloe assimilou as palavras que acaba de pronunciar esse homem diante dela. E depois sentiu como lhe parava o coração quando ouviu a seguinte frase:

– Barklee está doente.

## Capítulo 7

Caine estava rígido, sentado no assento do condutor do Hummer, suas mãos sobre o volante e seus pensamentos correndo desenfreados por sua mente.

Seu aroma o estava voltando louco outra vez.

– Quanto tempo esta doente? – Perguntou ela; suas palavras logo que penetraram em sua mente.

Caine não a olhou quando respondeu.

– Começou faz umas duas horas. – explicou distraído; sua concentração sobre sua situação o distraía.

Ela ainda era fértil e teria possibilidades de ser pai se a montava de novo. Mas Caine tinha advertido como tinha mancado até o carro. A mulher tinha sido machucada nas primeiras tentativas de acasalamento. Se ele tivesse sido seu irmão, isto não lhe teria impedido que a voltasse a montar antes que terminasse a noite. Como era um bastardo, teria sorrido orgulhosamente ao vê-la mancar por causa do que lhe tinha provocado.

Mas Caine sempre tinha podido reunir um pouco mais de falsa modéstia na forma humana que na forma de lobo.

Ele apertou seus dentes e disse a si mesmo que poderia dirigi-lo. E as necessidades do Luke e as da manada poderiam esperar até que ela voltasse a ser fértil outra vez, o mês seguinte. A manada tinha outras necessidades, de momento, que tinha que resolver. Lee estava doente e necessitava atenção médica e Caine não tinha tido outra opção que pedir sua ajuda.

Mas embora Luke o tentasse evitar, ela ia ser uma verdadeira fêmea.

– Doutora Evans, eu realmente aprecio sua ajuda, – disse Caine silenciosamente.

– O veterinário mais próximo está a quarenta milhas de distância e...

– Está bem, – respondeu-lhe.

– Estou contente de ajudar.

Estava-o. Caine sabia e sabia muitas outras coisas sobre esta mulher.

Infelizmente, Luke sabia que Caine já a tinha montado. Soube a sua volta. E embora fosse consciente do fato de que não lhe tinha dada permissão ao Luke de aproximar-se da mulher, também se lembrou de haver dito a seu gêmeo que poderia montá-la assim que ele houvesse o jogo. Mas isso tinha sido antes que ele tivesse feito o amor com ela.

– O que lhe ocorre?

Caine ouviu suas palavras através de uma névoa espessa de testosterona canina e de desejo humano. Não parecia fácil aplacar qualquer pensamento a respeito do que poderia ocorrer nesse momento. Caine respirou com força e sentiu que sua cabeça

se enjoava ante seu aroma. Ele sacudiu a cabeça e tentou concentrar-se no escuro caminho de diante.

– Não pode dormir, – respondeu-lhe.

– Choraminga e não parece ser coerente quando nos dirigimos a ele.

...E não pode transformar-se em humano por alguma razão. Era incapaz de explicar claramente a situação inteira à mulher sentada a seu lado, o qual se estava convertendo em um hábito, notou Caine.

– Às vezes os cães decidem ignorar seus amos, – respondeu brandamente. Caine sacudiu rapidamente sua cabeça.

– Não sou seu amo, Doutora...

– Meu nome é Chloe.

Caine sentiu saltar seu pulso pelo modo em que ela havia dito seu próprio nome. E a forma, que parecia convidá-lo a repeti-lo. Vieram-lhe vários pensamentos a respeito de grunhir seu nome e logo fazer que ela dissesse seu nome enquanto o se enterrava dentro de seu corpo, fazendo que seu pênis se voltasse, mais duro cada vez que a penetrava.

Ela ficou tranqüila depois de lhe corrigir. Caine podia ouvi-la respirar no assento do passageiro. E seu nariz, além disso, encontrou outro aroma, um mais sutil, que chegava desde ela e que não tinha estado ali à última vez que tinham estado juntos.

Pó de bebê.

Ela se tinha tomado banho depois de que fizeram o amor. Caine simultaneamente riu e sentiu cólera pelo que tinha feito. Ele tinha levado a cabo a atuação exatamente como seu irmão o tivesse feito, deixando-a alterada, ao menos por sua saída insensível da cama. Isto para que a tarefa de Caine de manter afastada ao Chloe do Luke fora muito mais fácil, embora soubesse que o Luke gostaria mais de deitar-se com ela enquanto dava patadas e gritava, que com o sim de que estava disposta.

Mas isto também significava que tinha tentado tirar a evidência do que ela e Caine tinham compartilhado juntos. Ela tinha tido aversão a seu aroma sobre ela, mesmo que ela não soubesse quem era ele. Tinha-a marcado esta noite e embora ele ainda pudesse cheirá-lo, ela não podia.

Em certo modo, ela já tinha rechaçado uma parte dele.

– Presumo que você é o irmão do Luke.

Caine jogou uma olhada de soslaio e assentiu. Ele vislumbrou uma covinha em sua bochecha esquerda a olhou.

– Como deveria lhe chamar?

Caine apartou seus olhos do caminho, bastante tempo, para estudar sua cara na escuridão. Inclusive com somente as luzes do tabuleiro de mandos iluminando o interior do veículo, Caine podia ver aqueles grandes olhos marrons que olhavam para ele.

– Então somente lhe chamarei o irmão do Luke. Prefere assim?

O não tinha compreendido quão estúpido parecia olhando-a em silêncio.

– Caine.

Ela sacudiu sua cabeça.

– Sei que...

– Isto é o que há.

Ela não cabeceou ou deu a entender que o compreendeu. Mas Caine suspeitou que o fez. Somente não gostou de sua resposta e seu silêncio era sua melhor forma de expressar sua irritação para ele.



– Tem nome de **pilha**\*? – Voltou a perguntar com uma indireta de paquera, com uma atitude atrativa, feminina em seu tom. Caine não podia evitar manter o sorriso zombador de seus lábios, pois tinha acertado no referente a seu caráter.

Igual ao caráter do Meagan.

Caine tentou evitar pensar nisso. Não era Meagan a que estava sentada ao seu lado. E nunca seria sua esposa. Sabia. E sua mente lhe discutia uma e outra vez o que devia ter colocado assim que voltou para seu refúgio. Caine sabia que o que realmente desejava conseguir era uma verdadeira loucura. Não havia nenhuma maneira de que Chloe se apaixonasse no seguinte mês, especialmente quando ela averiguasse o que era.

E, além disso, Luke tinha razão. A manada devia ter mais membros. E a mulher que tinham encontrado, era primeira das fêmeas que Caine e seu irmão deveriam montar para que a manada fosse restabelecida. Luke poderia ter sido o alfa tão facilmente como foi Caine. Sê-lo não tinha provocado nenhuma diferença genética, já que, geneticamente, ele e seu gêmeo eram idênticos. E atuando como o lobo que levava dentro, essa parte dele sabia atuar da melhor maneira para o interesse da manada. O acoplamento do lobo beta com a fêmea do alfa era aceitável em cada manada de lobos que tinha sobrevivido e um lobo beta às vezes podia converter-se em alfa.

Isto não deveria ter importado à parte humana de Caine. Ele conhecia a mulher desde fazia menos de um dia, então, seus sentimentos não deveriam importar. Realmente não deveriam importar.

Mas lhe importavam.

– Escuta Caine. – O modo com que ela acentuou seu nome fez que a olhasse um momento antes de voltar à vista ao caminho. – subi ao carro contigo. Com um forasteiro total. Que é algo que eu nunca faria na cidade, mas aqui fora eu gostaria de pensar que posso confiar em meus vizinhos. Inclusive com os que não conheço. E decidi ir contigo para atender a seu lobo as três da manhã. – Sua voz estava misteriosamente estável e suave, mas Caine podia cheirar seu medo para ele.

– Penso que ao menos poderia querer dizer-me seu nome para que eu não pareça...

– Damon.

Ela estava silenciosa.

– Damon Alexander Caine. – Ele sorriu e soltou uma mão do volante e a estendeu. Ela o olhou antes de atrever-se a tocá-lo.

– Só é uma mão – zombou.

– Sei, – brincando, provocando que Caine sorria entre dentes de seu nervosismo. O estava acostumado a usar a reação que provocavam suas grandes mãos, especialmente nas mulheres. Cada vez que estendia uma de suas mãos para ajudar a uma mulher a sair do carro ou estreitá-la contra sua própria mão, muito menor e fina, quando saudava, Caine via o mesmo olhar de assombro e medo.

Enquanto esperava a que ela encontrasse o controle suficiente para tomar sua mão, Caine sentiu o impulso ainda maior de brincar com ela, o que só poderia ter vindo de seu lado humano, o qual fazia amor com ela umas duas horas antes.

– Chloe?

Ela elevou a vista bruscamente de sua mão e arqueou suas sobrancelhas de maneira adorável para ele em resposta silenciosa.

– Tem medo que te morda?

O aroma de seu medo se dissipou tão rapidamente como o som de suas palavras. E outro mais intenso lhe chegou, sua prudência se via ameaçada pelo aroma que encheu o espaço entre eles. Ela se excitou perversamente com suas palavras.

– Não, – negou rapidamente. E francamente, demonstrava-o.

Caine se remexeu em seu assento e olhou de novo o caminho antes de voltar a apoiar sua mão entre eles. Nunca tinha se encontrado com uma mulher que pudesse provocar seus sentidos e impulsos como ela. Inclusive os aromas do Meagan e suas reações físicas não tinham sido tão fáceis para ele de ler e isto era prejudicial para seu equilíbrio sexual. Chloe emitia umas mensagens à mente de Caine e tinha uns instintos, como nenhuma outra.

– Há alguma razão pela que deveria te ter medo, Sr. Caine?

Caine sorriu sem sentido em resposta a sua pergunta e pelo modo com que ela tinha pronunciado seu nome. E logo deixou que seu silêncio fosse sua resposta.

Tinha-lhe feito frente à primeira vez que ele tinha ido em forma de lobo. E embora tivesse medo, Chloe tinha afastado aquele medo com sua sã curiosidade e sua tempera. Caine tinha cheirado seu medo tecendo caminho ao redor de sua excitação, que era tão mental como física, no momento que se aproximou dela, mais do que nunca se aproximou de outro ser humano que não soubesse que ele não era sozinho uma besta com intenções destrutivas.

Agora, ao sentar-se a seu lado e começar a assustar-se de uma vez que se excitava pelo que ele acabava de dizer, confirmava o que Caine suspeitava que ela possivelmente poderia ser da estranha classe de humanas que poderia apreciar o que era. Finalmente, Caine se encolheu.

– Estas montanhas assustariam a maior parte das mulheres, – brincou.

Ela riu em silêncio e logo sacudiu sua cabeça.

– Não sou como a maioria das mulheres, – ronronou.

O corpo de Caine se agitou com suas palavras e sua falta de medo ante a situação. E lhe escapou um sorriso antes que pudesse evitá-lo.

– Pensa que nada nesta situação poderia te assustar? – Disse lhe jogando uma olhada.

– Isto está muito solitário. Quase isolado.

Justo como uma de minhas novelas...

– Ninguém ouviria nada do que acontecesse nestes bosques.

Ele farejou e notou que se estava excitando com suas palavras e teve que lutar contra um sorriso que queria aparecer a seus lábios.

– Tem que compreendê-lo. E tiveste que analisar todas as possíveis conseqüências de ter subido no carro só comigo – sugeriu Caine.

– É uma mulher inteligente, culta, Doutora Evans – sua voz soou provocadora.

– E tenho o pressentimento de que você exercita muito mais seu sentido comum.

... Por não mencionar o fato de que pensa que meu irmão só se deitou contigo e logo te largou sem te olhar...

Ela sabia. O homem que havia dentro dele também sabia.

Mas a besta nele, podia descobrir aquele aroma de uma milha de distância.

– Assim, Doutora Evans, – começou Caine, – como é que tem a coragem suficiente em uma situação tão arrepiante como esta? – perguntou.

Caine seguiu observando o caminho diante dele, esquecendo momentaneamente que sua mão estava sobre o assento entre eles. Até que sentiu o delicado calor de seus dedos deslizando-se debaixo dos seus.

– É Damon Caine, não é verdade? – Perguntou.

Caine assentiu cuidadosamente ante sua óbvia declaração. E sentiu seus dedos sobre o outro lado de sua mão. Sua mão, esta vez. A mão de Caine.

Não a de seu gêmeo.

– Damon Caine?

Ele assentiu outra vez e logo se removeu em seu assento. Tinha tido tão pouco contato com o mundo exterior, que não tinha cruzado por sua mente o pensamento de que ela reconhecesse seu nome. Caine enviava seus manuscritos a seu agente por correio e nunca tinha assinado um só livro ou dado uma entrevista. E ele nunca teria pensado que esta mulher tivesse estado interessada em seu trabalho.

Sua mão ainda estava obstinada à sua e Caine a apertou delicadamente enquanto ela brandamente respondeu.

– Suponho que alguém aumenta a tolerância por tais coisas, – disse Chloe divertidamente. – depois de tudo, Damon Caine... – ela sorriu abertamente, – estive me assustando durante anos.

## Capítulo 8

Damon Caine.

Chloe escutava enquanto seu nome escorregava prazerosamente dentro de sua cabeça. A sensação de murmurá-lo enquanto o olhava fixamente desde sua posição a seu lado, a fez estar agradecida de que ele tivesse vindo a chamar a sua porta sob o manto da noite, em vez de havê-lo feito durante a luz do dia quando claramente poderia ter visto como seu rosto avermelhava com o entusiasmo.

Para ela era mais que um golpe de sorte haver-se encontrado com este homem. Ou talvez a sorte não tivesse nada para ver com isso. Talvez Chloe tivesse essa sobrecarga sexual devido a que estava sentada ao lado da única pessoa no mundo, além de sua bisavó, que podia entender o porquê suas fantasias quase sempre incluíam um animal macho uivando ou estar total e absolutamente a mercê de seus impulsos mais primitivos.

– Suponho que uma mulher em seu campo poderia ter certo interesse em meu trabalho, – declarou Caine.

– Mas nunca tinha considerado realmente, que uma zoóloga cientificamente preparada desfrutaria dos relatos torcidos do Damon Caine.

Ela permitiu que seu nome acariciasse sua mente outra vez e se girou para inspecionar a escuridão que passava por fora da janela, com o fim de ocultar o sorriso zombador que curvava seus lábios para cima. Nunca teria pensado que o homem que tinha assustado a mais pessoas que a varíola, vivesse em seu próprio pátio traseiro. Mas como os argumentos para suas deliciosas histórias de sexo bestial e fenomenais fantasmais, tinham lugar exatamente no tipo de área rural e isoladas cadeias montanhosas nas que Chloe tinha crescido, só tinha sentido quando se pensava que o homem também provinha desse tipo de lugares.

– Tem um favorito? – perguntou ele.

Chloe tomou um profundo fôlego enquanto considerava sua resposta. Nunca tinha sido capaz de determinar qual de seus excitantes relatos de homens que nasciam conhecendo, abraçando e desfrutando de seus instintos animais era seu favorito.

– Francamente, desfrutei de todos eles, – ofereceu como resposta.

– Eu gosto do modo com que retrata a natureza humana. A realidade que reflete, – disse encolhendo-se de ombros.

Caine só lhe jogou uma olhada.

– A maioria das pessoas não os vê assim, – declarou em um sussurro.

Chloe deu a volta para confrontá-lo.

– A maioria das pessoas não lhes agrada admitir o que existe dentro delas, – disse assentindo.

– Não lhes agrada que os lados escuros de suas personalidades saiam à luz.

– E a ti sim?

Ela se encolheu de ombros.

– Tem sentido para mim. Sou uma científica. E seus livros lhe falam com essa parte de mim.

Havia mais, mas isto era todo que podia lhe revelar sem envergonhar-se. Chloe tinha encontrado poucas coisas que a excitassem da forma em que o fazia sua literatura ou outra arte erótica. Mas através de seus olhos, ela via mais estimulação erótica da que ela se acreditava capaz de dirigir. Não só seu trabalho lhe recordava as histórias que tinha ouvido sendo uma menina, mas também refletia o mundo sexual tal como ela o via através de seu olhar científico.

Caine estava sentado tranqüilamente considerando o assunto enquanto Chloe observava. Finalmente, ele se inclinou para trás no assento e falou.

– Como tais personagens, obviamente fictícios, teriam sentido para essa parte de ti, Chloe?

Seu coração se contraiu. Sua pergunta era perigosa para seu controle e compostura, no caso de que ela a respondesse honestamente. Em seu mundo, os animais se acasalavam sem parar para considerar que tinham que ser politicamente corretos ou morais. Caine tinha criado um mundo muito similar em seus livros, onde a única coisa que punha algum tipo de restrição sobre os hábitos de acoplamento de seus lobos e das criaturas híbridas humanas era a hierarquia social que sua linhagem peluda lhes tinha proporcionado. E isto era muito excitante para ela.

Mas não podia contar a ele tudo isto.

– Eu gosto do sistema de hierarquia de suas novelas, – foi tudo o que pôde dizer. Não era uma mentira. A ela, realmente, tinha gostado de descobrir a exatidão da que Caine fazia uso quando tratava os sistemas sociais dos lobos em seus livros. Mas a hierarquia também excitava a Chloe. O pensamento mesmo de um lobo alfa, que podia ser tão dominante para impedir que o resto dos machos da manada se reproduzissem, era o suficiente para que o pulso de Chloe disparasse. Supunha que era exatamente essa, a razão pela qual havia sentido tanta tensão sexual ao redor, quando o lobo alfa a tinha visitado durante as duas noites passadas.

– Ah, – Caine assentiu e sorriu abertamente.

– A típica atração pelo macho alfa.

Chloe riu um pouco para ocultar seu nervosismo ante o acertado de seu comentário.

– Suponho que poderia dizer-se assim, – disse em assentimento.

– Então me conte Doutora Evans, – disse Caine brincalhão.

– Em sua perita opinião, o que é que as mulheres encontram tão atrativo a respeito ao macho alfa?

Ela sentiu seus mamilos endurecer-se ante o pensamento de responder sua pergunta sinceramente. Seus dedos agarraram o trinco a seu lado.

– Um alfa tem o instinto de sobreviver, – começou sua mentira.

– Acredito que isso lhe fala com uma mulher, em algum nível primitivo, daquilo que todas procuramos o melhor companheiro possível e pai para nossos meninos.

– Então não tem nada que ver com as características dominadoras de um alfa, – declarou antes de perguntar.

– Não crê que tenha algo a ver com o desejo feminino de ser dominada por um homem?

Ela não quis responder esta pergunta. Chloe sacudiu sua cabeça e olhou fazia fora enquanto ele falava outra vez.

– Não acredito assim, – disse ele firmemente. Chloe ouviu o silêncio que surgiu a seguir, tão forte como ela tinha ouvido sua última declaração.

– Apesar do que escrevo em minhas novelas, sou consciente do fato que as mulheres não querem ser dominadas, – declarou.

– Elas querem romance, ser tentadas e seduzidas. E sempre querem sentir que podem dizer que não e não ter que preocupar-se com possibilidade de que o homem não aceite seu rechaço.

Suas palavras quase a fizeram sorrir.

Como se alguma mulher queria lhe dizer "Não", ao Sr. Caine

Se não tivesse dormido com seu irmão...

Uma pontada de pesar a carcomeu. Quantas vezes leu o que este homem tinha escrito, enquanto se perguntava todo o tempo se de algum modo o pudesse ser tão brilhante, erótico e criativo e ainda ser só medianamente atrativo fisicamente ou ter qualquer aula de química que fizesse jogo com a de Chloe.

Chloe arriscou um olhar para o homem, que de algum modo fazia que a condução de um caminhão se parecesse com a estimulação sexual prévia ao coito.

Medianamente atrativo?

Este tipo era quente, um paiol de pólvora, sexo repleto de grunhidos embainhado em um par de cômodos descoloridos Levi's.

– Já não falta muito.

Sua voz tinha divulgado tranqüila e muito mais baixa do que deveria ter sido, considerando que acabavam de encontrar-se e simplesmente foram juntos em um veículo. Seu timbre lhe tinha recordado aquele grunhido de depois do sexo, que um homem usa quando ainda não teve bastante e espera atrair a sua companheira para um pouco mais. O som de satisfação que possui com um matiz de desejo. Isto excitou ao Chloe o suficiente para pensar em um homem que já tinha satisfeito suas necessidades físicas, mas ainda queria de sua mulher mais do mesmo. Isto, para ela, denotava uma estranha paixão entre duas pessoas.

Ela respirou profundamente e tentou enfocar sua mente para qualquer outra coisa que não fosse o pensamento de quão apaixonado, provavelmente, seria este homem ou de quantas vezes ele quereria fazer amor antes de ficar satisfeito com a mulher que estivesse em seus braços.

A Chloe, por outro lado, já gostaria de tentar apaziguar aquele apetite.

– Isto se parece com um de seus livros, – disse sem querer dizer as palavras em voz alta. E viu pela extremidade de seu olho, como assentia.

– Quanto tempo viveu aqui?

Esta vez, pelo modo em que ela, deliberadamente, tinha-lhe falado, poderia dizer que algo de sua própria voz obviamente o agarrou de improviso, mas ele deteve sua expressão, justo para colocar uma maior calma em sua reação. Chloe não tinha querido imprimir em sua voz um tom "sexual" quando tinha aberto a boca, mas este, de igual forma, tinha-lhe saído assim.

Ah merda.

– Vivi aqui toda minha vida. – respondeu ele, enquanto punha seu braço em cima da porta e conduzia com uma só mão.

Chloe podia ver a força nos tendões e ligamentos ao redor de seus pulsos. Um pingo de seu formoso cabelo negro, era visível sob o punho da camisa de manga larga e branca que levava posta e fez que Chloe se perguntasse durante um momento, quão grosso e masculino sentiria esse cabelo se ela o tocasse com sua mão. E também fez que se perguntasse se o mesmo cabelo negro se estendia perfeitamente sobre seu peito, pernas e ventre. Provavelmente ele estaria coberto dele, a igual ao seu gêmeo, considerou enquanto mastigava um chiclete Doublemint e essas idéias passavam por sua mente.

– Sabe, isto é estranho, já que cresci a menos de dez milhas daqui, – declarou Chloe.

Ela observava enquanto ele manobrava o volante com uma mão e com a outra tamborilava com os dedos sobre a janela, e permitiu que seus olhos vagassem através de seu corpo e se perguntou quão, parecidos seriam os métodos de Caine para fazer amor com os de seu irmão. Seus olhos viajaram pela linha de sua mandíbula. Pela ampla extensão de seus ombros. Logo, de volta aquelas enormes mãos.

Mãos fortes. Duras. Calosas, provavelmente. A pele de Chloe sendo tocada e acariciada por mãos que possuíam força suficiente para refreá-la ou lhe fazer dano.

Claro, sempre e quando ela desejasse esse tipo de coisas.

E ela as queria.

Esses dedos raspando seus mamilos.

– Nunca soube que alguém vivia aqui atrás, – murmurou, enquanto seus olhos o apanharam enquanto ele lambia seus lábios.

Se lambesse seus lábios. Seus mamilos.

Saboreasse o suco doce e salgado de sua vagina.

– Minha família viveu aqui durante mais de duzentos anos, – confirmou-lhe.

– Então seus pais viveram aqui também?

– Ainda o fazem.

Ele assentiu outra vez e moveu sua mão livre fazendo descansar seus dedos em sua boca.

Esses dedos cheirariam como ela. E como ele. O mel de seu sexo mesclado com o dele.

Ele queria provar os resultados dessa união.

Do mesmo modo em que seu irmão o tinha feito.

Chloe olhou o movimento de Caine em seu assento e aproveitou a oportunidade para fazer o mesmo. Eles se afetavam um ao outro. Era óbvio pela eletricidade que havia ao redor deles. Pesada. A atração mútua era como um ser em si mesmo. Tal como tinha sido quando Luke tinha vindo a ela essa mesma noite mais cedo. Mas duvidava de que esta atração se fora, ainda depois de que Caine se foi. Era definitivamente real. Tão real e tangível como o veículo no que foram montados.

Chloe sentiu seu cansado sexo umedecer-se, quase a contra gosto, ao reconhecer a simultânea incidência da natureza humana. Da natureza animal, como Caine diria em seus livros.

Esta apareceria até que eles tivessem compartilhado ao menos uma vez um pouco de paixão.

– Imagino que ouviste as histórias que estão acostumadas a circular a respeito destes lugares.

A declaração dela foi sorte com um bordo de esperança implícita. E com uma presença de ânimo que não teve que procurar muito para encontrar. Chloe poucas vezes encontrava alguém com o que pudesse falar sobre os contos que tanto adorava. A faísca que parecia decidida a iluminar seus olhos, falava por ela em qualquer momento em que decidisse falar com alguém a respeito. Falava de sua excitação e desejo. A maioria das pessoas que pensavam que as histórias eram estranhas e até um pouco profanas, apesar do que seus próprios olhos e corpos lhe davam a entender a ela enquanto escutavam. A reação humana para sufocar seus próprios impulsos animais sempre parecia ganhar e então Chloe apenas o tirava conversa com alguém mais.

Com este homem, tinha vontades de arriscar-se.

Mas Caine sacudiu sua cabeça.

– Que tipo de histórias poderiam ser?

Chloe não podia ver seus olhos muito bem, mas sua voz tinha divulgado como se estivesse de brincadeira. Possivelmente inclusive paquerando com ela. Sem conhecê-lo bem, não podia estar segura. E estava condenadamente segura de que não queria cometer nenhum falso movimento e terminar por assumir que ele estava mais que só fisicamente atraído para ela. Ou ficar em ridículo permitindo que sua voz a traísse e seu tom e seu fôlego a descobrissem quando falasse.

– Chloe?

– Huh?

Sorria-lhe abertamente. Ele estava paquerando. Perguntou-se se seu irmão lhe haveria dito o que tinham feito. Chloe teve que se perguntar se Caine já acreditava que era uma espécie de garota fácil devido ao que Luke pudesse lhe haver dito. E se perguntou se ele realmente falasse a sério sobre o não conhecer as histórias.

– De que histórias falas?

Chloe tragou com força e pensou como lhe contar esses relatos a este homem. O homem que tinha tomado o gênero mesmo desses relatos e os tinha feito próprios.

Chloe era uma zoóloga. Não uma escritora.

O pensamento de lhe narrar esses contos a intimidava, devido a quem era ele. E a intimidava a causa do poder que as histórias tinham sobre ela no plano sexual. Sentada ao lado de Caine, permitindo que sua mente excitasse seu corpo com essas histórias enquanto sentia o zumbido embriagador que este homem parecia capaz de lhe entregar, Chloe se encontrava apenas capaz de pensar o suficiente como responder sua pergunta. Mas a cientista nela conhecia a base para fazer acreditar histórias assim, como conhecia os hábitos dos lobos reais. Chloe estendeu-e para aquela parte de si mesma para que a guiasse.

– Verá, a fins do século dezenove, – começou com voz notavelmente tranqüila, – nos Apalaches, os lobos vermelhos foram caçados até quase a extinção. – Falava lentamente, tomando o tempo para manter uma cadência estável. Seu tom de sala de conferências tomou seu lugar.

– Os machos da espécie, supostamente, reproduziram-se com fêmeas de coiote com o fim de sobreviver.

– Ouvi que eles seduziram e se reproduziram com mulheres para manter viva sua espécie.

A língua de Chloe se gelou. Ela tinha planejado dar um par de voltas antes de chegar a essa parte, mas Caine a tinha levado direto ao grão. Imaginar-se lhe contando as formas nas quais os homens de suas fantasias tinham permitido que seus impulsos mais primitivos se sobrepusessem a suas moralidades humanas já tinha causado uma quebra de onda de antecipação sexual que corria através de seu corpo.



A promessa de ouvir essas atrativas histórias diretamente dos lábios de Caine, era mais erótico e excitante que qualquer outra coisa que se imaginou.

– Algumas das histórias ainda falam a respeito de como as criaturas híbridas que resultaram de tais emparelhamentos roubavam mulheres. Tomando, no significado mais literal e sexual da palavra.

Tinha falado com uma voz que vibrava tão profundamente, que Chloe podia ver mover o ar diante dela. A voz, que era, mas bem um grunhido, fazia pensar a Chloe que não seria capaz de ver um homem normal, humano, sentado ao lado dela, sem precisar tocar-se abaixo entre suas pernas e ter a necessidade de que uma língua rapace se deslizesse em cima do broto molhado, aumentado de seus clitoris. Seu corpo estava preparado e preparado, como se aquela voz resmungona tivesse sido criada com o único objetivo de excitá-la, não importando quão satisfeito ou dolorido estivesse seu sexo.

– Estou seguro de que ouviste essa parte das histórias, Ou não Chloe?

Chloe se retorceu em seu assento sem responder e alcançou o trinco para ter algo com o qual sustentar-se. Ela se sentiu enjoada. Uma pulsante sensação se elevava profundamente dentro dela. Levantando uma perna, Chloe balançou sua perna no frente do assento para entregar a seus clitoris a pressão adicional do fechamento e as costuras entre as pernas de seu jeans. O comichão foi apaziguado um pouco quando ela distraidamente deslizou sua mão através de sua coxa e logo se deteve, enquanto cruzava as pernas e fingia enfraquecer seus dedos ao colocar a mão no acolhedor calorzinho que sua postura tinha criado entre as pernas.

Graças a esta posição, e à escuridão que reinava no carro, sua mão podia apertar e liberar o tecido entre suas pernas quando em realidade era como ser acariciada e beliscada justo aí. E, se a intensidade da voz dele, seu aroma e sua presença, se fizessem muito como para que ela as suportasse e se de repente se encontrasse dolorida devido à excitação ou pelos métodos de seu irmão no ato sexual, Chloe, facilmente, poderia esfregar e acalmar os inchados lábios de seu sexo e ninguém se daria conta.

– Bem, inclusive se não o faz, – continuou Caine, – supostamente esta espécie se formou faz milhares de anos, Chloe. Muito mais que só centenas de anos. Supõe-se que aconteceu quando o homem não era nada mais que um animal.

– O homem ainda é um animal.

Ele a olhou. Simplesmente.

Isso foi suficiente.

Ela não pôde recordar por que estava indo a casa deste homem. Não podia conseguir que sua mente recordasse o fato de que ela o tinha conhecido só minutos antes. Realmente não o conhecia. E bom, o sentido comum lhe gritava que recordasse que possivelmente seu irmão estaria na mesma casa. O irmão que já a tinha visto e cheirado e sentido em um nível muito íntimo. Um nível que Chloe agora desejava explorar com o Caine, e não com o Luke.

– Possivelmente o que devesse dizer é, quando o homem aceitava que era um animal, – corrigiu Caine.

Chloe tentou sorrir em acordo, mas fracassou. Sua mente estava enfocada em uma coisa e uma só coisa.

Amar o homem que tinha a seu lado.

– Ou possivelmente antes que o homem desenvolvesse os métodos 'mais cortes' de envolvimento e noivado, – ele tentou outra vez.

Chloe conseguiu sorrir esta vez. Mas era devido aos pensamentos travessos que rondavam por sua mente.

Caine, era igual ao seu irmão, não seria cortês ou gentil quando a possuísse. Ele tampouco faria caso do que a sociedade admite como o modo apropriado e aceitável

de fazer o amor, ela conjecturou. O homem sentado ao seu lado seria tão bestial em seus métodos sexuais como era Luke. Caine lhe obrigaria a dobrar-se a seus desejos e necessidades.

Mas a diferença de seu irmão, se seus livros davam algum tipo de indicação em relação à forma em que ele expõe respeito ao sexo, Caine ficaria dentro de seu corpo até que ambos ficassem totalmente satisfeitos. Física e emocionalmente. Simplesmente ele não partiria sem conversar ou assegurar-se de que ela estivesse satisfeita.

A diferença de seu gêmeo que partiu antes de lhe haver permitido obter o que ela desesperadamente tinha querido dele.

– Suponho que também ouviu o que aconteceu quando a população dos lobos vermelhos foi quase completamente destruída, que é de onde acredito que sua informação saiu, – sua conversa continuava com uma confiança que se envolvia de maneira protetora ao redor dos trementes nervos de Chloe, – os homens eram os professores do disfarce e a sobrevivência. Não há mais espécies que parecessem ser metade homem e metade lobo. Eles tinham evoluído em algo que lhes tinha permitido sobreviver estando em companhia de qualquer de suas espécies originárias. Isto aumentou suas possibilidades de sobreviver. E permitiu aos homens mais ocasiões para esparramar seu DNA.

Caine sem dúvida seria um amante curioso, Chloe refletiu enquanto lhe falava com tanta eloquência e inteligência a respeito dos mesmos sujeitos que a excitavam mais que qualquer outra coisa no mundo. Bem, além dos homens como Caine, ao parecer.

Diria-lhe como se abrir antes de penetrá-la. Diria-lhe como separar suas coxas para estirá-lo mais aberta possível. Com uma ordem grunhida, lhe diria como tornar-se atrás e expor seus lugares mais íntimos para ele. A posição de Chloe lhe permitiria ver a boca faminta, vermelha de sua vagina enquanto ela obedecia suas ordens e a mostrava para ele. Ele lamperia seus lábios enquanto a olhava, como se seu corpo e sexo fossem ser logo sua presa.

Ele tomaria seu próprio membro magnífico e dolorido com sua mão enquanto ordenava a ela mover seus dedos contra seu sexo para atrair o fluxo de sua própria excitação. Caine olharia e sorriria enquanto ela lutava contra o impulso de afundar as gemas de seus dedos em seu inchado e palpitante clitóris.

O Damon Caine com o que ela tinha fantasiado a faria usar suas próprias mãos para separar os lábios de sua vagina de modo que ele pudesse ver o resultado quente e pegajoso de sua excitação enquanto esta começava a gotejar de seu corpo. Ele grunhiria sua aprovação às ações dela ao mesmo tempo em que seu clitóris lhe pedia que lhe desse a sua permissão para que o mimassem e o acariciassem. Mas ele não consentiria. Este homem não lhe permitiria tal liberação fácil e imerecida a uma fêmea sob seu controle.

Mas seus olhos. Olhando-a. Examinando seu corpo tal como seus livros a tinham feito examinar sua própria mente. Penetrando-a tão profundamente como o poderiam fazer suas mãos ou boca ou seu verga forçando a começar a palpitação entre suas pernas sem o movimento das mãos dele ou das suas.

As gemas de seus dedos eram capazes de sentir seu pulso enquanto este começava percorrer seu corpo e através de seus clitóris. E ela poderia sentir seu olhar fixo alcançando suas profundidades enquanto ela se encontrava aberta dessa forma, tão inapropriada, para ele. Expondo partes de seu sexo que ela mesma nunca tinha visto. Permitindo-lhe um conhecimento de seu corpo mais íntimo que ela nunca poderia chegar a ter de si mesma.

Chloe sempre tinha suspeitado que a vulnerabilidade e a impotência que sentiria sob a direção sexual de um homem como Caine, seria como o que ela sentia quando era abandonada por um de seus animais.

Suas mãos atiraram do tecido entre suas pernas e ela soltou em um fôlego o espasmo que isto lhe provocou. Caine esteve silencioso justo no momento em que seu corpo era arrasado pelo espasmo.

Quase como se ele pudesse ler seus pensamentos.

Ou as necessidades de seu corpo.

– Estou seguro de que tiveste notícias de que eles receberam alguns dos atributos mais interessantes de ambas as linhagens.

Tinha jogado uma olhada para ela quando tinha falado esta vez. A tortuosa pulsação entre suas pernas aumentou ainda mais devido ao que Caine acabava de sugerir. Chloe não podia menos de considerar que ele era consciente de quão bem conhecia sua própria biologia e que ela provavelmente possuía um conhecimento muito detalhado do corpo humano assim como dos corpos dos canídeos. E de que seria muito consciente do que um homem que possuísse um pênis canino poderia oferecer a uma mulher.

Caine era um de seus personagens, um dos homens nos sonhos de Chloe, o duro osso que percorria seu pênis faria que sua ereção fosse constante e nunca se diminua. E essa verga se incharia uma vez dentro de Chloe. Unindo-a ela com ele. Fazendo-a comprimir-se ao redor de seu sexo e semente.

Chloe olhou sua boca enquanto ele olhava fixamente para frente, na escuridão, e lhe narrasse mais das histórias de predomínio natural e de submissão, e de uma luta imaginária pela sobrevivência, que tinha criado contos tão decadentes que poderiam ser verdadeiros; seus personagens certamente teriam sido considerados profanos e pouco naturais devido a suas ações. Caine lambeu seus lábios outra vez antes de falar.

– Sua adaptação e sua capacidade para seduzir fêmeas humanas, unida a sua inteligência superior à média, além de seus atributos físicos, fizeram-lhes quase desnecessário o ter que tomar a companheiras pela força. O qual é a parte da história, que por alguma razão, é o mais popular.

Sua boca tomaria seu sexo. Tal como seu irmão o tinha feito no dia anterior. Mas Caine não teria que tirar dela nada pela força. Não haveria nada pouco disposto no corpo ou na mente de Chloe, enquanto Caine estivesse ajoelhado frente a ela e pressionasse seus lábios contra sua parte mais faminta. Caine saboreando-a, lhe fazendo o amor com a língua e os dentes, que unidos combinavam o prazer e a dor tão bem quando Chloe estava sendo duramente pressionada, tal como podiam testemunhá-lo seus gritos, que eram o resultado de um, o outro, ou ambos.

– Mas, se acreditasse nas histórias, – ele riu entre dentes, – a respeito de quando se acasalavam à força, e usavam suas habilidades, mais animais e instintos para fazê-lo, – murmurou.

Chloe permitiu que seu novo desafio começasse a tomar forma dentro de sua mente. Como se ele fosse uma de suas próprias criações. E como se ela fora sua fêmea escolhida.

– Refreavam suas companheiras com seus dentes, – Chloe sentiu as pontas de seus dedos roçarem o flanco de sua garganta enquanto ele falava.

– Tal como qualquer canídeo faz quando se acasala.

Caine a morderia. Com força. Com mais força da que Luke tinha usado, de fato. Mas o homem no Caine também usaria seus dentes para infligir dor porque ele

saberia que Chloe realmente queria ser possuída enquanto se dava conta de que ela era a mais débil, a mais total.

– Eles se acasalavam da mesma maneira que caçavam, de fato. Inclusive suas próprias mulheres. – sua voz retumbou tranquilamente outra vez.

– O predador em seu sangue os fez espreitar e submeter a suas companheiras, inclusive quando a mulher em sua cama estava perfeitamente disposta para seu companheiro.

O próprio instinto de Caine para caçar percorrendo seu sangue predador o faria procurar e logo apertar seus mamilos ou seus clitoris entre seus dentes. O homem nele imediatamente o acalmaria com sua língua, de modo que a infligiria a dor mais deliciosa. Seu fôlego estaria quente e molhado sobre a pele tremente entre suas pernas, quando empurrasse sua língua profundamente em seu interior. Seu útero seria sua terra de caça. Caine procuraria as profundidades de seu sexo para o que ele ansiava obter. E sua língua, seus dentes e lábios seriam brutais e implacáveis na busca de sua presa.

– Ao menos isto é o que as histórias contam, – disse ele casualmente.

– Suponho que há algo na mente humana que imediatamente se enreda na perversão sexual disso, não é assim?

Seus dedos se flexionaram ao redor do volante enquanto fazia sua travessa e capciosa pergunta.

– Por que se conduzir à procriação é perverso? – perguntou Chloe. Dentro de sua mente, os dedos de Caine começaram a trabalhar por cima de sua vagina.

– Somos a única espécie que tem um problema moral com o sexo.

Dois dedos duros, grossos a faziam estar pronta para aceitar sua estocada. Umedecendo-a. Relaxando e estirando os músculos vaginais que seriam empurrados a limites obscenos quando seu pênis se conduzisse entre seus lábios e logo aumentasse e se agarrasse pelas paredes de seu sexo. Seu pênis se iria inchando ainda maior que qualquer que Chloe alguma vez tivesse tomado dentro dela. Seu órgão o empalaria e sua luta para tirar seu corpo do dela seria inútil.

Os dois realmente se converteriam em um até que as necessidades de Caine fossem satisfeitas completamente.

– Somos os únicos animais com moral, Doutora Evans.

Seu título e educação o excitavam. Seu cérebro o excitava. Seus peitos e quadris e seu aroma faziam que o animal nele, mesmo que estivesse em sua forma de homem, queria enterrar seu membro nela tão dentro e com tanta força como ele pudesse empurrar.

A atração de Caine por ela era tão óbvia como a que seu irmão havia sentido essa mesma noite, mas mais cedo.

E tão óbvia como era a atração de Chloe para Caine.

– Consideraste alguma fortaleza em nossa espécie? – perguntou Chloe.

– Ou uma debilidade?

Ela deslizou sua mão para trás enquanto expunha sua pergunta, para seu corpo, só um pouco mais. As pontas de seus dedos podiam tocar onde o tecido cobria à mulher. Sua unha, só uma, arrastou-se pelo tecido, causando que suas coxas se apertassem em resposta.

– Pode imaginar o que aconteceria se nós não tivéssemos moral, Chloe?

Ela não podia olhá-lo. Seu corpo palpitava com a necessidade que sentia pelo homem ao lado dela. A voz de Caine seguiu acariciando sua mente enquanto Chloe, em segredo, permitia que suas próprias mãos acariciassem seu sexo.

– Se o homem permitisse que seus instintos o controlassem sexualmente, nenhuma mulher estaria a salvo, — murmurou ele.

– Seria caçada, Chloe. Especialmente quando estiver em período fértil. Os homens viriam por você em hordas. Não seria só você...

Caine parou e tomou um comprido e profundo fôlego, e Chloe sentiu o ar que entrou nele como se corresse por suas próprias veias. Como se ele o tivesse tomado para ela. Acalmando-a. Tirando-lhe um pouco da pressão que suas palavras e sua voz e sua presença a causavam.

– Acredito que as histórias que ouviu começam quando isso mesmo aconteceu, Chloe. Quando grupos desses homens, às vezes, viajavam juntos para encontrar companheiras...

– Em manadas...

Ele assentiu para a interjeição sem fôlego de Chloe e logo lhe sorriu.

– Sim –, disse tranquilamente e fez uma pausa. Chloe sentiu que seus mamilos começavam a roçar contra seu sutiã, enquanto o carro avançava dando sacudidas com o passar do caminho de montanha.

Ela suspeitou que, de algum modo, também ele o sentiu.

– Como contam as histórias, estas manadas de homens teriam viajado de cidade em cidade pelas montanhas, – continuou, – e eles teriam caminhado pelas ruas durante o dia para escolher suas companheiras. Falando-lhes, – encolheu-se de ombros e logo a olhou. – as atraindo.

Ela se perguntou que inferno conduzia o carro, porque era seguro, como a mesma porcaria, que ele não olhava por aonde ia. Não estava preocupada, não ainda. Seus olhos estavam fixos nela. Inclusive na escuridão, Chloe poderia sentir seu olhar fixo sobre seus olhos e logo sobre sua boca. Fizeram uma pausa quando obtiveram que seus endurecidos bicos se voltassem muito visíveis ainda através de seu suéter e sutiã.

Ela se perguntou se ele podia ouvir ou ver a necessidade que gritava desde entre o interior de suas pernas.

Finalmente, ele girou sua vista de volta ao caminho.

– Quando a noite caía apenas algumas das mulheres que tinham sido escolhidas como companheiras faziam um alvoroço verdadeiro quando a manada vinha por elas.

– Apenas alguma? – Chloe conseguiu perguntar, roçando com cuidado seus inchados lábios com os dedos, enquanto falava.

Caine sacudiu sua cabeça.

– Poucas vezes.

Esta conversa deveria parecer incorreta ao lado racional de Chloe. Travessa. E muito, muito perigosa para que qualquer mulher sã e inteligente pudesse seguir desfrutando com um homem ao que ela conhecia só através de seu trabalho. Mas isto também fazia que a palpitação entre suas pernas aumentasse e de repente a necessidade de Chloe de liberação lhe obrigasse a urgência.

– O que acontecia quando uma mulher realmente resistia?

Os olhos de Caine olhavam à frente, pesando o modo em que sua pergunta lhe tinha feito respirar agitado. Chloe o olhou inspirar e expelir lentamente. Como se agora acalmasse seus próprios nervos. Obviamente, ele também sentiu a ardência que provocava uma conversa muito íntima compartilhada com um completo estranho. Mas seu desconforto devido a suas brincadeiras a fazia sentir-se mais a gosto com seu próprio desconforto. Isto lhe assegurava que ele era tão humano como ela.

Ela só podia esperar que ele compartilhasse as outras reações emocionais e físicas que a conversa estava provocando nela. Chloe deixou a seus olhos vagar para baixo, para onde seu membro se ocultava na escuridão. Seus dedos, que ainda pressionavam e acariciavam sua vagina, picaram-lhe com a necessidade de alcançá-lo.

Envolver-se ao redor dele. Para ver se estava tão duro como ela suspeitava que estaria agora. Tão duro como ela esperava que estivesse.

Ela já sabia quão de comprimento, grosso e exigente seria.

– São só histórias, Chloe.

Ela tinha ouvido suas palavras. Todas elas. A pausa falada dele era uma pergunta ao seu desejo de continuar, e uma declaração de que não a conhecia o bastante bem para lhe responder esta última pergunta. Não sabia como reagiria a detalhes que dos quais ele estava bastante seguro de que ela já se inteirou ou ao menos os tinha evocado em sua própria mente. E não estava seguro de se ela realmente queria ouvir os detalhes que podiam fazê-la ficar ainda mais úmida e ainda mais preparada para o que fora que lhe estava ocultando. Por cima de tudo, ela suspeitava que ele se perguntava se ela era capaz de pensar como um de seus personagens. Uma de suas criaturas.

Ou melhor, ainda, uma de suas companheiras.

A coragem que utilizava quando atuava com animais muito feridos e doentes para saber que sua aproximação e seu toque queria em realidade curá-los e não lhes infligir mais dor do que já tinham, inflamou-se dentro de Chloe e a fez deslizar-se um pouco mais perto de Caine sobre o assento para ajudar-se a responder a suas perguntas menos verbais.

– O que pensa que lhes teriam feito às que resistiam Caine?

Sua mão se apertou mais forte sobre o cabo. Chloe inspirou o ar de seu fôlego e seu aroma quente, consolador e masculino, encontrou seu caminho para ela pela via de seu nariz e boca. Ela podia cheirar seu aroma, assim como lhe provar. E sentiu seu pulso acelerar-se atrás de seus peitos, enquanto ele não movia seu corpo de maneira nenhuma que insinuasse seu desejo de que ela se afastasse dele ou de que terminasse com seu interrogatório.

Sua vagina demonstrava mediante espasmos, com claridade assombrosa, seu desejo de que este homem estivesse dentro dela.

Ela sentiu que o carro fazia uma parada, mas não se preocupou de onde estavam só de que estava o bastante perto para olhar seu rosto. Quando ele se voltou, agradeceu ter resolvido aquela questão.

– O que podiam fazer Chloe?

Esse convite, deste homem, na escuridão e no meio – não sabia –, era um orgasmo em si mesmo. Mas conseguiu parecer tranqüila quando lhe respondeu.

– Isto é ficção. – Assentiu ela.

– De acordo?

– Absolutamente. – Ele assentiu com ela e girou seu corpo para enfrentar-se ao dela. Chloe fez que seus dedos ficassem quietos, mas os deixou pressionados ali onde estavam.

– Porque estas coisas nunca ocorreram certo?

Ele sacudiu sua cabeça lentamente. E logo sorriu abertamente antes de encolher-se de ombros de maneira adorável.

– Não o fizeram?

Aquela pergunta deu a Chloe uma faísca de esperança que não havia sentido desde que Maw tinha morrido. Caine tinha ouvido as histórias. Ele as conhecia tão bem como ela. Inclusive conhecia algumas mais. E isto possivelmente podia significar que ele se sentia da mesma maneira respeitoso ao sexo e aos impulsos animais que todos os humanos tinham no dormitório. O bosque. Essa era a diferença que fazia Caine. Ou deste modo suas novelas certamente podiam apontar a isso.

– Poderíamos escrever um de seus livros juntos, Caine?



Ele sorriu abertamente para ela, outra vez sem lhe responder. E logo moveu seu corpo um pouco mais perto do dela. Se Chloe não tivesse estado tão hipersensível a este homem, tendo cada fibra querendo ser tocada por este homem, provavelmente não teria notado o oco entre eles fechar-se. Era sutil. Cauteloso. Mas isto a pôs dentro de seu alcance.

O qual era seu plano e a enchia de esperança.

– Poderíamos – murmurou ele com uma voz que soou ao Chloe como o papel de lixa contra o pecado.

Seus dedos involuntariamente se apertaram sobre seu sexo ao som. Chloe queria que os dedos de Caine a apertassem. Cada terminação nervosa em seu corpo exigia ser tocada pelas mãos deste homem. Ela queria saber que ele não podia deter-se a si mesmo com o desejo de alcançar seu rosto. Seus peitos. Não podendo impedir que suas mãos se metessem entre suas coxas.

Ela queria que lhe mostrasse a resposta à pergunta que estavam considerando.

E ela apresentaria um inferno de “resistência” para que fizesse o que quisesse.

Uma atuação digna de um Oscar.

– De modo que, o que poderiam fazer Chloe? Esta é sua história, – ele sorriu. E logo mais amplamente.

– Ou isto limita sua resposta?

Realmente entendia. Perfeitamente. Ele entendia às pessoas que faziam amor como uma resposta primitiva, de animal, de um pouco mais forte que a moralidade, a religião ou leis. Ele entendia o papel de predador e presa que a algumas mulheres gostava de viver no dormitório. E provavelmente entendia o desejo de uma fêmea humana para ser dominada às vezes e de fazer amor como se fora pela força. Usava sua voz e sua linguagem corporal e esses olhos para deixá-la saber que ele sabia coisas a respeito dela e que esse era o jogo ao que estavam jogando. O mais antigo jogo que existiu sempre entre o macho e a fêmea. Marido e esposa. Homem e mulher.

– Os antepassados mais velhos do Homem eram todos caçadores, – declarou Chloe com cuidado.

– Espreitavam, matavam e se davam festins quando suas habilidades dominavam às de sua presa. E o faziam assim, sem pesar ou culpa. Acredito que seus filhos possivelmente seguem, até hoje em dia, ansiando aquela excitante vida natural.

– De modo que simplesmente teriam tomado o que queriam?

– Por que não o fariam? – Perguntou.

– Seu lado animal não teria encontrado nenhuma razão para não fazê-lo.

Chloe se moveu no assento outra vez e olhou para trás ao sinal de parada onde eles se detiveram um momento. Pensou em suas opções. Sobre o que era seguro e correto e as coisas que deveria fazer como uma mulher atual, de sua educação, e nível de responsabilidade. Sobre o que ela deveria fazer devido a que acabava de ter sexo com seu gêmeo. E logo fez justamente o contrário.

– Acredito que eles roubavam às mulheres que queriam, – começou suas mãos quietas agora. Esperando. Tanto pelo resto de sua resposta para ver a reação dele.

– E acredito que forçaram às mulheres a acasalar-se com eles quisessem elas ou não. – Estava segura de que ele podia ver seu pulso, ainda através de sua pele, roupa, e ainda através da escuridão que a envolvia.

– Embora não acredito que os homens tivessem alguma opção, – disse tranquilamente antes de esclarecer sua garganta e conseguir que sua voz fora estável outra vez.



– É biologia simples, Caine. O macho de qualquer espécie sente o impulso de transpassar seu código genético. E esse impulso toma o controle em algumas espécies. — Fez uma pausa e considerou a verdade de sua seguinte declaração.

– Acredito que toma o controle em toda espécie até certo ponto. E acredito que há muito prazer que pode ser encontrado em tais impulsos naturais e condutas.

Ela podia ouvi-lo respirar. Com cuidado. E deliberadamente, lhe dando o tempo para ordenar seus pensamentos.

– Está me dizendo o que crê que teria acontecido se as histórias fossem verdadeiras. Chloe?

A mão dela se flexionou sobre o cabo ao seu lado e mantendo seus olhos à frente se encolheu de ombros.

– Não criei essas histórias, verdade?

Ela se perguntou quão amável seria isto, não para sua segurança física, a não ser para sua segurança emocional. Os sonhos, fantasias e crenças de Chloe eram preciosas para ela e ter a alguém se burlando deles ou tratando e fazendo-a sentir-se suja ou equivocada devido a eles, era uma das coisas mais dolorosas nas que podia pensar. Seu ânimo cambaleou. Mas não o suficiente para protegê-la completamente. Sacudiu sua cabeça pouco convincentemente.

Ele estava tranqüilo. Exceto por seu pulso e o som suave de sua respiração ao lado dela. Estudava-a enquanto ela rechaçava olhá-lo. Provavelmente decidindo que faria que uma mulher tão culta, considerasse que tais tolices pudessem ser verdadeiras. A pesar do fato de que esses absurdos eram situações que ele mesmo tinha criado com sua mente. Ou possivelmente, porque ele não era de mente tão aberta como ela tinha querido acreditar, quando nasceu a atração natural entre eles, e realmente ele estava enojado pelo fato de que ela paquerava descaradamente com ele, mesmo que ela tivesse estado com o Luke. Ela o ouviu lamber seus lábios outra vez antes de falar.

– Queria acreditar neles?

Ela sacudiu sua cabeça. Muito rapidamente para parecer acreditável, provavelmente. Mas suas defesas tinham dado patadas, justo no momento em que tinha descoberto o mesmo tom de incredulidade em sua voz, que tinha ouvido antes quando lhe tinha contado seus sonhos a alguém. Seu coração se desanimou com o som.

Chloe tinha estado tão segura de que Damon Caine, se é que existia alguém que pudesse, acreditaria. Mas freqüentemente o que alguém acreditava e o que acontecia na verdade, Chloe já o tinha aprendido, não estavam sempre no acordo.

Ela o sentiu mover-se outra vez no assento. Provavelmente afastar seu corpo da mulher que pareceria tão excitada com tais contos de fadas e que parecia querer que tais coisas maliciosas e pouco naturais fossem verdadeiras, suspeitou ela. Ele tinha visto sua reação. Ele a havia sentido. Simplesmente não era algo que ela alguma vez tivesse sido capaz de ocultar muito bem. Agora não estava nem sequer segura de que ele não tinha estado a par de que ela tinha estado tocando-se todo o momento que ele havia contando contos de fadas. E ela tinha, por outro lado, o sentimento de que ele sabia cada detalhe travesso sobre o que tinha estado fazendo na sala de estar da cabana, só um par de horas antes.

Chloe teve que girar sua cabeça para a janela, para lhe impedir de ver, quão visivelmente transtornada tinha ficado ao dar-se conta de que ele era igual a qualquer dos outros aos que ela se confiou com o passo dos anos. Não lhe deixaria ver a história em seus olhos, que contavam que mais de um homem tinha tomado sua admissão desta fantasia, como um sinal de que ela queria ser violada. Chloe conhecia a diferença entre o abuso e a paixão. Sabia distinguir uma lambida de amor de uma palmada. E conhecia a diferença entre o desejo incontrolável e a furiosa violação.

Mas nunca tinha encontrado a um homem que o entendesse também. E ela estava malditamente segura de que nunca tinha encontrado a alguém que o entendesse e que parecesse ser compatível com ela tão mental, sexual, e emocionalmente.

Como Luke, Caine tinha parecido entender. Mas só até que ele tinha terminado de fazer o amor com ela.

Ela sabia agora que nunca poderia lhe dizer ao Caine que todas e cada uma das vezes que tinha lido um de seus livros, tinha esperado, se é que alguma vez chegaria a conhecê-lo, que ele seria uma pessoa que não pensaria que ela era infantil, pervertida ou insana por acreditar e querer tais coisas. E o que tinha esperado dele era que entendesse onde se encontrava a fina e frágil linha, entre a necessidade humana e a luxúria animal, realmente vivida. E sobre tudo, sabia que nunca poderia lhe dizer que tinha muitas vontades de ter a um homem que o fizesse. Ou que ela realmente tinha acreditado que ele poderia ser aquele homem, até antes de havê-lo encontrado.

Mas ele era só um escritor. E suas histórias eram as que lhe tinham feito acreditar que suas queridas histórias e o homem imaginário que tinha criado em sua mente saberiam como levar a cabo tais fantasias. E embora Chloe não sentisse nenhuma culpa absolutamente sobre o que ela tinha feito com seu irmão, suspeitava que Caine lhe era ainda mais atrativo dadas às circunstâncias. Provavelmente esta era a verdade, não importando o que ela, com tantas vontades, tendia a acreditar.

Chloe deixou descansar sua frente contra o cristal frio da janela, tratando de refrescar um pouco o calor de sua cara vermelha pela vergonha. E jurou que nunca voltaria a admitir seus sonhos a ninguém ou trazê-los para colação outra vez.

O calor do fôlego dele em seu ouvido a fez girar sua face rapidamente para confrontá-lo outra vez.

– Essas histórias lhe excitam Chloe?

Ele não se afastou. Nenhuma polegada, de fato. A voz de Caine era ainda um som baixo cheio de afeto enquanto lhe falava. E ele não tinha o olhar enlouquecido de um homem que falsamente acreditou que lhe tinham dado o passe livre para seu corpo, sexo, e alma. Tampouco era o olhar de um homem que pensa que vê um pedaço fácil de traseiro diante dele.

Ela não pôde conseguir assentir, nem pensar de uma palavra para lhe confirmar sua suspeita. Mas ele não a necessitou, ao parecer. Os olhos dele e o fôlego dela e algo primitivo que o homem detectou na mulher, foram suas mensagens.

A pontada que ela sentiu foi aguda e rápida. E não foi que ela a considerou, no mínimo dolorosa. Mas não tinha sido precedido por sua conversação ou algum entendimento tácito ao que tivessem chegado juntos segundos antes, a ação e a picada tinham sido bastante inadequados.

Ela a sustentava pelo cabelo. Seus dedos entretidos em meio de seus cachos, flexionados, pulsantes, ao parecer. Refletindo o pulso que ressonava entre suas pernas.

– Teria resistido a eles, Chloe?

Sua boca roçou a sua enquanto ele falava. Chloe podia saborear o fôlego que provinha de seus lábios quando ele falou. Embriagou-a, fazendo que sua cabeça desse voltas e caísse para trás, lhe dando razões a sua mão para enredar-se outra vez entre seu cabelo. A pontada renovada foi mais pronunciada e mais estimulante.

– Teria tentado rechaçá-los, Chloe? Às criaturas que eram mais animais que qualquer homem? As criaturas que não podiam ser derrotadas por homens humanos plenamente desenvolvidos? – Ela sentiu que a ponta de seu nariz se arrastava por sua bochecha e logo ao redor de seu ouvido. Seu fôlego a seguiu, a fazendo cócegas. Esquentando-a cada vez mais. Movendo-se contra sua pele com um sinal de vida e com as implicações naturais do que eles poderiam criar juntos.

O suave e sensível lóbulo de sua orelha foi capturado entre seus dentes de repente. Breve. E ainda mais potente em sua pressa.

– Não teria nenhuma possibilidade contra tal criatura, amor. – Ela sentiu as palavras mais que as ouvir e logo notou que ele tinha feito uma pausa para morder a pele sensível justo debaixo de seu ouvido. Um lugar, que ela sabia, ainda levava o sinal da paixão do Luke. Mas não tomou. Não ainda. Ele simplesmente a estudou.

– Não se ele te quisesse o suficiente.

Sua língua, só a ponta, quente e úmida e muito talentosa, viajou através da pele que ele acabava de admirar. Exatamente onde seu irmão o tinha feito. E logo desapareceu. Justo no momento em que seus lábios roçaram os dela.

– O animal em ti, alguma vez quis algo tão intensamente que a mulher humana dentro de ti faria algo incorreto para tê-lo?

Seus olhos estavam ao nível dos seus, sua boca ainda tão perto de seus lábios. Sua mão ainda enredada em seu cabelo. Sustentando-a no lugar em que ele a queria, tal como seu gêmeo o tinha feito. Chloe não podia lhe ocultar suas expressões, com ele dominando-a dessa maneira. Todo seu medo e sua excitação e o desejo estavam ali em frente dele. Tudo isto o viu ele através de seus olhos e pelo rubor de suas bochechas e a mancha vermelha, de nervoso vermelho natural que tinha começado a aparecer sobre seu pescoço e peito.

Ele a olhava fixamente, mais profundamente do que ele o tinha feito em sua fantasia. E como veria a quente e molhada excitação que ela seria incapaz de guardar em segredo, ele a obrigaria a estender-se aberta; Chloe sabia que Caine estava olhando como ela se excitava ainda mais ante seus olhos.

Chloe sacudiu sua cabeça para responder sua pergunta. E lambeu seus lábios para tentar falar. Os olhos dele imediatamente foram à ponta de língua que sem querer lhe tinha mostrado com seu movimento.

– Teria feito você, Caine?

Seus olhos estavam ainda sobre sua boca. Mas não a boca em sua fantasia, esta vez. Estes lábios, que eram quase aceitáveis para ele de provar só uns momentos como parte de seu noivado humano. Ela podia sentir o movimento de seu peito quando ele inspirou, querendo que ele rompesse a menor das regras sociais e permitisse que suas bocas se explorassem a uma à outra. Sua excitação lhe obrigou a inspirar em um movimento que pareceu um ofego, ou ao menos, o que ela teria pensado era um ofego de seus lobos quando estavam perto dela.

Exatamente como Luke ofegou contra mim...

Aquele pensamento dançou por sua mente e Chloe sentiu um diminuto ofego que a deixou pensando. Idênticos atributos físicos entre os homens, ela podia aceitá-lo. Mas que ambos tivessem tão similares sinais de excitação sexual e expressão com ela, era mais retorcido e decadente do que Chloe tinha considerado.

Mais rapidamente do que se demorou esse pensamento em formar-se, uma das mãos de Caine tinha liberado seu cabelo e tinha escorregado dois de seus dedos entre seus lábios momentaneamente separados.

Sondaram dentro de sua boca. Com cuidado ao princípio, e logo mais ferozmente como se ele não tivesse encontrado o que queria dentro dos primeiros segundos de sua busca. O primeiro instinto de Chloe foi apertar as mandíbulas e tentar impedir que os dedos entrassem nela, mas deixou que o impulso se fora e de repente isto se converteu em um pouco muito diferente.

O desejo dele a infectou de algum modo. A fez querer que ele encontrasse o que necessitava. E assim o deixou encontrar o que procurava como sua curiosa e necessitada mão.

Chloe apenas tocou as pontas de seus dedos com sua língua. Mas o fez deliberadamente e com bastante convicção como para que ele levasse seus olhos desde sua boca para os olhos dela.

Ela lambeu seus dedos enquanto ele estudava seus olhos. Relaxou suas mandíbulas e tomou totalmente em sua boca. Começou a saboreá-los quando lhe deram um tamborilar na língua. Assim que ela descobriu seu sabor, rodeou-os com sua língua e começou uma lenta, e pulsante sucção sobre os compridos e masculinos símbolos fálicos que ele tinha forçado entre seus lábios.

Poderia ter sido considerado obsceno se tivesse sido qualquer outro homem o que lhe acabasse de fazer isto. Mas tal como lhe havia dito, Chloe tinha lido tudo o que este homem alguma vez tinha escrito. E ela queria acreditar que a palavra, obsceno não existia no vocabulário de Caine quando este se deixava ao âmbito do amor sexual e físico.

Caine não queria nada vulgar ou degradante com esta ação. Se o que ele tinha escrito tinha alguma base real em relação ao que o homem sentia sobre o sexo e a atração animal e sua relação com a paixão humana, Chloe sabia exatamente o que ele estava fazendo.

Ele a explorava. Procurando seu sabor e explorando-o. E excitando-os a ambos indiretamente, simplesmente com suas tentativas de que se familiarizassem um com o outro. Paquerando.

Jogos prévios

Estilo animal.

Ao menos isso era o que Chloe esperava que o homem estivesse fazendo. Tentou com força pensar na mínima possibilidade de que ele era vítima de um sério fetichismo chupa dedos.

Ou um fetichismo de sucção em geral, embora Chloe não tivesse nenhuma aversão a qualquer forma, posição, ou ação que tivesse que ver com o ato sexual.

Só passava que não os tinha tentado todos ainda. E Damon Caine podia ser o homem com o que ela pudesse perder algumas virgindades mais se ele era o que aparentava ser.

Ele empurrou aquela pequena esperança mais perto de uma conclusão quando tirou seus dedos de sua boca e os meteu na sua. Degustando o sabor dela em sua boca.

Exatamente o que ela tinha esperado que ele fizesse.

E exatamente o que seu irmão tinha feito.

Ela não estava segura de se o apertão em seu cabelo se fez mais forte antes ou depois de que sua boca sufocasse a sua, mas em algum sítio com o passar do caminho, ela perdeu a cobiçada capacidade que alguma vez tinha tido de poder escapar de qualquer situação que se equilibrasse sobre ela.

O homem era definitivamente uma besta curiosa. Ou ao menos no sentido oral da palavra. Chloe foi beijada. Chloe foi provada. Chloe foi saboreada de uma forma em que nunca tinha sido saboreada antes. Inclusive pela língua de seu irmão sobre seu sexo. Mais importante, o homem agora a fazia sua comida quando encontrou sua úmida boca.

Caine não disse muito. Mas não tinha que fazê-lo.

Suas mãos lhe disseram que ele não queria que ela se afastasse dele até que tivesse terminado com ela. Seus lábios silenciosamente começaram a criar a história sobre a qual ela tinha “brincado”. Seus lábios lhe contaram todo o desejo, luxúria e paixão tão fora de controle, que até a mais educada das mulheres e o mais bem-sucedido

dos homens e o mais domesticado dos animais, tivessem ficado necessitados frente suas demandas se alguma vez os tivesse pegado em seu abraço.

Sua língua se emparelhou com a sua enquanto nenhum deles olhava. E como se nenhum deles se preocupasse.

Chloe não podia respirar. Não podia afastar-se dele ou tirar suas mãos de seu cabelo ou sua boca e as pôr a distância dela. Seu coração golpeava com uma mensagem que lhe dizia que tinha feito o amor com o irmão incorreto. Chloe sentiu que ele era o homem com o que ela tinha nascido para unir-se, enquanto suas mãos e a boca lhe impediam de negar esse fato. Se Luke ficou com ela e lhe tivesse mostrado o afeto que ela tinha necessitado depois de que tivesse estado dentro dela, Chloe estava segura de que poderia haver sentido esta união com ele. Mas ele não o tinha feito. Não tinha estado em sua natureza. Ao menos não em sua natureza quando tinha estado com ela.

Isto constituía a maior parte da natureza de Caine. Ele, como ela para ele, tinha sido criado para um objetivo. Fazer amor com ela. Dar-lhe prazer e dor e tudo o que pedisse. Damon Caine era tão forte como Chloe, se não mais forte. Fisicamente. Emocionalmente. Mentalmente. Chloe nunca tinha encontrado um homem assim antes. Certamente não um como o que a sustentava em seus braços. E se perguntou como tinha vivido alguma vez sem saber como se sentia realmente.

Um homem inteligente. Um PhD? Summa Cum Sentencie (grande honra-graduação)? Forte como um boi, se ela necessitasse doações para sua equipe ou havia um animal ferido em alguma parte.

De repente, se sentiu desprotegida.

Chloe fazia muito tempo tinha decidido ser uma fêmea forte e inteligente devido a suas próprias quedas. Sua fantasia sempre tinha sido encontrar um homem que a pudesse envergonhar com sua força. Um homem que pudesse sustentar-se a si mesmo contra ela em cada aspecto da vida. Um aliado digno naquela guerra que lutariam juntos.

Um animal como o que sua bisavó tinha criado em sua mente.

Caine tinha criado animais muito similares em sua própria mente. E Chloe estava aprendendo, de primeira mão, quão capitalista esse animal podia ser quando vivia no corpo de um homem.

Outra vez suas ações, a combinação de refreamento e a liberação, dominação e retirada, eram um borrão enquanto ela encontrou sua boca livre para recuperar o fôlego e seus dedos lhe massageando seu sensível couro cabeludo, onde ele mesmo acabava de infligir dor. Os olhos de Caine reataram seu apertão assim que encontraram os dela outra vez. Seus lábios roçaram contra sua boca uma vez mais, sem realizar algum movimento decidido para outro beijo. E sorriu.

– Essas são apenas histórias, Chloe.

Só história. E Caine era só um homem.

A realidade nunca tinha provado ser tão boa antes.

– E meus livros também são ficção, – ele assentiu e se deslizou através do assento para pôr o carro em marcha.

Chloe se perguntou como conseguia permanecer tão tranquilo. Como poderiam ficar juntos depois do que ele acabava de lhe fazer. O homem tinha metido a mão em sua psique e tinha aberto um buraco em tudo o que ela sabia como racional e são.

E logo depois de algum modo tinha sido capaz de deixá-lo passar.

Por um momento, Chloe teve que perguntar-se a qual dos irmãos acabava de provar.

Envolveu-se com seus braços ao redor de seu corpo e olhou fixamente para frente. Seu pulso esmurrava em seus ouvidos, para baixo em seus clitóris e logo reverberava para os dedos dos pés. Estava viva. Acordada. Mais excitada do que alguma vez tinha estado em sua vida. Nunca.

E ele simplesmente a tinha beijado.

Chloe não tinha tido tempo para pensar na pressa da antecipação que provinha de um primeiro beijo. Nem seu corpo nem sua mente se incomodaram em examinar os significados sociais detrás o que o homem fazia com suas mãos e boca quando tinha tomado posse dela. Caine não havia colocado meio doido seus peitos. Nenhuma vez tinha tentado alcançar seu sexo. Ele não tinha usado nenhuma área óbvia e conhecida de seu corpo para fazer que ela reagisse como o tinha feito. Salvo sua boca. Sua capacidade de sentir a dor aguda e agradável do desejo.

E sua mente.

Cada reação que ela tinha tido era automática. Natural.

E eram o resultado de um beijo.

Chloe não podia sequer começar a imaginá-lo que este gêmeo poderia fazer com seu corpo.

## Capítulo 9

As luzes da imensa granja tomaram a Chloe por surpresa, quando Caine girou em uma curva e dirigiu o carro por um caminho que serpenteava até chegar a um impressionante jardim, onde apareceu uma porta igualmente impressionante. Até onde ela podia ver à luz da lua, a estrutura estava imaculada e os lados do caminho se podiam apreciar temporalmente em hibernação arbustos e jardins de flores, além de várias dependências e pequenas casas. Entrecerrando os olhos na escuridão, Chloe girou e inspecionou a propriedade sem tentar ocultar sua curiosidade ou sua surpresa.

– Parece como se tivesse aqui seu próprio povo.

Não tinha pensado dizer as palavras em voz alta, mas o leve sorriso que lhe provocou com seu comentário a fez alegrar-se de havê-lo feito. A casa principal, em si, era o bastante grande para albergar a várias famílias. Perguntou-se como se veria a casa à luz do dia, enquanto observava como Caine abria sua porta, ao mesmo tempo em que ela alcançava seu próprio trinco.

– Espera.

Sua mão se congelou sobre o agarrador e sua vista sobre ele. Sustentou seu olhar nela enquanto com um dedo assinalava para fora, com um ar de autoridade que sugeria para fazer o que lhe pedia, devido a algum perigo ou outra situação que tinha que verificar antes que saísse do carro.

Chloe deixou suas mãos em seu regaço e o observou fechar a porta. Enquanto esperava algum sinal ou palavra que lhe dissesse que tudo estava bem e que podia descer, inspecionou rapidamente o pátio com a esperança de descobrir o lobo, o cão raivoso ou à besta assassina do que ele a protegia. A cabine do caminhão estava silenciosa e inundada na escuridão e Chloe começou a pôr a carne de galinha uma vez



que o calor foi desaparecendo ao estar apagado o motor. Inclinou-se para frente, tratando de ver por onde tinha ido Caine, mas não se via nada.

Sua porta se abriu tão rápido que ofegou e saltou quando lhe ofereceu sua mão. Um sorriso de diversão acendeu seus olhos ante seu sobressalto por seu simples ato de boas maneiras e fez que Chloe o olhasse fixamente um momento, antes que conseguisse mover seus pés e mãos fora do carro.

Quando finalmente conseguiu alcançar sua mão, a força com a que impulsionou para fora, fez que seus próprios movimentos resultassem desnecessários. Não lhe deu um puxão nem a empurrou, mas em troca, algo a tinha atraído fora do carro e a tinha empurrado muito perto dele, antes que fechasse a porta. Como se de algum modo soubesse quão sensível e rígida estava.

– Não pode vagar por estes arredores sozinha, Chloe.

O apertão de sua mão reafirmou suas palavras. Seu olhar lhe disse que não discutisse com ele.

– Para seu próprio bem.

Chloe estava confusa.

– Isto Caine são sozinho bosques, Por Deus! E se houver um lugar no que estou segura, é a milhas de distância da civilização, do telefone e da T.V. Realmente, pensaria que sabendo qual é minha profissão, teria alguma idéia de minhas habilidades e de minha familiaridade com os animais, – Brincou. Ignorando o olhar que lhe dirigiu, manteve os pés firmes em seu lugar.

– Caine, não sou estúpida e tampouco nenhuma garota de cidade que necessita que lhe ponham uma corda.

Por alguma razão, possivelmente pela intensidade com que fixava seus olhos nela, Chloe suspeitou que não fosse nenhuma besta de quatro patas pelo que Caine estava preocupado.

Algo em seu estômago lhe disse que tinha razão nesta hipótese, mas o investigador ansiava provas para analisar esta informação em profundidade. E a mulher nela sabia exatamente como extrair a informação de um homem como Caine. Quando cruzaram o jardim, de algum modo conseguiu escapar sua mão da dele, lhe obrigando a se deter e dar volta para confrontá-la.

– Posso cuidar de mim mesma Caine.

Seu olhar novamente refletia moléstia, mas não zanga, quando voltou a tomar sua mão. Mas quando de novo sacudiu rapidamente seus dedos para deixá-los fora de seu alcance, ele a olhou sério.

– Chloe.

É tudo o que disse. Só seu nome. Mas o tom e o olhar que o acompanhou fizeram que Chloe se sentisse como se tivesse sete anos outra vez e seu papai acabasse de arreganhá-la por lhe fazer perder a paciência.

O discípulo do Freud? Que habitava nela adorava aquele tom.

Cruzou seus braços sobre o peito e lhe olhou fixamente. Perguntando-lhe silenciosamente quem acreditava que era. Sua cara não lhe disse grande coisa exceto que estava zangado com ela por havê-lo desafiado.

Inspirou profundamente e se aproximou, mas a ela, causando que inconscientemente desse um passo atrás. Imediatamente e em silêncio se amaldiçoou por deixar-se intimidar. Para ser uma digna oponente, muito provavelmente, deveria atuar como um comandante. Chloe levantou a cabeça e quadrou os ombros enquanto lhe seguia sustentando o olhar.

Ela observou que seus olhos se abrandavam um pouco enquanto a olhava.

– Chloe, por favor.



Aquele tom. E aquela palavra outra vez.

As semelhanças do homem com a besta que ela conhecia lhe pareceram intermináveis.

Sua mão se aproximou novamente às suas, mas agora só a uns centímetros, para dar oportunidade para que tomasse sua mão. Chloe manteve seus braços cruzados e olhou para seus dedos, que de repente queria sentir por toda parte de seu corpo.

Logo que lhe ensinou quem era realmente o chefe, começou a deixar jogar a sua imaginação com os conceitos de suas novelas, enquanto o fazia esperar sua decisão. O medo a desobedecer, que os homens lobo sentiam pelo macho alfa, era definitivamente excitante. Como também o era a impotência das fêmeas contra tal força.

Mas estando ao lado do homem que tinha criado tais fábulas e mitos em sua cabeça, Chloe considerava outra possível mensagem, que ela e muitos outros poderiam ter perdido em seus trabalhos.

O verdadeiro poder na luta entre o companheiro e a fêmea sustentava-se não em perseguir, mas sim em ser açoitado. Chloe sentiu exatamente essa classe de poder no momento em que ele baixou o tom de sua voz e lhe pediu obediência. Ocorria que mesmo que qualquer macho verdadeiramente pudesse aplicar a força sobre sua companheira, se esta não fora o objeto de seu desejo, ele não sentiria nenhuma necessidade de persegui-la.

Chloe sorriu abertamente de maneira sedutora e sabendo de que a criatura diante dela queria alcançar sua mão. Que ela de algum modo controlava a situação simplesmente por ser membro do sexo débil era excitante.

– Quer me irritar?

A voz era atrativa e profunda e as palavras tinham sido grunhidas em um tom de voz que fez que os mamilos de Chloe se endurecessem.

Novamente.

E novamente contra sua vontade.

Luke Caine estava de pé frente a ela, olhando-os do degrau superior do alpendre. As pernas estendidas, os ombros erguidos e os braços cruzados de forma mais insolente do que tinham estado os seus.

Caine virou para confrontar a seu gêmeo e Chloe observou silenciosamente os dois formosos homens frente a ela.

Deus maldito.

Chloe estava assustada e excitada, tudo ao mesmo tempo, com um frio de morte e por alguma ímpia razão enquanto estava de pé ali, sentiu-se como um caro pires em um restaurante de luxo, entre dois homens igualmente vorazes.

– Ela não dorme completamente vestida, Luke.

Chloe pôde perceber em seus olhos, os ásperos dedos do Luke percorrendo sua pele, arrastando-se por seu pescoço, amarrando-se a seus peitos e daí baixando a sua dolorida parte feminina. Não se preocuparia se ia machucá-la. Podia vê-lo claramente em seu rosto. Luke a machucaria ainda mais se o impulso surgisse nele novamente e seus gritos não seriam de prazer esta vez. E não se preocuparia se a fazia sofrer porque não sentia mesmo ela. O coração de Chloe sabia tudo isto simplesmente pelo olhar que tinha fixado sobre ela.

Aparentemente, seu lado suave não era algo que se mantivesse nele por muito tempo.

– Sei como dorme Caine.

Se a atração mútua entre ela e Caine tinha sido real e tangível, então a atração que existia agora entre ela e, estes dois homens gritava para que resolvesse a

dualidade entre a raiva e o amor. E a declaração que Luke Caine acabava de fazer afundou uma navalha afiada em sua garganta e começou a sangrar pelo pesar que sentia.

Ele estava zangado outra vez. Como tinha estado à primeira vez que ela tinha tentado fazer amor com ele. Mas desta vez, considerou que sua fúria tinha sido provocada pelas atividades que ele tinha instigado e tinha permitido que ocorressem. Também considerou que poderia estar zangado por vê-la com Caine, mas esta não era a vibração que estava recebendo do homem diante dela.

Chloe quis ver algo em seus olhos que lhe dissesse que havia sentido um ligeiro afeto por ela ou ao menos uma fresta de algum enlace que pudessem ter tido. Mas não encontrou nada parecido em seu olhar. De fato, julgando pelo olhar que Luke jogava sobre ela enquanto se aproximava um pouco, mais a Caine, teria pensado que o homem nunca tinha feito amor com ela.

Tentou afastar sua confusão e a dor pela frieza do Luke. Mas não pareceu funcionar. Caine ascendeu o primeiro degrau para o alpendre e logo se virou a procurá-la. Chloe acelerou seu passo e o alcançou, seus olhos nunca se separaram da cicatriz na cara de seu irmão.

– Olá! Luke.

Caine se deteve quando ela saudou seu irmão. Chloe conseguiu manter-se erguida quando Luke se aproximou e se inclinou para ela.

Poderia jurar que o homem inalava seu aroma.

Luke Caine não se preocupava com ela. Isto era óbvio em seus olhos. Além disso, Chloe sabia que se tivesse estado preocupado, teria ficado a seu lado ao menos uns momentos aquela noite. E teria sido ele quem teria ido atrás dela no meio da noite e não seu irmão a quem não conhecia. Mas ele não se preocupava com ela. Inclusive não o desconcertou quando Chloe se afastou dele para estar mais perto de seu gêmeo.

Sua indiferença lhe fez sofrer mais do que pudesse ter feito a seu corpo. A dor física poderia aceitar. Inclusive desfrutaria do homem. Mas a dor emocional que provinha de um homem que tinha estado dentro de seu corpo, e tinha seguido como se nada, era para ela a classe de homem que nunca tivesse querido conhecer. Luke Caine lhe tinha mentido. Com suas atitudes e suas ações, e enquanto faziam amor a tinha enganado outra vez.

Ou mais exatamente, suspeitava que, Luke lhe tinha mentido sobre como se havia sentido quando tinham feito amor. E sua primeira impressão dele, quando Chloe o tinha considerado insensível e incorreto para ela, tinha estado muito próxima à realidade.

Para ser honesta, Chloe não estava segura de que deveria escutar as sensações ou vibrações provenientes de um homem como Caine. Inclusive agora que estava tão protetor. Como se realmente tivesse opção neste assunto.

As mãos de Caine não exigiam, mas tampouco comprometiam esta vez. Chloe não podia tirar seus olhos do formoso e falso homem frente a ela. Que nunca saberia o sofrimento que tinha feito a seu coração com um só encontro.

Sua mão se deslizou no Caine.

\* \* \* \* \*

– Está ardendo.

Caine apertou a mão de Chloe quando escutou as palavras do Luke e este lhes conduziu à sala de estar onde Lee dormia. Tinha um montão de mantas em cima e estava sobre o canapé; conservava ainda a forma de lobo, com seu corpo tremulo e ofegante, obviamente em piores condições que quando Caine tinha ido buscá-la. Se ele

soubesse quão grave ficaria Lee, não teria se detido e tratado de manter Chloe quente e agora se sentia responsável por suas dores e moléstias.

Bem, suspeitava que não tivesse demorado tanto tempo em fazê-lo, ao menos.

– Tomou alguma classe de medicamento? – Perguntou Chloe enquanto revisava seu corpo.

– Antibióticos? Medicamento viral?

Caine negou com a cabeça e observou Chloe aproximar-se, ajoelhar-se junto ao sofá e abrir as mandíbulas de seu irmão com os dedos. Inspeccionou suas gengivas, sua garganta, e depois pôs os dedos na jugular de Lee para encontrar seu pulso. Caine olhou Chloe acariciar o focinho de seu irmão com uma mão e contar os batimentos do coração de seu coração com a outra.

– Esta quente, – Observou.

– E seu pulso é alto e irregular.

Luke estava impaciente. Nervoso. Caine podia sentir a frustração de seu gêmeo. Algo disso provinha de sua preocupação pelo estado de Lee. Mas a maior parte, provinha de sua excitação sobre o que lhe tinha prometido a Luke que poderia fazer com a próxima fêmea que Caine montasse.

Não ajudou muito que a excitação que Caine tinha provocado no Chloe, enquanto a conduzia a sua guarida, fora tão forte como o aroma de sua fertilidade. Ela se tinha excitado ligeiramente com seus comentários em brincadeira. Mas como eles tinham permitido que as brincadeiras continuassem, Caine tinha sido consciente da maneira em que seu corpo ficou cada vez mais excitado e molhado. Claramente excitada, bastante para tocar-se ela mesma. Quando lhe tinha tomado a mão para conduzi-la para a casa, tinha encontrado o aroma delicioso de sua vagina em seus dedos.

Ele entendia a frustração de seu gêmeo. Caine queria possuí-la outra vez com a mesma brutalidade com que Luke o teria feito. Já que, além disso, não tinha conseguido fecundá-la da primeira vez. O lobo nele o necessitava. E agora seu desejo de montá-la não era porque simplesmente queria reproduzir-se ou porque ele precisasse ser o pai de um alfa.

O ainda potente aroma de sua matriz fértil era muito provavelmente, a razão mais capitalista que conduzia a seu irmão a tal frenesi.

Luke não ia ser facilmente satisfeito esta noite. Caine podia dizê-lo pela forma com a que se movia seu irmão. Espreitou-lhe. Observava o corpo de Chloe. Estudava sua forma, peso e tamanho para determinar a melhor forma de montá-la.

E Luke não tentaria seduzi-la. Ele não tentaria convencer à mulher de que havia alguma classe de química entre eles, qualquer classe de luxúria humana ou atração. Fazer tal coisa era uma perda de tempo na opinião do Luke. E isto seria duplamente verdadeiro esta noite com seu corpo tão cheio de necessidade de brutalidade e com a promessa de Caine havia aumentado seu entusiasmo.

– Preciso de um termômetro – Fez sinal a qualquer dos homens, estalou os dedos quando nenhum se moveu.

Caine olhou Luke, logo observou como seu irmão abandonava o quarto e retornava antes que Chloe estalasse os dedos novamente. Maravilhou-se da maneira com que Luke, tinha acatado seu pedido.

Caine e Luke compartilharam um olhar e um momento fraternal de compreensão masculina, que nenhum sabia que existia entre eles, enquanto observavam como Chloe inseria o termômetro em Lee.

Nunca, nada, tinha reunido os dois homens tanto como seu irmão mais jovem. Os dois silenciosamente ficaram observando a Lee, mas mostraram um rosto estóico quando Chloe sentada ainda voltou à cabeça para eles.

– Definitivamente esta muito quente, – Afirmou enquanto esperava que o termômetro registrasse a temperatura de Lee.

– Estão certos de que não tem algo mais em seu sistema? Antibióticos virais? Algo para a gripe?

– Tylenol.

– Deu-lhe Tylenol?

Caine perfurou ao Luke com o olhar que lhe dirigiu.

– Não, Luke, era aspirina. – Caine elevou as sobrancelhas e disse a seu irmão.

– Os cães não podem tomar Tylenol.

Luke olhou ao longe e assentiu. Caine contemplou a seu gêmeo dar voltas outra vez. E Chloe os observou mais estreitamente quando ele fez isso.

Chloe olhava para frente e para trás entre os dois. Perplexa. Desconfiada. E ainda sustentando o termômetro dentro do pobre traseiro de Lee.

– Isso não já esta pronto? – Perguntou Caine e logo se estremeceu quando ela tirou o termômetro e o limpou com um lenço descartável.

Chloe observou a leitura e logo tocou a cara de Lee outra vez.

– Para que lhe deu a aspirina?

– Tinha dor de cabeça.

Caine desejou golpear ao Luke por isso. Mas o olhar de satisfação que lhe dirigiu Luke por seu deslize foi mortífera.

Chloe estava completamente perplexa agora, julgando por sua expressão.

– Bem, como sabia?...

Caine fez sinais com sua boca.

– Atuava como se lhe doesse um dente ou o ouvido, – Fez um amplo movimento com seus dedos tentando descrever a área de dor em toda a cabeça. Quando o olhar de Chloe expressou sua confusão, Caine fechou sua boca e quase decidiu lhe deixar a seu irmão ter à fêmea. Caine estava seguro que não poderia seguir com as mentiras e ilusões necessárias para seduzi-la e que ela aceitasse de bom grado ter crias com ele.

– Vamos colocá-lo na banheira – Declarou Chloe enquanto se levantava e observava a Lee.

– Esta muito quente e tenho que baixar a febre. – Caine observou preocupado seu irmão, enquanto ele e Luke o levantavam do sofá.

Luke o levantou primeiro.

Chloe os seguiu ao quarto de banho e logo estudou a banheira enquanto lhes dizia.

– Normalmente, conseguiria uma injeção do Novin, mas não é algo que leve sempre à mão. Meninos, eu preciso de quanto gelo puderem conseguir. Não quero que tenha convulsões – voltou-se para Caine e levantou suas sobrancelhas para impulsioná-lo a mover-se mais rapidamente e que fizesse o que tinha ordenado. Quando seu irmão e ele entraram na cozinha, Caine começou a perguntar-se como era possível que acabasse de acatar uma ordem.

– Não vou retroceder esta vez, Caine.

As palavras do Luke eram muito claras e tinham um tom mais profundo que o tom normalmente odioso que deixava sair de sua boca. Só com Lee e Meagan, quando esta estava viva, tinha deixado ver seu lado mais suave e humano. Quando Caine ia à

garagem aonde guardavam o congelador, deteve-se com a mão no cavanhaque e se voltou para ver seu irmão. Mas a cólera do Luke e a excitação sexual cortavam o ar entre eles.

– Teve sua oportunidade, Caine. – Luke sorriu abertamente e deu a Caine uma palmada nas costas.

– E pela maneira que tem a fêmea de caminhar, eu diria que lhe deu seu melhor tiro, irmãozinho.

Caine sentiu que suas presas começavam a aparecer em sua boca. O tom do Luke e suas palavras eram provocadores e o sangue alfa no Caine não tomava essas ameaças à ligeira. Também tomava a transgressão sobre seu território como uma ofensa séria.

E Chloe Evans tinha sido marcada agora, como propriedade de Caine.

– Eu tomo as decisões nesta família, Luke, não você.

Luke grunhiu em resposta, já que a voz de Caine lhe tinha advertido a seu irmão das conseqüências de tal desafio. O próprio grunhido do Luke era ameaçador, mas essa era sua própria advertência, entretanto. O lobo no Luke controlava seu corpo assim como seu desejo, mas o homem nele controlava seu caráter e sua cabeça. Ele sabia melhor que ninguém como esquivar Caine. Ao menos o animal nele sabia. O qual só poderia significar uma coisa.

O desafio de seu irmão era pessoal. O irônico do assunto é que a primeira vez que tinha sido pessoal para Caine, Luke tinha desafiado suas regras. E durante um breve momento, Caine sentiu medo pela mulher que havia trazido para sua guarida.

– Ela esta ovulando ainda. – O caráter do Luke estava agora em perfeito controle, mas seus olhos eram frágeis e suas pupilas se dilataram. Luke estava tão excitado que se via claramente na calça que o cobria, quase de igual maneira que o próprio Caine.

– Sei que ainda pode cheirá-lo. – Disse Luke e se inclinou mais perto de seu irmão. Caine podia ver a calma em seu gêmeo quando estavam de acordo sobre algo. Isto tinha acontecido poucas vezes, a última ocasião foi quando Caine se casou. Luke lhe dizia com sua voz, seu corpo, seu desejo e sua óbvia excitação, que se dava conta que compartilhavam o mesmo objeto de desejo e deviam ficar de acordo sobre isto, esta mesma noite. Como o tinham estado algumas vezes antes.

Novamente, ambos queriam possuir à mesma fêmea.

Isto passava novamente. E Caine não podia negar seus sentimentos sobre o acasalamento. Inclusive com sua própria necessidade, seus instintos e sua responsabilidade ante as demandas de seu corpo. E mesmo que, como macho alfa, Caine era capaz de ser ainda mais brutal e insensível e bestial que seu irmão, agora lhe estava passando com a fêmea que ele queria.

– Precisa disto tanto quanto eu, – Grunhiu Luke e distraidamente roçou entre suas pernas.

– Ela não te satisfaz a primeira vez que a possuiu. – Caine jogou uma olhada para o inchado membro do Luke.

– E, além disso, tem uma responsabilidade maior de te reproduzir que eu, Caine.

– Conheço quais são minhas responsabilidades, – assentiu Caine, com um grunhido que era mais tranqüilo que o de seu irmão, – mas não me ameaça. E este não é o lugar para me recordar isto.

Os olhos de seu irmão lhe olharam airadamente.

– Ser macho alfa não é uma posição indefinida – ameaçou.

– Se não estar disposto a cumprir com suas responsabilidades, isto pode voltar-se contra você.

Caine observou aparecer uma estranha expressão no rosto de seu irmão. Algo antigo. E muito tempo enterrado. Mas não por isso menos poderoso.

– Às vezes um homem tem que tomar cuidado com suas responsabilidades, Caine. Inclusive se isto faz mal a quem se ama.

As costas e a cabeça do Luke golpearam a parede detrás dele quando as mãos de Caine agarraram sua garganta. Ele podia cheirar a cólera de seu irmão. Podia cheirar a frustração de seu irmão e sua excitação. Mas sobre tudo, Caine podia cheirar o ódio de seu irmão.

Por isso eles eram. Se por acaso mesmos. E pelo fato de que não tinha conseguido criar uma vida com o Meagan.

– Sou o alfa desta família, – Afirmou Caine, interiormente abatido pelo lado bestial que tinha que mostrar a seu gêmeo novamente.

– E montará à fêmea quando, e se eu autorizar que o faça. – Apertou ainda mais suas mãos sobre a garganta do Luke até que o homem o olhou com relutante submissão.

– O alfa se reproduz primeiro. E o alfa tem que dar permissão ao beta de montar a uma fêmea. Deveria sabê-lo depois de possuir a minha esposa, na é? – Ele esperou até que Luke baixou os olhos em resposta.

– Não te dava a permissão de possuir a Meagan e não te dei a permissão de possuir ao Chloe ainda. – Caine deixou que suas palavras e sua cólera humana diminuíssem antes de falar outra vez.

– Entende-me?

Luke assentiu, bruscamente. Caine notou como o ar ficava mais ocre a causa do ódio que agora lhes rodeava.

## Capítulo 10

Chloe estava tentando, com muito esforço, manter uma estudada indiferença. Infelizmente, a combinação de sua frustração emocional pelo Luke Caine e uma igualmente forte atração sexual, embora confusa e perigosa, por seu gêmeo, faziam que uma necessidade lenta e rítmica estivesse pulsando sob seu ventre desde que Caine a tinha beijado tudo isto empalidecia em comparação com o que de verdade a preocupava.

Barklee parecia ser um pequeno lobo doente.

Chloe não tinha nem idéia do que o lobo tinha pegado, mas sua temperatura tinha aumentado a cento e seis. Ela suspeitava que o animal tivesse estado bem quando esteve em sua casa. Uma reação a uma droga seria uma possibilidade, mas como a única coisa que lhe tinham dado era uma aspirina, não tinha sentido.

Veneno era uma possibilidade que Chloe não queria considerar, mas tinha que fazê-lo.

Ele não tinha tomado nada em sua cabana, como um bom cachorrinho ficou a seu lado todo o tempo, não parou em nenhum momento, a seu lado, sobre ela ou com seu nariz tentando enterrar-se entre suas pernas como o alfa de sua manada que era.

Chloe sorriu para o animal enquanto tentava forçar sua memória para recordar o que tinha feito o lobo ou o que lhe estava escapando. Não teve mais sorte em recordar tal acontecimento como em tratar de não notar a tensão sexual que parecia rodeá-la nesta casa.

Os homens com os que ela, de algum modo, enredou-se, eram viris e sedutores, embora aparentemente não o tentassem. Havia um ar ao redor deles. Um aroma de masculinidade. E para Chloe estava sendo difícil ignorar este fato, com seu corpo reagindo como fazia.

Mas Chloe sabia que tinha que pôr atenção no animal que estava cuidando. Os olhos do Barklee estavam frágeis e seu corpo parecia quase brando em seus braços, ao lhe sustentar a cabeça por cima da água fria da banheira. Enquanto esperava que Caine e Luke voltassem com o gelo, ocupou-se do Barklee, acariciando seu focinho; até se inclinou e lhe deu um beijo sobre seu nariz.

A pior parte de seu trabalho era afeiçoar-se com os animais e logo ter a necessidade de deixá-los voltar para seu mundo ou pior, perdê-los devido a suas curtas vidas úteis. O pequeno lobo nos braços de Chloe nem sequer tinha tido uma possibilidade de crescer completamente. Tinha alcançado a maturidade sexual, mas duvidava que se houvesse acasalado ainda. Um fato, pelo que tinha estado agradecida quando tinha visto sua deformidade, mas que agora a punha um pouco triste.

Inclusive com toda a brutalidade dos selvagens, os estudos de Chloe tinham mostrado que os lobos também poderiam ser animais muito apaixonados e carinhosos quando se acasalavam; e Chloe não estava sozinha em sua crença de que os animais, de vez em quando, parecessem fazer amor antes que simplesmente acasalasse. Chloe tinha visto entre eles casais que se mantiveram juntos o resto do ano, muito depois de que a possibilidade de concepção fora um fato; e isto também tinha ajudado a solidificar suas suspeitas sobre que os animais tinham muitos mais sentimentos dos que alguém pensaria.

– Isto é tudo o que temos–, declarou Caine enquanto se inclinava sobre a banheira ao lado de Chloe.

– Posso colocar mais, mas isso demorará ao menos... – Ao vê-la sacudir sua cabeça parou suas palavras. O chapinho de gelo na água não foi suficiente para sobressaltá-la, mas ela tinha saltado devido ao calor e à sacudida que sentiu ao lhe notar apertar-se contra ela e a oportunidade tinha sido uma perfeita tela.

– Sinto muito–, disse Caine calmamente enquanto arrumava o gelo ao redor do corpo do Barklee. Chloe ainda podia sentir o calor do corpo febril do lobo e agora também o do homem ao lado dela. A princípio, com o cachorrinho de lobo estando tão quente, Chloe não registrou que a própria temperatura de Caine era tão alta, mas quando o fez, assustou-se por isso. Ela suspeitava, que o próximo estado hipnótico em que o homem a tinha posto com suas palavras, era a razão pela que não o tivesse notado quando a tinha beijado.

– Caine, você esta quente, também.

Sem perguntar, Chloe levantou a palma a sua frente e pressionou ali. Ela viu a mudança nos olhos de Caine e como suas pupilas se dilatavam ante o choque frio de seu toque. E por que, além disso, estava excitado por seu contato e sua cercania.

Sua excitação era óbvia. Era visualmente óbvia. E para Chloe teria sido obsceno, em qualquer situação, arreganhar a alguém por está-lo. Infelizmente, a água



que lhe tinha salpicado não tinha feito nada para ajudar a ocultar seus mamilos ou seu próprio estado excitado.

O lobo choramingou e lhe jogou uma olhada, sem tirar a outra mão da cara de Caine.

– Certamente ambos têm algo...

Chloe olhou de um macho ao outro. Não era completamente inaudito que entre diferentes espécies houvesse coisas copiadas do um ao outro, mas isto era estranho. O lobo choramingou ainda mais forte e Chloe se aproximou dele.

– Acredito que se está recuperando – ela riu e passou sua mão pelo lombo do lobo.

– A febre lhe impedia de responder–, adicionou. Olhou para o Caine.

– Mas quanto ao que você tem... – Chloe sacudiu sua cabeça.

– Sempre estou um pouco quente–, disse Caine. Chloe olhou seus olhos azuis ir dela ao lobo e logo voltar para ela outra vez.

Fez-lhe água na boca. E sua cara avermelhou sob seu olhar.

– Ficara bem?

Chloe assentiu e se inclinou para tomar a cara do Barklee em suas mãos. Tomou um momento para tentar conseguir o controle de seu corpo outra vez.

– Acredito que sim –, ela assentiu outra vez, mas com muito menos entusiasmo.

– Mas tomei um par de amostras de sangue para me assegurar de que não temos algum contágio em nossas mãos.

– Contágio?

Ela procurou uma toalha enquanto o lobo tentava sair da banheira. Em seguida notou suas próprias pernas igualmente débeis e instáveis. Chloe sentiu a mão de Caine em seu quadril enquanto recuperava o equilíbrio. Inclusive seus dedos estavam quentes. Podia imaginá-los queimando seu interior.

– Barklee poderia destruir a população inteira de lobos nas montanhas se tivesse algo–, se arrumou para dizer.

– Mas está bem por agora, não é?

Não pôde entender o tom de voz de Caine. Era de preocupação, mas de mais preocupação que a que tinha expressado antes.

– Acredito que vai ficar bem... – Foi interrompida pelo lobo derrubando-se na banheira.

– De fato, penso que já está bem –, riu e soltou o fôlego.

Caine a levantou rapidamente do chão. Chloe sentiu como era tirada do quarto e olhou para trás a tempo para ver Barklee, como, molhado e brincalhão, saltava da banheira.

– Caine, que acontece...

Outra vez, suas palavras foram cortadas, mas desta vez ao ver Luke de pé ao final do vestibulo. O apertão que lhe deu Caine ao braço de Chloe lhe fez pôr uma careta. Seu sexo pulsou em um forte espasmo inquietante pela combinação dos dois fatores.

– Lee está bem?

Chloe viu Caine assentir a seu irmão e o sentiu apertar novamente seu braço. Luke deu um passo para eles e Chloe se sentiu retroceder só um pouco.

– Não.

Independentemente do que estivesse acontecendo, essa única palavra pronunciada pelo Caine, fez que um furioso rubor subisse à cara do Luke. Sua cicatriz pareceu fazer-se mais profunda e logo congestionar-se, enquanto Chloe olhava. O

homem, agora, estava muito zangado por algo. Antigas discussões e penas ainda não resolvidas entre seu irmão e ele, supôs.

E por alguma razão, essa cólera tinha algo que ver com ela. Não tinha idéia de como sabia, mas estava muito claro em sua mente. Como também sabia que sua pele estava estremecendo-se excitada, da mesma maneira que nessas estranhas reações de medo sentia, nessas deliciosas ocasiões nas que se aproximava de uma guarida de lobo, sem saber que estava pisoteando o território do animal. Ou quando interpretava mal a um animal e isto o punha contra ela, e era obrigada a ceder em uma fração de segundo quando a vida ou a morte dependem de decidir sobre quem é realmente responsável pela situação.

O homem sujeitava seu braço, o homem que ela tinha conhecido só uma hora antes, estava-a protegendo por alguma razão. E o homem que ela tinha encontrado e com quem tinha feito amor, embora só fisicamente, parecia ser a coisa da que Caine a estava protegendo.

Pela primeira vez em sua vida, Chloe não podia distinguir o bem do mal. Ou ao homem do animal. A cicatriz era sua única pista. E até isso parecia algo formoso, apesar de seu portador prejudicado.

– Caine, disse-lhe isso.

Luke tinha fechado o oco entre eles. Chloe pôde ver a cicatriz mais claramente ainda, quando ele pôs sua cara tão perto da sua que podia sentir seu fôlego sobre a bochecha. Pela primeira vez, Chloe compreendeu que seu aroma era algo diferente de que tinha tido quando esteve em sua cama. Era um aroma estranho que ela tivesse recordado de um amante. Porque era uma mescla de coisas que Chloe não podia separar, em princípio, para identificar um do outro.

Ela sentiu a mão de Caine apertar-se outra vez enquanto a mão do Luke subia a seu cabelo.

Couro e sexo.

Os finos cabelos de bebê em sua nuca se arrepiaram com a sensação de ter a ambos os homens a tocando ao mesmo tempo e seu sexo teve outro espasmo, ao reconhecer os sensuais aromas. E no fato de que ela não tinha detectado o aroma quando Luke tinha estado dentro dela.

– Não me diga nada, Luke –, declarou Caine muito mais acalmado que o que Chloe se sentia. Ela sentiu a ligeira diminuição de seu doloroso apertão sobre seu braço. Seu polegar esfregando distraidamente o ponto dolorido lhe dizia coisas sobre o homem que a sustentava, mas chamava confusão certas palavras que davam a entender que falavam respeito a sua situação. Caine sacudiu sua cabeça e olhou fixamente a seu gêmeo.

– Não disse.

Os olhos do Luke mexeram. Obscureceram-se. E sua postura corporal se relaxou enquanto Chloe olhava. Mas ele nunca olhou além dela, enquanto sua mão a agarrava por detrás de sua cabeça, causando uma aguda dor em seu couro cabeludo.

Com o Caine justo ao lado dela e com a forma em que Luke a tinha abandonado, não era tão agradável como poderia ter sido. Chloe sentiu seu próprio corpo ficar rígido e inconscientemente trocar para tentar ocultar-se detrás de Caine. Ela não conseguiu afastar-se suficientemente de Luke. Não a tempo para lhe impedir que passasse seus dedos pela pele de sua garganta. Assim que ela sentiu sua carne contra a sua, perguntou-se se sua mente deliberadamente não tinha atrasado a reação de seu corpo.

Luke agarrou seu pescoço firmemente, aproximando-a mais antes de inclinar-se e arrastar a ponta de seu nariz por um lado de sua cara.

Respirou-lhe em cima. E logo se tornou atrás. Sua língua seguiu o caminho enquanto Chloe sentiu que a contusão de seu braço começava a palpitar outra vez sob o apertão de Caine. O gesto de carinho do Luke não se parecia em nada ao que tinha tido quando tinha estado sozinho com ela. Quando ele terminou de prová-la, Luke a acariciou com o mesmo sorriso zombador que ela tinha visto usar ao Caine com ela.

A mesma reação física alagou o corpo de Chloe.

Mas não sua mente.

– Irmãozinho, minha paciência tem um limite com suas regras.

Chloe sentiu seu coração pulsar mais depressa enquanto olhava aos dois homens diante dela. O calor febril do corpo de Caine enquanto ele a pressionava contra o seu, a fazia sentir a salvo, mas não fez nada para ajudar ao sentimento de confusão que invadia sua mente. A mulher nela sabia o que seguia. Sabia que ambos os homens, obviamente, desejavam-na. Mas essa mesma mulher queria negar a mesma possibilidade de que ela tivesse encontrado a homens como estes. Homens como Luke Caine. Um homem sabia Chloe, que fazia muito pouco esforço por controlar sua natureza brutal.

E homens como Damon Caine. Um homem suspeitava Chloe, que podia mostrar um lado brutal de que ela não tinha sido consciente que existisse nela mesma.

Apenas este pensamento tinha passado pela cabeça de Chloe quando Luke demonstrou que à primeira metade de suas suspeitas eram verdade, ao agachar-se e agarrar rapidamente seu seio, arrastando seus dedos para beliscar seu mamilo. O apertão a pôs doente por alguma razão, mesmo que ela tinha permitido ao homem tocar a de modos muitos mais íntimos. Ela sentiu Caine apertá-la mais forte ao mesmo tempo em que a boca de seu irmão triturava grosseiramente seus lábios.

O que quer que o corpo de Chloe queria, enquanto suportava o abraço destes dois homens, era algo que nunca saberia. Algo que ela nunca tivesse pensado que gostaria. E considerando quão mau um dos homens a fazia sentir enquanto a tocava, ao menos uma parte dela não podia encontrar-se excitada no mais mínimo.

Uma parte dela tentava considerar a frieza do Luke da mesma forma que os animais acasalavam no bosque. Sem amor, é certo. Mas sem uma doente intenção, tampouco. Infelizmente, Chloe também teve que se recordar que estes não eram desconhecidos animais que a rodeavam. E teve que lembrar que embora pensasse que havia sentido a ternura do Luke quando ele tinha estado em sua cama, ela não podia estar segura. Mais importante, pensou Chloe enquanto sua pele ia sendo tentada por um irmão e logo pelo outro, estas criaturas não eram simplesmente lobos que estivessem preocupados com sua manada ou território. Estes eram homens.

Criaturas que podiam lhe fazer pior que suas bestas de quatro patas alguma vez poderiam lhe fazer. E certamente se fosse tentar tomá-los como uma manada.

A língua do Luke percorreu sua boca e Chloe se perguntou se o sabor que encontrasse ali era o seu. Ou se alguma outra mulher também tinha cansado vítima de seu método excitante, mas cruel e sem amor, desde que tinha estado com ela.

Caine a seguia sustentando, inclusive enquanto a mão de seu irmão se movia para baixo e escorregava dentro de suas calcinhas e sua boca seguia incomodando-a. O apertão que vinha de Caine era ainda mais forte e mais implacável que o do Luke. Como se o homem que ela tinha conhecido fazia apenas uma hora tivesse algum direito de estar alterado com o que acontecesse com uma mulher que seu irmão já tinha tido.

Seu corpo palpitou violentamente, dentro de si, entre as mãos destes dois homens. Mas silenciosamente. Não detectado por ninguém, mas sim por ela. Isto era o resultado de tantas perguntas sem responder que Chloe tinha sobre ela. Sobre se a estimulação que estava recebendo a estava agradando ou não. E se de todos os modos a

estimulação podia converter-se em prazer feito. O modo com que Luke a estava fazendo sentir com suas mãos e a memória do que ele podia lhe fazer não era menos intrigante do modo consolador, sedutor com que Caine a tratava simplesmente através de seu possessivo apertão que falava de seu descontente com a situação.

Chloe sabia que nenhum dos dois homens poderia saber o que eles acabavam de lhe dizer sobre suas verdadeiras necessidades, desejos, e fantasias. Ou sobre por que ela tinha querido a um homem como as criaturas de seus sonhos.

Isto não era simplesmente algo que Chloe procurava em um companheiro. O homem metade lobo, metade humano que ela desejava era uma lição em dualidade. Como era toda sua vida e trabalho. Os lobos pelos que ela se preocupava eram sua paixão. Algo que excitava cada sentimento nela. Mas eles também eram perigosos.

Um homem que possuía as duas paixões de Chloe ao mesmo tempo. Luke e Caine. Medo e sexo.

A combinação perfeita.

Chloe se estremeceu quando os dedos do Luke se introduziram nela e logo saíram e tomaram seu excitado clitóris, fazendo-a ofegar. O apertão de Caine foi quase doloroso e lhe fez emitir um gemido que muito provavelmente ele tomou como um de prazer. Ela queria decidir sobre que homem controlava suas reações e definir se queria ou não as mãos do Luke sobre ela. E ela queria voltar-se para o Caine e lhe dizer que seu ofego não tinha sido de prazer.

Mas Chloe odiava ser mentirosa, mais do que odiava ser enganada.

\* \* \* \* \*

A Chloe produziria um grande prazer ter os dois membros dentro dela ao mesmo tempo. O conhecimento foi claro para Caine ao sentir que seus dedos se moviam para alcançar seu firme órgão inclusive enquanto os dedos de seu irmão baixavam e sondavam seu sexo.

O pensamento de meter-se nos quentes, escorregadios lábios de sua vagina enquanto seu irmão deslizava seu próprio pênis no apertado buraco de seu traseiro, fazia que o pênis de Caine ansiasse tanto uma boca ou o sexo ou um apertado ânus feminino que o envolvesse.

Mas Chloe não era uma puta e ele não permitiria que isto lhe passasse.

O pensar em permitir ao Luke entrar no corpo de Chloe repugnava a Caine. E se isto era por sua natureza territorial ou um impulso de atuar como uma alfa deixando a sua natureza mais possessiva assumir o controle, não podia estar seguro.

Caine nem sequer queria considerar a possibilidade de que isto era o impulso de um marido que aparecia nele outra vez.

Fora o que fora, saía em turba.

O ciúme de Caine por esta mulher e seu sentido de posse de seu corpo, sexo e afetos buliu por toda sua pele. Ele emprestava a isso. E isto fez que sua pele avermelhasse e ficasse ainda mais quente ao tato. Só faria amor ao Chloe. E ela só levaria a seus meninos, independentemente da linhagem genética de seu irmão ou com quem pensasse ela que tinha tido sexo aquela noite.

A única coisa que Caine encontrava mais forte que estes pensamentos e seus sentimentos protetores para esta mulher, esta humana, sentimental, vulnerável mulher, era seu desejo de uma vez e até mais ferozmente, montar à fêmea que agora acariciava seu pênis.

– Deixa-a ir–, Caine tirou Chloe do abraço de seu irmão e ouviu o Luke grunhir sua desaprovação pelo que fez. A fêmea em seus braços parecia fraca pelo que

eles lhe faziam e por seu desejo; Caine a sentiu dar a volta e enrolar seus braços ao redor de seu pescoço para manter-se reta.

Se não a conhecesse melhor, Caine teria pensado que a mulher era uma das fêmeas de sua própria espécie quando ela girou e afundou seus dentes em sua garganta antes de beijá-la. Caine sentiu a dor de sua mordida no mesmo momento que sentiu suas mãos agarrar forte seu traseiro.

Apesar de que Caine lhe tinha advertido a seu irmão de não fazer nada até que o fora dado à permissão, ele viu o Luke avançar outra vez e estirar a mão outra vez para o traseiro de Chloe. Caine atirou dela para tentar e conseguir tirá-la do alcance de seu irmão e imediatamente recebeu a maravilhosa sensação das mãos de sua nova companheira contra sua pele nua enquanto ela escorregava sua mão dentro de seu jeans para agarrar sua ereção.

– Chloe, espera.

Caine manteve seus olhos sobre seu irmão enquanto ele falava com a mulher em seus braços. Seus dedos se flexionaram e deixaram de mover-se ao longo de seu membro, e devagar deixaram totalmente seu pênis enquanto ela os voltava a pôr ao redor de seu pescoço. Luke olhou fixamente a seu irmão e nunca tirou suas mãos de seu corpo. Caine emitiu um retumbante, ameaçador grunhido alfa desde seu peito, que pelo general era reservado só para as vezes que estava em sua forma de lobo.

A cabeça de Chloe se elevou e ela estudou seus olhos para ouvir o som. Caine continuava olhando fixamente a seu gêmeo, comunicando silenciosamente seu estado dominante e sua ordem a seu companheiro de manada, mas ele podia sentir o olhar fixo da mulher estudando-o.

Ele olhou o sorriso zombador do Luke e logo sentiu o ofego de Chloe enquanto seu gêmeo agarrava seu traseiro outra vez.

– Pensei que íamos deixá-la decidir, Caine.

Ele sentiu o olhar fixo de Chloe intensificar-se de maneira inquiridora sobre ele com as palavras de seu irmão.

– Acredito que isso é exatamente o que deveríamos fazer–, Luke maneou e Caine sentiu tremer à mulher e logo estremecer-se sob a direção dos atormentadores dedos de seu gêmeo, empurrando contra seu sexo outra vez.

– Penso que a fêmea desfrutaria tendo a um de nós sobre seu orifício e outro sobre sua vagina.

Caine podia cheirar a excitação de Chloe crescer com cada golpe da mão de seu irmão e pelas palavras que Luke acabava de pronunciar. Mas ele também podia cheirar seu medo. Seu medo do que eles queriam lhe fazer e seu medo pelo que ela estava considerando em lhes permitir fazer. Ele não conhecia esta mulher desde fazia mais de dois dias, mas ainda assim, sabia que se Chloe Evans seguia seus desejos atuais, iria lamentar-se.

Esta mulher desejava o perigo. E desejava sexo. Montões de sexo. Perverso e perverso de vez em quando e francamente sujo quando estava de humor.

Mas Chloe era também uma mulher que podia ser feliz com tudo isso em um homem. O homem correto. O homem que pudesse lhe dar o que ela desejava sem ter necessidade de vê-la ir com outro para estar completamente satisfeita. Esta mulher era uma romântica reacionária que não admitiria tal coisa nem que sua vida dependesse disso.

Por não mencionar o fato que esta mulher não era simplesmente uma fêmea a que Caine pudesse possuir enquanto seu gêmeo esperava seu turno com ela. Ou enquanto seu gêmeo a montava ao mesmo tempo. Esta mulher era muito possivelmente capaz de carinho e de aceitar ambas as partes de Caine. Tal como Meagan o tinha feito.

Mas se Chloe podia ser como Meagan e admitir que realmente o queria, era algo do que Caine não podia estar seguro ainda. Até que ele estivesse seguro, como o alfa de sua manada e de sua fêmea, Caine tomaria as decisões respeito por quem e como Chloe era usada. Não importava se ela o queria ou não.

Caine sacudiu sua cabeça.

– Isto não é para ela.

O corpo de Chloe ficou rígido por sua declaração. E Luke riu e se aproximou para colocar sua mão sob seu suéter e agarrar um de seus peitos com sua mão livre. Sua boca baixou para morder sua orelha antes de falar outra vez.

– Ouviu isso, Chloe? – Ele riu em silêncio e mordiscou um lado de sua garganta. Caine olhou Chloe nos olhos e sentiu que os braços ao redor de seu pescoço se apertavam.

– Caine não acredita que é o suficientemente preparada para decidir o que quer.

– Isso não é o que disse.

Seus olhos se abriram repentinamente para olhar ao Caine depois da falsa acusação do Luke. Caine sentiu que o apertão ao redor de seu pescoço se afrouxava enquanto ela se distanciava dele um pouco.

– É isso o que pensa? – Perguntou ela, sobressaltando Caine com sua recuperação do estado parecido a um transe, no que estava tão só um momento antes.

Caine sacudiu sua cabeça negativamente e baixou seu olhar a seus confusos e interrogativos, e de algum modo ainda confiados olhos negros.

– Não, Chloe. Sei que é preparada como o inferno. E sei que pode cuidar de ti mesma em quase qualquer situação. – Caine fez uma pausa um momento e considerou as ramificações de sua próxima declaração.

– Mas esta não é uma dessas vezes.

Caine olhou seu movimento para trás para apartar Luke dela ao mesmo tempo em que retirava seus braços ao redor de seu pescoço. Os dois irmãos estavam de pé lado a lado e observaram adotar à mulher uma postura que nenhum deles, alguma vez, tinha visto na vida real antes.

Mas ambos tinham ouvido contos de que uma elevada loba no cio luzia assim.

Chloe olhou de um homem ao outro, seus braços cruzados diante dela, fechando-se a qualquer negociação com nenhum deles, tratando de decidir com quem discutir o que fora que estava a ponto de vomitar aquela boca deliciosa de olhar, dela.

Sua pele estava avermelhada e suas pupilas dilatadas, fazendo parecer seus olhos marrons escuros quase negros, quando ela olhou fixamente aos homens diante dela. Caine quase se esqueceu de si mesmo enquanto lutava contra o impulso de alcançar seu membro que palpitava pela necessidade da mulher que estava diante dele.

Luke nem sequer lutou contra o impulso de parecer vulgar.

Ela parecia mais selvagem e mortal que eles durante uma caça. Frequentemente quando Caine tinha espreitado e matado com seus irmãos, em seu caminho a casa, tomou-se o tempo para jogar uma olhada a sua manada e se orgulhava do modo em que eles luziam seus focinhos sangrentos e seus ventres cheios.

Chloe Evans era a fêmea mais formosa que Caine alguma vez tivesse visto, enquanto estava de pé diante deles e se preparava para espreitar e caçar sua própria presa.

Caine elevou a mão para esfregar os sinais da dentada que lhe tinha infligido a seu pescoço.



Sua aguda inspiração indicou que tinha tomado sua decisão e fez que sua mão deixasse de mover-se.

– Lee está bem agora – declarou ela firmemente.

– E eu estou cansada. – Caine inclinou sua cabeça para olhar seu decididamente arredondado traseiro feminino enquanto ela girava e se dirigia para a escada.

– Quero me deitar, cavalheiros. – Caine viu sua pausa. Foi rápida. Como foi o olhar que ela jogou sobre seu ombro.

Caíndo em seu lado do vestíbulo.

– E para fazer isso, preciso que um de vocês me leve em casa.

Caine estava sentado silenciosamente no assento do carro enquanto a levava em casa.

Estava tranqüila. Um pouco evasiva em sua postura.

Mas perigosamente excitada.

Jogou-lhe uma olhada quando ela trocou de posição apoiando sua cabeça contra a janela e fechando seus olhos. Não tinham se falado desde que a tinha escoltado da casa até seu carro e o silêncio estava pondo Caine nervoso. Queria que ela dissesse algo. Algo. Mas o que podia dizer a mulher depois do que tinha passado?

– Chloe, estas bem?

Ela cantarolou sua resposta e Caine se calou outra vez. Sabia que uma desculpa era o correto. E pedir perdão pelo que tinha passado não ia ser a coisa mais fácil de fazer para Caine. De fato, um dos motivos pelos que não tinha pedido perdão ainda, era porque não estava seguro se devia fazê-lo.

Caine sabia que não podia condenar a seu irmão ou a ele mesmo por ser honesto. Ou por seguir seus instintos. Inclusive quando Luke tinha montado à esposa de Caine, ele tinha entendido os impulsos de seu irmão ainda quando ele tivesse detestado sua incapacidade de controlá-los.

Chloe Evans parecia uma mulher que, possivelmente, poderia desfrutar das coisas que Caine podia lhe fazer na cama, mas, a mulher que dormitava no assento de lado, não sabia o que era ele. Como poderia sabê-lo? Era estranho que alguém o averiguasse por que a espécie de Caine eram criaturas que protegiam suas identidades com uma ferocidade que rivalizava com a paixão de seu acasalamento e hábitos de caça. Inclusive quando Luke e ele tinham sido mais jovens e tinham atuado com putas, tinham lutado e tinham manipulado seus próprios corpos de vez em quando para ocultar o que eram.

Além disso, Chloe era uma mulher, de ciência e lógica. Não uma mulher propensa a acreditar que tais criaturas pudessem realmente existir, como nas histórias supostamente fictícias que ela tinha lido sobre a família de Caine. Seu flerte com ele tinha sido muito tímido e sedutor quando ela tinha falado de homens-lobo e homens roubando e incomodando mulheres, mas Caine sabia a verdade.

Nenhuma mulher, salvo sua última esposa e sua mãe humana, ia ser o suficientemente aberta para aceitar as extravagantes mutações da natureza, que eram Caine e seus irmãos. Luke tinha tido razão quando havia predito que Chloe alucinaria quando o corpo de Caine sofresse as mudanças durante o ato sexual completo. Ambos os irmãos tinham visto as reações assustadas de mulheres incontáveis vezes antes e tinham aprendido bem a não revelar o que eram, até que uma fêmea tinha sido penetrada. Só uma vez Caine foi capaz de lhe dizer a uma mulher o que era, ter sua aceitação e que desfrutasse do que ele podia fazer por ela. Tinha-lhe sido dada uma vez na vida a oportunidade; foi quando encontrou Meagan. E não acreditava possível que voltasse a acontecer.



O acasalamento com Chloe, outra vez esta noite, seria o passo mais lógico de dar, se queria manter sua manada e sua linhagem viva, tanto se ela desejava fazer amor, como se não. Caine tinha que reproduzir-se. Tinha que produzir o futuro alfa para a manada e aumentar seus membros. E Chloe era uma fêmea sã no cio.

Demônios. Não havia nada mais simples que isto. Não para o lado animal de Caine.

Olhou à mulher que dormitava no assento a seu lado e pensou no que ela fazia para viver. Era parcialmente por sua culpa de todos os modos, que o território de Caine estivesse em perigo. Poderia usar isto para racionalizar a causa de porque tinha que deixar prenhe à fêmea, se todo o resto falhava, ele supôs.

Certamente sua consciência muito humana não ia aceitar isto nem por um segundo, depois de que traumatizasse a mulher que dormia ao seu lado.

– Caine?

Olhou-a quando falou. Caine tinha pensado que dormia e sua voz fez que se esticasse, ainda quando tivesse sido muito pouco. Estava tranqüila e relaxada e não soava zangada.

– Realmente não crê nessas histórias?

Caine apertou os dedos sobre o volante e dobrou no caminho de entrada à cabana. Queria lhe dizer a verdade sobre as histórias. E queria admitir o que era ante ela. E desejava fazer amor com ela, em vez de simplesmente possuí-la, para manter a sua manada viva.

Mas isto não ia acontecer. Caine sabia que assim que seu clímax chegasse e ficasse dentro dela para assegurar-se de que concebesse, Chloe saberia que havia algo muito diferente nele, ao menos fisicamente. Se ele o dizia de antemão, a mulher, muito provavelmente, estaria muito enojada pelo pensamento de ter a um ser de sua classe dentro dela, para lhe deixar montá-la. Suas possibilidades de conceber um alfa seriam destruídas. Mas se esperava para dizer-lhe no momento em que seu pênis começasse a inchar-se dentro dela, saberia a verdade.

E as possibilidades de Caine de ter a esta mulher em sua vida seriam destruídas.

– Parece-me que se alguém fosse propenso a acreditá-los, seria você.

Caine estacionou o carro ao lado da cabana e apagou o motor junto com as luzes. Desenganchou seu cinto de segurança. Esperava que ela não pensasse que havia a trazido para casa simplesmente para tomá-la.

– Não sei se acredito neles ou não, Chloe. – Alcançou seu trinco e saiu do carro antes de olhá-la. Ansiava tê-la na cama a seu lado. Seu membro desejava estar dentro dela outra vez.

– Quer que acredite neles? – Perguntou.

– Ou este é seu modo de paquerar com um homem que escreve essas coisas para viver? – Caine respirou e lutou, com a voz de seu irmão em sua cabeça, para expor seu seguinte pergunta.

– Ou de verdade crie que eles são reais?

Ela estava sonolenta. Os olhos negros, que tinha visto tão enormes pelo entusiasmo quando tinham falado de caminho a sua casa, agora se foram fechando inclusive enquanto lhe falava. Ela piscou devagar, tomando mais tempo com cada piscos para voltar a abrir seus olhos.

Maldição, Caine poderia ter formosos cachorrinhos com esta mulher.

O homem nele sentiu a mão de seu irmão sobre a garganta, antes que pudesse deixar de ver seus olhos, seu aroma e seu aspecto sonolento, que gritava ao

Caine que devia fazer o amor em meio da noite. A mão do Luke lhe dava força. Recordando-lhe a manada e o que esta necessitava.

Ela riu bobamente em seu estado meio dormida.

– Pensou que paquerava contigo, Caine?

A força do Luke não fez caso ao feito que ela tivesse evitado parte de sua pergunta e Caine maneou afirmativamente antes de caminhar ao redor do carro para abrir sua porta outra vez. A lealdade do Luke a sua espécie e o próprio lado de animal de Caine tiveram que bombear por suas veias agora mais que nunca. Se Caine pudesse seguir lhes escutando, seria capaz de fecundar a esta fêmea esta noite. As questões das necessidades do Luke não seriam satisfeitas ainda, mas até isso, não era a questão mais importante da posição de Caine. Sua manada teria uma nova geração. Este era o principal objetivo de Caine. O principal objetivo do Luke, apesar de suas necessidades físicas.

Recordou-se esse fato uma vez mais antes de alcançar o trinco e abrir sua porta.

Quando desatou seu cinto de segurança e levantou o quente, dormido e curvilíneo corpo para levá-la até a cabana, teve que seguir repetindo-lhe muitas vezes.

## Capítulo 11

Deveria estar resistindo a isto.

Chloe ouviu essa pequena e irritante voz em seu interior, que lhe exortava sobre a moralidade de dormir com um homem, tendo mantido uma relação a umas poucas horas com seu irmão, somando tudo isto a que só se conheciam desde fazia menos de um dia. E logo para cúmulo, a mensagem sobre o controle de natalidade que dava voltas e mais voltas em sua cabeça. Felizmente, o som do grunhido ininteligível de Caine em sua orelha, lhe impediu de seguir preocupando-se com compreender o que sua consciência queria lhe dizer.

Tinha-a levado a cabana e se despertou quando sentiu os braços de Caine envolver seu corpo com eles, Chloe só pôde olhar sentir e desfrutar, quando este abriu a porta, para, mas tarde fechar com um chute, e assaltá-la antes que conseguissem chegar à habitação.

Isto ia doer. Chloe soube que depois de permitir Luke machucar seu pobre corpo até o esgotamento, permitir Caine servir-se mais do mesmo ia ser provavelmente, muito mais doloroso.

Se não fora por aquela condenada vozinha. Chloe poderia ter ficado quieta.

Quantas vezes tinha sonhado com isso? O que tinha de mau em ser desejada desta maneira? Que mal poderia haver em um homem que controlasse seus pensamentos, suas fantasias e a umidade de seu sexo com sua boca, suas mãos e seu aroma; e que comesse a lhe fazer amor sem sequer uma pergunta superficial. Assim o tinha feito com o Luke, mas esta vez seria com um homem que tinha o tino de despertar sua mente de mulher, antes de tentar despertar seu corpo.

Infernos, que mulher não quereria a este magnífico, inteligente, quase famoso e solitário homem?

Embora primeiro lhe dissesse, que acima de tudo queria protegê-la e logo depois de repente, perdesse absolutamente o controle e começasse a devastá-la com seu corpo. Não a uma Chloe que se incomodava em pisar a fundo o acelerador, para assistir um bate-papo noturno entre garotas, o que seria imensamente mais seguro.

Ela sentiu que seu suéter saía por cima de sua cabeça, em uma pausa enquanto se dedicava a lhe fazer outras coisas ao resto de seu corpo. Seu sutiã caiu ao chão, antes que Chloe pudesse lhe dizer que sem um fogo na chaminé fazia um condenado frio na habitação; muito frio para a pele exposta de seus seios. Como estavam em fevereiro, seus mamilos se endureceram imediatamente, provocando um maior apetite no homem, embora já estava degustando o sabor de um duro mamilo, rosado, sensível e muito protuberante. Gemeu quase dolorosamente quando tomou em sua boca e sugou.

Uns poucos segundos mais tarde, Chloe descobriu que sua boca também era muito eficaz no sentido mais amplo da palavra. Sua língua quase atuava como uma mão. Agarrando o mamilo, introduzindo-o no calor abrasador de sua boca, para degustá-lo, umedecê-lo e deixá-lo ainda mais escuro, antes de mover-se para o outro para repetir o mesmo processo.

Caine usou os dentes e a língua para ativar e excitar nervos que Chloe não sabia que se conectavam a seus órgãos sexuais. Mordeu lugares em seu pescoço, orelhas, ombros, braços e seu ventre. Todos eles extremamente sensíveis, palpitantes e necessitados de atenção, a só segundos de iniciar o jogo. E todos esses pontos rogavam por uma maior atenção no momento que ele seguia para outra parte de seu corpo.

Inclusive o dolorido sexo de Chloe estava ávido em seu desejo por experimentar sua atenção em primeira pessoa.

Ela olhou para baixo, para o homem que estava sobre seus joelhos diante dela, enquanto este tomava e amassava suas nádegas, com umas mãos brutais, que podiam parti-la pela metade; sua cabeleira deixava um rastro de paixão ao ter roçado seus inchados peitos e seu ventre, fazendo-a sentir como se estivesse sofrendo de abstinência por uma droga, mas sua droga era seu desejo pelo Caine.

Luke tinha parecido desfrutar bastante de seu sabor. Mas para Caine seria bom? Ele saboreava cada gota do doce líquido que gotejava de seu sexo, enquanto usava sua boca para excitá-la ainda mais. Bebia de sua umidade e seu aroma, saboreando-a. Havia uma sede nele, que só podia ser apagada sentindo a excitação que produzia nela.

Entendia isto no Caine, proveniente de alguma curva de sua mente. Entendia a sua masculina necessidade de tomar tudo dela, porque era a mesma necessidade, que ela como fêmea sentia de tomar tudo dele.

E não havia nenhuma dúvida, na mente de Chloe, de quanto desfrutaria consumindo-se ou sendo invadida de qualquer forma, por este homem em particular.

Uns dedos quentes, urgentes, tiraram suas calças e Chloe inspirou nervosamente, com antecipação, ante o que iriam fazer um no outro.

Caine abriu o zíper da calça jeans e a deixou escorregar por suas pernas. Deixando cair sobre seus joelhos, sua boca foi imediatamente ao arbusto de cachos dourado- avermelhados que se escondiam em suas calcinhas.

Seu fôlego era quente e úmido, e queimava a pele de Chloe, inclusive através da malha que a cobria. Sentiu-o inspirar seu aroma e pressionar sua cara, faminto enquanto lhe falava, com uma voz rouca, ao despir sua carne.

Uma lembrança a assaltou. Uma lembrança recente, de fato. E a origem dessa evocação foi de algum modo, introduzindo-se em sua consciência. Tentou afastar esse pensamento de sua mente, quando o dedo polegar começou a apertar seus clitóris, esfregando-a em uma direção, muito devagar e inclusive enquanto sua boca continuava tomando-a e esquentando-a.

A pressão, o movimento e a velocidade que ele usava não eram precisamente as corretas. Nem muito rápido nem muito intenso ou insistente. Mas então Caine começou a esfregá-la em outra direção e seus dentes a morderam justo debaixo de onde as gemas de seus dedos a estavam tocando. Chloe abriu sua boca e teve que alcançar algo para suportar a pressão.

Foram seus dedos os que a fizeram ressurgir duas estranhas lembranças que se deslizavam confusamente em sua memória, entre eles. Trouxeram-na imagens de ter estado dormindo e despertar ao perceber sobre ela, este mesmo cabelo espesso, sedoso entre seus dedos.

Chloe saltou e se afastou de sua boca. Estava desfrutando completamente o que a estava fazendo e só em pensar que poderia ser condenadamente melhor para sentir-se até, mas intoxicada pelo desejo. Também sabia que não podia ignorar o fato de que se tinha estado com seu irmão, tinha sido pela maneira em que ele parecia controlar suas emoções e pensamentos.

Mas não era uma simples coincidência que gostasse como seu irmão. Entretanto como alfa, era o bastante forte para assustá-la e fazê-la afastar-se dele.

Sua ação fez que Caine soltasse o forte apertão com que se gostou muito a seus clitóris e que seus olhos subissem para os seus.

– Muito forte?

Se não houvesse se sentido, tão confusa pelo fato de sentir entre os dedos seus cabelos, tão parecidos com o de seu amigo de quatro patas, tivesse-o sentido ao ver sua cara e ouvir o tom de sua voz, ao pensar que poderia lhe haver produzido algum sofrimento.

Negou com a cabeça e olhou fixamente seus olhos azuis que procuravam os seus próprios desesperadamente. Olhos de um azul cintilante. Brincalhões. Hipnóticos.

Acovardada.

Seu sexo pulsou espasmodicamente quase tão violentamente como sua mente. Era quase muito para ela. Chloe se aproximou de novo a ele e passou os dedos através de seu cabelo, como querendo assegurar-se de que não estava a ponto de fazer uma bobagem sem uma causa justificada. Uma vez mais, passou sua mão pelo negro cabelo sedoso, maravilhando-se por seu tato, e ao momento voltou a ressurgir em sua memória a lembrança do lobo que a tinha despertado e a tinha agradado a noite anterior.

E infelizmente, também lhe chegou à lembrança do irmão de Caine, que se tinha metido à força tanto em seu coração como em seu corpo.

– Caine, não posso fazer isto. – Disse agitando a cabeça e fixando a vista longe de seus olhos famintos. Chloe já se odiava por dizê-lo, mas não tinha mais opções. Ao retirar-se brevemente lhe tinha dado tempo a sua voz interna, sacudir de novo seu dedo tentando chamar sua atenção. E desgraçadamente esse breve tempo também lhe tinha permitido compreender, que assim que estivessem os dois nus se desatariam as chamas do inferno; sua maldita educação sulina lhe teria dado patadas por interrompê-la, agora, novamente, começava a questionar-se sobre o que estava a ponto de fazer com um homem ao que conhecia desde fazia exatamente duas horas e quarenta e três minutos. Entretanto a Luke não o conheceu antes de ficarem íntimos.

Moralidade de merda.

Ela tento apagar de seu corpo e mente todos os tipos de frustração, agitou sua cabeça e o olhou. Caine se tinha ficado parado de joelhos no chão. Sozinho. Rígido, onde lhe tinha deixado, quando se tinha afastado dele. Com as mãos sobre seus joelhos e o cabelo adoradamente despenteados por seus dedos.

Chloe quis ser uma prostituta. Uma Prostituta. Um ser humano sem nenhuma moral que pudesse entregar-se a todos ao mesmo tempo, fossem o que fossem, seja lá com pele de homem, com seu gêmeo e inclusive transaria com o lobo; não uma vez, mas duas vezes.

Segue Sonhando.

Tirou a chutes sua calça jeans para poder ficar sobre seus próprios joelhos comodamente e se colocou diante dele. Seu seguinte movimento um pouquinho masoquista, foi agarrar seus braços para poder lhe explicar por que lhe tinha permitido despertá-la e excitá-la. Então decidiu que não ia ser a única em ir-se a sua cama só e necessitada, mas sim ele padeceria infelizmente da mesma enfermidade.

Os músculos que encontrou ao apertar seus braços poderiam esmagar suas costelas se estes estivessem ao seu redor e apertassem sem dar-se conta. Chloe ficou tensa e tentou regular a respiração antes de começar a falar.

– Caine, quero isto, – disse cabeceando quando olhou seus olhos.

– Quero-te –, adicionou, suas pupilas se dilataram quando olhou fixamente um ponto longínquo.

– Mas não posso dormir contigo. Não esta noite. – Chloe fechou os olhos e respirou profundamente.

Possivelmente não nesta vida.

Tola, tola, tola.

Inspirou profundamente e se perguntou se tentar desculpar-se seria muito impróprio na crença Baptista de sua mãe?

É muito provável.

Caine em silêncio se sentou sobre seus calcanhares, enquanto tomava os dedos de Chloe puxando-a para que descansasse em seus braços. Ela sentiu o calor de suas mãos que a arrastaram para baixo, lhe dando a volta e colocando seu nu traseiro exatamente onde queria tê-la.

Montando-lhe.

Ela podia sentir seu pênis que palpitava bruscamente, com impaciência, duro e cheio da essência que Chloe queria lamber, saborear e beber por cada orifício de seu corpo, quando o sentiu empurrar contra a molhada coxa do tecido fino de sua calcinha. As mãos de Caine permaneceram em suas nádegas, as massageando, tocando seu escuro ânus e pressionando seu sexo uma e outra vez. Utilizando seu corpo como se ela não houvesse dito nunca as palavras sobre que isto não ia ocorrer.

Inclusive a voz interna gemeu ante o que lhe fez depois.

Uma mão entrou em suas calcinhas, pela frente. Dois dedos se apertaram cuidadosamente em seu sexo. Sua boca a buscou, beijando-a. Não houve dor. Só carinho; sua boca acariciando seu pescoço, sua mandíbula, seu lóbulo. E então um dedo da mão que estava molhada por seu sexo, escorregou para baixo, dentro da fenda de seu ânus meigamente.

Devagar, exercendo a pressão justa para provocar uma dor leve em seu ânus.

Ela gemeu ao sentir-se tão apertada, brincalhona, e travessa. Ele a tinha, justo onde queria.

Ou justo onde ela queria estar, para ser mais apropriada.

Chloe nunca tinha feito isto antes. Absolutamente. Jamais, tinha encontrado um homem com o qual se sentisse o bastante cômoda para permitir acesso a esta parte de seu corpo. Mas sempre tinha querido prová-lo.

Alegrava-se de não ter dormindo sobre seu estômago a noite anterior, pois o macho alfa poderia lhe haver deixado machucado também este lugar.

Para ser honrada, Chloe duvidava que algo pudesse danificar isto quando ele começou a afundar seus dedos dentro e fora dela. Uma mão que se movia devagar dentro dela e logo se retirava. Um segundo depois voltava, mas com dois de seus dedos juntos, girando ao mesmo tempo. E logo outra vez, e de novo uma e outra vez... E outra vez...

Caine em seu sexo.

Luke em seu ânus.

Em sua fantasia não havia culpa nem remorso; e inclusive a leve e maravilhosa dor que lhe provocava, e que poderia ser muito maior se ele fosse brutal com suas partes íntimas, não podia danificar sua fantasia. Dois homens. Irmãos. Gêmeos. Os dois fortes, formosos, duros, fazendo amor ao mesmo tempo. E pelo menos com um deles realmente o pensara.

Chloe envolveu seus braços ao redor do pescoço de Caine e esperou, quando ele começou de novo a introduzir-se e a variar o ritmo com os dedos que havia dentro de seu corpo, criando uma imagem de decadência em sua mente.

Luke a tinha assustado. Terrivelmente. Mas assim como ele a tinha assustado, também tinha sabido como excitá-la rapidamente e com uma intensidade que a tinha assustado. E agora Caine estava dando-lhe prazer absoluto. Inclusive depois de lhe haver dito que não podia dormir com ele, continuou lhe dando prazer. Sua boca amou sua face e seu pescoço, mas minha mãe, seus exigentes dedos a faziam sentir tão cheia dele que desejava explodir em mil pedaços.

– O que sei sobre você? – respirou a pergunta quando se achava no princípio de seu orgasmo e se afiançava a seus ombros para sustentar-se.

Caine mordeu brandamente seu pescoço.

– Só quero te dar prazer. – murmurou.

– Quero olhar-te quando chegar ao orgasmo, Chloe.

Não acreditava que chegasse ao clímax. Seus clitoris e seu ânus estavam muito doloridos para permitir-lhe. E odiava o fato de que o homem que lhe estava dando tanto prazer, não estava recebendo nada em troca, até que viu que em seu olhar refletia a satisfação de ver como desfrutava fazendo-a feliz só tocando-a, não pedindo nada mais.

–Vêem a mim, doçura.

Ela pôde sentir um gelado calor que zumbiu das gemas de seus dedos até a base de seu cérebro, ao mesmo tempo em que ouvia suas palavras. Seu corpo lhe dizia que dentro de uns segundos, cairia precipitadamente em um clímax. E ia ser muito mais intenso que o que tinha imaginado quando tinha estado de pé entre os dois homens no vestibulo. E muito mais emocional que a consumação que tinha tido a primeira vez ante a insistência do Luke, quando o tinha conhecido.

Até mais forte que se os dois tivessem estado dentro dela, suspeitou quando começaram os espasmos e a queimação que tinha no ventre.

–Vêem, te aproxime – Caine a aliviou quando seu corpo começou a atirar bruscamente e convulsionar ao redor de seus dedos.

–Isso, doçura–, ronronou enquanto seguia controlando as reações de seu corpo.

Ter a este homem dentro dela, era muito melhor do que se tivessem estado os dois de uma vez, decidiu. Séria fantástico conter em seu interior ao Luke e ao Caine,

mas este homem a fazia sentir-se tão maravilhosa e perdida que não necessitava a ninguém mais.

E sabia que depois ele não se zangaria com ela... ou com ele.

Cada célula e emoção em seu corpo estavam de acordo em que isto era o que ela queria fazer tempo. Este não era o homem ao qual se sentia conectada emocionalmente e tampouco era o animal com o que se havia sentido tão estimulada. Era outra faceta que lhe mostrava.

Era a do homem que recebia prazer da mulher, com só olhando seu rosto, escutar os sons que saíam de sua garganta e perceber os aromas de sua excitação quando lhe dava prazer.

Caine sentiu claramente quando seu corpo começou a ter os espasmos e seus dedos se afundaram mais profundamente dentro dela, para logo encurvar-se juntos, colocando-a mais para baixo de algum modo, mas sem feri-la absolutamente com suas ações.

Chloe arqueou seu traseiro e o movimento a localizou em seu regaço. Uma das mãos de Caine trocou e o dorso de sua palma se apertou contra seus clitoris, lhe golpeando de cheio. Chloe já não necessitava mais estímulo e sendo honesta consigo mesma, pensou que se recebia algum estímulo mais por pequeno que fora poderia explodir.

—Caine... — Chloe abriu a boca antes que pudesse terminar sua súplica para que cessasse o que estava lhe fazendo.

—Caine, detenha...

Mas ele não se deteve. Segurou-a, tocando e arrasando todas as partes que recentemente tinha estado tocando com seus dedos, no momento estava tocando brandamente seu mamilo, seu pescoço; todo seu corpo exigindo a culminação... mas seria ele quem lhe diria quando teria que chegar a esse ponto e intuía que não estava próximo.

Ela tinha pensado que ele tomaria para si primeiro. Como seu irmão o tinha feito. Chloe tinha dado como obvio que esse Damon Caine seria um amante maravilhoso, mas brutal. Mas só tinha tido razão sobre a primeira parte de sua teoria.

Chloe cravou suas unhas na pele de suas costas, através de sua camisa, para lhe assegurar como se sentia por não ter voz nem voto. Tinha que lhe infligir algo da dor pela necessidade que já não podia tolerar mais. Tinha que conseguir recordar que ainda era uma pessoa, sensata e uma entidade individual que não podia ser controlada por esse homem que dominava seu corpo inteiro, inclusive, quando tinha uma mínima parte dele em seu interior.

Caine era implacável e exigia a seu corpo o que jamais nenhum outro homem lhe tinha exigido.

Sua forma de fazer amor era disso estava segura, o que a maioria das mulheres só sonhavam. Era tão generosamente apaixonado.

Chloe abriu sua boca procurando ar quando seu corpo se negou a deixar de convulsionar e tremer pelo forte orgasmo que lhe estava provocado este homem. Um homem do que não sabia nada, nem sequer sabia que existia exceto, talvez, por seu trabalho. Chloe só conhecia de Caine o que tinha lido e o que agora estava vivendo com ele.

Ela tinha imaginado o que um homem assim poderia fazer a uma mulher; esse homem poderia converter-se em uma besta, em sua imaginação já existia, e muitas vezes o tinha sentido em seu corpo e inclusive em sua alma, que se inflamavam de desejo por um homem como ele. Por um homem no que ela desejava acreditar, pelo Caine.



—Já não posso mais—, rogou-lhe finalmente, e seus dedos começaram a mostrar um pouco de misericórdia para ela.

O clímax lhe chegou com um profundo batimento do coração, depois recuperou o uso de seus pulmões. Isto tinha ocorrido porque Caine tinha criado nela, além disso, do estímulo físico, fantasias que tinha tido em seu interior durante todos seus anos em seu trabalho. Supunha que Caine tinha estado preparando-a, formando-a para ele, de maneira intuitiva durante os anos que tinha trabalhado. Embora nenhum dos dois tivesse sido consciente deste fato.

Era um tema difícil de falar com outra pessoa.

De momento, Chloe não podia falar sobre nada neste momento. Só podia sentir. Podia cheirar ver e podia saborear.

Mas todos seus sentidos lhe falavam de Caine.

Ela se aferrou a seu pescoço quando ele tirou os dedos brandamente do interior dela. Seus braços envolveram-se ao redor de sua cintura e a atraiu mais perto ainda, quase a esmagando e suspeitava que ele teria alguma boa razão para sustentá-la desta maneira.

Os batimentos de seu coração golpeavam seus peitos nus através de sua camisa, e sua pele era suave e tenra debaixo de sua orelha onde esfregou sua bochecha, no momento em que ele permitiu pôr a cabeça em seu ombro.

—Isto é maravilhoso—, sussurrou-lhe quando sentiu que a apertava com maior força.

Não havia razão para sentir-se esgotada emocionalmente. Fisicamente, poderia entendê-lo. Mas ela não sabia que Caine desde para muito tempo sofria desejando sua felicidade emocional. Nem tampouco lhe conhecia o suficiente para adivinhar, o que lhe estava passando por sua mente enquanto a sentava envolvendo-a com seu corpo, sentindo seu calor e seu batimento do coração que ainda trovejava com força.

Tinha terminado. Ele a tinha despertado, estimulado e logo a tinha arrastado ao orgasmo mais delicioso que em muito tempo poderia recordar, e agora isto, a possibilidade de apoiar-se sobre ele e lhe sorrir maravilhosamente, agradecê-lo amavelmente como as maneiras lhe indicassem, e então educadamente mandá-lo ao inferno.

Mas isso ela não o faria. E não era só porque ele não se permitiu sair, embora suspeitasse que essa era a causa de ter suas mandíbulas fortemente apertadas e não solta-la desse abraço de urso com o que a mantinha sujeita. Chloe não se permitiu mover-se nem um ápice, para lhe indicar que estava pronta para ir-se ou para ele partir, ou para lhe indicar que já estava pronta de novo para ele ou que já não queria mais.

Nunca.

Nada na vida a tinha assustado como isto.

Medo e sexo. E este homem lhe produzia ambas as coisas. Ele a assustava e a excitava em proporções iguais. E com habilidades assombrosas em ambas as áreas. Tinha-o conhecido durante anos ao estar junto a seus escritos e se despertou mentalmente assustada, porque ele tinha escrito as mesmas fantasias que ela queria viver.

E agora, parecia que o perito em impulsos animais estava lhe mostrando de forma prática seus outros talentos.

Bom, ao menos alguns deles.

Alguns dos que estava mostrando havia valido a pena esperar, tinha que admitir. Chloe começou a soltá-lo e finalmente lhe permitiu ao pobre homem ter alguma circulação em suas pernas, mas algo a deteve em seus movimentos.

Nesse momento, ela não soube que foi o que a chamou a atenção. Também suspeitou que nenhum deles soubesse.

\* \* \* \* \*

Isto não está acontecendo de novo.

Caine se sentou com a mulher aprisionada em seu abraço e a aproximou tão estreitamente que não podia dizer se o calor ou os batimentos do coração eram dele ou dela. Uma mulher que a besta que habitava nele teria violado, por estar pronta para ser fecundada. A mulher que seu irmão também teria tido e que também tivesse forçado, se isto tivesse passado dentro de sua guarida.

Chloe não tinha conseguido serená-lo bastante para soltar-se e Caine não estava em condições de deixá-la ir ainda. Ele não a tinha levado ao orgasmo quando lhe tinha feito amor ao princípio dessa noite e o pensamento de deixá-la sem que se desafoasse lhe tinha feito infringir as regras.

Mas agora ela estava contente. Por isso ele também podia está-lo. O que o fez ainda mais feliz, foi o fato que a mulher tinha alcançado o orgasmo com uma intensidade tão esmagadora, que Caine havia sentido seus dedos duros e intumescidos, mas logo tinha feito ainda mais firme sua pressão. Uma pressão que se conectou a seu pênis quando se precipitava das alturas e a pedia fosse para ele.

Mas ela já se elevou duas vezes em vinte e quatro horas para ele. Caine colocou suas mãos de maneira que pudesse passar seus dedos por sua larga e vermelha cabeleira enquanto pensava quão perfeitamente natural parecia reconhecer seu corpo, suas necessidades e desejos.

Jamais. Nada do que Caine fizesse alguma vez com a ajuda de seu irmão, ou sozinho, ou com alguma uma mulher, tinha-lhe feito sentir assim. Seu pênis ainda estava duro e exigindo que ele montasse à cadela que agora estava bem lubrificada e acordada em seus braços; mas seu coração e sua mente estavam mais acordados que seu pênis. A percepção, o sabor e aroma desta mulher se colocaram profundamente nele e o tinham marcado tão exigente como ele o tinha feito.

Felizmente, Chloe não podia saber o que sua própria incursão lhe tinha produzido.

E ela não ia saber. Não por algum tempo ao menos.

O homem nele quis pensar que ela poderia entendê-lo. Aceitá-lo. Mas claro que ela poderia lhe entender e admitir essa parte dele que era homem. Era de sua outra metade da que tinha que preocupar-se.

A mulher emitiu inconscientemente o desejo de acreditar que o que ele escrevia era verdade. E parecia frustrante ávida por lhe permitir a Caine fazer coisas que, ele sabia, dariam prazer a uma mulher como ela, embora nunca a tivesse tido; ainda a poderia assustar-se mais ao render-se completamente a seus impulsos.

Chloe queria fazer amor com Caine, mas algo não ia permitir. Ela ou uma parte dela não estava de acordo com todos seus desejos, só lhe faltava reconhecê-los e assumi-los.

Chloe parecia impaciente por esse maravilhoso prazer sexual, mas jamais fez sentido que um corpo tão formoso tivesse que questionar ou inclusive julgar seus próprios desejos sexuais livres de restrições, que lhe dissessem que só devia ter sexo quando fora correto apesar de isto ser o oposto a que seu corpo e sua mente quisessem. Era sua própria natureza humana que estava tendo problemas para aceitá-lo... Algo de que Caine era muito consciente nas mulheres humanas que poderiam abraçar ou aceitar suas tendências animais.

Ter uma mulher que aceitasse a natureza de Caine seria um final verdadeiramente incrível a mais recente saga da família.

Caine se reclinou finalmente para baixo, girou sua cara para olhá-la. Estava avermelhada e seus olhos se mostravam selvagens pela excitação e o esgotamento. A apreciação do que lhe tinha feito se mostrava em sua face, a quantidade diminuta de energia que Caine a tinha deixado não parecia ser suficiente para lhe permitir expressar qualquer pergunta ou comentários.

Seus lábios, entretanto, encontraram um pouco de força.

Caine se apertou a ela um pouco mais de tempo. Sentiu seu fôlego contra sua bochecha quando ele a beijou mais meigamente do que alguma vez teria pensado, pelos planos que tinha feito para eles. Era um predador. Queria mordê-la e obrigar pela força a sua submissão sexual. Estava disposto a machucá-la, a lhe fazer uma cicatriz para conseguir o que necessitava. Essa parte de Caine que sabia que tinha que reproduzir-se surpreendeu pela suavidade com que a tratava do mesmo momento em que tinha decidido não forçá-la em nada.

E ainda lutava por escutar a suas súplicas.

Mas Caine podia cheirar a juventude no corpo desta mulher.

Independentemente de sua relutância e incredulidade, podia ouvir claramente a risada de seus meninos nos batimentos do coração de seu coração. E podia sentir que algo chegava a sua alma infectando-a, porque sabia que significava a diferença entre a vida, a morte e sua verdadeira felicidade, assim como a de sua classe e sua raça. Caine conhecia o que se sentia ao ser amado. E sabia como se sentia ao amar a outro. Era algo que queria sentir uma vez mais, desesperadamente, tanto para ele como para seus descendentes.

A compaixão não enche o ventre de um predador.

E nenhum um homem pode viver sem esperança.

Caine olhou dentro de si, recordando os olhos das últimas mulheres pelas quais alguma vez se permitiu sentir esperança. Cedendo ao animal nele se disse que por ela, esta vez, teria que esperar seu turno.

\* \* \*

Foi.

Chloe apertou o passo para a parte de atrás da cabana, se abrigando com uma manta para se proteger do vento. Os bosques pareciam brilhantes sob a luz da prematura lua que pendurava sobre os topos dos arcos vermelhos, as nogueiras americanas e os amarelados pinheiros amarelos. Chloe se imaginou que poderia ver ouvir e sentir a milhas de distância.

Poderia ter lhe pedido que ficasse. Poderia ter feito amor com ele, com toda a fúria como o que lhe tinha feito. Mas ele tinha aceitado o rechaço a seus sentimentos e partiu.

O homem simplesmente a tinha deixado sozinha, fria e desconcertada sem um argumento ou um só pedido, para que satisfizesse suas necessidades como pudesse, em sua cama... Em seu corpo... Em sua vida.

Algo lhe tinha parecido tão familiar a Chloe que tinha tido medo de escutar seus pensamentos, quando estes se cruzaram em sua mente.

Seus ouvidos descobriram um som que tinha vindo a ela com o vento e que retornava de novo, estremeceu-se ante a chamada. Para deprimir-se. A uma distância do redor de uma milha? –, possivelmente mais, desde onde estava de pé. Ouviu-o, mas soube agora que não era para ela.

O desconsolo que sentiu, doía.

Ela ainda queria o homem de seus sonhos. O homem capaz de entesourar seu coração, seu espírito e sua vontade para viver, mas quem mataria seu próprio espírito ou vontade, por causa de uma dor intencional, nem sequer desejada. Ainda queria a um homem que pudesse defendê-la contra algo. Um que não se sentisse fraco ante nenhuma situação ou força vivente.

Exceto dele mesmo.

Os homens assim não existiam. Chloe sempre soubera disso. A pequena moça nela, inclusive sabia isto. Mas outra pequena e irracional parte de seu ser se obstinou durante muito tempo a essas fantasias, para desprezá-las agora.

Estava zangada consigo mesma por sentir-se tão ingrata por ter encontrado isso neste homem. Qualquer outra mulher teria ficado alvoroçada de ser tocada como ela foi. E qualquer mulher sensata e racional teria estado retorcendo suas mãos ante a magnitude de seu desinteresse. Sua habilidade de ignorar seus próprios desejos e simplesmente satisfazê-la.

Seu talento para o autodomínio.

O que nunca tinha querido em seu homem.

Confortou-se com a crença de que Caine era pelo menos a metade desse homem de seus sonhos. Era pelo menos a metade do que Chloe se atreveu a imaginar de forma pueril que poderia encontrar algum dia em um companheiro. E como nenhum outro homem, inclusive seu irmão, jamais tinham estado perto de satisfazer seus sonhos. Isto deu a sua alma um pouco de esperança, já que ao menos a metade de seus sonhos eram possíveis e não impossíveis de conseguir tal como sempre tinha imaginado.

Mas isto, também obrigou a Chloe a ser razoável com seus sonhos e seus contos de fadas.

Damon Caine era inteligente e embora Chloe soubesse que era criativo tinha seus defeitos, e também sabia que ele não ia apaixonar-se por uma mulher que alguma uma vez sonhasse tendo um homem-lobo como seu companheiro, provavelmente, e certamente tampouco ia apaixonar-se por nenhuma mulher que desejasse tanto acreditar que isto, era possível.

Suspeitou que não fosse tão terrível deixar de lado a metade de um sonho em troca de ter um homem que parecia personificar tão perfeitamente essa outra metade de seu ser.

Se Caine era quem pensava que era, se tinha o que ela imaginava que tinha não se teria ido, não teria tomado a sério uma negativa como a sua. Teria tomado o que quisesse ainda quando lhe tivesse parecido equivocado. Tal como seu irmão a tinha tomado umas poucas horas antes.

Mas ele não o era assim. E não ia ser. Caine era muito civilizado e humano para parecer-se com as bestas que ele descrevia. Ela sabia isto, como as bestas que amava conheciam suas vozes desde milhas longínquas. Conheciam os membros de sua família e os membros de outras manadas. Marcavam seu território e anunciavam as mortes de suas presas e os nascimentos com suas chamadas. Chamavam, paqueravam, e se lamentavam com seus companheiros através de seus uivos.

Chloe fechou seus olhos e se permitiu pensar em quem fazia esse uivo, que ia crescendo cada vez mais, fazia-a recordar as histórias que sua avó Maw lhe tinha contado alguma vez.

## Capítulo 12

Caine esfregou seus olhos e alargou a mão em sua nuca para tentar relaxar.

Tinha-a abandonado e odiou cada grama de si mesmo por fazê-lo.

Deveria ter feito amor com ela outra vez.

Caine não teria tido que refrear-se, submeter-se ou forçar-se dentro dessa mulher. O corpo dela tinha entendido a suas mãos. Tinha entendido seu beijo. Sua pele tinha memorizado seu segundo toque depois da primeira vez.

Mas havia coisas que tinha que lhe dizer antes que permitisse o corpo dela conhecer o resto dele. E havia coisas que ela tinha que conhecer sobre si mesma também.

Suas mãos não podiam purgar a visão, o aroma e a idéia dessa mulher, tampouco se sentia capaz de lhe dizer a verdade, da mesma maneira que teria sido incapaz de ter detido a Lee em sua ação de transformar-se de novo em um homem, justo no minuto em que Caine levou Chloe para fora do banho.

Tinha sido a culminação de um dia infernal.

E Caine estava exausto.

Mas ao menos tinha terminado. Ou quase. Agora que tinha levado Chloe a sua casa, tinha quebrado cada regra de sua espécie e sua manada, e o autocontrole que acreditava ter. Tudo o que ficava por fazer era ir à casa do Luke a assegurar-se de que o bastardo não pensava desobedecer a suas ordens a respeito a não tocar a Chloe, e logo vigiar como seguia Lee.

Aquela primeira parte era a que realmente o tinha preocupado.

Quanto a Lee, sabia-se que os híbridos de lobo às vezes passavam um período infernal durante a última etapa da puberdade. Os híbridos masculinos tinham que aprender a controlar o impulso de transformar-se igual e tinham que aprender a controlar cada um dos outros impulsos e urgências que dirigiam seus corpos e mentes. Entretanto, esta estranha forma de puberdade da espécie de Caine o tinha menos preocupado do que tinha estado em qualquer outro momento da vida de Lee, quando ele não era capaz de transformar-se. A febre, entretanto, tinha-o assustado o suficiente para pô-los a ele e a Chloe em uma situação menos que ideal com o Luke.

Caine estava agradecido de que seu irmãozinho não tivesse nascido menina. Se Lee tivesse sido uma fêmea, sua primeira transformação não teria ocorrido até a perda de sua virgindade. Embora Caine não conhecesse nenhuma loba pessoalmente, tinha ouvido que o trauma devido a isso e que ocorria quando a jovem devesse estar desfrutando de um corpo tão precioso e memorável, era às vezes suficiente para fazer que a loba matasse a seu companheiro durante o ato.

Caine nunca tinha considerado tentar localizar uma loba para ele. Em sua opinião, as mulheres humanas podiam ser tão perigosas na cama como os animais, Caine ao respeito só tinha ouvido os contos de seus antepassados.

Ao menos apostava que a Doutora Chloe Evans podia ser tão perigosa entre os lençóis como aquela que o bisavô de Caine supostamente tinha tido o prazer de montar. Sobre tudo se ela ia e admitia que lhe tivesse dado o maior dos prazeres.

Quanto a seu próprio prazer, os projetos de Caine para essa noite não tinham sido nada como ele se imaginou. Tampouco tinham ido de acordo com as expectativas

do Luke. A febre de Lee tinha alterado a noite por completo. E Chloe Evans possivelmente alteraria a vida inteira de Caine, pelo menos isso suspeitava.

Levou os dedos a sua boca.

Saberia que ela tinha estado ali depois de semanas de duchas e noites e sonhos sobre ela. E sempre que encontrasse seu aroma, Caine se lembraria de com quanta urgência queria agradá-la outra vez. E de que só agradando a ela poderia fazê-lo consigo mesmo. Era maravilhoso imaginar-lhe.

E se sentia bem poder pensar meigamente sobre uma mulher outra vez, depois de dois anos de pena, dor e solidão em que nenhum irmão, pai ou amigo podiam influir, Caine queria isto. Estava preparado para isto outra vez. Queria compartilhar como só se pode compartilhar com um companheiro.

Queria amar outra vez.

Era insano e improvável e o mais seguro é que causaria a Caine mais dor do que alguma vez se imaginou, quando ela acabasse justo como todas as outras. Todas exceto uma. A única.

Esta noite, não queria pensar desta maneira. Não queria considerar o que ia passar a seu coração e a essa diminuta e tênue luz de esperança quando Chloe conhecesse a verdade.

De todos os modos havia coisas que Caine tinha que considerar. Ou seja, Luke. O homem queria reproduzir-se. Caine entendia isto perfeitamente. O mesmo Caine queria reproduzir-se. Mais ainda ele o necessitava devido a sua manada. Sabia que era seu dever.

Mas queria à fêmea disposta. E queria que ela desfrutasse de seus esforços de reprodução tanto como ele. Não podia negar esse fato.

E queria que Chloe fosse sua companheira.

A fêmea já o tinha feito com seu descaramento, seu sorriso e essa covinha. Sem mencionar a maneira em que tinha emprestado as feromônios, suspeitava que só seu nariz realmente pudesse senti-lo quando a fazia, meio doida e amada. E quando tinham falado da história familiar que Caine registrava para seus livros, embora ela se negasse a acreditá-los, todo o corpo da mulher se abriu a ele em seu entusiasmo a respeito de tais relatos.

O fato de que seu trabalho a excitasse dessa forma fez-lhe ter que lutar contra um impulso que nunca pensou que sentiria. O um impulso de lhe dizer tudo agora mesmo. O impulso de ser completamente honesto com ela sobre o que ele, seu pai e irmãos eram.

Mas ela não tinha sido capaz de ser completamente honesta com ele sobre sua crença em tais coisas. E Caine tinha aprendido faz muito que os fatos e a ficção eram mundos à parte nas mentes da maioria das pessoas. Das poucas cartas de admiradores que realmente conseguiam encontrá-lo, Caine tinha determinado que embora às pessoas gostasse de ser assustada e à maioria gostava que a literatura e a arte lhes recordassem que suas vidas eram dispensáveis, poucos eram o suficientemente valentes para aceitar a verdadeira realidade desse conceito. Os livros de Caine eram bem-sucedidos, porque ler a respeito de tais coisas horripilantes era o mais perigoso que a maioria das pessoas estavam dispostas a viver.

E infelizmente, a Doutora Chloe Evans provavelmente era muito prática para aceitar o que Caine tinha que lhe admitir se ela fosse sua companheira voluntariamente.

Era certo, ela tinha estado excitada com o que tinha pensado que era a forma mais arruda com a que Luke lhe faria amor. Mas Caine suspeitava que era simplesmente outra viciada na adrenalina com uma tolerância ligeiramente mais alta. E suspeitava que

se realmente chegasse a admitir quem e o que era ele, sua ânsia pelo medo rapidamente se voltaria contra o homem que o dava. E o primeiro no que ela pensaria seria em que estava louco.

E logo, quando revelasse sua reclamação, ela acharia repulsivo o que realmente era ele.

Para o Caine por outra parte, admitir que se apaixonou por ela basicamente ao minuto em que o lobo nele a tinha cheirado meses antes, era a coisa mais espantosa que alguma vez tinha deixado reinar em sua mente.

Infernos, Caine ainda lutava com o que essa notícia provocava nele. Não queria amar a outra mulher devido à dor que uma vez o amor lhe tinha causado. Mas, tal como Caine tinha ficado necessitado por apaixonar-se pela Meagan, parecia que o cromossomo para ser um idiota quando se aproximava das mulheres, estava bem inculcado no fundo dos genes da família Caine.

Pensava em seu gêmeo e como, sua própria vida, estava afetada pelos mesmos fatores que os seus. Ao menos tinham dado a Caine a opção para amar abertamente a uma mulher quando tinha subido à posição alfa. Não tinham dado a Luke aquela opção. E mesmo que Caine fosse muito liberal com suas permissões frente à possibilidade de reprodução de seus irmãos, eles ainda estavam sob seu controle e sujeitos a sua aprovação enquanto pertencessem a sua manada.

Em última instância, inclusive a reprodução de Chloe era eleição dele enquanto estivesse em seu território. Era uma coisa feia para Caine recordar a si mesmo, não obstante era a verdade. Caine daria à situação cada oportunidade de resolver, mas se isto não ocorresse, e se Chloe não fosse capaz de aceitá-lo, Caine seria forçado a deixar que seus instintos mais primitivos prevalecessem pelo bem de sua família.

Só esperava, por seu bem e o de Chloe, que ela pudesse ser o que ele necessitava.

O que ela precisava ser para si mesma.

Caine olhou para cima pelo caminho que conduzia para a casa de seus pais. A luz de Lee estava ainda acesa e decidiu passar e vê-lo primeiro. A casa de Luke estava escura, assim como as outras casas onde viviam as tias de Caine, os tios, e avós. A diferença era que a casa do Luke parecia fria. Pouco atrativa. E quase dava a impressão de que fora um sítio ao que não pudesse ir, a pesar do fato de que cada casa que estava sobre a propriedade era parte de seu território.

Tinha pensado sugerir uma maneira para que tanto ele como Luke pudessem ter tudo o que queriam sem interferir com o modo em que tinham sido criados, mas só um segundo antes que aquela possibilidade lhe fizesse mal só por considerá-la.

Sempre existia a opção de que seus irmãos deixassem o grupo e se fizessem alfas em seus próprios grupos. Isto era inconcebível em opinião de Caine, até com a cólera e os difíceis sentimentos que havia entre ele e seu irmão. O humano nele considerava normal e racional tendo em conta que havia dois machos dominantes com força no mesmo grupo. Suspeitava que Luke se sentia da mesma maneira, como algum homem que não lhe tinha consideração na mesa.

Amavam-se um ao outro. Como irmãos e companheiros de manada que eram.

Mas Caine também amava ao Chloe agora.

E ambos os homens necessitavam uma companheira.

Era o mesmo pesadelo uma vez mais. Seu amor por sua família e seu gêmeo contra seu amor por uma mulher. O lobo nele contra o homem nele.

Às vezes Caine entendia a seu gêmeo muito mais do que Luke alguma vez saberia. Ele esperava que algum dia Chloe soubesse quanto a entendia a ela também.



Caine também compreendia os distintos ruídos que vinham do dormitório de seu irmão mais jovem, enquanto caminhava nas pontas dos pés pelo corredor da casa de seus pais. Não podia deter o aberto sorriso que nascia em sua cara quando abriu a porta do jovem lobo em silêncio e apareceu frente a seu humano irmão agora completamente transformado.

– Vai criar cabelo nas palmas das mãos.

Caine nunca tinha tido uma reação mais rápida em sua vida ao ver um seio de mulher, enquanto seu irmão explorava sob os sons doces e suaves do Nine Inch Niles. A expressão de Lee foi da surpresa à vergonha e à impotência, enquanto Caine o tinha encontrado por acaso, em uma forma de dizê-lo, justo segundos depois de sua jubilosa auto-celebração.

Caine fechou a porta diante de sua cara e silenciosamente ria enquanto dava tempo a irmão para recuperar a compostura.

– Tudo saiu bem?

– Odeio-te.

Caine riu em silêncio outra vez e pôs sua cabeça contra a porta de dormitório ainda fechada.

– Sente-se melhor – sussurrou detrás da porta antes de jogar uma olhada para dentro. Ele sorriu abertamente outra vez, enquanto Lee lançava à Senhorita Fevereiro através do quarto, até a deixar esmagada contra a parede onde provavelmente seria pendurada com tachinhas na manhã seguinte. Caine se aproximou de seu irmão e sorriu.

– Todos o fazemos.

– Alguns de nós temos que fazê-lo.

Caine sentiu que as palavras de Lee golpeavam algo dentro dele. Tentou ignorar a contusão que elas deixavam.

– Luke se foi à cama?

Lee girou sua baqueta de bateria sem falar e evitou os olhos de Caine.

– Lee?

Os olhos de seu irmão mais jovem se umedeceram. Era uma visão estranha, ainda para um jovem tão carinhoso e sensível como Lee. Caine sentiu como suas vísceras se abatiam ainda mais do que tinham estado momentos antes de ouvir as palavras de Lee. Quando o adolescente elevou a vista para o alfa de sua manada, para falar com irmão a quem amava só ligeiramente menos do que amava a Luke; Caine sentiu que esse abatimento se convertia em um mal-estar feito.

– Não deixe que faça mal a ela.

\* \* \* \*

Caine golpeou a terra com suas quatro patas. Não se tinha incomodado em despir-se e sua roupa rapidamente se enredou e rasgou entra as madeiras de urze; seus membros que se estendiam enquanto ele corria a quase quarenta milhas por hora Através do chão do bosque? O lobo em seu interior não estava feito para manter esta velocidade durante largas distâncias.

Ao longe ouviu um uivo. Um uivo de acasalamento. Mas de uma garganta a qual não podia reconhecer em seu estado de pânico. Luke se guardaria melhor de dar a conhecer suas intenções com uma chamada tão visível. Embora fosse uma coisa que faria se já tivesse conquistado à fêmea que desejava.

Caine alcançou à cabana e avançou mais devagar, só a tempo suficiente para rasgar de seu corpo, com sua boca, a roupa que ficava no torso. Suas patas estavam

ensangüentadas com os cortes e incisões que se fez ao não sentir as rochas, em sua corrida para chegar até Chloe. Espuma branca borbulhava ao redor de sua boca, e seu peito ofegava, subia e baixava, com uma respiração forçada. Jogou uma olhada para trás, só no último momento, quando notou os rastros sangrentos que estava deixando sobre os degraus.

A porta de cristal, que tinha usado a noite anterior, estava fechada. Caine olhou o cristal e logo observou atentamente dentro para ver se podia descobrir a Chloe ou seu irmão.

Ela dormia. Nua outra vez, a pesar do frio. O lençol estava arremessado para trás o suficiente para permitir que um de seus peitos se visse.

Caine observou ao Luke inclinar-se e lambê-lo cuidadosamente para não despertá-la.

Luke também estava nu. E excitado, da mesma forma em que Caine o tinha estado quando tinha feito amor com ela.

Como um homem.

Os olhos caninos de Caine e os olhos humanos de seu gêmeo se reuniram quando seu irmão elevou a vista. Luke se sentou com cautela no flanco da cama e riu de Caine através da porta de cristal. Chloe se moveu preguiçosamente e Caine ouviu um gemido em seu sonho. Luke se voltou para olhá-la também.

Se Caine não se apaixonou por ela, teria sido muito mais fácil para ambos. Ele poderia ter entrado e havê-la montado novamente e logo ter permitido ao Luke ter seu próprio prazer dela. Caine rapidamente aprendeu que realmente isto não era o que lhe importava ao animal nele, não importava quantos machos da manada a tivessem enquanto que ele se acasalasse com ela primeiro e procriasse seus cachorrinhos.

Uma vez mais, o homem nele se enfureceu por um de seus próprios pensamentos.

Se pudesse deixar que o animal que havia nele fosse à força que tomasse o controle com esta mulher, não haveria nenhuma tensão entre seu irmão e ele. E Caine nunca teria que considerar a idéia de dividir a sua família para apaziguar seus apetites individuais, se fosse capaz de controlar melhor o lado débil e emocional de sua natureza.

Era a própria ânsia egoísta de Caine, ânsia por amar esta mulher, a que interferia com sua vida, sua família, e sua capacidade de tomar decisões razoáveis, para sua manada. Luke tinha razão. Deveria ter-lhe possuído a primeira vez que a tinha cheirado.

Justo como deveria haver possuído a primeira vez a Meagan, quando tinha posto os olhos pela primeira vez naquela fêmea.

A experiência pareceria ditar que a sorte de Caine iria muito melhor se simplesmente se reproduzira sem suas emoções. Mas enquanto olhava o cuidadoso movimento do Luke ao baixar o lençol e expor o outro peito da mulher, Caine seguiria amando-a, esperando um dia casar-se, e querendo acontecer o resto de sua vida com ela; sabia que a possibilidade daquele acontecimento acontecesse estava tão morta como sua primeira e querida esposa.

Caine grunhiu e golpeou sua pata com cuidado contra o cristal para atrair a atenção de seu irmão. Não era esta a maneira que queria utilizar para dizer a Chloe o que eles eram. Não quis tocar sobre a porta com muita força de modo que despertasse e os agarrasse a ele e a seu irmão em sua cabana, de novo, em meio da noite. E a transformação de Caine de novo a sua forma humana, para deter Luke, era uma má idéia, por que o pensamento de ver Chloe despertando para ver dois homens nus,

gêmeos, com seus membros agitando-se entre eles, desafiando-se e lutando sobre o piso de seu dormitório, provavelmente não ia excitar-la no mínimo.

Excitaria?

Caine sacudiu esse pensamento travesso, próprio de seu antigo mau comportamento, de sua agora amadurecida e menos sexualmente impulsiva cabeça de lobo e arranhou a porta outra vez. Luke sorriu abertamente, mas não elevou a vista enquanto gentilmente baixava ainda mais o lençol, ainda que com muito cuidado para não despertá-la.

Caine se sentou e gemeu. Não sabia o que fazer. Isto o zangou, esta era sua manada e sua mulher e não tinha nenhuma idéia factível de que fazer nesta complicada situação.

Mas estava o homem nele também. E o homem no Caine nunca tinha sido capaz de fazer voltar o homem em seu gêmeo. Caine era simplesmente um homem muito carinhoso e de coração muito suave para ser o filho de cadela que teria que ser para obter isso.

Se tivessem sido homens normais, Luke teria dominado a relação. Caine era mais emocional e brincalhão e menos apropriado para atuar com a natureza instintiva de seu irmão. Caine pensava a respeito do que Luke fazia. Era metódico e absorvido. Caine pelo general raciocinava seu caminho para coisas, com sua mente humana e suas emoções, e usava o lobo nele só quando tinha que fazê-lo.

Luke era mais brutal, e muito mais apaixonado com tudo o que fazia, até com aquelas coisas que, de vez em quando, pareciam cruéis e desumanas. Poucas vezes usava sua mente humana para decidir quando usar suas forças caninas. Ele escutava a seus instintos. E utilizava suas forças para fazer realidade esses instintos.

Mas por outro lado, o homem devorava as moléstias infantis porque as detestava. Os lobos não têm a capacidade para odiar. Só os homens o fazem. No outro final do espectro, Luke tinha gostado de Meagan como se ela tivesse sido sua esposa. Caine sempre o tinha sabido no mais profundo.

E os animais supostamente não amam.

Caine se perguntava como seria a mulher adequada para equilibrá-lo, Luke Caine não tivesse passado de ser um duro bastardo a ser um homem. Mas não se permitiu ter uma mulher para si mesmo. Não na manada de Caine sem a aprovação de Caine. E Luke não era um homem. Ele era um híbrido. Tal como Caine.

E Caine era o alfa.

E Caine se reproduziria quando e com quem ele considerasse apto. Como também Luke, enquanto o lobo estivesse na manada de Caine.

Caine lutou para recordar-se que era só o alfa nele quem devesse tomar as decisões quando eram assuntos que concerniam aos membros de sua manada. Embora ele ainda não tivesse pistas de como tomar as melhores decisões com respeito às bestas do mundo que realmente eram as mais poderosas, sabia que o comportamento do Luke era inaceitável, independentemente de que Caine entendesse os impulsos que ele sentia. Caine escutou esta mensagem interna, apesar do som de suas emoções humanas que se compadeciam de seu gêmeo, enquanto se levantou e golpeava a porta firmemente uma última vez. Seu irmão elevou a vista de sua investigação da nua e adormecida companheira de Caine.

Inteligentes, mas menos intuitivos olhos humanos, encontraram os olhos caninos de uma criatura, que ainda o mais resistente e o mais apaixonado dos homens puro-sangue, não poderia submeter sem o emprego de força artificial.

Luke o olhou insolentemente um comprido momento.

Aspirou odiosamente. E logo baixou a cabeça.

Ele tampouco tinha a esperança de poder ignorar completamente o que eles eram. Inclusive quando imperfeitamente queria esquecer.

Caine parou no sítio e olhou seu irmão sentar-se ao lado de Chloe durante só um momento mais. A mulher se revolveu outra vez e Luke jogou uma olhada para olhá-la. Meigamente, se Caine via corretamente através da escuridão e o cristal.

O gêmeo de Caine cobriu à companheira de seu irmão tão cuidadosamente como a tinha destampado.

E nunca olhou para trás, para o Caine, enquanto silenciosamente partia pela porta principal.

\* \* \* \*

Chloe sentiu como se tivesse areia nos olhos. Depois de uma noite como a que tive, não é nada assombroso, disse-se enquanto se levantava sobre seus cotovelos e se esfregava os olhos.

Maus, maus sonhos.

Caine.

Mãos, boca, atitude atrativamente masculina e tudo.

E esta era só a metade da diversão nesta pequena e travessa fantasia.

Chloe sorriu e rodou, ainda pensando em quão divertidos ambos os irmãos poderiam ser se um deles não estivesse tão zangado com o outro. E se ela não se apaixonou.

O lobo que estava na cama a seu lado não chegou a mover-se.

## Capítulo 13

– Sabe do que preciso moço?

Caine girou sua larga e peluda cara sem pensar, para olhar Chloe. Ela riu pela ação e acariciou sua cabeça.

– Preciso de um homem como você.

Ele esperou, olhando-a com um pouco parecido à adoração de um companheiro para com seu amo.

Como seria.

Caine estava sentado ao lado de Chloe, no assento de passageiros de seu SUV e escutava cada palavra que dizia. Cada desejo que ela expressava em voz alta. Cada fantasia que nunca teria tido o valor de dizerem sequer a seus antigos noivos ou amigas mais próximas.

Cada detalhe a respeito de como se sentiu com o homem com o que não tinha sido capaz de fazer amor a noite anterior, e cada palavra sobre o que gostaria de fazer com ele, mas que nunca poderia admitir.

Caine se alegrou muito de que os lobos não pudessem ruborizar-se.

– Damon Caine se parece bastante à classe de homem que preciso. – Ela riu e afirmou quando parou na intercessão, um momento mais do que era necessário. O

carro que pensava lhe tinha dado a prioridade, tocou ruidosamente a buzina quando ela decidiu sair e quase se choca com ele.

— Tenho a impressão de que faz anos que não faço amor. — Riu bobamente.

— Bom, exceto com seu irmão— refletiu.

— Mas conseguiu arruiná-lo.

Viu como se mordia o lábio inferior e logo seu gesto, antes de sorrir abertamente.

— E a noite de satisfação que me deu pequeno diabo. — Caine viu seu rubor de vergonha e como se cobriu os olhos, com as mãos que tirou do volante.

— Será melhor que não faça nada assim outra vez. — Assinalou-lhe com seu dedo enquanto olhava novamente a estrada.

Caine lambeu o dedo quando não lhe olhava.

— Pára de fazer isso.

Ele viu seu sorriso zombador. Ela não poderia ajudá-lo. Nem ele poderia ajudar.

— Deus, havia algo no Caine que lhe dava a aparência de...

As orelhas de Caine se ergueram para diante quando Chloe quase se choca com a parte posterior do carro que circulava diante deles e sentiu seu coração lobuno pulsando forte com a antecipação...

“... morto em acidente de carro.”

—... selvagem.

Pois claro.

— Nunca encontrei a ninguém como ele.

Caine ouviu seu suspiro e tentou não rir nem emitir um som que lhe resultasse estranho, pelo acertado das suspeitas de Chloe.

Foi um trabalho com pouco êxito.

Agradeceria a Deus uma mão sobre meu ventre.

—Ele me fez imaginar coisas nas que eu não tinha pensado em anos. Fantasias sabe? Pequenas e sujas fantasias, que eu gostaria de lhe haver perguntado se ele também as teria. Fantasias que quase tinha esquecido até conhecer ele, bom quase com ele ao menos...

Caine deixou que terminasse com seus pensamentos. Viu que sua cara se tornava mais séria antes que dissesse...

— Tem-me feito recordar coisas nas que eu não deveria pensar, — disse ela quedamente.

Caine se perguntou, se poderia recordar depois, que acabava de trocar de pista sem sinalizar. Poderia recordar se quisesse. Mas ela jogou o volante para evitar golpear a outro carro e logo estava conduzindo sem preocupar-se, só com um ligeiro rubor esta vez.

Maldição.

— Esse bastardo deveria olhar por aonde vai, diabos.

E outra vez.

—Sinto muito, — riu olhando para o Caine, e ele tentou não pensar no fato de que ela acabava de lhe mostrar a desenvoltura que tinha para amaldiçoar a um bêbado que quase a fazia sair da estrada. Tampouco fez caso ao feito de que ela acabava de pedir perdão a um animal selvagem. Caine até não pensou tampouco no fato de que lhe tinha posto o cinto de segurança ao mesmo animal selvagem no assento dianteiro de seu carro, para que não se fizesse mal, tudo isto lhe demonstrava que ela tinha uma boa intenção como condutora. Mas até agora, seu comportamento conduzindo demonstrava ser o mais primitivo do que Caine tivesse sido testemunha alguma vez.

E o fato de que ela tivesse usado uma pluma de seu travesseiro e lhe tivesse feito cócegas no nariz a um perigoso lobo alfa, para despertá-lo, aquela mesma manhã, nunca se havia cruzado pela cabeça.

A gente que tem cão é, de verdade, de uma classe muito especial.

Mas Caine adorava a esta pessoa em especial. A mulher de um lobo. Fêmea. Esposa.

Independentemente.

Em todo caso para ele. Sua parte feminina. Sua outra metade. A criatura que ia matar aos dois tentando controlar as luzes traseiras, e tentaria consegui-lo antes que Caine alcançasse seu trigésimo aniversário.

Certamente levava duzentos e dez anos sendo cão, deveria queixar-se?

– O que faço garoto?

– Te agachar?

– Realmente, acredito que quero vê-lo de novo. Tenho que saber mais sobre ele. Sabe? – Ele escutou seu suspiro outra vez, e riu antes que ela pudesse vê-lo.

– Tenho que estar preparada se souber o que aconteceu entre seu irmão e eu. E tenho que saber de boa tinta até onde chega sua imaginação. Tenho que averiguar simplesmente se ele francamente acredita que isto vem por causa de todas aquelas loucas histórias que escreve.

Caine sentiu uma bola em seu estômago, como uma contração nas vísceras.

Justo como todos os outros...

Ela esteve tranqüila durante um longo minuto e Caine olhou sua cara enquanto ela deixava que suas palavras penetrassem em sua cabeça. Ela o havia dito. Forte, de fato. Mas a força que tinha utilizado em sua voz, não tinha muita segurança.

Ele não se permitiria escutar o que aquela outra voz lhe havia dito. Com respeito a escutar aquela doce voz, Caine poderia escutá-la durante anos.

– Suponho que poderia me passar diretamente, para averiguar como está o pequeno Lee, Não acredita? Mas teria que ver provavelmente o Luke, embora ao menos, poderia ver o Caine outra vez. – Ela riu e olhou fixamente para diante, afirmando para si mesma.

– Este Lee é uma coisa magnífica, não acha?

É um bombom, esse meu irmãozinho.

– Seria uma coisa atrativa se fosse uma pessoa, Sabe? Aquela carinha é tão adorável. E teria, certamente, a idade perfeita para divertir-se. Sobre tudo com uma mulher de minha idade.

Esta se masturbando o tempo todo. Deveria vê-lo. É asqueroso. Estará cego dentro de pouco tempo.

– É estranho, não é?

Não, a masturbação é em realidade um pouco bastante normal, sobre tudo no macho humano. De fato até outros animais usam seu...

– Merda!

Caine sentiu como seu corpo era jogado de um lado a outro dentro do cinto de segurança e pediu a Deus que isto acabasse, ia terminar estrangulado pelo cinto.

Pediria carona, atrás nas montanhas, se tivesse tido ocasião.

– Viu aquele tipo?

Sim, coração, justamente acabava de ver a luz verde quando quase nos matas a três de nós e a uma senhora maior que caminhava quando esta se voltou à luz vermelha. Como se atreveria?

– Filho de cadela.

Em realidade, minha mãe é humana. Como a mãe de meus filhos o será.

– Do que estava eu falando?

De mim.

– Ah sim, Barklee.

Filho de cadela.

– De todo modo, tenho medo de que tenha comido algo que não deveria. Não é normal que um lobo de sua idade tenha essa febre. E havia estado bem o dia anterior.

Mas a Playboy vem no correio das quartas-feiras. Coincidência? Penso que não.

– Justamente, não sei...

Caine olhou como mordia seu lábio e desejo ter um pouco de roupa, e então magicamente poderia apresentar-se assim que parassem em um posto de gasolina e logo o daria a mesma classe de febre que padecia Lee. Ou uma injeção da sua própria. Caine estava seguro que poderia encontrar algo para que a sua lhe baixasse.

Ou se baixasse sobre algo.

Jogou uma ligeira olhada à parte traseira do SUV para ver com quanto espaço disporia para eles, não queria que fosse um fracasso humano e logo olhou de novo para baixo.

– Que olhas?

Algo que nunca tivesse pensado que precisasse.

– É um pequeno coquete, A que ser?

Não. Sou somente um estúpido filho de cadela.

Homem.

Marido.

Independente.

Caine sentiu como lhe esfregava suas orelhas e logo olhou para seu branco ventre se por acaso chegava para acariciá-lo.

– Necessito a um homem justamente como você, não acredita garoto?

Caine sorriu abertamente. E com um ar de culpabilidade a sotaque esfregá-lo onde ele sabia que era tão desatinado.

\* \* \* \* \*

– O que é isto?

Caine se sentou silenciosamente no chão ao lado dos pés de Chloe. O homem que lhe tinha dado a amostra de sangue de Lee havia-a meio espetado pelo menos dezessete vezes.

E Caine estava irritado.

– Cannabis?

– O que?

O que?

– Maconha? – O homem afirmou e por acaso, tocou o peito de Chloe com sua mão quando alcançou o relatório do laboratório, que estava sobre o escritório.

– O lobo tinha maconha no sangue.

Vou matar a este tipo.

– E isso fez reação com o tranquilizador que usou sobre ele.

Também vou matar a Lee.

– Como poderia ter maconha em sua corrente sanguínea?

O homem se encolheu de ombros e voltou a pôr o arquivo detrás, no ponto exato onde o tinha pegado antes. Caine viu o Chloe tentar mover-se e evitar os avanços, obviamente não desejados, do homem.



– Não tenho nem idéia, a não ser que se cultive ou se encontre a planta selvagem por aí na montanha, e o lobo ingerisse um pouco sem dar-se conta. – encolheu-se de ombros outra vez e se inclinou para a mesa ao lado de Chloe. Caine viu seu movimento para um lado e logo observou como o homem se deslizava cada vez mais perto.

– Ou, um adolescente da casa deu a ele.

Caine se levantou e se colocou no meio, entre Chloe e o homem, que não tinha tido uma juba completa ou um bom trabalho desde o décimo primeiro grau.

– Bem, é um moço curioso, Não crê?

Caine sentiu que estava sendo empurrado para um lado pelo pé calçado.

– Mova-se agora, mova-se para trás, cachorrinho...

Toque-me com seu pé outra vez e mancara até sua casa, tarado.

– Chloe, É teu este cão?

Caine se precaveu do movimento do homem que estava de pé ao outro lado de Chloe.

– É um pouco protetor contigo, não é assim?

Caine se moveu outra vez para ficar entre o caminho do calvo, imaculado, tarado e Chloe.

Chloe se encolheu e se agachou para baixo para esfregar o pescoço de Caine.

– Acredito que pensa que sou sua ama.

Pensa?

– Bem, por que não lhe damos uma correia enquanto levamos este relatório ao laboratório?

Ele viu as mãos do homem aproximar-se até sua cara, mas logo que pôde lhe advertir Chloe a esse tarado e calvo, quando Caine sentiu os dedos sobre a nuca.

Sou um lobo de merda.

E você é obviamente um estúpido.

– Sidney, Eu não faria isso se fosse...

O homem alcançou a...

...Caine teve que fechar seus olhos e respirar, antes que chegasse a terminar seu pensamento.

O calvo e masturbador, logo ia ser um tarado morto se o punha em cima...

...E colocava sua mão sobre a boca de Chloe.

Havia poucos homens ou lobos que tolerassem qualquer mau trato, perseguição, ou que acariciassem a sua companheira.

Luke, a polícia que havia no Luke, ao menos, teria ficado orgulhoso.

Sidney ao menos, não perderia a mão inteira. De fato, se os cirurgiões pudessem encontrar ao final os dois dedos, que Caine realmente lhe mordeu, poderia viver com normalidade durante outro dia.

Caine arrotou no carro de Chloe quando tomou seu caminho.

E logo riu quando ela se inclinou e acariciou sua cabeça.

– Cão bom.

## Capítulo 14

Chloe viu o lobo sair correndo assim que desabotoou o cinto de segurança que o sujeitava, recolheu as bolsas de comestíveis do assento traseiro e usou seu pé para fechar a porta do carro. Estava zangada, além da razão, com Caine, Luke ou quem quer que tenha permitido a Barklee conseguir a substância que corria por seu sangue. Mas também estava inquieta ao ter que enfrentar a qualquer dos homens sobre a substância ilegal.

Para não mencionar a inquietação que sentia ao pensar ter a ambos outra vez ao redor.

A confusão que Chloe sentiu era desenfreada e inquietante. Tão inquietante, que de fato, não tinha sido capaz de reconhecer sua frustração ante o lobo que tinha saltado a sua cama a outra noite, embora fosse um ouvinte muito bom e um grande companheiro. Apesar de ser um pouco caprichoso durante os passeios de carro.

Ela riu quando pensou nele. Tão inteligente. Tão viril e formoso.

Se além fosse um homem...

Mas não o era. E os dois homens que foram tão capazes de despertar a Chloe, eram mais espantosos que a besta de quatro patas que tinha passado a noite com ela.

Luke demonstrou sua inépcia para controlar sua cólera. Chloe já tinha visto que também tinha problemas tratando com seus outros impulsos.

Caine parecia muito talentoso em forçar a Chloe para relacionar-se com as debilidades de seu irmão.

Queria vê-lo outra vez. Queria provar outra vez mais dele desta vez. E queria que o provasse tudo dela.

E queria aquele homem dentro dela.

Chloe nunca tinha querido a um homem determinado. Tinha sido ferida antes, e depois se sentiu indócil à proximidade de muitos deles, pois não eram como os tinha imaginado. Inclusive Luke tinha revolto algo incontrolável nela. Mas não podia determinar o que era que a fazia tão sensível a Caine, se seus olhos, suas mãos ou o aroma que o identificava não só como homem, mas sim como um homem em particular.

O seu.

Seu coração realmente tinha selado o trato.

Isto era de loucos.

Quanto tempo fazia que o conhecia? Vinte e quatro horas? Não era tempo suficiente para saber que ele era dela. Ou é que ele tinha o coração do tamanho de uma montanha.

Os animais podem reconhecer a um futuro companheiro, nos minutos seguintes a seu primeiro encontro.

Animais selvagens, não animais racionais. Os seres humanos tinham que considerar coisas como a logística, os problemas derivados da família e a carreira.

Quando tais conceitos chocaram, a gente teve que considerar tais questões como a raça e a religião para escolher seus companheiros.

O investigador e o defensor que habitavam na Chloe se debatiam em sua mente, pensando na difícil tarefa que seria para ela reabilitar aos lobos, pois para cada investigador e biólogo, tinham como dever trabalhar contra a discriminação dos lobos.

Pobres, animais.

Chloe tinha se compadecido de tais animais ignorantes. Mas a única coisa em que estes animais eram ignorantes era no fato de ser vulneráveis em sua inocência, diante da capacidade do homem de ser estúpido e irrefletido em sua destruição. Uma situação em que suspeitava, tinha derrubado Barklee.

Guardou em seu sítio os mantimentos e se encaminhou para o dormitório para trocar-se e tentar reunir um pouco de coragem para enfrentar Caine e falar sobre esse tema em particular.

Ela se controlaria para que seu corpo não demonstrasse a necessidade que sentia dele ao voltar a lhe ver.

Não passou nada durante um momento. Chloe caminhou pela habitação recolhendo e pendurando a roupa e fazendo a cama. O nó no estômago não a deixava tranqüila, sempre lhe acontecia quando queria evitar fazer ou pensar em algo.

Os rastros sangrentos justo detrás das portas de cristais obrigaram-na a parar.

Rastros de lobo. Grandes.

O Alfa?

Não o tinha notado mancar como se estivesse ferido. Chloe jogou as savanas da cama para trás e examinou o sítio onde ele tinha estado à noite antes.

Estava limpo.

Apartou a vista das savanas brancas e olhou para as portas de cristais, abrindo uma delas. Ao abrir a porta facilmente de um golpe, respondia a pergunta de como o lobo tinha entrado na casa a noite antes.

Mas os rastros eram outro assunto. Chloe seguiu os passos através do chão, vendo que desapareciam na erva.

Estava de pé com as mãos em seus quadris inspecionando o pátio. Procurando mais sinais que lhe pudessem indicar o que tinha acontecido. Um animal morto. Que o lobo Alfa tivesse matado a noite antes. Possivelmente pensasse que esse era seu território agora e que a tinha que proteger. Procurou algo que explicará por que o lobo que a tinha visitado tinha os pés limpos, apesar dos rastros que ela suspeitava eram dele.

Uma cicatriz?

Não a tinha visto a noite anterior. Tampouco tinha visto Barklee depois de que ela tivesse voltado para casa. Só ao Alfa quando tinha despertado ao encontrá-lo em sua cama outra vez. E ele não tinha deixado nenhum rastro de sangue pela casa.

Não sabia. E pareceria que nunca poderia saber.

Mas nesse momento descobriu um pedaço rasgado e sangrento de tecido branco no bordo do bosque, ela sabia que estava menos preocupada com o lobo que pelo homem. E apesar das coisas que tinha que considerar as pessoas para escolher o par, eles escolhiam aos companheiros; Chloe compreendeu que seus conhecimentos sobre a biologia do reino animal não eram tão extensos como pensava.

Vinte e quatro horas. Vinte e quatro anos. Que diabos importava o tempo que tinha passado?

Os lobos não podiam medir o tempo.

E seu coração conhecia que era seu companheiro um minuto depois de havê-lo encontrado.

\* \* \* \* \*

– Caine!

Chloe olhou atentamente pelas janelas do abrigo e gritou seu nome outra vez. Ninguém respondeu e ela não podia ver movimento algum na casa. Seu coração pulsava veloz.

Ele estava ferido.

Não queria pensar que isso fosse possível. A camisa era idêntica a que Caine levava a noite anterior e Chloe só podia pensar que algo terrível tinha ocorrido. A própria cara do Luke era a prova de que os lobos eram animais selvagens, independentemente de quão domesticados pudesse pensar uma pessoa que eram. E com o Barklee estando doente, Chloe não tinha idéia de como podia reagir, depois de estar seu sistema exposto à droga.

De repente não estava tão zangada com Caine como antes.

Ela não queria pensar que poderia ser o animal que tinha consumido a droga o mesmo que o tinha mordido. Ou matado. Não, isso era algo que não passava muito freqüentemente. Os lobos não atacavam às pessoas sem ter sido provocados ou feridos previamente de algum modo. Estavam acostumados a estar evasivos e tranquilos ao redor das pessoas. Poucas vezes os animais saíam de seu meio. Ela sabia que eram pacíficos.

Mas Chloe nunca tinha visto um lobo depois de ter estado entre bastidores em um concerto, drogado e tampouco morto.

A cara do Jerry Garcia? cintilou em sua mente.

– Caine!

Ela correu à porta da rua e pegou no pomo para abri-la.

A Chloe gostava de viver por um fio.

Olhou na sala de estar e com cuidado jogou uma olhada pela esquina da cozinha.

– Olá!

De todos os modos nada.

– Caine? – Ela trágou com força e respirou. E chamou com menos entusiasmo esta vez.

– Luke?

Mas tampouco veio.

– Vá!

Chloe afugentou com a mão os maus pensamentos e subiu pelas escadas com cuidado, olhando atentamente em cada habitação aberta. Ao final do corredor encontrou uma porta fechada. Chamou com cuidado. E logo pouco a pouco foi abrindo-a, devagar quando notou movimento dentro.

– Olá!

Seus ouvidos não ouviram mais que o movimento.

Considerou que talvez Barklee estivesse ali. Talvez dormisse ali até que se encontrasse melhor e certamente ele não podia abrir a porta. Não tinha polegares. Chloe olhou a cada lado do corredor como um bom condutor e logo empurrou a porta para abri-la pouco a pouco.

Ele era bonito. Muito jovem. Também muito normal.

Quase.

Os auriculares obviamente lhe tinham impedido de ouvir sua chamada. As mulheres que apareciam nuas em cima da cama tinham muito busto, implantados e perfeitos, de conto de fadas.

E elas o tinham animado a fechar os olhos e bloquear todos os estímulos exteriores para poder concentrar-se... como chamaria a isso?

E pôr o assunto ao alcance de sua mão?

Chloe se mordeu o lábio para impedir de rir e logo soltou o fôlego quando pela janela da habitação seus olhos distinguiram a Caine que saía caminhando de uma das casas menores. Com cuidado, silenciosamente, fechou a porta e esperou até alcançar as escadas para soltar um suspiro de alívio, Caine estava bem. Então podia tranquilizar-se.

Baixou as escadas de dois em dois e diminuiu ao chegar abaixo para encontrar-se com o Caine. Ela ainda ria do jovem, que supunha, era outro irmão de Caine e no fato de que não estivesse ferido, quando alcançou a porta da rua.

Sua risada foi atalho por uma boca que sabia podia distraí-la e pôr tudo do avesso.

## Capítulo 15

Maldita seja... quanto tempo tinha passado desde que ele realmente tinha provado isto?

Sangue Quente era seu sabor favorito. Morte fresca. Esta era a mais agradável de suas necessidades.

Mas só porque não lhe estava permitido satisfazer suas outras necessidades corretamente.

Ele odiava o que era.

Luke agarrou a suave massa de cabelo vermelho com uma mão e o traseiro quente, firme desta fêmea, com a outra.

E se deu um festim.

Ela resistiu só durante um momento. Mas então algo pareceu assumir o controle em seu interior e foi obrigada a sentir a palpitação entre suas pernas e o úmido rocío que Luke sabia que podia provocar nela com a calidez de sua boca e mãos e o talento que ele tinha aperfeiçoado fazia muito. Mas que raramente praticava.

Às vezes gostava de ser o que ele era.

Mas não era muito freqüentemente. E sem os prazeres que aos homens normais estava permitido, Luke se perguntava por que às vezes se sentia assim.

Meagan o tinha feito recordar.

E Chloe ia refrescar sua memória.

E Caine se podia ir ao diabo. Luke sabia perfeitamente que Caine era o alfa, mas enquanto ele sustentava a carne desta mulher entre seus dedos e escutava seus gemidos quando ele simplesmente ameaçou separando sua boca da sua, Luke compreendeu que Caine estava impondo as regras tão veementemente por uma simples razão.

Luke não teria compartilhado esta mulher com alguém mais tampouco. Incluído seu gêmeo.

Ele e Caine eram geneticamente idênticos e assim teve sentido para Luke que ambos estivessem, outra vez, atraídos pelo mesmo aroma e gosto e sons de uma mulher.

Chloe falava com cada sentimento que Luke possuía.

E não importava que Caine a tivesse cheirado primeiro.

Mas sim importava realmente a Luke que embora Caine estava tentando fazer dela sua companheira, ele não estava tentando engendrar com ela ainda. Isso simplesmente não ia acontecer assim outra vez. Se Luke tivesse escutado a seus instintos quando tinha encontrado a Meagan, ele seria apenas um viúvo e não seu irmão.

Como ser, Luke não estava mais que envergonhado.

Ele nem sequer tentou separar sua boca outra vez enquanto a levantava e separava suas pernas quando a sentava sobre a mesa na entrada da casa de seus pais. Introduziu seu corpo entre suas coxas antes de abrir seus olhos e olhar seu rosto um momento. Seus olhos ainda estavam fechados e a maravilhosa vista da mulher em meio de seu prazer sexual fez sorrir a Luke e começar a beijar seu rosto, pescoço e o topo de seus peitos.

Sua face cabia facilmente dentro de suas palmas, enquanto ele empurrava sua cabeça para permitir o acesso de seus dentes à carne mais sensível de sua garganta. Ele sentiu o vibrante comichão abaixo, lhe ronronem som contra seus lábios ao ir mordendo gentilmente a suave, quente pele de seu pescoço.

Ela permitiu a sua cabeça ficar atrás quando ele a liberou para usar suas mãos em outra parte. Luke sentiu como ela levantava seu traseiro só um pouco quando desabotoava e desatava seu jeans, com seu movimento lhe permitiu escorregar seus dedos dentro das calcinhas de algodão que cobriam seu sexo.

Ela estava molhada. Luke já sabia isto quando o aroma de sua excitação tinha encontrado seu nariz ao minuto de que ela tivesse entrado no que era, com justiça, seu território. Mas só quando deslizou um dedo mais dentro dela para provar e saborear essa umidade impactou-o totalmente sua excitação, golpeando-o.

Isto era o que o fazia querer ser um homem. Um homem de verdade era o oposto ao que ele era. Luke sabia que sua cruz de raças o fazia um amante superior e mais forte que a maioria dos homens e isto lhe dava uma resistência sexual pela qual a maior parte das estrelas do pornô matariam.

Mas o que tinha de bom isso, maldita seja?

Suas opções estavam limitadas a possuir só o que seu irmão aprovasse e houvesse possuído ele primeiro...

...ou deixado.

E mesmo que o lobo no Luke quisesse sua própria manada e seu próprio território e sua própria companheira, o homem nele adorava a sua família.

Sobre tudo seu gêmeo.

Ele e seu irmão eram a personificação da maldição da dualidade da que eles tinham sido vítimas ao nascer. Nenhuma suspeitava Luke, se equilibraria dentro dele alguma vez. E nenhum seria capaz de viver felizmente por muito tempo sem o outro em sua vida.

Se seus cromossomos tivessem sido cortados para opor-se a isso, ambos os homens poderiam ter tido a vida que eles ansiavam.

Mas eles não tinham sido cortados assim. E então Luke estava determinado a satisfazer ao menos a metade de seu ser. Com a ajuda da mulher que tinha começado a gemer em seu ouvido enquanto introduzia seus duros, necessitados dedos dentro dela e movia seus quadris e pernas as localizando em posição para que pudesse terminar o que ele tinha querido tão mal lhe fazer no dia anterior. O que ele teria feito se ele tivesse sido o alfa.

Ou somente um homem.

Luke usou uma de suas mãos para liberar seu pênis de seu jeans e logo atirou dos quadris da fêmea para diante sobre a mesa para assim poder penetrá-la mais facilmente nesta feia e torpe posição humana. Seu próprio jeans foi facilmente tirado de

suas pernas e Luke simplesmente rompeu o débil tecido de suas calcinhas, as tirando do caminho.

Ela não lutava contra ele tanto como tinha suspeitado que faria. De fato, de não havê-la conhecido melhor, Luke podia ter pensado que o rosto da mulher era de uma expressão de prazer extremo, quando ele a tratou muito mais brutaemente que o que a maioria das fêmeas humanas estavam dispostas a suportar sem resistência.

O pênis do Luke ficou ainda mais rígido.

Com a Meagan tinha sido quase o mesmo. À primeira fêmea de Caine gostou de transar com os animais que Luke e Caine podiam ser quando eles tomavam a uma mulher.

Luke sabia disto de primeira mão.

Ele também sabia que a fêmea que tinha suas pernas ao redor de sua cintura para aproximar seu membro dela não parecia precisar absolutamente de tempo para acostumar-se à idéia de que estava a ponto de ser ferozmente possuída por algo menos humano que os lobos aos quais ela tinha permitido e animado a invadir o território familiar de Caine. Luke também suspeitava que ela não precisava de muito tempo para acostumar-se à forma de fazer amor de seu irmão.

Um lobo alfa pensa primeiro em sua manada.

Sempre.

E a outra parte dele, infelizmente, tinha que esperar seu turno.

\* \* \* \* \*

Os pulmões de Chloe doíam. Ela tinha esquecido de respirar. Toda sua atenção, cada nervo, estava dirigida a uma coisa.

Não era Caine que a estava tocando.

Ela não tinha tido tempo para ver se a cicatriz estava realmente sob sua cara antes que a lançasse sobre a mesa, mas seu corpo tinha detectado algo diferente ao minuto que ele tinha posto suas mãos sobre ela. Infelizmente, ao Chloe não gostava da mensagem que estava recebendo de seu corpo.

Estava aterrorizada pelo homem que fazia que seu corpo traísse seus desejos por obedecer a suas ordens. Ela estava molhada e excitada e queria que este homem a possuísse. E se Chloe não podia conseguir o controle sobre esse desejo esta vez, a vida que ela queria com seu irmão estaria acabada antes que tivesse a possibilidade de começar.

Pareceria que seu corpo também tinha um aliado em sua batalha pelo prazer que Chloe sentia estender-se através dos dedos, lábios e mãos deste homem. Luke Caine era duas vezes seu tamanho, são e muito ardente e definitivamente tinha a intenção de tomar o que queria dela.

Chloe não resistiu à oportunidade. Não se ele o fazia tão mal.

Ou o fez ela?

Sua mente pensou nos livros de Caine. Sobre as criaturas que ele se imaginou. Os homens que estavam à mercê de seus impulsos animais.

Quão animais não podiam negar suas emoções humanas.

Era a ficção. Chloe estava finalmente segura, relutantemente o aceitou. Mas era ficção saída da mente do Damon Caine. Um homem que era um gêmeo idêntico ao homem cujo pênis se apertava em sua abertura molhada, seu sexo já preparado. Um homem que estava a ponto de penetrá-la outra vez.



A mente do Luke e a mente de Caine tiveram que ser similares. Suas crenças e moralidade similares, embora fora pelo fato de que tinham crescido na mesma casa com os mesmos pais.

Tinha sentido, porque ela conheceu o Caine através de seu trabalho e através de sua intuição, quando ele a tinha sustentado para beijá-la e a tinha amado, também se podia conhecer algo sobre o homem que a beijava tão meigamente. Que a beijava tão apaixonadamente, a pesar do fato de sentir seu pênis que empurrava violentamente para entrar em seu corpo. O homem lhe oferecia um prazer físico que nunca se daria no reino animal.

A humanidade podia permitir o desejo da monogamia, pouca recompensa por seus muitos defeitos.

E era isto. Os sentimentos dos quais eram vítimas o coração de Chloe e a mente, que faziam que ela desejasse o prazer delicioso que este homem era capaz de lhe dar, com suas mãos, sua boca e seu sexo. Luke era brutal, mas bem um animal que um homem quando a penetrou. Mas Chloe queria a Caine. Precisava de Caine.

Ao menos seu coração e sua mente o necessitavam.

Luke?

Ela não podia manter seus olhos abertos, quando ele respirou em seu ouvido e lhe sussurrou.

– Chloe.

Esse grunhido. Essa voz. Tudo o que esse som produziu era fatal para o autocontrole de Chloe. Só de quantidades maciças de testosterona sairia tal barítono. Em uma sobrevivência dos mais aptos. Luke Caine poderia golpear ao criador o mesmo.

– Luke, por favor, pare– ela não pôde dizer mais, antes que seus lábios se encontrassem com os seu outra vez.

O beijo era quente. Firme, exigente, mas oferecia ao mesmo tempo. E parecia que Luke era tão efetivo com sua boca como seu gêmeo, nas conversações silenciosas.

Chloe sentiu seu coração pesaroso quando ele rompeu o beijo.

– Luke eu não quero fazer isso.

Ele a tinha ouvido. Mas Chloe ainda podia sentir a cabeça de seu pênis em seu sexo. A ponta quente, aveludada contra seus lábios, que ela não havia sentido tão inchados e necessitados antes. Eles não queriam lhe permitir mais espaço entre eles. O queriam em seu interior, onde ele poderia enchê-la primeiro de sua carne e logo mais de sua semente. Chloe queria isso exatamente. A semente de Caine semeando seu corpo. Um menino de Caine crescendo em seu útero. Mas tinha que vir do corpo de Caine e do amor de Caine. Não do Luke. E não devido a qualquer força que a consumia, ela podia vê-lo na expressão do Luke sem sua permissão consciente ou seu esforço.

Suas mãos tinham diminuído ligeiramente seu apertão. Mas ainda não se afastaram completamente.

Chloe suspeitou que este homem tinha mais de um problema, preocupando-se de deixá-la cuidadosamente.

Ela olhou tão profundamente nos olhos de um predador como suspeitava que ele era alguma vez. E viu a vida e a morte, que ela sempre olhava na batalha pelo domínio, quando se enfrentavam a tais situações.

E a deixou. Como sempre isto o fazia sofrer, independentemente de poder olhar um animal voltar da selvageria ou ao indolor desprovido de morte.

Quando ele a liberou e ela devagar alcançou seu jeans e seguiu estudando os olhos deste homem. Queria ver se havia cólera ou raiva, ele ainda lutava contra o que eles não podiam compartilhar. A irritação que ela tinha visto o dia antes quando ela

tinha querido tomá-lo. Mas estranhamente, Chloe não encontrou irritação ou raiva nos olhos do Luke Caine. Não havia ódio por ela ou por seu sexo em seu fixo olhar. Um olhar que lhe disse que alguma mulher tinha convertido em frio e insensível seu coração.

– Já o ama, não é?

Chloe estava silenciosa e confundida. Os olhos do Luke tão parecidos com o uivo que ela tinha ouvido a noite anterior. Que tinha escutado sem querer admitir o que o animal lhe estava dizendo ao mundo com sua voz tão distinta.

O único uivo de um lobo com um modelo de jogo fixo, não de um lobo em acoplamento ou um lobo defendendo seu território. Isto era o uivo de um lobo de luto.

O olhos do Luke disseram a Chloe que ele poderia amar, embora era um sentimento, um impulso que não sentia desde fazia muito tempo. E lhe disse que ele não a amava. Não ainda. Mas não porque não gostasse ou não queria lhe dar tempo. Porque essa emoção tinha consumido sua alma, tinha esquecido para muito tempo como se amava e não tinha deixado espaço para florescer de novo.

Luke Caine não a amava simplesmente porque ele não poderia.

Algo em sua demora a inquietava. Um pouco desesperado e ruidoso, a pesar do forte silêncio que a havia sustentado, pareciam umas vibrações, um uivo. Um uivo que feriram os ouvidos de Chloe quando o silêncio se rompeu. Um uivo que dizia ao Chloe, que morta estava desprovida de dor para estas criaturas, que era somente outro conto de fadas.

Chloe ouviu o som de arranhões na porta de cristais, mas não olhou. E não se levantou. Ela atenderia as patas do alfa mais tarde. E Caine estava bem. Tinha entrado na cidade. Isto era a única coisa que tinha conseguido que Luke lhe dissesse quando ela tinha tentado dirigir-se a ele.

Quanto a Chloe estava ferida emocionalmente. Mas era uma dor tão profunda e violenta, que seu corpo o tinha tomado para compartilhá-lo e diminuir a carga em sua alma.

Corpo e alma.

Luke e Caine.

E nenhuma quantidade de amor de ambos, seria bastante para fazer que se sentisse bem nesse momento.

## Capítulo 16

Os golpes eram insistentes. E ruidosos. Chloe se sobressaltou com o som e se sentou na cama. Fora estava escuro e dormiu com a roupa posta.

Viam-se vários rastros lamacentos sob a porta.

O som dos golpes fazendo-se mais fortes afastou sua atenção da pontada de pesar que sentia agora por não ter deixado entrar o seu amigo de quatro patas, quando a tinha chamado antes. Fora estava úmido. E frio.

E Chloe poderia ter feito uso de um velho amigo.

Porque seu amigo mais recente tinha conseguido lhe romper o coração.

Caminhou até a porta da rua e tirou o ferrolho de segurança que quase nunca usava. E a porta se abriu de repente.

– Está bem?

Ela assentiu. E tentou não chorar.

Caine estava de pé diante dela e a olhava fixamente sem ter idéia absolutamente de quanto ele significava para as pessoas de sua vida. O homem não reconhecia sua própria força. Inclusive quando estava ausente exercia seu poder e influência. O fazia sem sequer um esforço consciente, sem sabê-lo.

Um verdadeiro alfa era assim.

Um as mãos familiares se estenderam para Chloe. Poderia refugiar-se nessas mãos. Porque as mãos de seu irmão, seu gêmeo, tinham-na deixado partir.

Um animal que não desafiaria a sua consciência, ou ao seu irmão, apesar de quem o pretendesse.

Caine podia cheirá-lo.

Eles tinham estado juntos.

Mas não completamente.

Sua boca tomou a sua e seu nariz se encontrou com o aroma de seu irmão. Caine alcançou seu cabelo e de novo se viu assaltado pelo sinal de seu irmão sobre sua mulher.

Sua cólera só se refreava pelos sentimentos que albergava para a mulher que tinha entre os braços. E pela compreensão que tinha do desejo de seu irmão. Luke a queria. Tal como tinha querido a Meagan.

Mas Chloe pertencia somente a ele.

As emoções de Caine estavam completamente sob o controle de sua mente, enquanto percorria com suas mãos à mulher que queria fazer sua em cada sentido da palavra. Luke mesmo havia dito freqüentemente que deveria ter montado a Meagan diretamente, a primeira vez que a tinha visto. E agora Caine entendia o porquê.

Luke tinha esperado. O homem tinha contido seus impulsos tanto tempo como tinha podido, e muito possivelmente, por primeira e única vez em sua vida, porque tinha amado à mesma mulher que seu gêmeo queria. Mas antes que Luke pudesse fazer sua a Meagan, Caine tinha respondido aos seus próprios instintos animais e tinha feito amor com ela, tal como ela tinha querido que fizesse.

Meagan tinha se casado com Caine porque o amava. E ela o tinha amado mais do que amava a Luke, Caine não tinha nenhuma dúvida a respeito. Mas muito possivelmente outro homem a teria amado mais do que Caine jamais o tivesse feito.

Não tinha sido vingança o que tinha provocado que Luke fizesse amor com Meagan.

Tinha sido o instinto. Que o gêmeo de Caine tinha sentido de amar a sua companheira.

O mesmo instinto que Caine sentia em seu interior neste mesmo instante.

O que fazia suspeitar a Caine que só duas coisas podiam estar passando pela cabeça de seu irmão. A primeira possibilidade consistia em que Luke estivesse planejando agora sua vingança com a mulher que Caine tinha encontrado. A pessoa que realmente o completava. Caine tinha em sua vida aquilo que lhe tinha tirado de seu irmão, e esse fato provocava algo dentro de Luke que o superava. Alguma emoção humana que era tão forte que até Luke estava indefeso ante seu poder.

A outra possibilidade era que Luke também se apaixonou de novo.

Infelizmente, Caine não podia decidir qual das duas coisas provocava a tensão no ambiente enquanto sustentava a Chloe em seus braços. Mas ali estava. Densa e invasiva entre eles.

Chloe parecia sentir algo igual de forte. Caine tinha descoberto suas próprias emoções assim que tinha aberto a porta e a tinha tomado em seus braços. Estava ali sobre sua pele, em seus olhos, e vibrando para ele através de seu contato.

Mas não podia distinguir do que se tratava.

Era que ainda estava pendente de seu irmão? Ou acaso a mulher que tinha dentro da boca e a quem estava acariciando, sabia e desfrutava do fato de que fosse Caine quem se supunha faria amor com ela e não Luke?

Caine afastou sua cara e a olhou fixamente aos olhos. Aqueles hipnotizantes poços femininos, pelos quais um homem poderia perder sua vontade de viver.

Sorriu-lhe. Seu corpo relaxado enquanto Caine a sustentava e a consolava. E seu aroma mudou, fazendo-se mais forte do que nunca tinha detectado em outra fêmea em toda sua vida.

Nem sequer em sua esposa.

As mãos dela eram cálidas e suaves e Caine as sentiu deslizar-se sem esforço ao redor de seus ombros e para baixo por suas costas, enquanto ela pressionava sua boca na sua. Sabia a quem estava abraçando. Chloe era bem consciente do fato de que era Caine o homem com quem se supunha devia estar.

E possivelmente seguiria sentindo-se assim. Ao menos até que averiguasse o que Caine era em realidade.

Caine apagou a esperança que tinha começado a sentir quando ela se entregou em seus braços. Inclusive com tanto afeto e amor como sentia que provinha dela, duvidava que nenhuma mulher pudesse aceitar rapidamente a revelação que precisava fazer. Seu comentário sobre a história de sua família ainda lhe feria. Não queria acreditar que ela encontrasse as histórias ridículas, mas a lógica certamente pareceria indicar essa conclusão.

– Quero-te dentro de mim.

Caine a sentiu lhe mordendo no pescoço enquanto exalava as palavras. Ele queria o mesmo, mas não ia chegar até o final. Não até que Caine pudesse fazer amor com ela de verdade. Não, ainda não.

Não o faria jamais, a menos que Chloe pudesse sentir amor pelo que ele era, a menos que pudesse corresponder ao seu amor.

– Vamos ao dormitório, – declarou Caine enquanto puxava sua mão. Ao chegar junto à cama, Chloe permitiu que lhe tirasse a camisa e o jeans. Ficou de pé ante ele, com sua calcinha e o sutiã.

– É formosa, – disse-lhe enquanto movia as mãos sobre sua carne.

– Voluptuosa. Saudável. – Sentiu como se agarrava aos seus braços com os dedos, enquanto a explorava com seus próprios dedos e com seus olhos.

– É tal como deveria ser uma mulher, – grunhiu ele.

Sua carne suave e sensível cederia ante a sua durante os anos por vir, enquanto ele repetidamente a montasse e fizesse amor com sua companheira. O homem em Caine amava a quente almofada de sua saudável carne feminina, pressionada contra seu corpo mais duro e menos acolhedor. Seus quadris, peitos e seu ventre levariam e alimentariam aos seus filhos com grande facilidade. Aqueles traços atraíam a ambos os lados do ser de Caine.

– Vêem aqui. – Caine tomou um seio ainda coberto, com sua mão e elevou seu joelho até pressioná-lo contra o fino material que cobria seu sexo enquanto a empurrava para ele. Ela ofegou um pouco ao sentir o calor que seu joelho lhe proporcionava. Outra vantagem de seu sangue misto que ela já tinha notado, mas que ainda não se explicava a si mesma suspeitava Caine.

Seus mamilos se mostravam ante ele, rogando que os tomasse e Caine moveu sua mão para apertar um deles entre seus dedos.

Os próprios dedos de Chloe se aproximaram para satisfazer ao outro enquanto sua boca se aproximava da dele.

Ele ignorou o aroma que seu irmão tinha deixado sobre sua pele e o sabor que tinha deixado em sua boca. Caine se concentrou só nela. Seus aromas, o som de sua respiração e de seus suspiros e de seus gemidos, a visão de seu corpo avermelhando-se de entusiasmo e desejo.

– Quero saber tudo sobre ti, – disse ele entre beliscões e dentadas.

– Tudo, Chloe.

Ela lutava tratando de respirar, enquanto lhe dava sua resposta.

– Pode ser que haja algumas coisas de mim que você não gostaria de saber,

Caine.

Ele sacudiu a cabeça e liberou o mamilo de entre seus dentes.

– Não há nada de ti que pudesse me desgostar, amor.

Ele só teve que impulsioná-la e ela se deitou sobre a cama. Suas mãos vagaram pela paisagem de seu corpo, seus dedos tomaram seu tempo para encontrar cada colina e todas as zonas sensíveis, todo seu calor, suavidade e suas formas curvilíneas.

Sua boca lambeu seu umbigo. Caine sentiu como Chloe continha o fôlego ao perceber para onde se dirigia. Ele sorriu e voltou com sua língua para o mamilo, rodeando-o através da capa de tecido que o revestia.

– Quer isto, verdade?

Ela não respondeu, mas Caine já sabia a resposta. Sabia o quanto desejava isto. Seus olhos caninos já havia sentido antes a necessidade que provinha dela. Era uma necessidade de conectar com outra criatura viva. E tinha satisfeito facilmente aquela necessidade dela na outra vez. Seus olhos humanos também a tinha visto satisfeita pelas gemas de seus dedos, com assombrosa facilidade.

De fato muito facilmente em opinião de Caine.

Sua idéia era cruel. E algo que mais pareceria que faria seu Nêmeses do mundo animal. Mas Caine podia atormentá-la e torturá-la e jogar ao gato e ao rato tão bem como o faziam as panteras que compartilhavam o bosque com sua espécie.

Entretanto, havia uma razão para o desejo de Caine de torturar a Chloe, com a antecipação do prazer que acharia em sua entrega completa, quando lhe fizesse amor.

Embora quisesse acreditar que Chloe aceitaria seus costumes e chegaria a amá-lo inclusive mais do que sua esposa o tinha feito, não tinha nenhum modo de estar seguro. Não a conhecia desde fazia tanto tempo como conheceu sua esposa antes de fazer amor com ela. Mas havia uma coisa da que realmente estava seguro.

Uma mulher desesperadamente necessitada de prazer era tão perigosa como um homem com sangue de lobo bombeando através de seu coração. E uma mulher que necessitasse desesperadamente ser possuída estaria muito mais disposta a aceitar a seu homem, que uma mulher satisfeita.

E Caine sabia como fazer que uma mulher esteja desesperada de necessidade.

Igualaria o campo do jogo, por assim dizer. Seu ciclo fértil terminou por isso Caine tinha outro mês mais ou menos, para torturá-la e submetê-la. Depois de ver quanto tinha desfrutado Chloe de seu lado mais brutal quando pensava que ele era Luke, Caine realmente não queria diminuir seu próprio nível de brutalidade quando lhe fizesse amor à próxima vez. Nesse momento simplesmente se levaria a sua companheira. Quisesse a fêmea ou não.

E em realidade, por que não lhe teria ocorrido primeiro?

Para ser sincero algumas vezes Caine se assombrava inclusive a si mesmo com seu engenho. Riu em silêncio enquanto elevava sua boca até a sua e movia sua mão para baixo. Agarrou-a. Firmemente, mas esta vez sem lhe fazer dano. Permitindo unicamente à ponta de seus dedos escorregarem em seu interior. Torturou-a de novo mantendo suas calcinhas entre eles. E só o tempo suficiente para sentir como seu pulso começava a fazer-se mais forte dentro de suas calcinhas.

Sua língua entrava e saía rapidamente de sua boca. Mostrando-lhe o que logo lhe faria.

Só que não lhe disse que já o tinha feito outra vez. Ou que a repetição de sua atuação não teria lugar hoje.

– Caine... por favor...

O corpo de Chloe começou a apertar-se e relaxar-se em um ritmo sexual, enquanto Caine movia sua boca para baixo, até um mamilo.

Seus dedos se introduziram sob a seda e encontraram o duro botão de seu seio. Apertou-o. Firmemente, mas não tão firmemente como ela quisesse. Podia sentir a frustração em seus movimentos.

Caine sorriu para si mesmo ante sua resposta. Era uma pequena raposa masoquista.

– Mais forte, – choramingou ela enquanto se retorcia debaixo dele. Seu corpo se contorceu e tratou de alcançar uma posição mais agradável, como se de algum modo pudesse aumentar a força de seu aperto. Seu corpo paquerou com seus olhos. O modo em que se movia era sedutor e sugestivo. Prometendo-lhe o que quisesse se tão somente ele cumprisse sua petição. Suas ações e sua linguagem corporal lhe pediam com acanhamento que apertasse seu mamilo mais forte, sabia que era o que ela queria. Depois de tudo, seu pequeno grunhido de irritação lhe perguntava se não era para isso para o que estavam os homens.

Quando isso tampouco funcionou, o seguinte gemido que saiu de sua garganta foi uma súplica.

Caine sorriu abertamente outra vez, ante o modo realmente brilhante e eficaz de pensar e atuar de uma mulher quando queria algo de um homem. Mas de algum modo conseguiu rechaçar lhe dar o que lhe estava pedindo.

Em vez disso lhe deu sua boca de novo. Chloe agarrou seus lábios, apertando sua boca na proporção exata em que queria, assim o suspeitava Caine, que ele fizesse quando tomasse seus mamilos ou seu sexo entre seus lábios. Caine estudou a pressão. A intensidade. E lutou contra a necessidade que sentia em seu interior enquanto escutava atentamente os gemidos e suspiros de sua mulher, ao sentir seu tato sobre ela.

Decidiu que seus atos teriam um duplo propósito. Estudaria. Aprenderia. Descobriria o que fazia que Chloe fosse ela mesma, diferente de qualquer outra mulher. E então, quando fosse seguro para ele lhe dizer a verdade, e quando a tivesse em tal estado de necessidade que estivesse muito excitada para preocupar-se de que uma mutação da lei da natureza estivesse dentro de seu corpo, em vez de um homem de sangue puro, Caine lhe faria amor outra vez. Como o homem completo que queria ser de novo.

Ou possivelmente, simplesmente o amaria muito para preocupar-se do que ele fosse realmente.

Isso era o que realmente queria. Esse era o desejo de Caine. Aceitar-se a si mesmo e obter que sua mulher o aceitasse também. Por si mesma. E este era também seu desejo para seu gêmeo, embora suspeitasse que muitos outros fatores tivessem que entrar em jogo antes que pudesse ver seu sonho feito realidade.

De momento, tinha esta tarefa entre as mãos. E na boca. E sob controle, por isso Caine podia ver.

Afastou seus lábios dos seus e se deslizou para baixo por seu corpo. Caine alcançou seu mamilo e lhe deu um mordisco exato que queria, parando unicamente o tempo suficiente para introduzir dois de seus dedos sob sua calcinha e colocá-los em seu sexo uma só vez, rapidamente. Logo levou os dedos à boca e saboreou seu sabor. Viu suas pupilas dilatar-se ante sua ação antes de abandonar o dormitório e fechar a porta da rua ao sair.

– Caine?

Chloe jazia sobre a cama ofegando, depois de escutar a porta da rua se fechar com um estalo.

– Caine?

Mudou de postura na cama, olhando ao redor, atrás da esquina e na sala de estar. Estava vazio.

– Pequeno filho da puta.

Parecia que os irmãos Caine estavam empenhados como o inferno em deixá-la louca aquele dia. Embora Luke não fosse o homem com o que se supunha que devia estar certamente tinha feito um grande trabalho esquentando-a quando tinha tomado sua boca e lhe tinha recordado como seria fazer amor com Caine. Agora que Chloe jazia sozinha. E mais excitada do que acreditava humanamente possível devido a Tweedle Dee1 não tinha terminado o que tinha começado, Chloe se perguntava se possivelmente deveria haver transado com o Tweedle Dum de novo.

Mas isso estava fora de toda dúvida. Não importava quão condenadamente excitada estivesse. Apesar das fantasias que gostava de ter, Chloe só queria a um homem em sua cama. Um homem em seu corpo.

Todos outros ficariam confinados para sempre aos dormitórios de seus sonhos e às brincadeiras do passado. Mas estava começando a perguntar-se se teria melhor sorte com um orgasmo à antiga, mediante uma cópula real, que se fizesse a viagem ao País das Maravilhas por si mesma. O Chapeleiro Maluco? Parecia o suficientemente retorcido para poder com as de seu tipo, supunha ela.

Mas agora mesmo, no dormitório, também Caine lhe parecia muito retorcido. Inclusive mais do que teria pensado dado o que lhe tinha feito.

O bastardo.

Chloe sorriu abertamente e se perguntou o que estaria planejando o muito besta para a próxima vez. E sorriu porque a promessa de ter a ele dentro de seu corpo a enchia de dor pela necessidade e o desejo. Agora, enquanto jazia sozinha sobre sua cama, sentia-se vazia sem seus dedos ou seu sexo para encher seu corpo ou sua companhia para encher sua mente.

Estava torturando-a. Atormentando-a. Tinha podido senti-lo nas gemas de seus dedos, enquanto os arrastava fora de seu corpo. A dura e enfática evidência do que queria obter dela, tinha-a pressionado enquanto a empurrava sobre a cama e Chloe sabia que tinha que estar sofrendo tanto como ela.

Chloe tinha que considerar a possibilidade de que Caine estivesse se assegurando não só de que realmente quisesse a ele em vez de seu irmão, mas também se assegurando ele mesmo de que queria a alguém com quem Luke já tinha estado. Não queria pensar que Caine fosse de mente tão fechada, mas existia aquela possibilidade.

Também considerou que poderia estar preocupado porque ela não fosse o tipo de mulher, lógica e conciliadora, que um homem da inteligência de Caine necessitaria em sua vida. Chloe se sentia muito irritada pela possibilidade de que ele fosse tão pouco tolerante com ela, se descobrisse suas fantasias um pouco excêntricas.



Sempre tinha pensado que havia outras coisas que compensavam os pequenos defeitos, quando uma pessoa encontrava ao seu par. Como o amor. E a devoção. O entendimento mútuo.

E o sexo realmente bom.

Além do amor e a devoção e o mútuo entendimento, o que Chloe definitivamente mais necessitava deste homem era a parte do sexo. Desesperadamente. Seu corpo estava em pé de guerra, vendo como tinha permitido que a pusessem a ponto de..., duas vezes no último dia, por dizê-lo de algum modo, para logo não conseguir sentir a masculina, dura e autêntica ereção de Caine, satisfazendo-a em seu interior.

Deitou-se sobre a cama outra vez, olhando para o teto. Podia ver a Caine em sua mente. Forte em cima dela. Rondando-a. E logo a pressionando quando seu próprio prazer se fizesse muito para suportá-lo sozinho.

Chloe lançou outra olhada à sala de estar para assegurar-se de que não se ocultava detrás da esquina e de que não estava examinando as gavetas, procurando uma camisinha.

Não. Ainda estava sozinha.

Deitou-se de novo e fechou os olhos. Voltou a imaginar-lhe em cima dela. Olhando-a fixamente. Seus dedos seguiram seu caminho, deslizando-se para baixo por seu corpo, parando-se para atormentar e apertar cada ponto necessitado de atenção. Sua pele se sentia lisa e mais fria que a dele, e teve que parar e pensar se eram coisas como esta a que lhe punham duro quando a tocava. Sempre a tinha fascinado pensar o que era o que punha duros aos homens, do corpo de uma mulher. Seu tato, seu aspecto e seu aroma não se pareciam em nada aos dele. Chloe poderia ficar ante o espelho durante dias, olhando seu próprio corpo e perguntando-se o que era o que um homem via quando seus olhos olhavam sua carne.

Quanto ao que a fazia umedecer-se, Chloe já sabia a resposta. E usou esse conhecimento enquanto continuava em solitário com sua fantasia. O corpo dele era quente e robusto. E estranho, de um modo que o fazia recordar que não era sua própria carne a que tocava, a não ser a de outra criatura. Do sexo oposto.

Converteu seus dedos nos dele. Chloe imaginou a Caine lhe agarrando o sexo. As mãos de Caine amassando e acariciando suas coxas e seu traseiro. Os dedos de Caine em seu interior.

Ele acariciou seus clitoris. Torturou-o. Chloe levou as pontas dos dedos à boca e saboreou o lugar onde a pele dele tinha estado em seu interior. Tal como ele tinha feito antes de deixá-la. Tão somente um momento.

Não estaria tão sereno quando finalmente gozasse. Assim esperava. Nem tampouco ela estaria. Os olhos de Chloe permaneceram fechados e gemeu enquanto pensava em como ele tinha tremido ao tocá-la. Caine tinha estado explodindo de necessidade em seu interior, e de novo negou a si mesmo o prazer. Chloe só podia esperar que quando ele cedesse completamente ante seus impulsos, os resultados estariam à altura de todas as histórias que tinha lido ou inclusive das que tinha tido o valor de imaginar.

Possivelmente isto era o que queria dela. Talvez fosse possível que tivesse usado o tremor de seu corpo e os sons de sua respiração e a sensação de seu pulso, como uma lição sobre o que ela realmente queria. Que a deixasse sozinha depois de semelhante dia não era o que tinha estado procurando. Mas se isto conduzia a que ele se comportasse como a besta que ela queria que fosse Chloe o esperaria.

Seu corpo, entretanto, não se mostrava muito de acordo com sua satisfação mental. Chloe sentiu seu sexo começar a palpitar e pulsar profundamente em seu interior. Diminuiu o movimento de seus dedos e os mergulhou dentro antes de apertar-

se contra seu gordo clitóris outra vez e esfregar-se. Doíam-lhe os mamilos e Chloe molhou os dedos de sua outra mão com a excitação de seu próprio corpo antes de torturá-los, um de cada vez.

Imaginava a boca de Caine sobre seus mamilos. Sua faminta língua. Seus lábios cheirariam e teriam gosto do sexo dela, depois de que a tivesse provado e amado com sua boca.

Apertou-se enquanto gozava. E logo obrigou a si mesma a relaxar-se enquanto cavalgava seu clímax. Tal como teria que relaxar quando o tomasse todo dentro dela. Chloe imaginou seu sexo cheio e satisfeito com tanto dele em seu interior. Tanto dele como pudesse tomar.

Possivelmente mais se assim ele necessitasse.

Não estava bem, nem tampouco era o modo de pensar da mulher moderna, estar disposta a dar tanto de si mesma a um homem que até lhe doesse. Fisicamente, emocionalmente ou sexualmente.

Mas os sonhos e as fantasias de Chloe não tinham sido formados pela sociedade. Sua imaginação sexual se desenvolveu através do bosque, com as sombras e as histórias de homens que, segundo ela sabia, necessitariam mais do que eram capazes de dar as mulheres da sociedade normal e apropriada. Inclusive embora eles estivessem dispostos.

Caine lhe daria tudo o que necessitava. Algum dia. Sabia. Enquanto Chloe se tornava e permitia que seu corpo pulsasse com um ritmo de satisfação ao menos físico, pensava no amor de sua bisavó. Que não tinha existido.

Mas aquele cuja presença, Chloe de algum modo, sentia enquanto seu orgasmo minguava e ela se girava para ver um velho amigo sentado fora da porta de cristal.

Olhando-a.

Se não soubesse melhor, pensaria que lhe sorria por haver gozado tão logo após Caine deixá-la excitada e sozinha.

– Onde estiveste?

O lobo entrou pela porta que Chloe tinha aberto no mesmo instante em que o tinha visto vagando lentamente pelo alpendre. Parecia cansado, com os olhos vermelhos e a cabeça pendurada mais baixa do que jamais deveria.

Chloe se ajoelhou e agarrou a cara do lobo. Mas seus olhos não se elevaram para encontrar-se com os seus.

– O que te passa garotão?

O lobo se sentou e suspirou enquanto olhava ao redor da cabana. Chloe seguiu seus olhos percorrendo a habitação. Estava procurando. Mas não sabia o que.

Supôs que podia cheirar que Barklee acabava de estar ali.

– Sente-se bem, precioso?

Chloe se sentou no chão e chamou ao cão. Ele a olhou nervosamente antes de levantar-se e logo reconsiderando sua oferta, descansou de novo sobre o chão. Chloe moveu seu próprio corpo e alcançou a cabeça do cão.

– Vêem aqui, moço.

Alisou-lhe o cabelo descendo pelo pescoço. Acariciou e esfregou seu pescoço. E com cautela beijou o úmido e cálido nariz do lobo. Seus olhos se encontraram com os dela e viu como meneava a cauda duas vezes contra o chão.

Chloe lhe sorriu e agarrou sua formosa cara entre suas mãos.

– Simplesmente necessita um pouquinho de carinho, não é assim, amor?

Moveu seu dedo ligeiramente à esquerda e o olhou outra vez. Assombrou-a comprovar quanto se parecia com o alfa ao tampar aquela cicatriz.  
O animal nem sequer tentou sair de seu abraço.

## Capítulo 17

– Ele é mais besta do que você poderia chegar a ser na vida. Abandona-me aqui, deixa-me satisfeita, pronta para ele e não faz nada para satisfazer a si mesmo – Chloe suspirou e sorriu ao mesmo tempo.

– Maldição, eu quero a esse homem.

Caine estava estendido no tapete diante da lareira e escutava a Chloe falar dele, enquanto empurrava um tronco para colocá-lo na lareira fazendo-o rodar e chamuscava sua formosa, amaciada e maldita cauda, com as faíscas que fez saltar. Caine odiava o inverno. A estática sempre o fazia fofo e bonito e isto o fazia zangar-se mais que os cães vagabundos que faziam xixi nas rodas de seu Hummer.

Chloe empurrou uma vez mais o tronco, sem conseguir colocá-lo bem e este caiu no tapete ao seu lado. Caine pôs os olhos em branco e olhou o fogo e o desastre iminente que ia se produzir. Supôs que poderia urinar nas chamas quando se acendessem, mas ia necessitar uma cerveja pelo menos.

Maldição desejava muito.

Caine se levantou e andou até o frigorífico antes de dar-se conta, ao momento, de que não tinha os malditos polegares para poder abrir a cerveja.

E podia cheirar claramente uma Michelob. Chloe o seguiu à cozinha, depois de voltar a colocar de mal jeito o tronco.

– Quer algo de comer?

Não, quero uma cerveja.

– Que tal carne-seca? – Disse-lhe. Caine pôs em branco outra vez seus olhos.

Carinho poderia saber que qualquer palavra que contenha “Carne seca” não consegue me excitar nestes momentos?

– Vamos ver...

Caine se sentou e olhou a Chloe começar a verificar o frigorífico. Caine descobriu a cerveja. E alguns restos de comida chinesa que estariam saborosos. Mas nada atraiu mais rápido sua atenção que o que a mulher fez depois.

Inclinou-se!

E os antepassados de Caine teriam se levantado de suas tumbas se não aproveitasse essa postura.

\* \* \* \* \*

– Merda!

Chloe procurou o corpo do lobo antes de se levantar do chão. Não tinha sido sua intenção nocauteá-lo como o fez, mas a força de seu intento por montá-la tinha sido um pouco mais forte do que estava preparada para manejar e se defendeu de maneira automática.

– Oh, maldição– amaldiçoou outra vez enquanto examinava ao lobo. Tinha ouvido claramente o golpe contra o chão de madeira, quando tinha caído em cima dele em sua luta por afastar-se para trás. Chloe tentou conseguir que sua bata se fechasse, mas como seguia se abrindo, retirou-a e a lançou ao chão antes de ficar em contato com o lobo outra vez.

– Merda– disse por enésima vez ao se levantar do chão para encontrar algo em que o lobo descansasse sua cabeça até que pudesse levantar-se outra vez. Nesse exato momento usou outra vez sua bocarra, sabendo que teria que limpar-lhe uma vez que Caine e ela tivessem filhos.

Um tronco da lareira rodou para o tapete e rapidamente acendeu o material com um rangido, iluminando a habitação.

“Oh, maldição!”

O bom é que ela não estava esperando nada.

E isso era por não curvar-se, ao menos. Não esperava os filhos de Caine até e não tinha estado esperando que o lobo tentasse ter seus próprios filhos com ela, e agora não estava esperando que a cabana de seu tio se incendiasse.

Chloe se moveu depressa para fazer algo. O que fosse. E aí estava, era muito ao mesmo tempo. Tinha que, mm, fogo... sim. Apagar o primeiro fogo. Logo pôr gelo na cabeça do lobo. Encontrar-lhe um casal, possivelmente isso seria o primeiro. Fechar a porta do frigorífico...

– Demônios!

O merecia, porque Chloe não tinha esperado enrolar-se com a maldita bata que tinha atirado. E não esperava que o chão fosse tão duro quando se deu com ele na cara.

– Maldição!

Conseguiu levantar-se e estudou a catástrofe que tinha organizado em um momento. Sua bata, misteriosamente, havia desaparecido de seus tornozelos. A carne-seca, que tinha esquecido que tinha nas mãos quando procurava no frigorífico algo para que o lobo mastigasse, estava espalhada pelo chão. Seu tornozelo se inchava com cada pulsar de seu coração. A porta da rua estava aberta e o lobo não se via por nenhum lado.

Oh, sim. A cabana de seu tio ia ser a maior churrasqueira de salsichas do mundo.

Chloe apertou os dentes e tratou de levantar-se sobre o tornozelo que acabava de torcer. Doía como o inferno. Então começou a avançar lentamente engatinhando através do chão, rezando a Deus para que o lobo não estivesse detrás dela.

Não estava. Menos mal.

Mas o que viu na porta da rua, quando olhou, enquanto estava sobre mãos e joelhos e nua, era mais espantosa que o intento canino de induzi-la a sodomia.

Chloe observou a Caine desde sua posição na cama, enquanto limpava as últimas brasas e as devolvia à lareira. Podia vê-lo enquanto cruzava de um lado a outro diante da porta do dormitório; a bata de seda rosada voava atrás dele cada vez que se dava a volta para juntar mais escombros; por sorte, parecia que ele tampouco podia manter a maldita coisa fechada. Chloe sorriu ao lançar um bom olhar ao que suspeitava tinha estado ocultando nesses Levi's que utilizava normalmente. E logo franziu o cenho; se o modo zangado em que tinha apagado o fogo, tinha pegado do chão e levado a cama, sem dizer uma palavra antes de limpar o desastre que ela mesma tinha organizado, servia de indicação, Chloe não ia desfrutar de nada do que tinha podido vislumbrar.

Estava zangado.

Estava sujo, imundo, cheirava a fumaça e estava limpando o desastre que nunca devia ter ocorrido, porque Chloe sabia bem como se ocupar do fogo.

E acima de tudo, enquanto levava uma linda bata rosada.

Senhoras têm que amar a um homem para poder viver momentos como este!

Chloe não podia estar mais de acordo. Não tinha nem idéia de como ia explicar Caine o fato de que, evidentemente, estava vagando pelo bosque estando completamente nu, daí a necessidade da bata rosada e misteriosamente tinha entrado por acaso em sua cabana quando estava em chamas. Duvidava que fosse capaz de admitir que a estivesse observando em segredo e desfrutando ou algo assim. Não estava segura, mas podia adivinhar que viver tais experiências lhe servia para cultivar sua criatividade na hora de escrever sobre homens nus perseguindo mulheres e deitando-se com elas em meio dos prados, sobre bancos de flores ou enquanto se apoiavam contra os troncos das árvores.

O pensar em Caine e Luke correndo nus através das sarças e do mato, para deitar-se com ela sobre um tronco, excitava-a por razões que não podia começar a entender. Embora nunca admitisse ante nenhum deles seus pensamentos. Mas admitiria uma coisa a qualquer que quisesse sabê-lo.

Amava a este homem!

Amava a Damon Caine, tanto como sua mente e seu coração o podiam suportar sem voltar-se louca. Alguns dias ririam disto, uma tarde de setembro quando estivesse chovendo muito forte e fizesse tão frio fora como para que qualquer dos dois não quisesse fazer outra coisa que estar na cama e transar como coelhinhos em êxtase.

Talvez então lhe perguntasse sobre sua falta de roupa e suas musas criativas. E suas diversões.

Mas por agora, teria que encontrar a maneira de que não estivesse tão zangado com ela por fazer dele o Senhor Arruma; Limpa; Apaga fogo, Mostre-me isso uma vez mais, Moço Grande...

Chloe se inclinou mais para poder lançar outra olhada as suas coisas debaixo da bata, tanto, que se golpeou a cabeça com a mesinha de noite. Caine apareceu à porta para assegurar-se de não ter caído da cama e não ter se machucado outra vez antes que o anterior golpe deixasse de soar em seus ouvidos.

– Estou bem– insistiu, esfregando sua testa e evitando o olhar que estava lhe dando, que era como uma repreensão, devido a seu óbvio e infinito talento para meter-se em problemas ela só.

Demônio estava zangado.

Mas não o suficientemente zangado para assegurar-se de que melhorasse antes que a matasse com suas próprias mãos. Chloe nem sequer tentou lhe falar, enquanto o via lhe trazer uma compressa de gelo à habitação e cuidadosamente envolvê-la ao redor do tornozelo. Endireitou as mantas, agasalhou-a e apagou a luz.

Chloe lhe escutou fechar a porta principal ao sair. Com força.

E escutou como a abriu de novo. Um rastro rosa passou pela porta da habitação uma vez mais e viu o brilho do frigorífico ao abri-lo e fechá-lo. O rastro rosado passou de novo, carregando umas cervejas e as sobras da comida chinesa. A porta principal foi fechada de novo. Com muita força.

– Bom. Filho da puta.

A possibilidade de que tivesse ouvido sua maldição, foi o único no que pôde pensar quando a porta se abriu de novo e um grande, rosado e zangado Caine apareceu para acertar contas. A um lado da cama.

Estava morta. Sabia.

Amava-a tanto como ela a ele. Mas ia matá-la.

Oh merda.

Chloe viu as cervejas em sua mão e a caixa da comida chinesa sob o braço e tratou duramente de não rir pela maneira em que seus mamilos se sobressaíam através do fino laço rosado da bata.

Rápido. Duro. Sem língua. Somente um mordisco na boca.

Não ia matá-la depois de tudo. Entretanto, provou-a com vontade.

Bem serei condenada.

Digo. Maldita.

Chloe não podia esperar a ver que lhe trazia para o café da manhã. Por agora, a cerveja que lhe lançou ao sair estaria bem.

Caine fechou a porta principal, deteve-se depois de dar somente um passo dentro da casa de seus pais e apontou a Lee e logo a Luke.

– Não digam nada.

Ao menos, por respeito ao seu líder alfa, intrépido e perfeito, podiam esperar até que estivesse acima para poder rir fortemente.

– Não tinha nenhuma maldita roupa, recorda?

Luke e Lee se sentaram, com olhos chorosos e fazendo um penoso trabalho tratando de controlar suas risadas, sobre a poltrona, na garagem de seus pais. Os estalos de riso que de vez em quando brotavam de um ou de outro, conseguiram, que a ira que sentia Caine fosse diminuindo cada vez que os ouvia.

Família.

Disso era do que se tratava. Sentia-se bem. Significava risada, união e diversão. Algumas vezes era difícil para Caine, recordar até que ponto estava vivo. Por um momento, inclinou-se no corrimão da escada e observou os seus irmãos agarrarem-se pelos braços um ao outro, o grande e louco Luke trocando lambidas com o adolescente de seu irmão; e Caine recordou outras piadas.

Recordou que quando Lee era pequeno, Luke e ele puseram uma vez, uma corda e o levaram para dar um passeio ao centro de Asheville e quando precisou urinar, teve que transformar-se em menino porque não tinha suficiente coordenação para levantar a pata. Caine e Luke estiveram parados apressando ao menino pelado, para que urinasse rápido e se transformasse em cachorrinho de lobo, antes que alguém visse que um menino de cinco anos nu, tinha um colar e era guiado por uma correia de cão.

Supôs que poderiam lhe haver tirado o colar e a correia, ou até ter levado um pouco de roupa com eles. Mas então a lembrança não seria tão graciosa, supôs. A risada auto-imposta era ainda risada, decidiu Caine. Toma a felicidade onde e quando a encontrar.

Olhou o colar de cão que agora levava Lee religiosamente e fez um gesto. Luke e ele, muito provavelmente, tinham traumatizado ao pobre menino por toda a vida. Mas isso era o que os irmãos faziam uns aos outros. Não é verdade?

A fragmentada recordação de tempos não tão felizes estava gravada na cara de Luke e ficou igualmente gravado em Caine.

Ainda não se enfrentou a Luke pelo que tinha passado entre Chloe e ele. Isto lhe destroçava. Sabia que a situação provavelmente tinha posto a sua família e a sua futura esposa em afronta, com Caine no meio.

Como ele defendia completamente a Chloe, pensou na possibilidade de perder ao seu irmão. Seu companheiro de grupo.

Seu gêmeo.

Mas se deixasse que continuasse os avanços de Luke para Chloe, tinha a possibilidade de perdê-la, inclusive se ela realmente o amasse pelo que era. Aquele

pensamento, incrivelmente, era tão doloroso como a perda que pudesse sofrer de um dos irmãos que estavam sentados na poltrona.

Também estava a questão de que ele era o responsável pela disciplina do grupo. E embora a Caine não tivesse gostado de outra coisa que deixar o passado no passado, também era certo, que a palavra família tinha um significado para um homem como ele. E não era uma corda que se pudesse tirar facilmente do pescoço.

Caine observou a Luke lançar um jorro de queijo na boca de Lee e logo ao seu nariz e rio com o que viu, lhe dando algum consolo, embora pequeno.

Ao menos todos sentiam o mesmo laço de união.

## Capítulo 18

Chloe elevou a vista da mesa da cozinha, quando Caine entrou através da porta da rua como se entrasse em sua casa.

– Como infernos você chegou aqui?

Ela lançou uma olhada ao redor da cozinha procurando uma resposta. Evidentemente, todas tinham se consumido com o fogo.

– Tive que vir para ir ao banheiro, Caine.

– Então entrou aqui para fazer xixi na pia?

Ela pôs os olhos em branco e logo sorriu para o alto de sua cabeça quando se inclinou a lhe revisar o pé. Por seu bem, desde fazia mais de uma semana, ocupou-se dela, tinha mimado-a e ficou em casa ao seu lado.

Chloe nunca tinha estado tão feliz em sua vida.

– Está ainda um pouco inchado, – murmurou.

– Deveria ir para que lhe fizessem uma radiografia.

– Está bem, – contradisse-lhe ela enquanto olhava o tornozelo, que não lhe tinha provocada dor em quase três dias e nunca tinha estado muito inchado.

– Só se torceu um pouco, isso é tudo.

Caine ficou direito e a olhou para baixo. E então se ajoelhou diante dela e endireitou seus botões sem mediar palavra.

– Está tratando de tocar meus seios?

– Conseguiu uma boa vista de meu pênis?

Merda, um, espera, dispara; Chloe não teria escolhido esta briga, girou a cabeça e sentiu que os fogos do inferno acendiam seu rosto. Ele sorria abertamente. Podia vê-lo pela extremidade do olho. De modo que os fechou.

Sentiu suas mãos deslizar-se ao redor de sua cintura, justo antes que uma parede de homem, muito quente, encontrasse os objetos que ela acabava de lhe acusar de estar admirando. Seus lábios encontraram seu pescoço. E sussurrou em cima de seu ouvido.

– E bem?

Chloe abriu os olhos e olhou o cabelo espesso e negro sobre sua cabeça. Ele cheirava como os pinheiros, durante um fim de semana de acampamento e sexo diário.

Poderia ter acabado de pulverizar fertilizante, que Chloe muito provavelmente seguiria detectando seu aroma sexual apesar do fedor.

Inclinou-se, beijou sua cabeça e afundou o nariz em seu cabelo para encontrar seu aroma.



– E bem o que? – perguntou depois de que seu nariz esteve satisfeito. Elevou a vista para ela e apertou seu abraço ao redor de sua cintura.

Caine sorriu abertamente outra vez e se moveu. Chloe sentiu como suas pernas eram separadas e o corpo dele encontrava o caminho que se aproximava. Não podia lhe tirar os olhos de cima enquanto lhe falava.

– Bem, O que te pareceu?

Chloe fez com sua cabeça um assim- assim sacudindo de um lado ao outro. Ele fez uma panela com seus lábios, enquanto ela fazia rodar seus olhos para cima.

– Supus que faria isso, – declarou. – além de me beliscar, – adicionou rapidamente.

E isso o fez. Com força. E diretamente sobre seu flanco. Seus dedos encontraram carne e antes que Chloe pudesse deixar de rir bobamente, ele tinha a ambos no chão da cabana. Caine se sentou montado sobre ela, primeiro. Chloe se afastou para trás no frio piso de madeira da cabana e olhou para cima, para ele. Tal como se tinha imaginado cada noite, depois de que Caine tivesse vindo para agasalhá-la e tentá-la quase até a loucura. Tal como o tinha imaginado, sobre ela, deste mesmo modo, quando ela dava prazer a si mesmo enquanto o lobo a olhava da porta de cristais. Suspeitava que isso também agradasse ao lobo.

Chloe sentiu que estava sendo derrubada e mudou para ser agora ela a que se sentasse montada sobre ele. Caine deslizou seu corpo para baixo e recostou o tópicio mesmo de sua conversação, entre as pernas dela. E logo sorriu abertamente outra vez.

– Poderíamos tratar de deixá-lo fora, se não está segura a respeito de como se sentirá respeito a isso, Não crê?

Ela riu por seu modo criativo de lhe perguntar se estava pronta para que a levasse a cama.

Estava-o. Mas não podia deixar que acontecesse. Não ainda.

Chloe sentiu como o sorriso se apagava de sua cara enquanto se inclinava para frente e cuidadosamente, beijava ao homem que queria mais que a qualquer outra coisa que alguma vez tivesse querido ao longo de sua vida. E considerou pela primeira vez, desde que se tinham conhecido, que possivelmente aquilo que ela queria, possivelmente, poderia interferir com as necessidades de Caine. O tempo que levavam juntos lhe tinha obrigado a pensar quão seriamente uma relação com ele poderia afetar sua vida. E isto a fez temer o que pudesse passar entre Caine e ela se ele se inteirasse de que Luke e ela tinham estado juntos.

Mas ainda mais importante, tinha que considerar que aconteceria a Caine e a Luke se ela ficasse em uma de suas vidas.

Não estava segura que pudesse causar conflito entre os irmãos, mas o risco era o bastante grande como para que precisasse ter a certeza de que podia estar na vida de um deles sem fazer mal ao outro. Chloe tinha medo do que suas próprias necessidades e desejos podiam obrigá-la a fazer, se alguma vez encontrasse atrativa a maneira em que Luke a tinha feito sentir aquela noite. Estar apaixonada por Caine, mas querer ao seu irmão embora só fisicamente, poderia causar um dano irreparável em suas vidas, se Chloe alguma vez se dobrava a aquele desejo.

Caine adorava a sua família. Falava sem cessar deles. Amava aos seus pais e adorava ao seu irmão mais jovem, (o xará do explorador, como Caine lhe tinha informado), mais do que Chloe sabia que alguma família se amava.

Chloe vinha de uma casa desintegrada. E desse modo soube que os irmãos eram às vezes tudo o que um menino tinha. E Caine adorava a seu gêmeo.

O homem ficaria destroçado se soubesse que Luke fazia amor com ela. Chloe suspeitava que nunca pudesse dizer a Caine nada sobre o incidente com seu irmão, mas unicamente porque não tinha nenhum desejo de lhe fazer sofrer.

Inclusive se isto significava não poder estar com ele.

Chloe sabia que, como se supunha, devia estar com Caine. Sabia que amava a Caine. Mas também sabia o que havia sentido fervendo em Luke quando tinha feito amor com ela.

Tinha sido exatamente o mesmo que tinha estado fervendo dentro dela.

Foi uma atração muito mais primitiva que a que sentiu quando Caine a agasalhou com amor e com cuidados. Era algo que qualquer de seus lobos fêmea sentiria para um macho que não fosse seu companheiro, e que apelaria aos seus instintos simplesmente por cheirá-lo, fazendo-a estar disposta e desejando ser montada. Era algo básico. E esta era a classe de atração que sabia podia motivá-la a fazer e querer coisas que tinha medo de admitir.

Chloe ainda queria isso. Os fortes impulsos sexuais que Luke lhe tinha mostrado quando tinha estado em sua cama, tinham sido somente isso. Sexual. Animal. E Chloe sabia que o sexo com o Luke Caine provavelmente tinha sido a coisa mais crua e selvagem que alguma vez poderia encontrar.

E embora isso não fosse amor, a fome que ela sentia pelo estilo de Luke de fazer amor e o anseio que lhe mostrou de possuí-la outra vez. Não era algo que tivesse a segurança de que os dois pudessem manter sob controle, como para que ela pudesse ficar na vida de Caine. Luke tinha mostrado uma notável contenção quando lhe tinha pedido que se detivesse a segunda vez, mas havia sentido algo se forjando dentro do homem, algo que sabia, um dia, poderia demonstrar ser prejudicial para sua própria resolução.

Chloe conhecia a natureza animal. Conhecia os impulsos sexuais de animais, incapazes de controlar suas reações físicas de um para o outro.

Mas mais importante ainda, Chloe conhecia si mesma. Conhecia suas fantasias. E sabia que se Luke Caine tentava possuí-la de novo, desta vez, a parte menos humana de Chloe. A parte dela que recordava como se sentia ao ter dentro, quando ele não tinha sido capaz de impedir a sua natureza verdadeira que se mostrasse, poderia não ter a força para dizer que não.

Sentiu os braços de Caine apertar-se ao redor dela, esperando sua resposta. Ela sorriu em seus olhos e notou como lhe espremia o coração quando o que sentiu foi a este homem pressionando-se contra ela.

Chloe queria deixar sair seus próprios instintos selvagens e primários quando fizesse amor com Caine, mas não lhe dava amostras de que pudesse ser tão tolerante a respeito ao comportamento de uma mulher, como seu irmão podia sê-lo.

Chloe queria unir as mãos com este homem e, de uma vez por todas, deixá-lo levar por completo.

Mas isto não tinha passado, mesmo que Chloe estivesse bastante segura de que o homem tinha em seu interior um ser tão brutal como seu irmão; Caine lhe tinha dado uma prova de seu lado mais desviado, a primeira noite que se encontraram. Ela também sabia que os homens freqüentemente estavam pouco dispostos a deixar seus verdadeiros impulsos sem verificar, no dormitório. Muitos temiam ser vistos como perversos se atuavam de acordo com suas necessidades.

Chloe ainda queria aquela parte de sua fantasia. Ela queria que o homem com o que passasse sua vida se sentisse livre de seguir seus impulsos e perdesse o controle quando estivessem juntos. Isso era o mais importante, já que Chloe queria poder fazer o mesmo. E até que Caine admitisse ter, pelo menos algo, dos instintos

animais de seu gêmeo, ou que fosse só um pouco mais dificultoso para ele controlá-los. Não estava segura de que o homem que tinha em seus braços fosse capaz para mantê-la no mundo de fantasia no que lhe gostaria de ser amada.

Até então, entretanto, Chloe não era capaz de romper o coração do homem ou destruir sua família.

– Hoje não é um bom dia para atividades íntimas, – explicou ela calmamente enquanto controlava o rubor.

Caine assentiu. Silenciosamente.

Quase tão silenciosamente ele a agarrou e ficou de pé, começando a caminhar fora de sua casa.

\* \* \* \* \*

– Aonde vai?

Lee olhou para trás sobre seu ombro a Caine e elevou as sobrancelhas. Colocou as mãos nos bolsos e se encolheu.

Caine deixou seu periódico e entortou os olhos para o moço.

– Anda detrás de minha mulher?

Lee sorriu abertamente para ele. E assentiu.

De modo que Caine lhe deixou ir.

Caine estava sentado, sozinho, na sala de estar da casa de seus pais. A casa onde ele e seus irmãos tinham sido concebidos e criados. A casa onde ele queria educar aos meninos que Chloe e ele tivessem.

O pensamento chegou ao coração de Caine. Chloe não devia ter nenhuma dúvida sobre o amor que sentia por ele. Havia coberto à mulher com afeto, atenção e adoração. E embora todos os rituais noturnos para envolvê-la em uma loucura sexual e logo deixá-la, demonstravam ser algo muito frustrante para suas próprias necessidades sexuais, também era maravilhoso, olhar à mulher a que amava, enquanto ela manifestava quão excitada podia pô-la.

Cada noite enquanto Caine olhava a Chloe fazer amor a si mesmo, desde seu posto fora de seu dormitório, pensava ir para ela outra vez tal como o tinha feito a primeira noite em que eles se encontraram. Tinha desejado subir a sua cama e começar a lhe fazer amor em sua forma animal.

Caine só pensou fazer isto, porque ela parecia muito mais aberta quando não sabia que era ele o que se encontrava em sua companhia. Quando Caine estava na forma de lobo, Chloe falava com ele sobre ele e sobre como, cada noite, fazia-a sentir dor pela necessidade que ele mesmo lhe provocava. Caine tinha aprendido nas horas de bate-papo monólogo de Chloe, como gostava de ser beijada, acariciada ou abraçada. E ele usava aquele conhecimento em suas visitas noturnas.

Era como se eles fossem completamente abertos um com o outro, mas só através de suas conversações sendo duas criaturas diferentes e só porque ela não sabia quem era realmente o lobo. Este era um problema que Caine não podia tomar sem refletir. E um problema que lhe dizia que ainda não era seguro para ele lhe contar o que era.

Muitas vezes, quando Caine estava em sua forma humana, tinham falado das histórias da família de Caine. E cada uma dessas vezes, a pesar do modo que ela os chamava contos de fadas, os olhos de Chloe e o tom tinham reluzido e sua cara se tornou brilhante com o entusiasmo.

Inclusive até tinha começado a contar uma história a Caine sobre como sua bisavó tinha estado o bastante doente para acreditar que uma vez tinha estado

apaixonada por um homem que era parte lobo e parte homem. A história que Chloe tinha contado a Caine tinha sido um conto muito doce e romântico. E isto tinha feito subir o rubor a sua cara e seu corpo se excitou, até o momento em que se deteve em metade de uma frase durante a história e lhe disse que ela sabia que o conto era absurdo.

Caine não tinha tido coração para lhe dizer a verdade. Não lhe havia dito que ela se equivocava a respeito de que a história fosse absurda, ou que a história em si mesmo estava incompleta de mais formas das que ela podia ter imaginado.

O nome do homem tinha sido Grei. Grei Caine. O bisavô de Caine.

Inclusive se ele fosse capaz de dizer a Chloe que as histórias não tinham sido o discurso de uma mulher louca. Caine não sabia se alguma vez contaria a Chloe, que o apaixonado por sua bisavó Maw, tinha sido forçado por sua própria posição alfa a acasalar-se com outra mulher e que lhe tinham disparado e matado enquanto estava em forma de lobo quando tentou voltar a ver a mulher que não tinha sido capaz de esquecer.

Caine só poderia adivinhar que o pai de Maw tinha ocultado a verdade a sua filha, ou Maw tinha escondido a verdade a Chloe. Mais segredos. E estes segredos eram do tipo que poderiam supor ainda maiores problemas entre a manada de Caine e a família humana de Chloe.

O avô de Caine nunca tinha conhecido ao seu próprio pai devido às ações dos antepassados de Chloe. Esta foi uma informação que golpeou a Caine com força quando lhe contou o que sabia da história. O lobo em Caine imediatamente se enfureceu, mas o homem que amava a esta mulher tinha sido capaz de controlá-lo. Não era culpa de Chloe. E Caine sabia que nunca teria feito tal coisa a um de sua classe ou de seus primos. Caine também se consolou pensando que se os acontecimentos de seu passado tivessem ocorrido de outra maneira, possivelmente Chloe nunca tivesse nascido.

Mas ela tinha nascido e Caine finalmente tinha reunido a coragem para arriscar-se e lhe falar a respeito do que era. Quando ela não tinha querido fazer amor com ele, Caine não tinha tido nenhuma opção, salvo voltar a planejar a situação. Considerou o fato de que Chloe estava um pouco moldada à antiga, e quis esperar um pouco mais, especialmente já que pensava que tinha estado com seu irmão. E aquele pingão de consciência satisfaz há Caine um pouco. Ao menos satisfaz seu lado humano.

A seu lado lobuno não lhe dizia que não facilmente. O corpo de Caine estava se voltando louco com sua urgência por reproduzir-se. Seu corpo sabia que sua companheira estava perto. Sabia que Chloe, como se supunha, levaria a seus filhos. E era bem consciente de que à larga, Caine, ia perder sua batalha contra tal força. Isto o assustava às vezes, pelo bem de Chloe. Inclusive com Meagan, não havia sentido tanta energia sexual levantando-se dentro dele, como a que antecipava sentiria quando fizesse amor com ela. Caine temeu que se não fosse capaz de dizer a Chloe o que era, e logo, não teria nenhuma opção no assunto.

Nunca se havia sentido como sua própria presa. Mas com a incerteza dos sentimentos de Chloe, o lobo que habitava nele, sabia que teria que obrigá-la a reproduzir-se. Seria fértil, outra vez, dentro de uns dias e Caine sabia que esta vez ficaria grávida de seu cachorrinho. Sempre e quando fosse algo que eles quisessem.

O animal nele sabia que seu ciclo menstrual já tinha vindo e se foi. E nada lhes impedia de fazer amor quando tinha querido fazê-lo aquela tarde.

Mas tinha sido o homem nele quem tinha tido que perguntar-se por que ela havia sentido a necessidade de mentir.

## Capítulo 19

Chloe despertou sobressaltada. O som tinha sido o bastante forte para despertá-la, mas agora a habitação estava em silêncio. Até que o uivo se repetiu de novo.

Alcançou seu jeans e seus sapatos. Sabia que não era de sua incumbência. Sabia que a natureza controlava estas coisas, mas de todos os modos, em pensar que pudesse perder só uma dessas preciosas bestas, era bastante para fazer a Chloe racionalizar sua interferência com a maior delicadeza e inteligência possível.

A briga parecia muito próxima. E eles eram cães grandes. Chloe podia dizer, pelos sons que faziam enquanto se rasgavam um ao outro, que não era um jogo entre os membros da manada. E como o alfa obviamente tinha estabelecido seu direito sobre a cabana e a propriedade de seu tio, Chloe sabia que só uma coisa poderia ser o bastante importante como para que os dois lobos, aos que ouvia matando um ao outro, recorressem a este nível de violência.

Alguém tinha sido descoberto onde não pertencia.

\* \* \* \* \*

Caine saltou e fechou seus olhos novamente. Tudo estava em ordem. A casa estava silenciosa.

Mas o ar se sentia pesado ao seu redor. Intruso. Equivocado.

O aroma de autodefesa procedente de seu gêmeo quando o lobo apareceu na porta do dormitório de Caine, recordou-lhe que jamais era boa idéia ignorar seus instintos.

\* \* \* \* \*

Eles não podiam falar estando nesta forma, ao menos não com palavras humanas. Mas não precisavam fazê-lo.

Caine tinha cheirado ao intruso. Não tinha sido um som o que lhe tinha despertado.

Mas agora que estava acordado, o aroma e o som da luta entre o avô de Caine – um antigo alfa com uma brutalidade que rivalizava até com a de Luke – e um lobo de uma das manadas vizinhas, eram muito evidentes para os sentidos de Caine.

Luke empreendeu uma dura carreira inclusive antes que Caine terminasse de transformar-se e Lee rapidamente chegasse até eles. Logo que Caine se deixou cair e se transformou, alcançou ao seu gêmeo e ambos partiram um ao lado do outro, através das milhas que lhes separavam de seu patriarca mais velho. Caine sabia que seu pai se uniria a eles, embora uns minutos mais tarde que seus filhos, seu corpo envelhecido não era capaz de viajar tais distâncias a esta velocidade.

Mas Caine, Luke e Lee não eram velhos nem estavam doentes. Enquanto Caine sentia trabalhar seus músculos em perfeitas passadas junto aos seus irmãos, não só se sentia agradecido por ter nascido como a criatura magnífica que era, mas também pelo que ele era para sua família.

Um deles estava sendo ameaçado por um intruso.

Caine lançou uma olhada ao seu lado, o suficiente para ver que Lee rapidamente tinha alcançado aos seus irmãos maiores e agora inclusive desafiava suas próprias capacidades com sua força e velocidade. Não podia pensar neste momento na idéia de outro digno macho alfa surgindo dentro da família, mas sabia que teria que enfrentar-se a isso cedo ou tarde.

As chamadas procedentes do avô de Caine se tornaram mais débeis e faziam que seu coração palpitasse ainda mais forte que por seu esforço físico. O homem tinha quase setenta anos e embora tivesse passado ao seu filho sua posição como alfa fazia décadas, seguia sendo um dos lobos mais influentes da manada.

E, além disso, era seu avô.

Aquele pensamento fez encolher-se a Caine quando Luke e ele alcançaram o topo da colina que passava por cima da cabana de Chloe. Caine se obrigou a deter-se devido à inutilidade do que viu, mas seus irmãos não reduziram a marcha. Luke e Lee estavam furiosos e no momento, incapazes de controlar essa cólera.

Caine repentinamente não pôde sentir nada mais que tristeza.

Viu como Chloe rapidamente se separou do ensangüentado e obviamente, corpo morto do avô de Caine, quando Luke e Lee se aproximaram de seu querido patriarca. Chloe estava chorando e tremendo visivelmente tanto pelo lobo morto como pelos outros dois lobos que se aproximavam dela com os olhos cheios de cólera.

Caine pôde entender seu medo quando rapidamente voltou para a cabana e fechou a porta de cristal. Mas sobre tudo, Caine entendeu a fúria de seus irmãos pelo que tinha acontecido.

Olhou como Luke e Lee farejaram e examinaram o corpo de seu avô. Caine lentamente se dirigiu para ali, e logo continuou para examinar algo sobre a terra, muito perto de onde jazia seu ensangüentado corpo.

Olhou fixamente a pequena parte de metal que obviamente tinha sido arrebatado do intruso durante a luta, para obter o que com justiça tinha pertencido a Caine desde dia de seu nascimento. Seus olhos se dirigiram à mulher que permanecia de pé dentro da cabana, observando a Caine e a sua família. Assustada de Caine e de seus irmãos, das criaturas que ela mesma tinha convidado a casa de Caine. Os lobos que agora tinham matado a um membro da família de Caine.

Quando a viu ali de pé e chorando, o homem que havia em Caine desejou consolá-la. Ele ansiava lhe dizer que este era seu caminho e que eles o tinham aceitado como uma parte triste, mas necessária de suas vidas.

Mas Caine não podia lhe dizer isto. E não podia lhe dizer o que ele realmente era. E neste momento, não podia fazer nada sobre o fato de que lhe aceitasse ou não por ser metade lobo e metade homem. Porque pela primeira vez em seus quase trinta anos de viver como o animal que sempre tinha sido, a fúria humana superava ao instinto animal. Fúria sobre o fato de que um membro da família que tinha matado a seu bisavô, agora estivesse levando o sangue da família de Caine sobre suas mãos.

Outra vez.

\* \* \* \* \*

– Não, você não o fará!

Caine grunhiu a ordem ao seu pai e o homem baixou o olhar.

Nunca tinha se comportado assim. Mas desta vez tinha que fazê-lo.

Caine sentia as vísceras tão destroçadas como as de seu pobre avô, quando seu corpo cinzento e artrítico foi recuperado silenciosamente trás acender as luzes da cabana de Chloe. O pai de Caine queria sangue. E ele queria vingança.

Como a maioria dos homens quando perdem a um ser querido às mãos de outro.

– Não nos comportamos assim.

Caine nunca tinha utilizado anteriormente este tom com ninguém de sua família. Nem sequer com Luke. Esta era sua voz alfa, mas tinha que submeter e controlar a cólera dos homens de sua família, não a dos lobos.

Ele teria preferido tratar com as bestas mais agradáveis outra vez.

– Eles invadem nosso território...

– E nós defenderemos esse território, – recordou Caine, enquanto interrompia ao seu pai com outro grunhido, endireitando a postura.

– Mas não atacando. – Caine baixou a voz. O homem nele induzia a respeitar ao seu pai. Algo que sabia era comum para qualquer criatura.

– Esta não é nossa maneira de nos comportar, – recordou suavemente.

Seu pai elevou os olhos ao nível dos de seu filho. Aos olhos do alfa. Caine sustentou o olhar com a confiança de sempre. Podia ver um indício de orgulho atrás da dor, a pena e a raiva pela injustiça, que lutavam por controlar as emoções de seu pai.

Caine era o alfa por uma simples razão.

Sabia que não eram lobos. E sabia que não eram homens. Eram animais diferentes de qualquer outro, entretanto similares a todos eles. E o homem que fosse capaz de controlar tal combinação de bestas dentro de si mesmo, era o único possível candidato para esse posto.

Caine não trocaria o que era por nenhuma parte do território do bosque.

De fato, lhe gostava tal como era. E de repente reconheceu o fato de que, já que Chloe não estava disposta a considerar como possíveis as histórias que tinha ouvido. Não havia nenhum modo de que fosse capaz de considerá-lo como a maravilhosa besta que era.

Montaria à fêmea em seu seguinte cio. E daria um novo alfa a sua manada e incrementaria seu número de novo. Chloe Evans não tinha matado ao bisavô de Caine. Mas ela havia trazido um intruso que tinha matado ao filho desse homem.

A fêmea lhe devia ao menos uma vida. Mas ela pagaria sua dívida lhe dando uma vida e não entregando a sua. Inclusive o homem em Caine estava de acordo com aquele trato.

Seu pai permaneceu silencioso sobre o corpo do ensangüentado lobo. Maison Caine nunca se questionou o que era. Nunca tinha permitido aos seus filhos questionar-lhe em sua presença. E o homem respeitava a Caine o suficiente para deixá-lo dirigir uma família que podia morrer às mãos de um humano.

Caine, ele mesmo.

Mas Caine não era somente humano. Ele era um híbrido. Metade homem e metade lobo. Este pensamento lhe tranqüilizou e lhe encheu de determinação quando o deixou lhe rodear a mente. E ele não ia permitir morrer a sua família por suas próprias egoístas necessidades e emoções.

E se alguém tinha algum problema com seu renovado sentido de orgulho por si mesmo e por sua família, Caine lhes compadecia se alguma outra vez tivesse que defender ou proteger o que com justiça lhe pertencia.

\* \* \* \* \*



– Caine?

A voz era a de seu irmão. Sonolento. E não o bastante alta para despertá-lo de tudo.

– Caine?

Um pouco mais forte desta vez. Mais autoritária. Mais profunda do que tinha sido sozinho uma semana antes. Caine se girou, mas não abriu os olhos.

Podia sentir a presença de seu irmão ao lado de sua cama, mas ainda não estava totalmente acordado; até que seu irmão mais jovem pronunciou claramente as palavras, que Caine sabia, mudariam sua vida e a estrutura de sua manada desde aquele dia em adiante.

– Ela está ovulando outra vez.

## Capítulo 20

Chloe sentiu o calor de seu fôlego sobre seu pescoço e sorriu ante a maravilhosa sensação. Suas mãos tinham começado a vagar por seu corpo e seus dedos estavam úmidos de seu sexo, inclusive antes que ela abrisse os olhos.

O resto dele cheirava como a neve e o gelado ar da meia-noite que acabava de deixar atrás.

Mas não havia nada remotamente frio nem em seu corpo nem em suas ações. Chloe sentiu que o calor que emanava de sua figura, poderia ter derretido uma montanha de neve.

Quando o alcançou na escuridão da habitação e se aferrou a sua dura e quente ereção, viu-se recompensada com a rude marca de seus dentes no pescoço, descendo até alcançar um mamilo e logo o outro. Estreitou-a, como querendo marcar cada centímetro de seu corpo com seu aroma. Ela respondeu tomando entre seus dedos seu pulsátil membro.

Chloe sentiu como os dedos fortes e famintos que tinha sobre o seio, subiam até enrolar-se em seu cabelo lhe provocando lágrimas.

Parecia zangado, quando empurrou sua cabeça para baixo e subiu sobre a cama enfrentando-a com a decisão de tomá-la em sua boca ou ser ele quem se impulsionasse dentro dela.

Não era cólera o que movia ao homem que estava em sua cama, a lhe pedir aquilo que ambos desejavam desesperadamente.

Não teve que obrigá-la a fazer nada.

Ela desejou que soubesse que era seu desejo.

Seu pênis de repente encheu sua boca, quase a sufocando quando, com impaciência, empurrou-se entre seus lábios muito mais forte do que esperava.

Imaginou como se sentiria quando finalmente empurrasse dentro de seu corpo. Seus lábios alcançaram a base de seu pênis e começou a acariciá-lo com sua língua em toda sua longitude.

Impulsionava-se dentro e fora de sua boca.

Chloe saboreou o momento e seguiu acariciando seu membro e seus testículos com uma mão, enquanto que com a outra alcançava sua própria fenda.

Estava empapada com a prova de sua própria excitação. E podia sentir como seus dedos se deslizavam com maior facilidade dentro da sedosa umidade de seu próprio corpo.

Esta noite, a antecipação do que finalmente alcançaria, era mais do que Chloe podia suportar. Inclusive nas anteriores noites, quando padeceu tanta necessidade depois de que ele a incitasse, que acreditava que poderia explodir, não tinha chegado a sentir-se tão quente, úmida e com tanta necessidade de lhe sentir dentro.

Tinha sido rude ao entrar em sua casa e não tinha escondido seu desejo quando se uniu na cama. O que fazia supor que não se comportaria com delicadeza quando a penetrasse.

Não era algo que lhe importasse exceto que se sentia atormentada pela similaridade com o corpo de seu irmão.

Mas este não era o homem com quem tinha feito o amor à primeira vez. Existiam diferenças. Pequenas diferenças. Que só uma esposa ou amante descobririam. Coisas que queria saber, porque era dele e não havia nada sobre ele que não quisesse conhecer e adorar. Chloe tentou memorizar cada detalhe enquanto acariciava seu pênis e seu traseiro com sua boca e mãos.

Enquanto rodeava e sugava furiosamente seu pênis com a língua e os lábios, tentou encher com os dedos o vazio que sentia em seu interior, sabendo que nenhum dos dois estava ainda satisfeito.

Devagar, retirou sua rígida e molhada ereção da boca, observando-o, tratando de descobrir em seus olhos algo que refletisse a união que estavam compartilhando. A escuridão lhe impediu de distinguir a faísca azul que sabia que ele estaria luzindo, quando a olhou para confirmar que estava desfrutando com isso. Era necessário. Chloe o entendeu. Era um ato que os vinculava, de tal forma, que até os outros saberiam o que tinham compartilhado. E que de algum modo, venceria qualquer engano ou indiscrição no que tivessem incorrido no passado. Perdoaria o que tinha acontecido com seu irmão. Mas o que era mais importante, Chloe se perdoaria por ser humano. Permitindo a Caine conhecer a mulher que desejava estar com ele.

Chloe riu e subiu as mãos por seu peito, sobre seu corpo, arrastando consigo seu aroma e fluidos. Até ajoelhar-se diante dele e rodear seu pescoço com seus braços, depositando sua boca sobre sua orelha. Mordendo-o duramente. Com bastante força para provocar que suas mãos se aferrassem sobre seu traseiro. Dolorosamente. De fato.

Chloe ofegou e sorriu abertamente ante o fato de que em poucos segundos o sentiria brutalmente dentro dela. Tal como sempre tinha desejado, quando finalmente lhe fizesse amor. Ou possivelmente, sussurrá-lo com palavras, fosse o necessário para atraí-lo. Seu fôlego ronronou profundo no peito, antes que se agarrasse com ambas as mãos daquele espesso e negro cabelo, atraindo seu ouvido mais perto. As palavras logo que tinham escapado de seus lábios quando Chloe compreendeu que sua vida inteira, de algum modo, tinha tomado um abrupto e irreversível giro para o terrível. Ela suspeitou que a cicatriz que seus lábios encontraram na escuridão, quando roçou sua bochecha enquanto lhe sussurrava, não era nada comparada com o dano que se auto-infligia ao pronunciá-las. As palavras saíram de sua boca antes de dar-se conta de que não era quem ela pensava e que em realidade não lhe tinha feito amor a primeira vez. E lhe tinha suplicado ao homem, que lhe desse o que nunca tinha querido dele,

– Me faça dano.

Caine pôde ouvir seu grito, inclusive antes de desligar o motor. O silêncio de Luke desde a morte de seu avô tinha sido uma advertência para Caine de que o homem era uma bomba a ponto de explodir. E se a causa tinha sido seu aborrecimento com Chloe por ter invadido seu território com novos membros ou porque, devido a sua

juventude, sentia a necessidade de ajudar a repovoar sua própria manada, era algo do que não podia estar certo. Mas sim tinha a certeza de algo; não permitiria que Luke violasse a Chloe. Forçaria para engravidá-la e Caine sabia que nunca se livraria da culpa se deixasse que isto acontecesse.

Sua necessidade de protegê-la não tinha nada que ver com territorialidade, direitos de acasalamento ou coisas pelo estilo. Tinha que ver com seu coração, que tinha se partido quando ele e seu irmão tinham lutado por uma mulher a primeira vez e que tinha se partido em dois quando aquela mulher tinha morrido.

Chloe tinha lhe curado o coração. Tinha lhe feito sentir amor, compaixão e esperança, outra vez. Tinha-o feito humano de novo, provocando que bombeasse o sangue de lobo com uma intensidade que ainda assustava a Caine. Mas não tanto como o som de seus gritos. Caine empurrou a porta dianteira sem conseguir abri-la ao primeiro intento. Zangado pela idéia de que Luke lhe tivesse deixado fora da puta casa, fez que quase arrancasse a porta de suas dobradiças quando a golpeou de novo. Empurrou a porta para um lado antes de irromper no dormitório de onde vinham os gritos e logo acendeu a luz.

Ela sangrava. Com a pressa de Luke para possuí-la, Chloe tinha golpeado a boca com a cabeceira ou a mesinha e seu lábio estava partido por causa do impacto. Caine cheirou o sangue e sentiu uma renovada cólera ao ver seu gêmeo a ponto de possuir a uma mulher que não lhe pertencia.

A mulher de Caine.

A esposa de Caine.

De novo.

E esta vez, Luke usava sua forma mais poderosa e perigosa para submetê-la.

Caine viu como os caninos de Luke se cravavam profundamente na carne do pescoço de Chloe. Sustentando-a sem necessidade com suas mandíbulas, já que tinha tido a precaução de atá-la aos quatro postes da cama antes de haver-se transformado.

A visão de Chloe, com a cara sobre os lençóis, estava parcialmente limitada devido a sua postura, mas sabia que algo desumano estava colocado detrás e sobre ela, para lhe fazer coisas pouco naturais. Seus gritos confirmaram a Caine tão claramente como qualquer palavra.

Estava aterrorizada. E com razão. Caine analisou a situação durante um segundo antes de arrastar ao seu gêmeo longe do assustado e tremulo corpo de Chloe.

Presas de dois centímetros, idênticos aos que Caine possuía quando se transformava, afundaram-se na carne de seu antebraço apesar de seus esforços. Luke rapidamente sacudiu ao seu alfa, lambendo o sangue de seu gêmeo de seu focinho e girando para começar a montar à fêmea de novo.

– Caine!

O tom que tinha usado para dizer seu nome, sua súplica assustada para o homem que sabia poderia deter isto, fez que Caine se estremecesse com velhas questões sem responder.

Freqüentemente se perguntava se Meagan teria pedido sua ajuda se tivesse sabido a verdade.

Não é que isso importasse agora, o relevante era que Chloe o tinha vislumbrado quando tinha entrado no dormitório e o tinha chamado. Para ajudá-la. Para que Luke parasse de lhe fazer mais dano. De possuí-la.

De violá-la.

A mentalidade de Caine sempre o fazia debater-se na tênue linha entre o homem e o animal que habitava nele. Mantinham um diálogo interno contínuo quanto a se o que faziam em nome da manutenção de sua espécie era mais animal ou humano.

Quando Caine viu o lobo em que se converteu seu irmão, montar a uma mulher humana que não amava, nem lhe amava. Simplesmente pela manada, independentemente do que o homem que havia em Caine sentisse por qualquer um deles, aquele debate surgiu de novo na mente de Caine.

Mas aquela linha cresceu muito, muito clara em seu coração.

Luke sabia que poderia ser banido da manada devido a estas ações. E o gêmeo de Caine tinha vindo à habitação de Chloe sabendo de que Caine, com justiça, poderia matá-lo por acoplar-se sem a permissão do alfa.

Mas Luke conhecia a Caine, às vezes, melhor que ele mesmo.

E Luke sabia que em cada humano, havia um defeito fatal quando se enfrentava com a luta pela sobrevivência. Mas como em cada espécie, sua manada possivelmente poderia morrer se Caine não aprendia a controlar a parte humana que pretendia negar sua própria linhagem animal. O modo de pensar contra produtivo desalentava ao homem a escutar aos impulsos que assegurariam que sua espécie sobrevivesse. Um impulso ao que a religião e a sociedade há muito tinha considerado feio e incorreto. Mas que seus antepassados animais e primos atuais, respeitavam devido ao poder de criação que possuía quando se obedecia. Mas mais importante, é que o respeitavam pelo poder de destruição que tinha quando se negava.

As ações de Luke não tinham nada que ver com seu desejo de fazer dano a Chloe ou a Caine. Não se relacionavam com a vingança ou a cólera.

O homem simplesmente não pensava desse modo. O irmão de Caine pensava na sobrevivência. Na sobrevivência de sua espécie. Da manada, acima de tudo. E só então em suas próprias necessidades.

Tal como uma alfa deveria.

Suspeitou que Luke tivesse atuado como ele mesmo faria. Ele também obtinha prazer de fazer amor com uma mulher. Mas a mente de Luke não pensou em seu próprio benefício. O animal dentro dele cumpriu com seu dever. E poucas vezes, tinha o homem que havia em Luke, o tempo ou a oportunidade de tomar algo para si. De fato, Caine, podia recordar só uma vez em que seu gêmeo tinha parecido feliz de ser um homem.

E este não era o dia.

Quando Caine se aproximou da cama outra vez, constatou um fato que deveria ter aceitado faz muito. A parte dele que seu gêmeo já tinha assumido, como a mais pura e natural da natureza de suas almas.

A compaixão nunca encheria o ventre de um predador.

Agora Caine compreendia que nem o animal nem o homem dentro deles, tinham tirado qualquer prazer do simples ato de predação. O prazer vinha de outra fonte.

Ele e seu gêmeo mantinham um equilíbrio precário em sua dualidade. Eram humanos, tal como sua mãe e avós e bisavós tinham sido. Mas eles eram também animais. Como seu pai e avós eram.

A pureza de seus pais animais. Os machos de sua espécie. Os predadores. Os que infligem dor pela sobrevivência.

E a brutalidade de suas mães.

As fêmeas. Em cada espécie a presa. Vítimas de um prazer ao que nenhum homem, alguma vez, foi capaz de resistir durante muito tempo. E nisto, apoiava-se a força que sustentava a vida: predador e presa.

Chloe se contorceu e lhe chamou outra vez. Um grunhido surdo de ameaça saiu da garganta de Luke quando Caine se aproximou da cama. Caine levantou a mão para seu irmão. Um sinal silencioso de que não mataria a seu gêmeo.

Mas Luke teria que defender-se contra Caine. Porque tinha desafiado ao seu alfa. E porque Luke de novo, tinha tentado tomar o que não era dele.

– Luke.

Seu irmão girou a cabeça e lançou uma olhada a Caine. O tom que Caine tinha usado era tranquilo. O mesmo tom que um alfa usa quando sabe que sua manada logo estará a salvo.

– Ela é minha, Luke.

O lobo levantou sua cabeça e girou sem olhar ao seu irmão desta vez. Caine estendeu a mão acariciando as costas de seu gêmeo. Acalmando-o. Agradecendo-lhe o que tinha estado disposto a fazer pela manada. E logo tirando a roupa para proteger o que era dele.

Luke se moveu de sua posição e saltou da cama. Caine olhou aos olhos de Chloe quando se torceu por ver o que ocorria detrás dela. Caine lançou sua camisa sobre sua cabeça e deixou que seu jeans e seu cinturão se deslizassem até o chão.

Os olhos de Chloe estavam fixos e brilhantes. Olhando-o como podia, desde sua incômoda posição. Caine observou como se arrepiava o cabelo das costas de seu irmão, assinalando seu desejo de lutar, quando se colocou aos pés da cama. Longe do olhar de Chloe.

Caine se moveu para a cabeceira. De onde ela poderia vê-lo. Nu. Erguido, tal como a fisiologia de seus antepassados, tinha permitido a seu pênis estar sempre. Com a figura de um ser humano, só um momento mais.

Transformou-se diretamente frente a ela. Curvando sua coluna para logo cortar-se e estilizar-se, lhe dando sua postura canina e fazendo que ela respirasse entrecortadamente. Seus braços se alargaram para coincidir com o tamanho de suas pernas, provocando que ela lambesse seus lábios e lhe endurecessem os mamilos contra a cama. Sua boca e nariz se modificaram para criar espaço para os dentes e uma mandíbula capaz de matar a qualquer das duas criaturas que se encontravam no quarto e à maioria das que viviam no bosque. Suas mudanças lhe provocaram uma onda de excitação, que Caine poderia ter cheirado a uma milha de distância.

Chloe estava boquiaberta. Com os olhos fixos. Não era consciente de sua própria reação, enquanto observava a completa transformação de Caine. Ele tinha escrito sobre isso a maior parte de sua vida adulta. Uns meros três minutos, mais curto que a de seu gêmeo.

Caine desviou sua atenção até seu companheiro. O companheiro a quem arrebataria sua juventude antes que abandonasse seu dormitório esta noite e depois de que Caine deixasse clara sua posição na manada.

A dentada de Luke sobre sua carne foi imediata e profunda logo que a transformação foi completa. Caine sabia que seu irmão não o poria fácil. Luke simplesmente tinha muito respeito para ser influenciado por emoções frívolas. E Caine não tinha esperado menos. De fato, estava-lhe mais agradecido que nunca.

Os lobos lutaram brutalmente. Mordendo a pele e afastando-se só para morder com mais fúria quando voltavam a encontrar a carne. Tal como os lobos fazem quando estão absorvidos em uma batalha pelo território.

Os homens-lobo lutaram com dignidade e graça. Cada aposta apaixonada e com fúria, respeitando a habilidade do outro e o direito de ganhar, se demonstrasse ser o mais forte dos dois.

O sangue que sempre tinham compartilhado ao lutar impedia que se matassem mutuamente.

Caine sentiu uma ferida sobre sua perna dianteira ao ser rasgada pelos dentes de seu gêmeo e logo outra incisão fresca sobre seu peito. A dor deveria ter sido

intensa sob a tensão de tais armas bicudas, mas Caine não sentiu nenhuma dor enquanto lutava contra seu beta. Não sentia nenhuma das incisões que seu companheiro de manada o infligia.

E duvidava que Luke sentisse qualquer de suas próprias feridas.

Durante uns minutos que pareceram tão longos como a totalidade de suas vidas juntas, Caine sentiu a rasgadura de sua própria carne enquanto que seus dentes se afundavam em Luke. Não era o seu próprio sangue o que sentia na boca, mas era como se saboreasse a si mesmo quando mordida ao seu gêmeo. Provou o sangue de Luke e de Meagan e de Chloe e de cada animal de presa pelo qual ele, sua família ou seus antepassados tinham mostrado clemência terminando com uma vida da que se apropriaram a enfermidade ou as feridas.

Sua companheira os olhava enquanto lutavam. A mulher que Caine tinha amado desde que ela tinha sido concebida jazia atada aos postes de uma cama onde o primeiro dos filhos híbridos de Caine logo seria concebido. E na cama onde ele faria amor com a mulher que logo seria sua esposa.

A força de Luke era tal, que Caine encontrava muito mais dificuldade para lhe vencer nesta batalha que em qualquer outra anterior. A luta em que agora se encontravam imersos, parecia ser das que não decidiria um claro ganhador ou perdedor. Luke tinha tanto direito de ser o alfa da manada como Caine. Sempre tinha sido assim e de ter sido capazes, teriam compartilhado as responsabilidades. Mas sua manada se apoiava em um só chefe. Uma hierarquia. Só um deles poderia ser o macho alfa da manada. E ambos sabiam.

Caine duvidava que Luke alguma vez admitisse que se rendeu na primeira vez que tinham lutado para obter a posição alfa. Facilmente poderiam ter lutado até a morte naquela batalha. Como Caine tinha estado preparado para fazer.

Seu gêmeo parecia não ter tido o coração de infligir tal castigo a alguém a quem amava tanto como a Caine. Três minutos. Uma mulher.

E o poderoso amor que um ser humano pode sentir pelo outro.

O maior defeito do lobo parecia ser o extremo oposto ao ódio e Caine sempre tinha pensado que o controlavam. Luke tinha abandonado; independentemente do que o lobo nele sabia que era o justo. E independentemente do que teria sido melhor para a manada.

E por tal, Caine, com justiça, tinha sido reconhecido como alfa.

Com o passar do tempo, os lobos se sentiram cansados, ensangüentados e feridos, e os irmãos começaram a diminuir seus ataques.

Mas igual à outra vez, finalmente, nenhum deles quis seguir infringindo mais dor ao outro.

Caine e Luke se mantinham de pé silenciosamente, enfrentando-se. Dois lobos, ambos dignos de ser um alfa, ambos sabendo que a manada poderia sobreviver com apenas um deles. Era um dilema ao que seus parentes de sangue puro, de uma ou de outra espécie, nunca teriam que enfrentar-se.

De ter sido de outro modo, Caine e Luke teria lutado até que houvesse um alfa definido. Até que um deles deixasse e abandonasse seus direitos. Salvando a manada.

Ou morrendo.

Nenhum homem estava disposto a matar a sua outra metade para satisfazer aquele impulso. Eles eram lobos. Ambos. Mas também humanos e se sentiam, sobre tudo, irmãos. E esta vez, pareceria que estavam ambos dispostos a equilibrar ambas as partes por este fato. Para salvar sua manada, e ao mesmo tempo, um ao outro.

Caine olhou a Luke sustentando a cabeça erguida e sem dirigir-se a ninguém em concreto, lhe dizendo que tinha perdido. Tampouco ele tinha ganhado. Abandonou a luta e se aproximou da cama. Os olhos de Chloe sorriram ao lobo, mas sua boca se manteve firme. Sem medo. Sem sentir-se intimidada pela postura de Luke e confiada quando ele aproximou seu focinho a sua cara. Levou uns instantes aos olhos caninos de Caine denominar a emoção que viu nos olhos de sua companheira. Mas quando o conseguiu, fez que sua parte humana se sentisse orgulhosa da nova fêmea alfa da matilha.

Respeito.

Ela entendeu aquele conceito completamente.

Era um princípio. Caine não tinha idéia de quanto poderia aceitar dele ou de sua vida. Mas ao menos sustentava uma parte dela aberta para considerar sua natureza. E com isto, a aceitação não poderia estar muito longe.

Ao Luke só levou uns segundos permanecer direito e converter-se de novo em humano. Caine olhou a cicatriz na cara de seu irmão, assim como as novas feridas e as incisões que permaneceriam durante muito tempo depois de que a carne unisse suas bordas.

Mas Caine nunca veria as cicatrizes mais recentes de seu irmão.

Luke deixaria o território. Esta noite. Era algo que tinha que acontecer, embora forjasse uma ferida na alma de Caine, da qual, nenhum homem poderia ver as cicatrizes. Porque disto nunca se reporia.

Luke alcançou as mãos de Chloe e as desatou. Ela observou como afrouxava as ataduras de seus tornozelos e logo com delicadeza tirou os pés de seu confinamento.

Tomando cuidado e cautela de afastar as pernas da cama quando ele terminou. Caine se moveu para montar guarda ao lado de sua companheira.

Ela rodou devagar e lançou uma olhada a Caine durante um segundo, enquanto Luke baixava sua boca para a sua. O beijo era suave. Cuidadoso. Do tipo que Caine nunca teria imaginado que poderia ter vindo dos lábios de seu irmão.

Até esta noite

Escutou o som de Luke saindo a quatro patas do dormitório. Enquanto seu irmão abandonava o quarto não se moveu, seus olhos pousados sobre Chloe, aguardando até ouvir o que necessitava.

A chamada baixa e triste de outro alfa que oferece seu adeus a sua antiga manada. A outra metade de si mesmo. Dado que ele não tinha nascido uma pessoa, a não ser dois. Enquanto estava dentro do útero de sua mãe, a dissociação de Caine e seu outro eu, tinha começado. Tal como lhe tinha passado a Luke.

E agora, finalmente eram dois dele mesmo. Apesar da força e o poder de um alfa, tinha necessitado os úteros de duas mulheres para alcançar as etapas finais de seu nascimento.

## Capítulo 21

Chloe viu como o alfa fechava os olhos e escutava silenciosamente o uivo que anunciava que Luke abandonava o território de sua família. O animal jogado em sua



cama estava ferido, sangrando, e sua angústia por ter perdido ao seu gêmeo se notava no ar carregado que lhes rodeava.

E ele não tinha nem idéia de como ia reagir ela ao que era.

Repreendeu a si mesma, por ter permitido que seus sonhos se debilitassem por um momento, enquanto estudava ao lobo que estava apoiado em sua cama. Orgulhoso. Vitorioso de uma batalha que nunca tinha empreendido, nem tinha querido lutar.

Nem tinha pensado que alguma vez ganharia.

O mesmo tinha pensado a respeito de si mesmo às vezes.

Ele não se virou. Tampouco fez nenhum esforço para persuadi-la de que não tivesse medo dele ou da situação. E o animal não fez nenhum movimento para transformar-se em sua forma humana.

O alfa sabia algumas coisas acerca dela, que nunca tinha contado a ninguém mais. Sabia que pensava que se deitou com seu irmão. E ele sabia quanto significava para ela. E, além disso, sabia que ela não tinha entendido realmente quem era.

Inclusive ainda que soubesse.

Chloe intuía inconscientemente que o alfa, Caine e Luke eram o mesmo. Ainda que a esse mesmo nível, não permitia a passagem a esses pensamentos, pelo medo que isso poderia lhe provocar. Que as criaturas que sua própria mente tinha criado se lançassem sobre ela, prendendo sua mente, seu coração e sua alma. Consumindo-a de tal maneira, que seu corpo e seus ossos não se pudessem reparar por si mesmos.

Mas de todos os modos, uma parte dela sabia. Porque não tinha sido capaz de matar aquela esperança em seu interior. A parte que rejeitou deixar de sonhar, inclusive quando estava consciente, lhe dizia que seu companheiro não era tão perfeito como ela o tinha imaginado quando era uma menina.

Sim, sabia.

Tal como sabia que devia fazer caso aos seus instintos naturais.

E sempre soube que ela era parte deles. Maw tinha sido um deles. E a mãe de Chloe, suas tias e suas bisavós. Elas eram parte do bosque e todas elas viveram entre os animais, os quais eram muito capazes de matá-las e destruí-las se, se aventurassem muito longe deles.

O laço que sua bisavó tinha sentido com o único homem que tinha amado, tinha provocado que a mulher o buscasse ao longo de toda sua vida. Chloe tinha sentido a Caine antes de havê-lo encontrado, simplesmente porque ela tinha aberto sua mente e se permitiu acreditar em sua existência. E Chloe tinha sido uma das afortunadas, pois cada fêmea de cada espécie sabe que deve procurar esse vínculo e que poderia passar toda a vida sem nenhuma pista de onde está essa criatura de seus sonhos.

Ele tinha tentado proteger seu território, ao seu companheiro e sua família. Tinham estado ali desde o começo, às vezes sem ser vistos; evasivos, igual aos lobos que ela queria e protegia. E nunca partiriam. Embora nem sempre pudessem viver a vida que lhes gostaria.

O amor e a natureza, de algum jeito, também estão muito estreitamente relacionados.

O nome do bisavô de Chloe devia ter sido Caine Grei.

E ela deveria ter nascido dentro de uma das criaturas que ela tanto amava. Mas supôs que um homem deve ter interferido no que deveria ter sido. E Caine Grei tinha desaparecido da face da terra em 1909.

Nem Maw nem Chloe tinham perdoado ao homem que tirou delas algo, que até elas, as portadoras de vida, ainda não tinham sido capazes de substituir.

A alma de uma mulher às vezes pode ser cruel e insensível, enquanto faz todo o necessário e correto por natureza. Mas só graças ao sofrimento que temos que padecer, nascemos com um conhecimento inato da obrigação de defender tudo aquilo que consideremos correto.

E o que tão usualmente se chama destino, por aqueles menos inclinados a acreditar na perfeição da natureza, determinou que Caine Grei fosse o bisavô de Damon Caine. E de ser certo, ele conseguiria devolver a vida e o amor que a avó de Chloe tinha perdido fazia anos.

E o ciclo da natureza continuaria tal como tinha que ter sido antes.

E continuaria de agora em diante, independentemente da contaminação do mundo e da ambição da humanidade. Chloe Evans tinha nascido ansiando um maior conhecimento das criaturas como a que estava esperando pacientemente ao pé de sua cama. O homem que a esperava para encontrar uma maior compreensão dela. E, portanto, deles.

Dele mesmo. Em todo o sentido da palavra.

O lençol caiu com um som surdo, sussurrando com voz sonolenta, enquanto Chloe devagar se apoiava na cama. O alfa se sentou, seu pulso bombardeando em seu pescoço, enquanto esperava que o investigasse. O identificasse e o aceitasse.

E que determinasse se era um macho digno de casar-se com ela.

Chloe se sentou no chão diante do lobo e alcançou a ver a ferida mais grave produzida pela briga. Sobre seu peito. Curar-se-ia sem pontos, mas a cicatriz estaria ali quando seus bisnetos aprendessem a caçar, a espreitar, a atar seus sapatos e com compaixão, abandonar uma presa. E Chloe o seguiria amando e cada dia que passasse, ainda o amaria mais.

A progressão e perfeição da natureza; a resistência e força do amor.

As coincidências eram para aqueles que ainda não acreditam.

A ferida estava deixando uma mancha de sangue sobre o lençol enquanto Chloe se preocupava com o alfa. Seu melhor amigo. Seu companheiro. Ela o abraçou e acariciou seu pescoço enquanto esperava que o sangue parasse, mas ainda não podia olhá-lo aos olhos para encontrá-lo.

Nunca tinha chegado tão longe com outro ser humano. Nunca tinha arriscado tanto os sentimentos que tinha dentro, como quando agora se sentou diante do homem; o qual a tinha torturado durante anos. Não com a possibilidade de que não a quisesse e não por seu trabalho. A não ser com a possibilidade de que ele não existisse para Chloe. Nem para qualquer mulher, como freqüentemente temia. Era muito, muito mais que o mero sexo. E era muito mais formoso e espantoso do que nunca imaginou.

Realmente existia. E a tinha encontrado. De fato, ele tinha estado muito perto o mesmo dia que Maw lhe tinha contado a possibilidade de sua existência; tanto, que Chloe se perguntava se ele teria sido capaz de cheirar seu amor por ele, o mesmo dia que seu amor tinha sido concebido em seu jovem coração.

De algum modo, ela suspeitava que ele soubesse.

– Caine?

Os olhos do alfa piscaram devagar, mas não se virou para olhá-la. Chloe pressionou seus dedos a ambos os lados de seu focinho para obrigá-lo a olhá-la.

Caine ainda olhava fixamente ao longe.

Ele estava tão assustado como ela. Isso se revelou com sua postura. Em sua relutância a olhá-la. E no fato de que permaneceu com a forma de lobo inclusive depois de descobrir o que era.

Estava mais cômodo com ela desta maneira. E isto acontecia por culpa dela mesma. Tinha se aberto a ele quando tinha pensado que não poderia julgá-la ou

repreende-la por seus desejos. Mas todo o tempo havia sido humano e era capaz de compartilhar seus sonhos, e Chloe se inibiu com ele como homem. E, portanto lhe tinha rejeitado em parte durante o processo.

– Caine, eu quero que me olhe.

O alfa engoliu com força e Chloe o olhou esperando que a olhasse.

Queria ser humano. Precisava saber que tudo estava bem para voltar para sua forma humana. E precisava saber que ela seguiria sentindo o mesmo, estivesse em forma de homem ou de besta, ou nesse fio no que ele se encontrava sendo parte dos dois mundos.

Chloe colocou seus braços ao redor de seu corpo ferido e sangrento, e enterrou a cara em seu pescoço.

– Caine, eu te quero, – sussurrou-lhe. O pulso do alfa se acelerou contra sua bochecha por suas palavras. O próprio pulso de Chloe também palpitou em seu peito do medo de sua seguinte admissão. Em previsão do que aquela admissão provocaria. E no que viria uma vez que desse a esse homem o que necessitava dela.

– Tudo de ti, – sussurrou ela, na larga orelha de algo que tinha perdido o dia que nasceu.

Algo que ela tinha tentado, desesperadamente, negar que existisse. Ao menos uma enorme parte dela.

O gostou do braço que a rodeou. Forte. E sua mão alcançou sua face antes que Chloe pudesse olhar por cima ao seu companheiro converter-se no que ela queria que ele fosse.

Formoso. Imperfeito. Macho.

Humano.

Ela provou seus lábios. Sua língua. Sua mão se misturou com cuidado, ao princípio, em seu cabelo, aproximando-o mais. E logo, mais violentamente, sua necessidade se impôs ao seu controle. Chloe sentiu seu pulso estalar quando seu fôlego fluíu nela com seu beijo. Tornou-se mais urgente, mais possessivo. A invasão de sua boca e pulmões sem permitir a passagem de seu fôlego.

Não lhe importou. Não dessa maneira. E não a ela. Não, nunca mais.

Cada momento que passou com ele, voltou de repente para sua memória. As lembranças gotejaram livremente por sua mente assim que ela sentiu o toque e o beijo de um homem que era como deveria ser. Seu desejo de ser possuída com força. Seu desejo por um homem mais animal que humano e todas suas entidades vagando pela mente de Chloe enquanto seus dedos roçavam o sexo da criatura, o qual lhe concederia tudo o que ela alguma vez tinha querido.

E até mais se é que ela o necessitava.

E às vezes ela o desejava.

Sua ferida ainda estava aberta e sangrava um pouco quando ele agarrou seus quadris e a girou na cama. Suas mãos a colocaram de barriga para baixo sobre o colchão, pressionando sua ferida provocada na luta por ganhá-la, contra a pele palidamente colorida de seu traseiro.

Os joelhos de Chloe descansavam ligeiramente contra o chão de carvalho abaixo dela, até que Caine a empurrou suavemente e lhe introduziu com força seu membro. Deixou de sentir os arranhões que tinha em suas pernas, assim que Caine começou a mover-se dentro dela, mais forte, mais prazerosamente e, pensou, com mais abandono do que se permitiu nunca, inclusive com Meagan.

Seu pênis era muito duro e comprido, e isto obrigou ao corpo de Chloe a esticar-se e acomodar-se de um modo que ela nunca tinha imaginado. Inclusive mais que a primeira vez que ele tinha feito amor com ela; Chloe compreendeu que Caine tinha

contido a maior parte de seu poder e sua força, a primeira vez que a havia possuído. Mas não esta vez. Esta vez lhe deu tudo.

Chloe gritou quando ele rodeou e agarrou seus seios e logo começou a morder a sensível carne de seu pescoço outra vez para poder introduzir tudo tão profundo como pudesse. E se enterrou. Obrigou ao seu corpo a aceitar seu tamanho. Tal como seu coração lhe tinha obrigado a aceitar o resto.

Chloe tomou tudo dele. Aceitou tudo. Cada centímetro, cada impulso, cada defeito e cada medo. Isso lhe doeu. Seu comportamento era rude, incivilizado e bestial.

Alguém que não soubesse que eles dois compartilhavam algo em seu interior. Teria pensado que o que faziam era obsceno. Se fosse outro homem o que a tivesse nessa posição, Chloe não permitiria que a tratassem dessa maneira.

Mas Chloe era sua companheira. Como Caine era o seu. E juntos, lutariam uma guerra que poderiam ganhar, mas só quando se unissem. A manada de Caine sobreviveria. Chloe soube isso no momento que Caine se derramou dentro dela, procurando sua própria semente. Sua linha seguiria. Como a sua própria.

E para Chloe, o detalhe mais romântico de toda a situação, era a luz da lua refletida no piso de madeira avermelhada.

Fim